



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA E CULTURA

**Masculinidade, narcisismo e sofrimento psíquico na contemporaneidade:
ensaios**

Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Orientadora: Dra. Terezinha de Camargo Viana

Brasília, DF
2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA E CULTURA

**Masculinidade, narcisismo e sofrimento psíquico na contemporaneidade:
ensaios**

Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Dra. Terezinha de Camargo Viana

Brasília, DF
2014

Ficha Catalográfica



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA E CULTURA

Masculinidade, narcisismo e sofrimento psíquico na contemporaneidade: ensaios
Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Data da defesa – 30/07/2014

Banca examinadora:

Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana (presidente)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Ana Maria Medeiros da Costa (membro efetivo externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Luís Fernando Lofrano de Oliveira (membro efetivo externo)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard (membro efetivo interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini (membro efetivo interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Dione de Medeiros Lula Zavaroni (membro suplente)
Universidade de Brasília (UnB)

*Para Milena,
parceira em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que é preciso poder reconhecer de onde se vem para saber qual caminho seguir. Walter Anselmo Firmo de Oliveira-Cruz (in memoriam) e Switlana Kovtunin de Oliveira-Cruz disseram-me onde acreditavam estar o norte. Permitiram, no entanto, que eu escolhesse tanto o rumo quanto o caminho. A eles agradeço em primeiro lugar.

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz e Tomás Freire de Oliveira-Cruz, companheiros de caminhada, tão presentes em minha vida e ao mesmo tempo por tantas vezes privados de minha companhia, meu profundo agradecimento.

À professora Terezinha Camargo Viana, que acolheu o orientou minha proposta de trabalho, assim como aos colegas do grupo de pesquisa Subjetivação, Clínica e Cultura pelos momentos de troca e enriquecimento, meu reconhecimento.

Agradeço também à Direção do Campus São Borja da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, pelo apoio necessário à realização desta pesquisa. Da mesma forma aos colegas, alunos e parceiros por instigarem o pensamento crítico.

De uma maneira muito particular, a todos aqueles que confiaram dividir comigo suas histórias de vida. É preciso dizer que a possibilidade de realização deste trabalho, na forma como foi concebido, carrega os efeitos desta experiência.

A formação em psicanálise é contínua e inacabável. Lá se vão quase trinta anos desde que iniciei a aproximação com o estudo, com a experiência de análise e finalmente com a prática clínica. Ao longo deste caminho são incontáveis aqueles que contribuíram com meu crescimento, nos diversos sentidos que a palavra pode abranger. Agradeço a todos, destacando aqui a pessoa que tudo começou: Sigmund Freud, cujo legado permanece inestimável, além de verdadeiramente inspirador.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a construção da masculinidade diante das transformações subjetivas experimentadas na contemporaneidade, particularmente no que tange à organização narcísica. A questão que norteia esta pesquisa parte da premissa da existência de modificações na organização narcísica, provocada pelas transformações subjetivas decorrentes da pós-modernidade, cujos efeitos podem ser sentidos também na sustentação da masculinidade. Desta forma, fundamentado na psicanálise, o objetivo geral constitui-se em investigar a existência de impasses na sustentação da masculinidade diante das interrogações produzidas pelas novas formas de subjetivação do sujeito na contemporaneidade. A pesquisa foi realizada através da construção de uma sistematização de modos de sociabilidade contemporânea, do exame do conceito de narcisismo e da descrição do sofrimento psíquico do homem diante dos novos impasses da masculinidade. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica bem como relatos oriundos da prática clínica psicanalítica.

Constatou-se que, embora a sociedade ocidental esteja comandada pelo imperativo do gozo e da liberdade, não é possível afirmar que o sujeito produzido pelo efeito do recalque esteja sendo obliterado. O crescente individualismo, porém, cria impasses na constituição narcísica dos sujeitos, na medida em que há um fechamento para as figuras de alteridade, dificultando a passagem das posições designadas por Freud de Eu Ideal para Ideal do Eu. A fragilidade narcísica, assim, faz com que o sujeito oscile entre a onipotência e a impotência paralisante.

No que concerne especificamente ao masculino, o descolamento do poder fálico do órgão sexual masculino coloca o sujeito que sustenta esta posição subjetiva em constante dúvida sobre o próprio valor: do narcisismo valente, orgulhoso ou arrogante, ao sentimento de vergonha, inferioridade e impotência.

Palavras-chave: narcisismo; masculinidade; psicanálise; subjetividade contemporânea.

ABSTRACT

This work focuses on the construction of masculinity vis-à-vis subjective changes experienced in current times, particularly with reference to narcissistic organization. The question that guides this research arises from the assumption that there are modifications to the narcissistic organization which are caused by the subjective transformations associated with postmodernity, transformations whose effects can also be felt in the support of masculinity. Thus, in line with the principles of psychoanalytical theory, the main aim is an investigation of the existence of impasses in the support of masculinity vis-à-vis the questions generated by the new forms of subjectivation of the subject in contemporary times. The research was carried out by the construction of a systematization of contemporary sociability modes, an examination of the concept of narcissism and a description of the psychic suffering of man vis-à-vis the new impasses of masculinity.

It was observed that, even though Western society is guided by jouissance and freedom imperatives, it is not possible to state that the subject that is a product of the effect of repression is being obliterated. Growing individualism, however, results in impasses in the narcissistic buildup of subjects inasmuch as there is a closing to the figures of the other, which hinders the passage of the positions designed by Freud from the Ego Ideal to the Ideal {of the} Ego. This narcissistic fragility, thus, causes the subject to waver between omnipotence and paralysing impotence.

Specifically in relation to the masculine, the detachment of the phallic power of the male sex organ places the subject which holds this subjective position in permanent uncertainty about its own value: ranging from valiant, proud or arrogant narcissism to feelings of shame, inferiority and impotence.

Keywords: narcissism; masculinity; psychoanalysis; contemporary subjectivity

RESUMÉ

Le présent travail se concentre sur la construction de la masculinité face à des transformations subjectives rencontrées à l'époque contemporaine, en particulier en ce qui concerne à l'organisation du narcissisme. La question directrice de cette recherche part du postulat de l'existence de changements dans l'organisation narcissique, produits par des transformations subjectives résultant de la postmodernité, dont les effets peuvent se faire sentir aussi à l'appui de la masculinité. Ainsi, depuis de la psychanalyse, l'objectif général consiste à enquêter sur l'existence de blocages à l'appui de la masculinité dans le visage de questions produits par de nouvelles formes de subjectivité du sujet à l'époque contemporaine. L'enquête a été menée par la construction d'une systématisation des modes contemporains de sociabilité, l'examen de la notion de narcissisme et la description de la souffrance psychique de l'homme face à de nouveaux dilemmes de la masculinité. La littérature a été utilisé ainsi que des rapports provenant de la pratique clinique psychanalytique.

Il a été constaté que, bien que la société occidentale est entraîné par l'impératif de la jouissance et de la liberté, il n'est pas possible de dire que le sujet produit par l'effet de la répression est effacé. La montée de l'individualisme, cependant, crée des impasses dans la constitution narcissique des sujets, dans la mesure où il est un opposition à les figures de l'altérité, obstruant le passage des positions désignés par Freud je Idéal pour Idéal du Moi. La fragilité narcissique, rend ainsi que le sujet reste entre omnipotence et impuissance paralysante.

En ce qui concerne spécifiquement à le mâle, le détachement de la puissance phallique de l'organe sexuel masculin met le sujet qui soutient cette position subjective dans le doute constant sur la valeur elle-même: le narcissisme courageux, fier ou arrogant, des sentiments de honte, infériorité et impuissance.

Mots-clés: narcissisme; la masculinité; la psychanalyse; la subjectivité contemporaine.

*Amo a recordação daqueles tempos nus
Quando Febo esculpia as estátuas na luz.
Ligeiros, macho e fêmea, fiéis ao som da lira,
Ali brincavam sem angústia e sem mentira,
E, sob o meigo céu que lhes dourava a espinha,
Exibiam a origem de uma nobre linha.
Cibele , então fecunda em frutos generosos,
Nos filhos seus não via encargos onerosos:
Qual loba fértil em anônimas ternuras,
Aleitava o universo com as tetas duras.
Robusto e esbelto, tinha o homem por sua lei
Gabar-se das belezas que o sagravam rei,
Sementes puras e ainda virgens de feridas,
Cuja macia tez convidava às mordidas!*

*Quando se empenha o Poeta em conceber agora
Essas grandezas raras que ardiam outrora,
No palco em que a nudez humana luz sem brio
Sente ele n'alma um tenebroso calafrio
Ante esse horrendo quadro de bestiais ultrajes.
Ó quanto monstro a deplorar os próprios trajés!
Ó troncos cômicos, figuras de espantalhos!
Ó corpos magros, flácidos, inflados, falhos,
Que o deus utilitário, frio e sem cansaço,
Desde a infância cingiu em suas gazes de aço!*

Baudelaire, Flores do Mal
(tradução de Ivan Junqueira)

Sumário

1. INTRODUÇÃO: ENTRE ÉDIPO E NARCISO	13
1.1 O SUJEITO E O RECALQUE: CULTURA	14
1.2 TRANSFORMAÇÕES NO TECIDO SOCIAL: FACES DO SOFRER	17
1.3 UMA NOVA ECONOMIA PSÍQUICA?	21
1.4 NOVAS GERAÇÕES	23
1.5 A FAMÍLIA	25
1.6 NARCISO E O SINTOMA	26
1.7 NARCISISMO E A MASCULINIDADE. HOJE.	30
1.8 PROBLEMA, OBJETIVOS E ESTRUTURA DA TESE	34
2. MODOS DE SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA: FUNDAMENTOS	39
2.1 DA TRADIÇÃO À MODERNIDADE	43
2.2 O GOZO E AS FIGURAS DO OUTRO	45
2.3 PATRIARCADO, CAPITALISMO E GÊNERO	49
2.4 O HOMEM MERCADORIA	56
2.5 CONSUMO, LOGO SOU VISTO. SENDO VISTO, EXISTO.	59
2.6 CONTEMPORÂNEO	68
3. CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	72
3.1 VÍNCULO E DESAMPARO NA ATUALIDADE	74
3.2 NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	78
3.3 LEGITIMIDADES	80
3.4 DESAMPARO, MEDICALIZAÇÃO E IDEAIS	85
3.5 SUBJETIVIDADE NA ERA DIGITAL: O FENÔMENO OTAKU	89
4. EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA NO MUNDO ACELERADO	93
4.1 O HOMEM NA MULTIDÃO	95
4.2 EXCESSO E EXAUSTÃO	97
4.3 VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA	102
4.4 CONSCIÊNCIA EM “ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER”	105
4.5 BENJAMIN LEITOR DE “ALÉM”	109
4.6 O SUJEITO CONTEMPORÂNEO	111

5. NARCISISMO E SINTOMA SOCIAL: SOBRE A ATUALIDADE DO CONCEITO FREUDIANO DE NARCISISMO	117
5.1 FREUD E O NARCISISMO – ANTECEDENTES	119
5.2 NARCISISMO EM FREUD – O EU E O OUTRO	123
5.3 FARAWAY, SO CLOSE: FACES NARCÍSICAS	131
5.4 PEQUENOS E GRANDES OUTROS	134
5.5 CASTRAÇÃO IMAGINÁRIA E O RESENTIMENTO	139
5.6 GOZO E SINTOMA SOCIAL	143
6. CRISE NARCÍSICA; CRISE?	151
6.1 NEUROSE NARCÍSICA	153
6.2 AS PSICOPATOLOGIAS NARCÍSICAS NA ATUALIDADE	156
6.3 “DEPRESSÃO” E NARCISISMO NA ATUALIDADE	159
6.4 O DISPOSITIVO PSICANALÍTICO E AS PSICOPATOLOGIAS NARCÍSICAS	165
7. MASCULINIDADE E NARCISISMO	172
7.1 MASCULINIDADE E VIRILIDADE	177
7.2 FREUD E A SEXUAÇÃO	181
7.3 FREUD, A POSIÇÃO MASCULINA E A MASCULINIDADE	186
7.4 AO PAI	190
7.5 ONDE O MASCULINO SE ENCONTRA/ESCONDE	192
7.6 VINHETAS CLÍNICAS	194
7.6.1 SERÁ QUE SOU TUDO O QUE PENSEI?	194
7.6.2 PERDEU ALGO, NÃO SE CONFORMA COM ESTA PERDA E ESPERA PASSIVAMENTE A RESTITUIÇÃO.	197
7.6.3 NO DIA SEGUINTE SINTO QUE DOU UM BELJO DE ESPINHOS.	200
7.6.4 DAR PROVAS AO PAI NA MESMA MEDIDA EM QUE NECESSITA DESTITUI-LO.	202
7.6.5 COM O TEMPO APRENDEU A CRIAR TRUQUES PARA MINIMIZAR OU DISFARÇAR SEUS EFEITOS.	204
7.6.6 O QUE É QUE VOCÊ ACHA DE MIM?	206
7.6.7 TU ÉS MEU BRAÇO DIREITO!	208
7.6.8 SÓ CONSEGUIA DORMIR NO COLO DO PAI.	211
7.7 NARCISISMO E MASCULINIDADE	213
8. CONCLUSÃO	218
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	230

1. Introdução: entre Édipo e Narciso

1.1 O sujeito e o recalque: cultura

Em 1930, em “Mal-estar na civilização”, Freud escreveu que o homem civilizado havia trocado uma parcela de liberdade por segurança. Viver em sociedade exigiria certo controle aos instintos, especialmente os sexuais e agressivos. Desta forma, toda civilização ou cultura¹, no sentido de renúncia que lhe foi conferido, pode ser compreendida como uma maneira particular de efeito do recalque.

A partir desta perspectiva freudiana, tornou-se compreensível a dificuldade que o homem encontra em poder ser feliz no meio que escolheu. A felicidade, mesmo sendo algo inteiramente subjetivo, quando alcançada, só pode ser vivida na forma de fenômeno episódico, “pois é bem menos difícil experimentar a infelicidade” (1930/2010, p. 31). Ainda no mesmo texto, Freud identifica que o sofrimento ameaça o homem a partir de três perspectivas distintas: seu próprio *corpo*, fadado inexoravelmente ao declínio e à dissolução (à impotência, podemos complementar), o *mundo externo* que possui forças destruidoras poderosíssimas e as *relações* que se estabelece com outros seres humanos. Esta última, apontada como sendo, talvez, a mais dolorosa de todas.

Seguindo nesta direção, muitas são as possíveis formas como se manifesta o sofrimento psíquico decorrente dos conflitos entre as diferentes forças. Sofrimento que, invariavelmente, se encontra intrinsecamente ligado a fatores e experiências do homem na cultura (recalque), mas que se sintetizam no singular: é o sujeito quem sofre, um a um.

¹ Em um texto anterior, “O futuro de uma ilusão”, 1927, Freud escreve que despreza a distinção entre cultura e civilização.

Assim, há algo que pode ser considerado da ordem do social e do individual simultaneamente. É importante observar que o caráter “social” do sintoma não aponta na direção das epidemias ou das estatísticas que dizem respeito às psicopatologias que se mostram predominantes em determinados contextos. Não é, portanto, o caso de pensar sobre o grau de incidência de uma patologia específica.

A distância que existe entre dois espaços, o social e o individual, precisa ser pensada com cautela. Jacques Lacan trouxe uma contribuição importante a respeito deste aparente antagonismo existente entre indivíduo e sociedade. Já em 1953, em uma fase considerada estruturalista, ao discutir o mito, Lacan aproxima este do fantasma individual. Em seus últimos anos de trabalho, utilizando-se dos recursos da topologia, pensou a estrutura do sujeito fora desta divisão dos espaços em planos distintos, tal qual pressuposto pela geometria euclidiana. Lacan propôs então o sujeito a partir de uma nova lógica de modo a romper com esta separação: o sujeito estruturado tal qual uma cinta de Moebius. Isto é, a possibilidade de se passar de um lado a outro (dentro/fora; individual/social; consciente/inconsciente) no tempo de um mesmo movimento, sem que haja a ruptura de planos. Esta solução está na base do que pretendemos sustentar ao pensarmos a existência de sintomas sociais.

Temos então que se trata sempre de um olhar dirigido ao sujeito e a suas formas de gozo²; de como se posiciona frente àquilo que o constitui justamente por ser sua falta fundamental.

A partir da perspectiva freudiana, tomamos como pressuposto que os contextos contribuem para que se produzam formas particulares do recalque e conseqüentemente do sofrimento, tanto no que diz respeito à sua origem quanto às possíveis maneiras como se expressa. Isto é, trata-se da existência de uma espécie de amálgama entre sofrimento psíquico e os contextos em que são gerados. Freud (1938/1980) diz isso claramente:

² Freud nunca elevou “gozo” a categoria de conceito. Devemos novamente à Lacan esta teorização. Como será visto mais adiante, o conceito de gozo extrapola a noção de prazer e inclui aquilo que havia sido apontado por Freud quando da pulsão de morte: sofrimento, dor, repetição e desprazer.

No espaço de poucos anos a criatura primitiva deve transformar-se num ser humano civilizado; ela tem de atravessar um período imensamente longo de desenvolvimento cultural humano de uma forma abreviada de maneira quase misteriosa. [...] Não devemos, portanto, esquecer de incluir a influência da civilização entre os determinantes da neurose. É fácil, como podemos ver, a um bárbaro ser sadio; para um homem civilizado a tarefa é árdua. (1938/1980, p. 213-214).

Assim, preliminarmente interrogamos: no que concerne ao campo da subjetividade, o que faz o homem sofrer na atualidade? Quais as particularidades do sofrimento psíquico na contemporaneidade, já que, aparentemente, este não estaria mais submetido da mesma forma aos preceitos de uma moral rigorosa, repressora, causadora de renúncia e identificada por Freud na origem de toda neurose³?

A ciência e a tecnologia avançaram de maneira vertiginosa em diversas frentes nas últimas décadas, contribuindo significativamente no controle das forças da natureza e na melhora da saúde física e das condições de vida. No entanto, pouco conseguiu fazer no campo das relações humanas, aquele que Freud apontou como sendo justamente o mais problemático.

Embora identificasse um avanço em relação aos tempos primitivos através da internalização da coerção externa (Freud, 1927/1980), escreve que há incontáveis pessoas que não se negam a satisfazer sua avareza, bem como os instintos sexuais e agressivos. A Segunda Grande Guerra, que alguns anos depois de seu texto viria a eclodir, acabou ratificando estas observações. A “banalidade do mal”, identificada mais tarde por Hannah Arent (1999), bem demonstra o quão próximos podem estar ordem, Estado, submissão burocrática e violência em seu grau mais elevado: *homo homini lupus*.

Em 1944, na peça “Huis Clos”, Jean-Paul Sartre conclui (concordando em certo sentido com Freud) que a figura onipresente do outro é o que pode haver de pior para o homem. Criando uma alegoria para o que seria o *inferno*, escreve que lá não se vê o enxofre queimando nem a presença assustadora do demônio: o que daria ao lugar sua qualidade

³ Também em “Mal-estar na civilização”, Freud escreve que “o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe”. (1930/2010, p. 45).

infernal é o fato de se ter que ficar confinado infinitamente junto a outras pessoas, impossibilitado até mesmo de um simples piscar de olhos. Dormir seria igualmente impossível.

Sartre conclui: "l'enfer c'est les autres"⁴. Uma frase que não por acaso tornou-se bastante conhecida, e que sintetiza claramente o aquilo que Freud havia observado e que mantém uma relação, pode-se pensar, com o sofrimento psíquico na atualidade. O sofrimento decorrente da insistência em olhar e se fazer visto.

Sabe-se que é sempre problemática essa relação com a alteridade. Há uma antecipação, uma alienação necessária para que um sujeito possa se fundar, mas, paradoxalmente, uma luta constante visando seu aniquilamento. Assim, trata-se de uma alienação que irá sempre testemunhar a insuficiência, a precariedade do ser. Dependendo inteiramente do Outro⁵ e por isso manter uma relação de ambivalência, oscilando do amor ao ódio. Nas relações, consumir e se fazer produto de consumo para o outro.

1.2 Transformações no tecido social: faces do sofrer

Ao longo do século XX a sociedade capitalista repressora, hierarquizada, de produção, do controle rigoroso, do acúmulo e do adiamento do prazer, se transformou. Da repressão vigente na sociedade do trabalho, passou a existir uma duvidosa liberdade na sociedade de consumo.

⁴ A peça de Sartre foi traduzida para o português com o título de "Entre quatro paredes". A célebre frase mencionada, literalmente seria "o inferno é os outros". No entanto, a tradução optou por "o inferno são os outros", apesar do erro de concordância.

⁵ Outro, aqui, no sentido laciano daquele diante do qual o sujeito se situa subjetivamente, conforme será trabalhado posteriormente.

Afinal, para sustentar então a nova sociedade de consumo seria preciso liberdade na busca do prazer. Entretanto, sabe-se que por princípio o capitalismo não costuma liberar nada.

Pode-se então perguntar: o que seria essa suposta liberação da busca do prazer? A resposta é simples: é a maneira como o capitalismo passa a controlar a produção da demanda. O controle não ocorre mais pela repressão, como no tempo do controle do trabalho, mas pelo consumo⁶. O consumo se traveste de “desejo liberado”. No entanto, há uma nova forma de exercício de controle no sentido de determinar quais serão os objetos reconhecidos, válidos de desejo. O que um dia foi repressão, foi substituído pelo controle do desejo.

Sabe-se que no passado, com a repressão reconhecida, havia um esforço do sujeito em lidar com as forças que lhe obstruíam; buscava-se uma saída para a neurose que dela decorria. O processo de simbolização⁷ foi enfraquecido, de modo que boa parte daquilo que fazia parte do universo simbólico, transformou-se em mero signo da qual o sujeito julga ser possível se apropriar. Há uma luta, por vezes violenta, pela posse desses signos de distinção que responderiam ao objeto do desejo. Criou-se, assim, uma forma de espetáculo.

Então o imperativo de consumo e de satisfação imediata modificou não apenas os valores advindos da ética protestante, mas também a capacidade de renúncia. Uma questão que surge, porém, é de saber se o homem (que já não precisaria adiar tanto o prazer e que hoje se encontra mais livre dos rigores da moral) teria conseguido, conseqüentemente, reduzir seu grau de sofrimento subjetivo. Ou antes, estaria apenas diante de novas razões do sofrimento psíquico decorrente de novos ordenamentos. Completamente imerso em formas de coerção

⁶ Lacan, na conferência intitulada “A terceira”, proferida em Roma, em 1974, disse achar pouco provável que o homem viesse a ser comandado pelos *gadgets*.

⁷ Há diversas formas de se compreender o declínio da capacidade de simbolização que estaria ocorrendo na contemporaneidade. No campo específico da psicanálise, temos que se trata de um enfraquecimento na função da metáfora paterna, isto é, justamente o terceiro elemento de uma relação que permitiria ao sujeito ter a falta instituída e a possibilidade de aceder ao universo das representações.

agora travestidas, ditadas por um capitalismo elevado à categoria de religião⁸, e cuja única salvação seria (paradoxalmente) a desenfreada intensificação do acúmulo de mercadorias?

Uma sociedade que desenvolveu um modo de produção capitalista e que soube modificar importantes valores em um curto espaço de tempo, abandona a ideia de trabalhar e poupar (isto é, a penitência para poder chegar ao paraíso; de primeiro acumular para só depois gozar), para o prazer imediato. Com a morte da utopia comunista, os ideais de consumo, lucro empreendedorismo e superação de si (e dos outros) se alastrou pelo novo *mundo sem fronteiras*. Liberdade tornou-se o valor maior, acentuando os tons individualistas.

Seguindo na direção contrária do que Freud chamou de cultura (recalque), o que carrega a promessa de ser a felicidade pode agora ser comprado, nem que seja à crédito. Não é preciso mais o incomodo tempo de espera, de protelar o gozo para o momento da redenção. A promessa de felicidade tornou-se colada sobre o consumo, seja de bens materiais ou de pessoas. Conforto, praticidade, beleza, poder e distinção estão ao alcance de uma grande parcela da população, lembrando que, para que o sistema funcione, é sempre preciso que alguns fiquem de fora. A capacidade de gozo passaria então a poder ser medida a partir do olhar do outro, por uma nova espécie de reconhecimento/inveja. É sua capacidade de desfrutar, de se atualizar que está em jogo.

Quando se trata especificamente do mal-estar existente no campo das neuroses, entra-se no terreno da falta, cujo alcance assume um efeito estruturante, constituinte do sujeito. O que é da ordem do impossível, o neurótico transforma em impotência, sustentando a fantasia de que haveria um Gozo absoluto possível, do qual foi privado. Uma fantasia cara especialmente ao neurótico obsessivo, frequentemente sofredor por sentir-se diminuído diante da exibição da potência paterna.

⁸ Conforme assinalou Walter Benjamin ainda no primeiro quarto do século XX (1921).

No entanto, quando se passa a apostar na ideia de que os bens de consumo podem cumprir até mesmo a tarefa de *designar os sujeitos*, de representar o sujeito para o conjunto dos outros sujeitos, entra-se na perspectiva de que seria possível um encobrimento imaginário daquilo que falta, superando o que faz limite. Assim, o que é impossível no campo do espetáculo? No campo especular? Há no objeto a propriedade (imaginária/fugaz) de encobrir a falta. Ter (ou eventualmente *ser*) um bem para mostrar parece ser a nova face do falo, enquanto significante do poder. Aquilo que por séculos esteve associado à masculinidade, em suas demonstrações de virilidade, foi nas últimas décadas “descolado”, cooptado e deslocado. O falo destacado da acepção viril.

Fora do campo psicanalítico, a partir de perspectivas particulares, muitos são os observadores da sociedade contemporânea (Lyotard, Bauman, Debord, Giddens, Lasch, Lipovetsky e Hall, entre outros) que nos últimos anos se destacaram por estudar, cada um a seu modo, as mudanças ou, ao menos, uma exacerbação dos valores construídos pela modernidade. Individualismo levado ao extremo, consumismo, quebra das identidades fixas, ética hedonista, multissexualismo, fragmentação do tempo e espaço decorrentes do desenvolvimento de novas tecnologias capazes de propiciar um grande fluxo de informações e produtos, são exemplos. Identifica-se que o homem, hoje, passando por um momento de transição que indica a possibilidade de que algo de novo no laço social está sendo produzido.

Muitos foram os conceitos criados para nomear e procurar entender este conjunto de transformações: sociedade pós-industrial, narcísica, globalizada, ou mundializada. Também, hipermodernidade, pós-modernidade, modernidade tardia ou líquida, para citar apenas os que se tornaram mais difundidos. São expressões que estão sendo empregadas para conceituar as mudanças que ocorrem em diversos âmbitos: social, cultural, político, mas também ético, científico, religioso, econômico e tecnológico.

1.3 *Uma nova economia psíquica?*

Especificamente no campo psicanalítico de investigação, é perceptível que as transformações apresentadas pelas novas manifestações da subjetividade na contemporaneidade vêm gerando um número crescente de respostas de distintas ordens. Compreender o alcance e a profundidade das incidências psíquicas deste novo contexto passou a ser visto como uma necessidade diante das transformações nas queixas e problemáticas apresentadas.

Em função das mudanças percebidas, chegou-se inclusive ao ponto de se levantar a possibilidade de estarmos diante do surgimento de uma distinta espécie de sujeito, cuja existência seria indicada por uma nova forma de organização da economia psíquica (Melman, 2008), ordenada agora a partir do imaginário dos sujeitos. Isto é, não mais fundada na ideia de um sujeito marcado por uma divisão fundamental, efeito do recalque. Um sujeito que seria, de acordo com o que escreve Melman (2008), fundado então a partir de uma falta imaginária, geradora de inveja e não de desejo como aquela efeito da falta simbólica: “Estamos lidando com uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo. [...] Isso implica deveres radicalmente novos, impossibilidades, dificuldades e sofrimentos diferentes” (2008, p. 16).

O autor sustenta ainda que o sujeito freudiano, aquele que está na base da metapsicologia psicanalítica, estaria deixando de existir. Na sua forma de entender, se estaria hoje diante de um sujeito sem falhas, “compacto”, inteiro:

Eis, ainda, um traço da nova economia psíquica: não há mais divisão subjetiva, o sujeito não é mais dividido. É um sujeito bruto. Falar de sujeito dividido é já dizer que ele se interroga sobre sua própria existência, que ele introduz em sua vida, em sua maneira de pensar, uma dialética, uma oposição, uma reflexão, uma maneira de dizer “Não!”. Hoje em dia, quase não vemos a expressão do que seria a divisão subjetiva. (Melman, 2008, p. 27).

A radicalidade com que o autor apresenta suas ideias não deixa de gerar reação. Mesmo tendo sido um dos principais colaboradores de Jacques Lacan e fundador da Associação Lacaniana Internacional, por este e outros posicionamentos seu pensamento é hoje questionado no próprio meio psicanalítico. No entanto, pela forma contundente como apresenta seus argumentos e pelo sentido que faz, guarda sua importância principalmente por apontar na direção de um horizonte partilhado por muitas pessoas.

Assim, é preciso observar que Melman não está sozinho. De forma semelhante, Birman (2005), em um trabalho de grande repercussão em que analisa o mal-estar na atualidade, sustenta também a ideia do homem contemporâneo estar vivendo uma nova condição subjetiva:

A fórmula freudiana do sonho como realização do desejo é a condensação maior do ideário psicanalítico. Tal como enunciado no aforismo fundamental da psicanálise, o desejo seria a condição de reinvenção do sujeito. Foi justamente essa crença que se perdeu na pós-modernidade. (2005, p. 84-85).

Por outro lado, Zizek (2010) desenvolve um pensamento interessante e que vale a pena ser lançado, na medida em que faz uma espécie de contraponto à ideia de que se estaria testemunhando o esgotamento do sujeito cindido. Para o autor não se trata de uma ausência do recalque na sociedade contemporânea. Aliás, muito ao contrário: o que estaria sendo recalcado *é a própria proibição*.

O que caracteriza a modernidade não é mais a figura típica do crente que abriga secretamente dúvidas sobre sua crença e se entrega a fantasias transgressivas; hoje temos, ao contrário, um sujeito que se apresenta como um hedonista tolerante, dedicado à busca da felicidade, e cujo inconsciente é o local de proibições: o que é recalcado não são desejos ou prazeres ilícitos, mas as próprias proibições. (Zizek, 2010, p.114).

Seria então possível pensar em novas configurações do sujeito? De toda maneira, suspeita-se que as modificações percebidas no tecido social poderiam ser indício da obliteração da existência do sujeito desejante, neurótico, portanto, confrontado com a falta e produzido a partir dos efeitos do recalque. Estaria se falando, então, de uma espécie de afrouxamento do recalque que incidiria sobre a própria sustentação da civilização?

Roudinesco (2000, p. 19) escreve: “Condenado ao esgotamento pela falta de uma perspectiva revolucionária, ele busca (o sujeito) na droga ou na religiosidade, no higienismo ou no culto a um corpo perfeito o ideal de uma felicidade impossível”. Confrontado com os impasses decorrentes das questões cruciais da existência (transmissão, finitude, sexo), cria linhas de fuga: o sujeito deste início do terceiro milênio estaria fabricando suas respostas a partir de novos modos de ser e estar no mundo, cujo alcance ainda não está suficientemente entendido. Cria, cultiva (por vezes cultua), controla e consome amplamente as relações e os objetos materiais que lhe proporcionam alívio frente ao peso da existência. Neste sentido, poderia se cogitar que a suposta alteridade estaria sendo reduzida a uma função mínima, próxima do meramente especular e, portanto, imaginária.

1.4 Novas gerações

O “barulho” provocado pelas manifestações contemporâneas da condição subjetiva vem sendo produzido em múltiplos e distintos espaços. Pode ser apreendido não apenas através da escuta realizada na clínica psicanalítica, mas também no que é percebido nas relações familiares, nas escolas, nos ambientes de trabalho ou nos meios de comunicação de massa. Aquilo que vibra, que pulsa na sociedade. Congressos, pesquisas e publicações há anos estão sendo realizados em grande número, procurando conhecer em quem, afinal, tornou-se o sujeito contemporâneo. Sua materialidade, assim, vem sendo amplamente discutida em diversos âmbitos e disciplinas.

Manifestações que se expandem em diversas direções e podem ser notadas de forma especial onde a problemática das fronteiras psíquicas está posta. Isto é, na forma como as novas

subjetividades vão se formando.

Assim, a questão da família merece um olhar atento. A título de exemplo, pode-se pensar naquelas crianças e jovens que vivem essa “autonomia” contemporânea de forma muitas vezes próxima ao abandono, enfrentando a sorte que encontram nas ruas sem a consolidação de referências simbólicas. Um terreno onde, sabe-se, especialmente a droga, a violência e o sexo acabam muitas vezes constituindo uma importante porta de entrada e circulação no social.

Ainda sob a mesma lógica, outros encontram através da utilização de psicoestimulantes (legais, ilegais, prescritos ou não), na formulação de demandas de transformação de seus corpos, uma das infinitas formas de aproximação aos ideais e imperativos de gozo que fazem parte do discurso social contemporâneo. Discurso permeado pela ideologia neoliberal e pela economia de mercado: novamente se trata de consumir ou fazer-se objeto de consumo.

Por outro lado, percebemos que também para uma importante parcela da juventude avança uma restrição da circulação nos espaços públicos, havendo um verdadeiro confinamento aos ambientes cercados e constantemente vigiados. Estamos falando em especial dos *shoppings centers* e dos condomínios, quando não das próprias casas ou das salas de aula. Então, na busca por janelas, *windows* que possibilitem uma abertura, fogem para o fantasioso universo virtual, inventando novas formas de existir e estabelecer relacionamentos.

Assim, torna-se possível cogitar que estas portas de entrada do adolescente, este “novo” sujeito, no mundo adulto estariam se configurando principalmente pela via do uso de drogas ou pelo consumo. Isto é, pela completa aderência ao sistema capitalista ou por uma espécie de recusa que nada mais faz do que repetir o mesmo imperativo: consuma e faça-se consumir!

Na perspectiva de Enriquez (2006), estaríamos diante de um cenário pouco promissor para o sujeito capturado pela nova lógica capitalista. A inserção no mundo do trabalho torna-se especialmente problemática na medida em que é produzida uma situação de tensão constante:

Assim, os indivíduos estão sempre em situação de prova, em estado de estresse, sentem queimaduras internas, tomam excitantes ou tranquilizantes para dar conta da situação, para ter bom

desempenho, para mostrar sua “excelência” (entramos numa civilização de *dopping*); e, quando esses indivíduos não são mais úteis, eles são *descartados* apesar de todos os esforços despendidos. O homem tem, cada vez mais, a solidão como companheira. Ele pode se transformar em alguém “inútil ao mundo”, para retomar uma velha expressão da Idade Média, um excluído definitivo, sem esperança de um dia voltar a ser “incluído”. No século XIX, as pessoas que formavam o “exército de reserva do capital” eram excluídas temporariamente do processo produtivo, mas sabiam que um dia poderiam voltar a fazer parte do grupo de incluídos, o que não é o caso atualmente. Para dizer algo sobre o futuro, que parece bem sombrio a esse respeito, as novas tecnologias favorecem a eliminação de milhares de pessoas no mercado de trabalho. (2006, p. 6).

A exigência frenética de atualização, além de execer um trabalho incessante e ineficaz, guarda uma constante ameaça de exclusão. Aquilo que pode ser compreendido como sendo a raiz do sentimento depressivo que se vê instalando no meio social. Como veremos, não se trata do avanço epidêmico de casos de depressão, mas a geral sensação de vazio e de falta de registro das experiências vividas. O consumo está igualmente atrelado à necessidade de permanente de atualização cujo risco de tornar-se obsoleto espreita. Assim, no percurso realizado, as novas formas de sociabilidade, especialmente no que diz respeito à família, uso de drogas e virtualidade dos relacionamentos, tornam-se objeto de interesse.

1.5 A família

Sob um primeiro olhar, é possível pensar que se está diante de situações que, de certa forma, denunciam uma escassez ou fragilidade de referências simbólicas (meios para poder representar o objeto faltante), sintoma da queda do patriarcado. A família, esta instituição fundamental na forma de organização social, vem sofrendo modificações na perspectiva do estabelecimento de relações entre seus membros. Hierarquias, limites e fronteiras (inter e intrasubjetivas) não estariam se mostrando suficientemente claras, de modo que muitas famílias encontram dificuldades em operar como elemento acolhedor e mediador das forças pulsionais.

Hoje as figuras de poder e a autoridade encontram-se descentralizados e as relações bem mais horizontalizadas. Pais e mães progressivamente evidenciando uma espécie de dívida em relação aos filhos, enquanto estes se tornam, sobretudo, sujeitos de direitos (tirânicos, em muitos casos). Como escreve Betts (2005), “O princípio de que são os deveres que fundam os direitos se desloca e se dissocia entre as gerações, fazendo com que os deveres caibam mais aos pais e os direitos mais às crianças e adolescentes, e as funções de vigilância e de controle ao Estado” (p. 72).

Uma fragilidade da organização do campo simbólico tende a igualar as relações. Porém tende, ao mesmo tempo, a isolar os sujeitos. Embora a sensação de liberdade seja reforçada, há uma quebra no que concerne à pertença a um valor que se mostre maior do que a vida de cada um. Um isolamento que tem por efeito colocar o sujeito no exército da reserva, conforme apontou Enriquez (2006). Percebe-se, novamente, o impossível elevado à condição de impotência.

Trata-se então de uma realidade em que não somente as configurações familiares se transformaram, como os ideais presentes: a liberdade, encarnada, por exemplo, pela imagem da adolescência bela, saudável e despreocupada, estaria materializando esta possibilidade.

1.6 Narciso e o sintoma

Até este ponto foi sendo preparado uma espécie de terreno que procurou apresentar rapidamente algumas das principais transformações e questões postas à psicanálise pela subjetividade na contemporaneidade. Entretanto, a fim de poder aprofundar este estudo, faz-se necessário uma delimitação maior do campo de investigação. Neste sentido, é preciso

considerar um ponto que articula a metapsicologia freudiana com o campo da investigação social. Este ponto de intersecção é fundamental para que seja possível o entendimento daquilo que se configura como eixo central desta tese: o narcisismo, masculinidade e sofrimento psíquico na contemporaneidade.

Neste sentido, para introduzir este passo que está sendo dado, recorre-se uma vez mais à Roudinesco (2003), em especial a uma passagem em que a autora traça uma observação sobre a obra “A cultura do narcisismo” de Christopher Lasch (1983). O livro de Lasch, a partir de um estudo de conceitos provenientes de diversas áreas do conhecimento (inclusive da psicanálise), diz respeito ao modo como as sociedades capitalistas se estruturaram simbolicamente a partir da década de 1970. Isto é, segundo o autor, promovendo um maior investimento no eu em detrimento ao coletivo. Escreve Roudinesco a propósito do livro de Lasch: “Se Édipo fora para Freud o herói conflituoso de um poder patriarcal decadente, Narciso encarnava agora o mito de uma humanidade sem interdito, fascinada pelo poder de sua imagem: um verdadeiro desespero identitário” (2003, p. 160).

Na peça de Sófocles, diante do horror provocado pelo fechamento incestuoso (ainda que sem saber), Édipo se pune furando os próprios olhos⁹. O elemento que estrutura a cena é a presença do terceiro (pai/lei), mesmo que morto: Laio havia sido assassinado pelo próprio filho. Já no mito, Narciso vive uma miragem em que não há um elemento mediador em relação à alteridade: se curva a tal ponto diante de si, que acaba perdendo-se diante da própria imagem, representação do Eu elevado à categoria de ideal. Narciso, ao contrário de Édipo, não quer deixar de ver. Completamente fascinado, é tragado e consumido pela própria imagem. Enquanto Édipo prefere ficar cego, Narciso está impossibilitado de desviar o olhar. Birman (2005) escreve que “o que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se

⁹ Freud chegou mesmo a estabelecer uma relação entre castração e a cegueira de Édipo como sendo seu substituto simbólico (1938, p. 218, nota 1).

descentrar de si mesma” (p. 25).

Tal qual vivenciado então pelos personagens de Huis Clos, não há alternativa ao olhar. Sabe-se que na álgebra da psicanálise, *dois* remete à unidade, à completude. Neste sentido, *dois* é *um*. É preciso sempre que haja o terceiro para dar consistência a esta relação. Um terceiro que é introduzido pela linguagem, intervindo na relação imaginária do sujeito com o objeto.

André Green (1988) detectou e escreveu sobre o aumento no número de *patologias narcísicas* provocadas pela frequente decepção com as figuras parentais. Nicole Aubert (2008), a partir de uma perspectiva diversa, caracteriza a situação atual afirmando que seria na conjunção entre os extremos que o sujeito contemporâneo pode ser localizado: *entre* o excesso (transbordamento) e a ausência (o vazio absoluto). Apontando para os limites, de certa forma está bastante próxima daquilo que Enriquez (2006) sustentou, conforme visto.

Interessante observar que se está diante de uma ideia que apresenta uma dupla vertente: se de um lado existem as demandas de uma sociedade que pode ser chamada, entre outras expressões, de pós ou hipermoderna, no qual o alto desempenho, o aperfeiçoamento de si e o hedonismo adquirem o estatuto de imperativo; de outro, no que se refere às instituições sociais (em particular a família e a escola), implicadas na formação (ou formatação) dos novos sujeitos, há uma busca em torná-los aptos a corresponder a esse imperativo. Isto é, não se produz estranhamento entre aquilo que se constitui como demanda social e o aparelhamento das instituições no sentido de atendê-las. O que, porém, não cessa de fazer questão é a frequente ameaça de fracasso e exclusão que assombra a muitos. Ameaça de desaparecimento, de apagamento.

Extremando os valores presentes na modernidade, a visibilidade, a performance, o desempenho, o rendimento, o enriquecimento e a diversão têm sido as palavras de ordem. Agora, e não amanhã. A ideia de que só se pode gozar depois, de que é preciso lutar, sofrer, acumular antes de tudo, é substituída pelo imediatismo hedonista.

Assim, proferem diversos representantes de um discurso que se propõe científico: “se você não esta conseguindo acompanhar as demandas, algo não vai bem. É possível então que esteja doente”. Não por acaso o medo do fracasso e o sentimento de exclusão tornou-se persecutório, fazendo com que em momentos estejam vivendo ou na ansiedade do *ter que fazer* ou na depressão do esgotamento e da *desistência*. É neste sentido que se pode dizer que o sujeito contemporâneo pode ser encontrado entre pontos extremos.

Uma cultura que elege como ideal a superação de si e conseqüentemente a exacerbação dos valores individualizantes é, ao mesmo tempo quem ataca a sua própria condição de possibilidade. Isto é, a elevação dos valores individuais rompe (ao menos no horizonte) com o pacto de que todos precisam abrir mão de uma parcela de satisfação, submetendo-se à Lei. Desta forma, enquanto cultura, se estaria adotando em uma via autodestrutiva?

Freud (1930/2010) em “Mal-estar na civilização” escreveu: “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (p. 80-81). Então, neste caso, talvez se esteja diante de novos pactos de formação de grupos, onde se vê a aproximação dos sujeitos a partir de traços particulares. Grupos que se encontram a partir de suas especificidades, constituindo novos espaços, muitas vezes virtuais, possibilitados pelas novas tecnologias da comunicação. Pequenas coletividades móveis.

Aquilo que se coloca como imperativo pela sociedade capitalista neoliberal encontra uma adesão bastante consoante com os propósitos onipotentes (infantis) de expansão de um Eu.

A exacerbação do individualismo, se acredita, seria uma forma socialmente aceita e valorizada da expansão narcísica do sujeito, cujas conseqüências podem ser ao menos presumidas: de um lado o rebaixamento dos sintomas neuróticos gerados pela ação do recalque (e a eventual diminuição do sentimento de culpa), por outro a dificuldade de encontrar a medida de cada um, gerador de angústia. Também, no que concerne aos aspectos relativos à

construção do Eu (e da alteridade), inveja, vaidade e ressentimento entram em jogo e precisam ser considerados.

1.7 Narcisismo e a masculinidade. Hoje.

Colocar a masculinidade em discussão é algo relativamente recente. Primeiramente foi preciso esperar o surgimento da psicanálise para que as concepções naturalistas do masculino (e do feminino) começassem a dar lugar à ideia de que a sexualidade é algo a ser construído. O que torna alguém do sexo feminino, *Mulher*, o que torna uma pessoa do sexo masculino, *Homem* está para além das determinações anatômicas e funcionais identificadas pela ciência. Além disso, Freud (1933/1980) mostrou que mesmo os argumentos psicológicos vigentes, que separavam os sujeitos em ativos ou passivos, eram insuficientes para uma explicação mais completa, especialmente no que diz respeito ao campo da feminilidade: “é próprio da peculiaridade da psicanálise, então, que ela não se ponha a descrever o que é a mulher – uma tarefa quase impossível para ela –, mas investigue como a mulher vem a ser, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual” (p. 269).

No entanto, apesar das fundamentais contribuições que a psicanálise proporcionou (e continua a proporcionar), Freud acreditava que a masculinidade parecia ser o caminho normal do desenvolvimento sexual, uma vez que, diferente da feminilidade, não implicaria em mudanças importantes. À feminilidade seriam necessárias mudanças tanto no que concerne à zona erógena quanto ao objeto de amor, o que não ocorreria na construção do masculino. O homem, “*tendo mais sorte*, na época da maturidade sexual precisa apenas dar continuidade ao que já praticou no período da primeira florescência sexual” (Freud, 1933/1980, p. 271. Grifo

nosso). Esta “mais sorte” que o homem teria, diz respeito á representação do falo.

Assim, a teoria psicanalítica se preocupou em especial com a feminilidade, considerada muito mais enigmática, do que propriamente a posição masculina. A subjetivação do modo masculino seria um caminho mais simples e ser percorrido e serviria como referência; aquilo que, por outro lado, apontaria a falta existente na mulher.

Apesar deste possível equívoco, a construção metapsicológica promovida por Freud veio a contribuir profundamente na possibilidade de deslocamento da posição feminina. Ao escutar o que as histéricas tinham a dizer, os psicanalistas começaram a dar voz ao que poderia ser uma forma de recusa em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e sexuação de sua época (Kehl, 2008). Estava já em gestação uma profunda transformação nos lugares sociais dos gêneros.

Historicamente a figura do homem macho, viril e ativo se confundiu de tal forma que só muito recentemente passou a ser assunto de interesse e discussão. Não haveria muito sentido questionar a masculinidade no contexto da sociedade patriarcal. Foi a partir dos deslocamentos femininos, especialmente aqueles sintetizados através dos movimentos feministas que eclodiram a partir da década de 1960 (impulsionados pela invenção da pílula anticoncepcional), que o homem começou a precisar se perguntar sobre seu lugar e o significado da masculinidade.

Nas últimas décadas algo se perdeu de tal forma que atividade, força, coragem e virilidade deixaram de funcionar como garantia da definição de masculino. Os atributos que caracterizavam a masculinidade, questionados, entraram em estado de falência de tal forma, que parece terem sido sustentados ao longo de séculos mais por uma sujeição condescendente das mulheres do que por seu valor intrínseco. O caso de um mestre que só sabe de sua condição na existência de outro que a ele se sujeita, para lembrar a dialética hegeliana.

Neste sentido, é importante trazer a contribuição de Kehl (2009b) sobre este tema, pois

ajuda na delimitação e no avanço das questões que aqui estão sendo formuladas. Torna-se fundamental que fique clara a dissimetria da figura do falo, de um lado enquanto poder simbólico, e de outro como órgão sexual masculino para que se possa avançar neste terreno. Um descolamento que, embora hoje pareça evidente, em muitos momentos Freud teve dificuldade de enxergar:

A linha divisória entre homens e mulheres, pelo visto, perdeu sua antiga fixidez, trazendo mobilidade e liberdade para ambas as partes. Se o falo não é um pênis e sim um significante, seu manejo está franqueado a homens e mulheres. Só que, ao insistir em sustentar a equação pênis=falo, os homens acabam por se colocar em uma posição muito mais frágil do que as mulheres. Estas recém descobriram, por conta da própria psicanálise, que o órgão masculino só possui o valor fálico que elas lhe conferirem.

Freud estaria enganado em suas observações a respeito das diferenças entre os sexos, das quais faço aqui uma proposital caricatura? Não creio. O que ele não poderia prever é que as transformações da cultura, para as quais a psicanálise desempenhou no século XX um papel central, fariam por deslocar as mulheres de seus lugares tradicionais até exigir a construção de outra feminilidade ou, ainda mais: de outra relação dialética entre homens e mulheres. (Kehl, 2009b, s/n).

Não é difícil perceber que a virilidade ao qual a masculinidade sempre esteve associada, só fez procurar mascarar a insuficiência do órgão. Aliás, aquele que, diferente do da mulher, é passível de falhar e se mostrar insuficiente. Todas as demonstrações da virilidade sempre procuraram exaltar o que, na verdade, poderia vir a denunciar a falta. No entanto, a leitura que a cultura fez foi a de estabelecer um julgamento de valor: ter ou não ter. Žižek (2010) vai ao ponto e ajuda a precisar esta questão: “o falo é uma espécie de órgão sem um corpo que eu visto, que fica preso a meu corpo, mas nunca se torna uma parte orgânica, sobressaindo para sempre como uma prótese excessiva, incoerente” (p. 47).

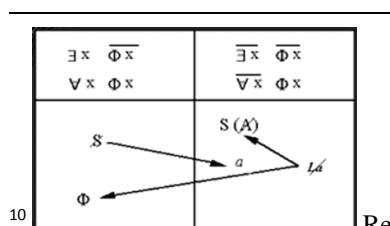
Tratar-se-ia de um trabalho de luto para os homens *pós-modernos*? Desfazer-se da ideia de que aquilo que carregam entre as pernas ainda é garantia de alguma coisa neste novo cenário social? De que o falo descolou-se da presença do pênis?

Não apenas um trabalho de luto está em jogo como o da própria reinvenção da vida. Órfãos, (não apenas os homens, mas especialmente) se perguntam sobre sua importância, sua própria medida. Não por acaso o tamanho e as garantidas dadas por medicamentos capazes de

sustentar a ereção do pênis tenham se tornado uma obsessão: uma tentativa de encontrar no real do corpo uma resposta para uma questão simbólica.

Não são raros os homens que procuram em suas análises respostas sobre seu valor. Narciso inseguro, a procura de uma mocinha frágil e dependente que lhe diga seu valor, encontra uma mulher exigente e frequentemente autossuficiente, quando não uma predadora (o que não deixa de produzir mal-estar também no lado feminino). Backes (2008) fala de uma nova manifestação da histeria que não se detém diante de nada: destrói tudo que diga respeito a qualquer forma de construção compartilhada, ocupando-se apenas com a satisfação imediata. No entanto, a pergunta que perdura é sobre o que fazem as mulheres com suas conquistas profissionais e econômicas. Uma questão que tem se mostrado igualmente recorrente na clínica psicanalítica.

Por fim, mas não menos importante, é preciso destacar que Lacan (1972-73/1985), através do desenvolvimento das fórmulas quânticas da sexuação¹⁰, avançou na compreensão da posição subjetiva, masculina ou feminina, diante o falo e da castração. A tentativa de colocar a sexuação nestes termos é esclarecedora em diversos aspectos. Especialmente em nossa pesquisa, torna-se importante por afastar tanto o paradigma naturalista da questão (ou do feminino como uma espécie de negativo do homem), como aquele da construção social. O autor permite assim compreender, entre outras importantes consequências, que o que está em jogo está para muito além das identidades sexuais. Assim, ainda que seja passível de crítica, a formalização proposta por Lacan, orienta este trabalho ainda que a questão não seja abordada diretamente.



10

Resumidamente, pode-se dizer que a fórmula da sexuação proposta por Lacan (1972-1973/1982), diz que os seres falantes se inscrevem de um ou de outro lado da barra, sendo o esquerdo o masculino e o direito o feminino, determinantes quanto às modalidades de gozo.

1.8 Problema, objetivos e estrutura da tese

Até este momento procurou-se, ainda que de uma forma sintética, apresentar as questões que norteiam esta pesquisa, problematizando e justificando sua necessidade. Assim, partiu-se da compreensão da cultura como forma específica de recalque e a articulação existente entre os contextos sociais e as formas do sofrer psíquico. Viu-se que na atualidade vive-se sob uma espécie de imperativo de gozo, traduzido frequentemente naquilo que é possível ser comprado e mostrado, gerando uma necessidade de exposição constante e o medo do esvaziamento. Na mesma medida em que se precisa do Outro para assegurar a existência dos sujeitos há, em relação às figuras de alteridade, isto é, o semelhante, uma constante dissonância na constituição de vínculos duradouros. Tais fatos levaram a colocar em questão a possibilidade da existência de uma nova economia psíquica, no qual os valores simbólicos, transmitidos entre as gerações teriam sido substituídos por montagens imaginárias. A incidência destas transformações estaria afetando diretamente as estruturas sociais.

Do ponto de vista da metapsicologia psicanalítica, o elemento que estabeleceu uma conexão entre as principais questões que estão se apresentando no campo social, diz respeito ao *narcisismo*. Neste sentido, as novas manifestações da subjetividade, suspeita-se, estariam relacionadas ao que pode ser chamado de crise narcísica do sujeito contemporâneo. Neste sentido específico, o narcisismo referir-se-ia a uma falta de medida, oscilando entre os polos do superinvestimento e do completo esvaziamento. Algo que, conforme será aprofundado, estaria caracterizando o sujeito da pós-modernidade.

De acordo com o exposto acima, tanto as mudanças do estatuto da mulher na sociedade, quanto os novos arranjos familiares, contribuiriam para deslocar o homem de sua posição outrora suportada pelo poder patriarcal. Homens que buscam em suas análises respostas para poderem se localizar em um cenário desconhecido, supostamente diferente daquele em que foram criados os das gerações precedentes. Suas parceiras já não são mais dependentes, frágeis ou submissas; os filhos não reconhecem a autoridade e o trabalho está frequentemente colocando em questão sua verdadeira competência (seria um impostor?) e a identidade deste sujeito pós-moderno. Trata-se de pensar então, em última instância, sobre as consequências metapsicológicas que estão em jogo.

A discussão sobre o narcisismo traz consigo, também, a necessidade de se investigar a atualidade do Complexo de Édipo. Não em termos de colocar em questão sua existência, assunto sempre controverso, mas a possibilidade de modificações a partir, principalmente, do novo estatuto da mulher na sociedade. Neste caso, um novo posicionamento da mulher, tanto na sociedade quanto na família, poderiam ter efeitos sobre o significado da maternidade em suas vidas.

Desta forma, estabelece-se como hipótese a ser verificada o fato de que existiriam novas configurações narcísicas na atualidade, cujos efeitos poderiam ser sentidos na clínica psicanalítica, em especial naquela realizada com sujeitos em lugar de sustentar uma posição masculina.

Então, em meio a este cenário um ponto em especial chama a atenção e se constitui como foco desta tese: *a masculinidade diante da crise narcísica do sujeito contemporâneo*.

Como questão de pesquisa formula-se da seguinte maneira: *considerando a existência de uma crise narcísica provocada pelas transformações subjetivas decorrentes da pós-modernidade, quais suas possíveis implicações na sustentação da masculinidade?*

O objetivo geral constitui-se em *investigar a existência de impasses na sustentação da masculinidade diante das interrogações produzidas pelas novas formas de subjetivação do sujeito na contemporaneidade.*

Objetiva-se ainda, de forma específica, poder contribuir com o conhecimento psicanalítico sobre o contexto social pós-moderno através de uma *sistematização de modos de sociabilidade contemporânea* bem como da *descrição do sofrimento psíquico do homem diante dos novos impasses da masculinidade.* Espera-se, *ainda, examinar o conceito de narcisismo na obra de Freud* bem como a forma como o autor sustentou seu entendimento sobre a *masculinidade.*

Enfim, a investigação se debruçará sobre o *sujeito contemporâneo, os novos arranjos subjetivos, narcisismo e masculinidade.*

A realização desta tese ocorreu, em parte, a partir da pesquisa bibliográfico-analítica de textos psicanalíticos, mas também filosóficos e sociológicos. Adotou-se como autor de referência Sigmund Freud. Utilizou-se também, (de uma forma que não pode ser chamada de complementar, pois é verdadeiramente definidora dos rumos aqui tomados) elementos oriundos da prática clínica psicanalítica realizada pelo autor. Pode-se dizer que a experiência clínica permeia a própria construção do objeto de pesquisa. Isto é, o mal-estar do sujeito contemporâneo.

Assim, passa-se a apresentar sucintamente a forma como tese está organizada. Além desta introdução (que recebeu a identificação de “1. Introdução: entre Édipo e Narciso”) em que há a apresentação do tema, das questões norteadoras e da sua arquitetura da tese, o trabalho conta com seis capítulos e uma conclusão, conforme a seguir:

No capítulo “2. Modos de sociabilidade contemporânea” é realizada uma retomada e delimitação da passagem da sociedade tradicional à moderna. A medida que os conceitos vão se apresentando, procurou-se estabelecer uma delimitação em relação ao seus empregos. Neste

sentido, destaca-se o conceito de “Outro” e de “gozo” que serão diversas vezes retomados ao longo do trabalho. A seguir passa-se a discorrer sobre patriarcado, gênero e os efeitos do capitalismo nos modos de vida contemporâneos. Por fim, a partir da necessidade do homem contemporâneo e encontrar visibilidade para sustentar-se subjetivamente, busca-se esboçar uma definição para o sujeito.

O capítulo “3. Configurações familiares” está voltado para o entendimento não apenas das novas configurações familiares, mas também de aspectos transversais. Neste sentido, são discutidas as transformações na célula social e seus efeitos, tanto sobre os jovens como sobre aqueles que buscam a constituição da família. Assim como é introduzido o tema da autoridade e da legitimidade. Virtualidade das relações, patologização do sofrimento e a construção das identidades sociais também são abordados neste capítulo. Estes dois primeiros capítulos têm como foco identificar aspectos relevantes da subjetividade contemporânea no sentido de estabelecer uma pequena cartografia.

“4. Experiência e vivência no mundo acelerado” é o título e o tema central do terceiro capítulo. Nesta parte do trabalho são investigadas as formas de vivência do sujeito contemporâneo com o *tempo* e o registro de suas experiências. A base dessa argumentação será a produção de Walter Benjamin ligada ao tema e “Além do princípio do prazer”, de Freud. A argumentação é construída no sentido de situar a proposta de Benjamin sobre o efeito do choque no registro da experiência dentro da teoria freudiana sobre o trauma.

“5. Narcisismo e sintoma social: sobre a atualidade do conceito freudiano de narcisismo” é dedicado ao estudo do conceito de narcisismo na obra de Freud, bem como a questão da sociedade narcísica. Temas como a constituição do Eu, castração imaginária, vaidade, inveja e ressentimento também são objetos de estudo. Finalmente a questão do gozo e do sintoma social é abordada, desencadeando uma reflexão sobre a existência de uma crise narcísica no sujeito contemporâneo.

No capítulo “6. Crise narcísica; crise?” se coloca em questão as neuroses chamadas de narcísicas, abordando tanto a concepção freudiana quanto as teorizações mais recentes sobre o tema. Neste capítulo trabalha-se em especial a questão da passagem do Eu Ideal ao Ideal do Eu e o sentimento de vazio e inconsistência generalizada na sociedade atual. Por fim há ainda neste capítulo uma discussão sobre o dispositivo psicanalítico frente às psicopatologias narcísicas.

O Capítulo “7. Masculinidade e narcisismo” pretende ser um ponto de amarragem entre os diversos temas anteriormente trabalhados a partir de seus efeitos sobre a masculinidade. Nele, a masculinidade é abordada a partir de duas perspectivas principais: uma discute a questão da virilidade e da sexuação, enquanto a outra é constituída por vinhetas de casos clínicos. Vivências clínicas que compõe esta tese não como forma de ilustrar a teoria exposta, senão como verdadeiro ponto de partida: não se pode perder de vista que são as inquietações clínicas que sustentam a teorização.

Por fim há uma seção intitulada “8. Conclusão”, destinada não somente a retomar os argumentos principais desenvolvidos ao longo da investigação, mas também onde, a nosso ver, é produzido o material que permite integrar e discutir os diversos pontos apresentados ao longo da tese.

2. Modos de sociabilidade contemporânea: fundamentos

Desde o século XVIII, quando os ideais da modernidade se consolidaram e, especialmente com a era industrial e o desenvolvimento do capitalismo, a liberdade e a autonomia do indivíduo passou a ocupar a posição de horizonte a ser buscado. Por outro lado, a ruptura com a tradição levou à falta de garantia de um lugar social estabelecido a partir da linhagem, colocando cada um na tarefa de forjar o seu próprio destino, criando possibilidades (e dificuldades) antes sequer imaginadas. Estes ideais foram sendo construídos de forma lenta, gradual, na medida em que o próprio jogo de coerção social foi se modificando.

De certa forma, trazendo para os dias atuais aquilo que Freud escreveu no “Mal-estar na Civilização”, atualmente o homem prefere abrir mão da segurança trazida pelo grupo em prol de uma maior liberdade individual. Há mais de 80 anos Freud havia dito exatamente o contrário sobre o processo civilizatório:

De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. Em compensação, era mínima a segurança de desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança. (Freud, 1930/2011, p. 82).

Aquilo que se ganha em liberdade, perde-se em segurança. A equação parece simples e comprovável no dia a dia. No entanto, chegou-se a um nível de liberdade que é mesmo difícil poder identificar o que é transgredir hoje; o que vem a ser um comportamento transgressivo e intolerado?

Aquilo que se chama de hiper ou pós-modernidade¹¹ é o movimento ocorrido especialmente a partir da segunda metade do século XX que, entre outros pontos importantes,

¹¹ Aqui uma questão importante e que merece atenção, uma vez que não se tratam de sinônimos. Segundo Aubert (2008), diferente do prefixo *pós*, “Hiper é uma noção que designa muito, o excesso além de uma norma ou enquadre. Implica uma conotação de excesso e de intensidade, de ultrapassamento constante, de máximo, de situação limite. O acento não é colocado sobre a ruptura com os fundamentos da modernidade, mas sobre a

produziu ruptura ou exacerbação dos ideais patriarcais, verticais e hierarquizados. Assim, não se constitui mais propriamente como valor maior os ideais presentes na ética protestante fortemente presente no início do capitalismo¹², que pregava a disciplina, o trabalho em primeiro lugar e o adiamento do prazer: trabalhar, poupar para um dia, quem sabe, adquirir o direito de gozar. A ética protestante trouxe para o capitalismo o que lhe é indispensável: a ideia de que o trabalho é a virtude suprema e a preguiça o pecado supremo. Não é por outra razão que a era vitoriana exerceu tanta repressão à sexualidade (justificando, inclusive, a criação da psicanálise).

Segundo relatado por Zygmunt Bauman¹³, o sociólogo Alain Ehrenberg teria contado que a pós-modernidade começou (para ele) em uma noite do outono de 1980, quando assistiu uma mulher comum em um programa de televisão ao vivo, na França. Em uma entrevista, contava a milhões de pessoas que nunca havia tido um orgasmo durante seu casamento, devido à ejaculação precoce de seu marido. Para Ehrenberg o fato de que algo da mais profunda intimidade de um casal, impensável de ser trazido para a esfera pública, agora poder ser compartilhado com mais de seis milhões de expectadores, marcava esta ruptura nos modos de subjetivação e a entrada em um novo paradigma social.

Esta história exemplifica o que se passa com o jogo de tensão entre segurança e liberdade. O sujeito liberta-se das amarras, mas assume o preço do julgamento, o risco e as consequências da exposição. As redes sociais virtuais e os programas televisivos de “realidade” são hoje contundentes exemplos disso. O sujeito da pós-modernidade dedica-se a ver e mostrar; a comparar-se a todo instante.

exacerbação, a radicalização, isto é, uma espécie de “embalagem” da modernidade”. (2008, p. 24, tradução nossa).

¹² No sentido que Max Weber deu em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, publicado na primeira década do século XX.

¹³ Pensamento, F. do (produtor). (2011). Diálogos com Zygmunt Bauman. (vídeo). Consultado em 05 de abril de 2013 através de: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>

Com a marginalização dos ideais patriarcais, o enfraquecimento daquilo que remete à verticalidade e centralidade do poder, não há mais autoridade que não possa ser objetada, discutida. Com o avanço desse novo Deus pai chamado ciência, parece não existir mais entraves suficientemente rígidos para que cada um busque o *seu* prazer, para cada um encontrar e desfrutar de as *suas* formas de gozo. Aliás, não apenas não há entraves como, pelo contrário, o que se constitui como valor maior é a própria ação, o movimento que se deve fazer na busca da felicidade: cada um deve cuidar da especificidade de seus prazeres, ao invés de tentar adaptá-los a uma norma (o que poderia ser visto como sinal de acomodação ou falta de iniciativa). Assim, as novas liberdades permitem que quase tudo se transforme em matéria de preferência pessoal, até mesmo a anatomia dos próprios corpos.

Deve haver um constante aprimoramento para que o sujeito possa tornar-se objeto de desejo e capaz de alcançar o bem individual. Não que a busca por evolução social seja algo novo na história da humanidade. Desde os gregos clássicos está presente a ideia de aprimoramento de si. A *Paidéia* foi o nome dado a um sistema de formação do cidadão, no qual a administração do corpo era uma virtude: a ginástica, a música e a gramática faziam parte dos ideais. Deveria haver uma aderência do homem à natureza. Séculos mais tarde, com o desenvolvimento do cristianismo, a ideia da fraqueza humana, dos vícios (a marca do pecado original) exigia uma constante penitência. O corpo (os instintos) passou a ser considerado inferior, desprezado, algo que deveria ser dominado pela alma. Como instrumento do pecado, é através da tentação que o corpo corrompe. Vigilância, abnegação, purificação e controle dos instintos marcaram a história da sociedade ocidental por séculos, criando uma proximidade muito grande entre os valores eclesiais e as exigências neuróticas obsessivas.

A questão, portanto, se encontra nos ideais que norteiam aquilo que, para o sujeito, pode ser situado como o desejo do Outro, utilizando o conceito de Lacan: a partir da falta

identificada no Outro se é levado a buscar aquilo que falta no próprio sujeito. É o que coloca o desejo em movimento.

2.1 Da tradição à modernidade

Sabe-se que a busca do homem pelo *bem* não é propriamente uma criação recente e muito menos suficiente para poder caracterizar o momento que se vive. Um ponto de corte pode ser estabelecido através das formas encontradas para determinar aquilo que se configura como sendo este bem. As definições são muitas.

Como visto, se depara então com a questão conceitual de que no tempo atual se está vivendo uma *pós* ou uma *hipermodernidade*. Ou ainda, uma modernidade *pós-industrial*, *líquida* ou *tardia*. Conceitos discutidos pela sociologia e que procuram delimitar o que exatamente se está referindo: grosso modo, a questão busca saber se se trata de uma ruptura ou da radicalização de valores já conhecidos e seus determinantes. Isto é, se os valores constituídos no período conhecido como modernidade estariam em franca transformação ou apenas sendo levados a um expoente ainda não experimentado, caracterizando propriamente a condição “hiper”.

Não se trata de estender a investigação sobre as transformações ocorridas na subjetividade no período anterior, ou seja, a partir da ruptura com a sociedade tradicional e o “nascimento” do homem moderno. Inúmeros trabalhos vêm sendo produzidos a respeito. A fim de melhor compreender as características do momento em questão, isto é, o atual, serão buscadas apenas algumas pontuações necessárias.

Giddens (1991) apresenta um paralelo básico entre a os padrões de confiança existentes nas sociedades pré-modernas e modernas. Mostra que, se inicialmente há uma forte valorização daquilo que era próximo, localizado, em um segundo momento há uma transformação para sistemas abstratos. Desta forma, “a localidade nos contextos pré-modernos é o foco de, ou contribui para, segurança ontológica de maneira que são substancialmente dissolvidas em circunstâncias de modernidade” (p. 105). Nas sociedades tradicionais, como aquela da Idade Média, a busca pelo bem se encontrava associado aos ideais eclesiásticos, comuns à coletividade e fundamentado na transcendência. Por serem divinamente estabelecidos, não estavam sujeitos a mudanças fundamentais.

Por outro lado, com a passagem para a Modernidade identifica-se uma verdadeira ruptura de valores: a busca pelo *bem para si* associada ao prazer de forma individualizada. O homem faz-se reconhecer em seu meio não mais através das distinções que herdou; por insígnias que eventualmente lhe foram transmitidas pela geração anterior. Seu reconhecimento vem, em grande parte, através da sua capacidade de “construir-se”, na demonstração de seu valor imanente.

Obliterada a crença nos critérios externos do que seria o *bem* para todos, o livre arbítrio passou a ser determinante, desencadeando a possibilidade de que cada um construa o caminho que lhe é próprio. A imagem de referência é o homem cético, que sem referências sobre a verdade, de tudo duvida: o homem cartesiano, racional e científico. Apesar disso, a busca por novos parâmetros que servissem a todos também marcou esta passagem. É o que se encontra, por exemplo, na ética kantiana: a busca por valores que sirvam para todos os homens, em todas as circunstâncias. O imperativo categórico kantiano presente na Crítica da Razão Prática (publicado em 1788) dizia que se deve agir de tal forma que esta ação possa ser universalizada como lei. Ainda assim, caberia a cada um esta reflexão.

No entanto, como bem escreve Santi (2003), esta possibilidade de julgamento próprio, característica da sociedade individualista, irá abrir uma nova relação com os objetos de satisfação: “O centramento da questão em torno do desejo e do prazer é correlato a uma disparada na multiplicação dos objetos; a Modernidade faz proliferar a oferta de objetos de fruição” (p. 39). As práticas hedonistas, inicialmente restritas aos meios artísticos e intelectuais, vão tornando-se paulatinamente o comportamento geral, constituindo a grande revolução cultural presente nas sociedades modernas. A busca pelo prazer vai se constituindo como único imperativo nas sociedades individualistas.

Colocando a questão em outras palavras, pode-se dizer que o sujeito ganhou em liberdade, pois se livrou das amarras que prendiam seus antepassados. Porém, narcisicamente, passou a depender do olhar dos outros para saber seu próprio valor. Este foi o preço que passou a ser cobrado a partir da modernidade.

Estas modificações que ocorrem no plano da subjetividade indicam que há algo que opera na própria constituição do sujeito. É sobre estas modificações no estatuto do Outro que trata o próximo ponto.

2.2 O Gozo e as figuras do Outro

Por ironia, no exato momento em que Freud articulava a ideia do complexo de Édipo (1912), a autoridade paterna estava cedendo lugar a um novo sistema de organização social, que se refletia na lei, nas relações econômicas e no governo.

Na época se disse que a administração dos homens estava sendo substituída pela administração das coisas; porém, é mais exato dizer que o locus do controle estava se transferindo para a ciência, a tecnologia e a burocracia.

Zaretsky, 2006

Importante observar o quanto os aspectos subjetivos, políticos, econômicos, tecnológicos e sociais se entrelaçam, de modo que dificulta poder definir aquilo que está em posição de desencadear um processo de transformação. A complexidade do assunto não permite que se tenha um olhar ingênuo ou simplificador.

A partir de uma perspectiva que surge de um conceito psicanalítico, Dufour (2005) apresenta uma forma de colocar o problema que merece ser observada: estabelece uma compreensão das possibilidades de subjetivação de cada época a partir das formas que o sujeito tem de se submeter ao Outro. Neste caso, o Outro a que o autor faz menção (e já referido anteriormente) é evocado no sentido que foi estabelecido pelo psicanalista Jacques Lacan.

São inúmeras as passagens ao longo do ensino de Lacan em que há menção ao Outro. Este, primeiramente, não deve ser confundido com o semelhante, duplo de si e escrito com minúscula. Em seu Seminário de 1964, Lacan explica o Outro utilizando como exemplo a própria relação que os assistentes de sua aula podem estabelecer com ele:

A todos que estão aqui não posso pedir que concordem com isso plenamente, pois que a alguns essa experiência falta, mas a presença de vocês responde por uma certa confiança, dada ao que chamamos – no papel em que estou em relação a vocês, de o Outro – boa fé. (...) Pelo efeito da fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. (1964/1985, p. 178).

Aqui Outro é aquele que dá estrutura simbólica aos sujeitos. No mesmo Seminário diz ainda que “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significativa que comanda tudo que vai poder presentificar o sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Idem).

Para colaborar na compreensão desse complexo, mas fundamental conceito psicanalítico pode-se recorrer à imagem da mãe, isto é, da posição materna na primeira infância. O choro, o grito da criança, tem um efeito de trazer a mãe, introduzindo o bebê na linguagem. A partir daquilo que ainda nem mesmo é palavra, mas apenas som, uma resposta se produz: um Outro capaz de aliviar o mal-estar. Este ocupa o lugar de entidade imaginária, protetora e poderosa. Ninguém é mais poderoso na vida de uma pessoa do que esta mãe da primeira infância. O

poder está no fato de que a mãe “sabe” aquilo que, para este pequeno sujeito que começa a surgir, responde ao seu desamparo. Acolhe, cuida, sacia, ama. A mãe fornece tudo que precisa para aplacar a fome, a sede, o sono, o frio. Pode-se dizer que nunca mais, para o resto da vida, será encontrado alguém que encarne estas mesmas condições.

No entanto, isto que não impede que se tente de toda forma encontrar um pequeno outro que possa vir a ocupar este lugar, que consiga dizer “A Verdade” sobre o sujeito. Alguém, portanto, que seja capaz de resolver o enigma do desejo.

No texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1971, p. 64, tradução nossa), Lacan escreve que o Outro é “o lugar de onde pode ser colocado, para ele, a questão de sua existência”.

Aqui a referência é, portanto, àquele a quem o sujeito se endereça e, inicialmente, se aliena. Ou seja, posteriormente o Outro não será materializado como semelhante e nem mesmo mais como figura da mãe imaginária. A mãe da primeira infância cai deixando uma marca. O Outro em seu caráter simbólico permite posteriormente a existência, a alteridade que se constitui como fundador do Um, do *si mesmo*. Aquele que posiciona o sujeito subjetivamente. Dito ainda de outra forma, aquele para quem é necessário produzir traços distintivos que permitam reconhecimento.

Kehl (2009a), ajuda na compreensão destes diferentes registros do Outro:

O lugar imaginário do Outro, na vida social, é ocupado por figuras de autoridade – moral, religiosa, política ou, às vezes, como e nossos dias, puramente ficcional – que emitem enunciados capazes de simular respostas ao enigma do “o que o Outro quer de mim”? Toda ordem social necessita, para se estabilizar, desses dispositivos agenciadores do desejo, em uma dimensão de desejo de desejo do Outro – o qual comparece na vida social, portanto, de um lado, sob a forma simbólica da Lei e da linguagem e, de outro, sob as formas imaginárias – herdeiras daqueles que Freud denominou de “os seres do amor” na vida infantil – que indicam aos membros de uma sociedade as condições de inclusão no laço. Na falta desses dois registros, o Outro comparece ainda no Real sob a forma da crueldade do *supereu*, como veremos tanto a respeito da clínica da Melancolia quanto a respeito das novas configurações do gozo mortífero na sociedade contemporânea. (p. 30).

Cabe esclarecer que a noção de gozo apresentada aqui, como dito anteriormente, não está ligada diretamente ao prazer ou ao usufruto. É aquela formulada por Lacan e que, por sua vez,

está articulada com o desejo inconsciente do sujeito. Quando o objeto falta, causa o desejo. Por sua vez, quando se faz presente, é o gozo que opera. Neste sentido, o chamado objeto *a*, escreve uma dupla função: como falta, será causa do desejo; como mais-de-gozar, será objeto do gozo. Embora aprofundar o estudo do conceito de gozo não seja o propósito deste trabalho, este é bastante complexo e está intimamente ligado ao de “Outro”, conforme visto.

Trata-se das diferentes modalidades de relação com a satisfação que um sujeito desejante pode experimentar, no uso de um objeto desejado. A linguagem faz com que a relação com o objeto não seja direta, imediata. Assim, gozo não é distinguível de prazer pelo fato de se misturarem, à satisfação, a espera, a frustração, a perda, o luto, a tensão, a dor. A questão da linguagem é determinante nesta situação. O gozo diz respeito ao desejo inconsciente, ultrapassando a questão dos afetos, emoções e sentimentos. Como escreve Chemama (1995), “Pelo fato de que ele fala, porque “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, como o demonstra Lacan, o gozo não pode ser concebido como satisfação de uma necessidade, trazida por um objeto que a preencheria.” (p. 90-91).

Pois bem, retomando a questão do Outro e seguindo na mesma direção apresentada por Kehl acima, para Dufour (2005) em cada época, *um* ou até mesmo *vários* Outros ocupariam o centro dos sistemas simbólicos, organizando as formas “de trabalhar, de falar, de crer, de pensar, de morar, de comer, de cantar, de contar, de amar, de morrer, etc.” (p. 39). Isto é, as possibilidades de laço social. Tem-se, portanto, o que diz respeito a posicionamentos que se transformam ao longo do tempo e podem desempenhar também a função de baliza para a compreensão dos movimentos subjetivos que se desenvolvem nas sociedades ao longo da história.

Desta forma, segundo o autor, pode-se pensar que a entrada no período se convencionou chamar de moderno seria caracterizada pela passagem da submissão de um “grande Sujeito” a vários. O Outro, até então representado pelo discurso blindado, unificador da Igreja, passou a

dar lugar a diversificadas figuras, marcando o declínio e até mesmo a falência desta. Passou a coabitar este lugar de referência não apenas o Deus monoteísta cristão, mas vários: judeu, católico ou protestante, perdeu-se a hegemonia do lugar. Sabe-se, aliás, a importante contribuição que a Reforma Protestante deu no sentido de multiplicar as possibilidades de interpretações do texto bíblico.

Além disso, novos “grandes sujeitos” surgiram dividindo o espaço da outrora referência unificada: a república, o povo, a raça, a ciência e a técnica passam também a constituir este novo espaço simbólico. Todos produzidos pela razão e pelo pensamento crítico e reflexivo que marca este, então, novo tempo denominado modernidade. Para Dufour (2005) a modernidade foi, antes de tudo, o tempo de emergência do sujeito kantiano e freudiano; um sujeito ao mesmo tempo crítico e inconsciente.

2.3 *Patriarcado, capitalismo e gênero*

Ao se escolher uma dentre as diversas possíveis portas de entrada no tema do patriarcado, será preciso resgatar a forma como o sistema capitalista começou a se organizar. Para isso, é importante então lembrar o duro golpe que o patriarcado passou a sofrer com o desmoronamento das grandes monarquias existentes, especialmente no velho continente. A organização em torno do Um, daquele que se coloca na posição de referência, começou a ser fortemente ameaçada com o final dos regimes monárquicos. Além disso, houve uma crescente insuficiência do discurso da Igreja em responder às novas demandas desse sujeito cuja interioridade psíquica passou a produzir novos enigmas.

Dufour (2005) evidencia a dificuldade que se é preciso enfrentar ao tentar estabelecer marcos temporais, capazes de delimitar questões tão amplas como estes movimentos que envolvem, entre outros, características subjetivas. Não sem uma dose de ironia, diz que para o historiador francês Fernand Braudel a modernidade teria começado em algum lugar entre 1400 e 1800. No entanto, sabe-se que a Revolução Francesa, embora seja insuficiente para materializar todas as transformações, não deixa de representar uma posição central na passagem do Estado monárquico, sustentado pelo poder divino, para o Estado laico. A política, o Estado e a ciência (especialmente a tecnologia que dela decorre – alicerce do processo industrial) estiveram na base das transformações econômicas, tornando-se capazes de desencadear novas formas de organização da produção, da economia e da própria sociedade.

Estas transformações tiveram um papel fundamental, pois foi após o regicídio que a recomposição do regime patriarcal, embora marcada por evidentes sinais de enfraquecimento, se restabeleceu. Não em seu antigo formato, mas sob novos parâmetros.

Roudinesco (2003), ao percorrer as formas de organização familiar ao longo de diversos momentos da história, indica que esta nova fase do patriarcado, desenvolvida a partir do século XIX, foi sustentada especialmente sob aspectos econômicos e de trabalho. Isto é, o poder paterno que até então se encontrava encarnado na figura maior de um Deus pai e do monarca, passou a necessitar buscar novas formas de legitimação. O fato de não haver mais *uma* verdade divina, suficiente para sustentar o lugar simbólico da monarquia, foi crucial no estabelecimento de novas formas de relação e de dominação no campo familiar, do trabalho e da produção: a figura da autoridade paterna precisou se reinventar e construir novos meios de poder e legitimação:

Longe de resultar no crepúsculo da paternidade, a abolição da monarquia gerou, na sociedade do século XIX, uma nova organização da soberania patriarcal. Reintegrado em seu poder depois de derrotado pelo regicídio de 1793, o pai da sociedade burguesa não se assemelhava mais a um Deus soberano. Acuado em um território privado, e questionado pela perda de influência da Igreja em

benefício do Estado, ele consegue porém sua dignidade perdida, tornando-se, para começar, o patriarca do empreendimento industrial (2003, p. 37).

Esta reinvenção pode ser entendida também como o “androcentrismo” que sucedeu ao teocentrismo. A partir então de uma potência que começou a dar sinais de enfraquecimento, forjaram-se novas configurações sociais capazes de sustentar essa ameaça de queda do lugar paterno. A centralização do poderio econômico na mão do pai, do chefe, mantém a mulher envolvida com outras atividades de menor valor social (especialmente as domésticas), dando um novo fôlego ao patriarcado e uma nova configuração para a atividade econômica. Transforma-se a relação do capital com o trabalho. É o começo do período conhecido como liberalismo econômico e o surgimento da figura do “patrão”. Esta sustentação, segundo Bourdieu (1999), só é possível por que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (1999, p. 18).

Como bem evidencia Bourdieu, há uma espécie de naturalização do poder simbólico masculino, de modo que sequer haveria necessidade de justificá-lo. Como consequência, há em alguma medida uma manutenção do poder patriarcal, cujos traços (mais ou menos fortes) ainda podem ser sentidos nos dias atuais.

Pois bem, em relação às mudanças ocorridas nos sistemas de produção, nesta nova fase o trabalhador artesanal deixa de dominar inteiramente os processos de fabricação. Por sua vez, passa a alienar sua força de trabalho, sua mão de obra àquele que possui o capital. Criava-se, desta forma, a figura do proletário. Este se tornou central no desenvolvimento do capitalismo, a ponto de chegar a ser considerada por Dufour (2005) como uma das múltiplas faces do Outro da modernidade.

Já no século XVIII, o filósofo Adam Smith, (considerado o “pai” do liberalismo econômico), entendia que o individualismo poderia se tornar útil para a sociedade na medida em que cada um, buscando o que é melhor para si, faria com que todos acabassem sendo beneficiados. Estes novos modos de produção deram origem à chamada Revolução Industrial, ocorrida especialmente a partir da segunda metade do século XVIII.

Foram tempos de grandes invenções no processo de mecanização da produção. A vida social e a organização do meio urbano acompanharam estas mudanças. Como consequência houve uma grande expansão da produção, uma maior concentração das pessoas no meio urbano, criando as condições necessárias para o surgimento da cultura de massa. Pela localização das fábricas, as famílias migram do campo para os centros urbanos, modificando as características da vida em comunidade.

Este arranjo econômico, no entanto, deu novo fôlego ao patriarcado. A revolução industrial impôs uma nova disciplina aos empregados, até então acostumados a trabalhar conforme seu próprio ritmo. É a partir da disciplina imposta que o "patrão", como figura paterna e como legislador no âmbito da fábrica, assume sua função central.

Tem-se então a articulação de dois elementos importantes na compreensão que está sendo construída: de um lado os primórdios de um mundo povoado por mercadorias, fruto da industrialização. De outro, a tentativa do sistema patriarcal em manter certa estabilidade na dissimetria das relações sociais, especificamente no que concerne ao poder e ao gênero das pessoas. A diferença de gênero a serviço da dominação. Era preciso meios para manter as mulheres em uma condição subalterna em relação ao homem. Situação que perduraria até a explosão da nova onda feminista, revolucionária, desencadeada somente na segunda metade do século XX.

Lacan, na década de 1950, apontava para a inconsistência do Pai simbólico decaído, insuficiente, deslocado do lugar da Verdade e incapaz de recobrir a falta. Um pai que se

mostrava fragilizado. “Pelo menos numa estrutura social como a nossa, o pai é sempre, de algum modo, um discordante relativamente à sua função, um pai carente, um pai *humilhado*, como diria Claudel”¹⁴. (1953/1987, p. 73).

A dependência à figura masculina a qual as mulheres eram (em alguns contextos ainda são) submetidas, hoje, não deixa de chamar a atenção. Fosse acompanhada do pai, do marido ou mesmo de um irmão, somente a presença masculina representava uma condição de dignidade para a mulher.

Por que, por exemplo, não poder sair à rua desacompanhada? Por que não poder votar nos pleitos? Por que, por tanto tempo, ser proibida pelos próprios pais e maridos de estudar e ter uma profissão? A naturalidade desta assimetria não deixa de causar espanto. Assim, estas perguntas só reforçam a ideia de haver, na eventual igualdade de valor entre os gêneros, algo que representasse uma grande subversão à organização social. À mulher era reservado o espaço privado, da casa, enquanto ao homem o meio social, incluindo a política e o “trabalho”¹⁵. Não se trata aqui da diferença entre os sexos, mas da diferença no valor atribuído ao gênero.

As amarras foram progressivamente se desfazendo até o ponto em que o corpo da mulher deixou de sucumbir a um real, na posição de imperativo: o ato sexual se emancipou de uma vez por todas da procriação. As diferentes técnicas contraceptivas e as legislações que regulamentam a interrupção voluntária da gestação vieram assegurar às mulheres um direito sobre seus corpos, até então inexistente.

Foi a partir da segunda metade do século XX que as mudanças passaram a andar a passos largos em diversas instâncias. Juridicamente falando, deixou de haver a figura do “chefe da

¹⁴ Lacan utilizou no Mito Individual do Neurótico (1953) a referência à trilogia do poeta Paul Claudel (O refém, O pão duro e O pai humilhado), colocando a psicanálise em diálogo com o pensamento estruturalista de Lévi-Strauss que, pouco tempo antes, havia publicado o texto “A eficácia simbólica”.

¹⁵ Há bem pouco começou a ser questionada a ideia de que trabalho é apenas aquele realizado fora de casa. Isto é, trabalho doméstico também é trabalho.

família” para o surgimento da relação co-parental, em que ambos, marido e mulher, passam a ser igualmente responsáveis pelo bem-estar da família.

Especificamente em relação ao Brasil, é importante observar a legislação a esse respeito: até o ano de 2002, o Código Civil que estava em vigor datava de 1916. Apesar deste Código de 1916 ter incorporado ao longo dos anos diversas alterações, (entre elas as previstas na lei 4.121/62 – conhecida como “Estatuto da Mulher Casada”), ainda previa em seu artigo 233, que “o marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos”. As mudanças advindas através do novo Código Civil 2002 são importantes: já no primeiro de seus mais de dois mil artigos, passou a vigorar a expressão “toda pessoa”, no lugar de “todo homem”. Na parte específica sobre o direito de família, o “pátrio poder” foi substituído pela expressão “poder familiar” e, ao invés da esposa modificar seu sobrenome pelo casamento, “qualquer um dos nubentes, querendo, poderá acrescentar ao seu o sobrenome do outro” (art. 1.565, §1º). Um acréscimo, apenas.

Mesmo sabendo-se que as leis costumam vir a reboque das práticas sociais, percebe-se o quanto estas alterações refletiram modificações na ordem familiar. A pá de terra que ajudou a sepultar de vez longos séculos de patriarcado.

Neste ponto não há outra escolha senão perceber o evidente elo entre o que se configurou como sendo o declínio do patriarcado e as transformações nas manifestações da subjetividade na contemporaneidade. Melman (2009), coloca a questão da seguinte forma:

Nossa religião e nossa cultura foram inteiramente fundadas sobre o amor ao pai. Contudo há algumas dezenas de anos, nos países ocidentais, não amamos nem respeitamos mais o pai. Isto forçosamente produziu uma mudança importante na nossa cultura. É preciso saber que com esta mudança de cultura apareceram os sintomas novos e, uma das questões que devemos tratar, é como abordá-los corretamente. (p. 223, tradução nossa).

Ao entrar neste terreno é preciso não se deixar tomar por uma espécie de tom saudosista, nostálgico, que frequentemente vem associado quando está associada uma ideia de perda, declínio, falta ou insuficiência. Muitas análises que têm sido feitas sobre esta situação não

conseguem ultrapassar a perspectiva de prejuízo em relação à transformação. E isso tem tido consequências importantes na forma de conduzir o debate, especialmente no que concerne ao campo da psicanálise. Assim, tal qual o melancólico que não consegue fazer o trabalho de luto, repetindo uma querela infundável, fruto de uma perda que julga irreparável, percebe-se especialmente através das expressões empregadas, uma espécie referência a uma situação tida como ideal perdida. Sabe-se, francamente, que esta condição ideal nunca existiu.

Ainda sobre as ideias desenvolvidas por Melman (2009), vê-se que diante das novas configurações subjetivas advindas do enfraquecimento do poder paterno, o autor procura antecipar a existência de uma espécie de retorno da sociedade ao modelo mítico. A saber, o retorno ao matriarcado. Diz o autor que

O desenvolvimento econômico atual favorece a relação do indivíduo com uma ordem lógica onde não haveria mais nenhum limite nem interdição. O desenvolvimento econômico inspira um modelo cultural que é aquele de uma satisfação sem limites, onde não se recusa nada, onde não há interdição e é bem evidente que este tipo de iniciação é mais próximo do matriarcado que do patriarcado (p. 231, tradução nossa).

Assim, se criaria uma espécie de fusão de elementos que constituem a subjetividade de uma época. Difícil precisar o que seria uma sociedade “mais próxima do matriarcado”, especialmente porque esta, enquanto forma de autoridade, não se confundiria com uma espécie de função materna, como o autor parece procurar levar a entender.

As próprias configurações familiares que hoje se estabelecem, testemunham a modificação no quadro das referências simbólicas. Talvez não seja sem razão que se fale hoje na existência de uma nova espécie de autoridade: o “filharcado”. O império da criança, autoritária e tirânica, ao mesmo tempo em que consegue concentrar todas as atenções da família. Afinal, se a referência não vem mais da tradição herdada, não é de se estranhar que os filhos, isto é, as figuras de futuro, possam passar a ser realmente determinantes.

2.4 O homem mercadoria

Considerada futilidade para muitos, preocupação estética para alguns, mera fonte de lucro para outros, a moda passou a ganhar espaço no conhecimento sociológico e mesmo filosófico nos últimos anos, constituindo-se como um material indicativo de características dos grupos humanos. Não deixa de causar surpresa pensar como o entendimento deste sistema pode contribuir para a compreensão das transformações da sociedade ao longo do tempo. Aliás, tanto na relação com o outro, mas, também, na construção que é feita do próprio sujeito (ou com o Outro, conforme visto). Isto é, o homem forja identidades, constrói os andaimes de uma representação de si também através de suas “extensões”, da vestimenta, dos acessórios que porta e dos lugares por onde circula. Efemeridades.

Há aqui referência ao fato de que a moda permite construir uma camada, uma espécie de revestimento escamoteável sobre o corpo coberto por signos para além daqueles inerentes à linguagem. Isto é, além do próprio envelopamento narcísico do corpo pela pele e pela linguagem.

O gosto pessoal, o modo de se portar, a postura, os acessórios e a roupa usada são elementos que se tornaram, na modernidade, mais do que o indicativo de uma origem social: carregado de sinais a serem decifrados, o corpo vai além da condição de mero suporte para a expressão (ostensiva) de uma personalidade, pois a constrói conforme seus adornos. Uma forma que permite se diferenciar da população massificada, seguindo, por assim dizer, a mesma tendência que as tatuagens assumiram mais recentemente: é necessário criar marcas, um traço que possibilite uma distinção, uma diferenciação não mais suficientemente

suportada apenas por meios simbólicos. Precisam ser exibidas de modo a fazer compreender o que comunicam a partir de sua estética, de seus códigos, suas marcas. Um modo de distinção perante o Outro.

No entanto, a distinção não é o único apelo da moda: o revestimento de signos permite também fugir da expressão *transparente* do interior, do estado de espírito em que o sujeito se encontra. Torna-se capaz de fabricar a estética de uma condição subjetiva que transmita a impressão desejada. Assim, os adornos ajudam a construir identidades sociais, distinguindo, individualizando, mas também protegendo ao mesmo tempo em que mostra apenas aquilo que se quer tornar público. Se hoje a ostentação das marcas (sempre visíveis) é capaz de diferenciar aquele que as utiliza (lembrando os traços de distinção da vestimenta de uma burguesia), é bem possível ir além e forjar “personalidades” que se constroem através da moda e da expressão do gosto pessoal.

Do corpo às suas extensões (roupas, acessórios, veículos, lugares, etc.), a concepção de moda enquanto transitoriedade encontra-se em total consonância com os ideais de uma sociedade que vive de sua aceleração. É preciso abrir espaço para o novo.

Assim, a necessidade do constante descarte tornou-se a outra face (não menos importante) da sociedade produtora de mercadorias; da sociedade dos excessos, dos transbordamentos e da abundância. Já que as necessidades não são satisfeitas, o consumo não pode ter fim (indicando a grande confusão que se criou entre o que é da ordem da demanda e o que é do desejo). Para que isso ocorra é preciso que os objetos tornem-se cada vez mais rapidamente obsoletos e abram novos espaços. Inicialmente foram as lâmpadas e as meias. No momento posterior, roupas, acessórios, chegando até os bens considerados “duráveis” como carros ou computadores: é preciso renovação e, conseqüentemente, que os produtos tenham seus prazos de validade cada vez mais curtos. Que se estraguem, se tornem feios ou ultrapassados.

Produziu-se assim, é possível dizer, uma completa inversão na lógica de consumo: saberes e práticas são criados de modo a estimular o consumo para que se possa dar conta da quantidade, cada vez maior, de produtos em circulação. Inversão, pois se trata então do *homem a serviço do produto*, não importando que canais de esgotamento estejam sendo produzidos: das relações, do meio ambiente, da ética ou mesmo do próprio sujeito, tomado por uma espécie de *zumbilência*, isto é, automatismo acrítico.

Assim, é possível perguntar o quê ou quem, afinal, encontra-se na condição de mercadoria? Não seriam justamente os sujeitos que teriam assumido a condição de atender ao mundo dos objetos. Sujeitados ao objeto ou ao mercado?

Lipovetsky (2005) faz uma observação bastante interessante sobre a forma como opera esta mudança, capaz de colocar *o sujeito a serviço do objeto*. O autor chama a atenção para a relação que o sujeito contemporâneo passou a estabelecer com o crédito. Isto é, para algo que é testemunhado no contexto atual principalmente no âmbito dos países chamados “emergentes”¹⁶, como o Brasil. Pois bem, Lipovetsky coloca a questão da seguinte forma:

Com a difusão em larga escala de objetos considerados até então de luxo, a moda, a mídia de massa e, principalmente, o *crédito* – cuja instituição solapa diretamente o princípio da poupança –, a moral puritana cede lugar aos valores hedonistas encorajando a gastar, a aproveitar a vida, a ceder aos impulsos: a partir da década de 50 a sociedade americana e até mesmo a europeia se tornam fortemente presas ao culto do consumismo, do ócio e do prazer (2005, p. 63-64)

Ao mostrar esta virada, esta nova forma como o homem passa a se relacionar com o crédito (e com o *limite*, pode-se acrescentar), Lipovetsky acaba abrindo uma possibilidade de pensar a condição que o sujeito contemporâneo se encontra em relação à dívida: uma figura de herança ou que se projeta.

¹⁶ Aliás, esta nomenclatura (países emergentes) faz crer igualmente na existência de países passando por situações consideradas “submergentes” na economia globalizada.

Esta inversão se mostra importante porque coloca justamente o gozo em primeiro plano, ampliando possibilidades que levam a imaginar a existência de um *mundo sem fronteiras*, parafraseando o slogan de uma multinacional da comunicação.

Retomando, o sujeito passa a valer por sua capacidade de gozar: um deslizamento que ultrapassa a ideia de “ser”, de “ter”, e articula-se profundamente com o parecer. Desta forma, como dito anteriormente, o *valor* encontra-se agora na capacidade de gozo sustentada pelo *mostrar*.

2.5 Consumo, logo sou visto. Sendo visto, existo.

Em 1967 Guy Debord publicava *La société du spectacle*. O contexto que permitiu o surgimento desta obra era único na história: encontravam-se unidos numa mesma mobilização social estudantes, operários e homens de ideias. Todos contra o imperialismo, contestando qualquer tipo de cerceamento e autoridade. Uma revolução social, cultural e política se organizava nas ruas, lutando contra tudo aquilo que representasse as instituições e os valores tradicionais. Talvez, até os dias atuais, a última grande mobilização social do mundo ocidental que encontrou eco em diversos países: na França, como imagem principal, mas também no Brasil, México, China, Tchecoslováquia, Alemanha e Itália. Cada qual com suas nuances. Utópico e lúdico, oscilando entre o lirismo e a violência, um movimento revolucionário com frases capazes de permanecer na história: “Il est interdit d’interdire” ou “Vivre sans temps mort et jouir sans entrave”, amanhecia pichado nos muros de Paris, lembrando apenas as mais marcantes.

Uma atmosfera que, sem dúvida, parece completamente estranha àquela que se vive nos dias atuais, em que a mais completa ausência de utopias coletivas, ideologias e ações políticas¹⁷ com capacidade de movimentar multidões, tornou-se regra. Apatia, efeito de um mundo descrente e carente de sonhos.

Resultado de uma consciência finalmente adquirida? Ou se trata do efeito do impacto de ver-se fazendo parte de um teatro de marionetes, enfim revelado?

Interessante observar aquilo que Debord (1997) escreve no prefácio da quarta edição italiana de seu livro: “os que desejam realmente abalar uma sociedade estabelecida devem formular uma teoria que explique de modo fundamental essa sociedade”. (p. 150).

Mais de quatro décadas depois de seu lançamento, a ideia central de sua principal obra, “Sociedade do espetáculo”, permanece atual e portadora de verdade. No entanto, o efeito obtido talvez tenha sido mais aquele de alguém que descobre que estava sonhando e fica frustrado ao acordar, do que o de pôr combustível na revolução (almejada pelo autor). Neste sentido se estaria preso aos ditames desta sociedade, de modo que o conformismo e a prostração parecem ter tomado conta da maioria, outrora revolucionária. Juventude há algum tempo deixou de ser sinônimo de rebeldia.

Assim, diz-se que a obra de Debord é “atual e portadora de verdade” acreditando que houve uma realização daquilo que surgia então como denúncia. Uma profecia que se realiza. Percebe-se o caráter de denúncia a que sua crítica se propôs, não se colocando como um espectador que apresentou o mundo tal qual o enxergava, mas de desvelamento. Mais que isso: o fez com o intuito de transformação social. Acreditava que através da construção de uma consciência libertadora, poderia contribuir para mudar o rumo da história.

¹⁷ Em julho de 2013 o Brasil acordou com movimentos sociais eclodindo em diversas cidades. Na mesma velocidade que surgiram, desapareceram. Especialmente a partir da repercussão da morte de um cinegrafista, rapidamente houve um silenciamento. Não há clareza ainda sobre o que e quem os motivou.

Já no começo, na terceira tese de seu livro, Debord (1997, p. 14) afirma que o “espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade”. Os conceitos se confundem e torna-se impossível pensar a existência de um sem o outro. Aqui o que está em jogo não diz respeito à constituição psíquica do sujeito em sua relação ao Outro, mas tão somente o fato de nossa sociedade ter se tornado um jogo de espelhos no qual a imagem assume um papel primordial. Um fazer ver que se sobrepõe ou até mesmo se opõe ao diálogo. A profusão das imagens.

Se uma das principais marcas da passagem da sociedade tradicional à modernidade foi a mudança do estatuto social, de modo que *ser* alguém, a partir da eventual nobreza de seu sobrenome, para se tornar alguém a partir do *ter*, Debord denuncia a existência então de uma nova passagem.

A fase atual, em que a vida social esta totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “*ter*” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela *não é*. (1997, p. 18).

Na maneira como Debord compreende, este novo deslizamento em direção à aparência se constituiria como uma forma de degradação. O mundo real se transforma em simples imagens, sendo o sentido da visão amplamente privilegiado. Um mundo que se faz assim, contrário à palavra. Uma tendência a “fazer ver” um real que já não pode ser tocado. Neste sentido, pode-se acrescentar: um mundo que deixa menos espaço à produção da imaginação, já que se constrói a partir de uma profusão de imagens prontas.

Imagens e fantasias *prêt-à-porter* no com a qual desde muito cedo as crianças se familiarizam. Jogos eletrônicos, televisão, computador. Sobra assim pouco espaço para criação; pouco tempo para olhar o céu e contemplar os desenhos que as nuvens calmamente vão tecendo e borrando. Pouco tempo para prestar atenção nos caminhos que as formigas percorrem no jardim ou nas folhas que secam ao vento.

Em seu pensamento de fundamento claramente marxista, Debord enxergava na espetacularização da sociedade uma perigosa forma de dominação. Para ele o espetáculo

tende a reunir aquilo que está separado, dando uma falsa visão de unificação daquilo que, na verdade, seria composto por forças distintas. O espetáculo funciona assim como um instrumento de alienação. “Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo” (1997, p. 24). Se há sempre uma tensão entre forças na sociedade, o espetáculo opera como uma forma da classe dominante silenciosamente exercer o seu poder.

Esta *reunião daquilo que está separado* remete justamente à função, para a psicanálise, que a fantasia desempenha. Neste sentido, as identidades que construídas não deixam de tentar cumprir esta função. Um esforço para nomear e dar unicidade a algo que estruturalmente se compõem de contradições. Ainda no campo da sociologia, Hall (2006), ao tratar sobre as identidades culturais na pós-modernidade, ratifica esta posição: “Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em ‘processo’, sempre ‘sendo formada’” (p. 39).

No mundo do espetáculo, fazer ver é imprescindível. “O homem reificado exhibe a prova de sua intimidade como mercadoria” (Debord, 1997, p. 45). Neste sentido, a materialidade das mercadorias contribui na criação e na sustentação da posição subjetiva de cada um. A posse dos objetos, ao mesmo tempo, é capaz de diferenciar e aproximar. Distingue, em última instância.

Cada produto específico, que deve representar a esperança de um atalho fulgurante para enfim aceder à terra prometida do consumo total é apresentado cerimoniosamente como a singularidade decisiva. (...) O objeto que era prestigioso no espetáculo torna-se vulgar na hora em que entra na casa desse consumidor, ao mesmo tempo que na casa de todos os outros. Revela tarde demais sua pobreza essencial, que lhe vem naturalmente da miséria de sua produção. (Idem, p. 46).

Assim, Debord dá a sua obra o caráter de denúncia aos mecanismos de alienação em operação na chamada sociedade do espetáculo. A emancipação desta condição, através da consciência de seus mecanismos, permitiria à sociedade uma aproximação direta com a

realidade, sem mais a mediação que constrói um mundo ficcional, dominado pela mercadoria, tal qual o próprio homem se tornou.

O discurso de Debord mostra sua atualidade no sentido daquilo que se realizou em nossa sociedade. É preciso, porém, ir além: o homem como objeto; sua transformação em mercadoria. Uma prova talvez seja o culto massivo que vem sendo rendido às celebridades. Não causa estranheza afirmar que hoje se torna celebridade não alguém que realizou algum feito que mereça ser “celebrado” pela comunidade, mas tão somente aquele que, por alguma razão (qualquer que seja), através da exposição midiática, obteve visibilidade. Na verdade, a celebridade não deixa de ser um subproduto do capitalismo que necessita de figuras para promover os produtos.

Assim, até mesmo indo além do que seria obedecer a um imperativo de perfeição ou de beleza (afinal eventualmente até mesmo o caráter grotesco – para ser ridicularizado – também pode ser válido para se destacar na multidão), uma pessoa pode se tornar “alguém”¹⁸ mediante sua exposição nos meios de comunicação de massa. É claro que uma espécie de devoção à forma perfeita e à beleza também é valorizada. Isto se encontra estreitamente ligado a outro imperativo de nossa sociedade que é o culto ao desempenho, ao resultado.

Colocando a questão em outros termos, as práticas disciplinares, nos dias atuais, operam não mais necessariamente por meio de agentes controladores, mas de maneira internalizada, através de ideais assumidos. Assim, não se torna mais fundamental a presença ostensiva de um agente de controle, disciplinador. “Ele”, o controle, se encontra hoje em toda parte, mas, também, em cada um: tanto nas revistas sobre beleza ou carros quanto nas clínicas de estética e nas academias de ginástica. Aliás, da mesma forma que no mundo dos negócios.

¹⁸ Aqui tornar-se “alguém” como Bauman (2008) define, isto é, no sentido de que a visibilidade evita aquilo que o autor chama de “morte social”.

Os ideais individualizantes de aperfeiçoamento e de superação de si ocuparam todas as brechas de uma sociedade em que causas coletivas há décadas vêm dando sinais de esgotamento. Como escreve Bauman (2008), “A coerção tem sido amplamente substituída pela estimulação, os padrões de conduta antes obrigatórios, pela sedução, o policiamento do comportamento, pela publicidade e pelas relações públicas, e a regulação normativa, pela incitação de novos desejos e necessidades” (p. 116).

Assim, torna-se celebridade aquele que conseguiu fazer de si, alguém. Alguém que conseguiu atrair os olhares para si. Da luta pelo “goze sem entraves”, passa-se para um hedonismo normalizado e administrativo, higienizado e racional (Lipovetsky, 2005). Enfim, prudente no sentido de que hoje se trata de um trabalho de autoconstrução. Ou, como escreve Ehrenberg (2010), sujeitos de uma figura de começo, que não tiveram seu lugar legado nem por herança, nem por filiação.

Esta questão da invenção de si pode ser percebida de diversas formas. Por exemplo, quando o conceito de “comunidade” é substituído pelo de “sociedade” que funciona na forma de “rede”, se está marcando uma passagem: o principal da ideia de comunidade é que se trata de uma instância *anterior* ao sujeito e continuará a existir independente mesmo de sua existência. Já o conceito de rede é consoante à ideia de inventar a si mesmo. A rede é possível ser formada a qualquer instante e, portanto, depende do *sujeito* para existir. Permite, por exemplo, que alguém seja excluído dela sem maiores sofrimentos ou embaraços. “Você” a constrói e reconfigura. As “amizades” construídas nas redes virtuais são talvez o exemplo maior. Não é preciso dar muitas explicações para aproximar ou excluir alguém das relações.

Segundo Dufour (2005), “a rede só pode confrontar cada um com a questão de sua própria fundação, deixando-o absolutamente sozinho diante de uma subjetivação que ele se encontra a assumir por ele mesmo sem necessariamente poder fazê-lo” (p. 87). Esta espécie de tentativa de auto engendramento que se vê refletida na ideia de rede, tem consequências importantes,

pois, na verdade, mostra a fragilidade sobre o qual busca uma fundação. Tal qual o Barão de Münchhausen, o sujeito pós-moderno busca escapar do pântano (loucura) puxando-se pelos próprios cabelos. Neste ponto é possível estabelecer um ponto de contato com as novas formas de sofrimento psíquico

O modelo de rede nos faz passar de um regime em que o inconsciente se manifestava de maneira prevalente pela neurose (como dívida para com o terceiro) para um modo em que ele se manifesta por formas psicotizantes (como consequência, para dizer em termos lacanianos, da forclusão do que “a religião nos ensinou a invocar como Nome do Pai).” (Dufour, 2005. p. 87-88).

Entretanto, diferente do que o autor coloca, é possível entender que não é propriamente o modelo de rede o responsável por estas novas manifestações psicopatológicas. A existência da “rede” obviamente é efeito; já aponta para uma modificação na forma de relação com o Outro. É, assim, efeito desta relação. Por outro lado, está-se de acordo que o que vem sendo reconhecido como patologias ligadas aos limites, às bordas, indicando este caminho na direção da psicose.

Então se para não sucumbir à morte social é preciso certa dose de exposição, nada mais acessível do que encontrar nas redes sociais um canal de visibilidade onde, de forma aparentemente controlada, tem-se a sensação de criar através da seleção dos gostos, relacionamentos, imagens e frases “compartilhadas”, os contornos de uma identidade pronta a ser consumida. A outra face da moeda, porém, também se revela: quanto mais o sujeito é tomado por uma necessidade de exposição, mais rápido e facilmente ele pode se sentir em falta com o ideal estabelecido. A “atualização” cobra um preço. Tornando-se palavra de ordem, é preciso um esforço constante para evitar o ultrapassamento que está sempre no enalço, lembrando o que foi referido acima com relação ao sujeito pós-moderno situado entre o excesso e o vazio. Neste sentido também, é importante entender o lugar deste “negativo” no tecido social. Maria Rita Kehl (2009a) delimita o lugar do depressivo em nosso contexto:

A depressão é a expressão de mal-estar que *faz água* e ameaça afundar a nau dos bem-adaptados ao século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo e, como já

se tornou chavão do consumo generalizado. (...) os depressivos correm o risco de ser discriminados como doentes contagiosos, portadores da má notícia da qual ninguém quer saber. (p. 22. grifos da autora).

Um dos inúmeros exemplos disponíveis sobre este “estar fora”, pode ser encontrado em um estudo publicado no final de 2011¹⁹, realizado pela Utah Valley University, no Canadá. A pesquisa, efetuada com mais de quatrocentos estudantes universitários, mostrou, primeiramente, que 95% destes passa em média mais de cinco horas diárias na rede social *Facebook*. No entanto, a constatação mais importante do estudo é que quanto mais tempo é dispensado na navegação do site, mais intensa é a sensação de que os “amigos” são mais felizes, gerando assim uma sensação de descontentamento com a própria vida. É especialmente através da visualização de fotos publicadas, em que os outros parecem frequentemente alegres, em contextos prazerosos, que a sensação de infelicidade com a própria vida se torna mais acentuada. Como bem coloca Backes (2011), “ninguém quer estar na categoria dos entristecidos” (p. 12).

Na experiência clínica psicanalítica, percebe-se que se torna cada vez mais raro receber jovens em tratamento que não tragam questões relativas ao uso das redes sociais. Assim, os resultados deste estudo traduz aquilo o que é percebido não apenas na clínica, mas no cotidiano da vida social. O estudo aponta que a exposição nas redes sociais, além de procurar apresentar aos outros uma visão fabricada, idealizada de si, é capaz de provocar, através da comparação, o sentimento de inadequação em relação ao que os “amigos” estariam vivendo. Ou seja, uma profunda sensação de que não se está “aproveitando a vida” suficientemente ou da maneira mais adequada. Que o tempo está passando, que há limites ao gozo, o que gera, ao menos, frustração.

¹⁹ “They Are Happier and Having a Better Life than I Am: The Impact of Using Facebook on Perception toward Others Lives”, publicado na revista *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*.

Esta situação remeteria, assim, a uma insuficiência do sujeito frente à demanda do Outro? Haveria, portanto, condição neurótica de culpa por não conseguir atender suas demandas? Ou, antes, neste contexto da pós-modernidade seria possível pensar que se trataria de um sujeito que oscila na gangorra narcísica *entre* a onipotência e a impotência? Entre o tudo *e* o nada?

No caminho entre o *ser*, o *ter* e o *parecer*, o sujeito assume tons de mercadoria e passa a existir dentro de uma lógica regulada pelo mercado. Um produto que necessita ser consumido para existir.

A perda de segurança é flagrante, mas é o preço a ser pago quando se vive em uma sociedade em que o laço social vem se tornando, em grande parte, operado através da mídia eletrônica. Uma sociedade que parece buscar “congelar” a subjetividade, remetendo-a a condição de imagem. Assim, escreve Kehl (2002),

Existir por intermédio da imagem torna insuportável qualquer forma de exclusão - se eu não sou visto, eu não *sou*. Diante disso, qualquer forma de alteridade se torna ameaçadora. Há quem se autorize a tirar a vida alheia ou mesmo prefira pagar com a própria vida o preço dos quinze minutos de fama e de visibilidade aos quais, supostamente, todos teríamos direito, já que a “fama” vem a ser o substituto da cidadania na cultura do narcisismo e da imagem. As formações imaginárias, e toda a indústria das comunicações que nelas se apoiam, ocupam uma grande área do que poderíamos considerar “espaço público”, no mundo atual. (p. 25).

Pensando sobre este achatamento da subjetividade à condição de imagem, não se deixa de perceber as consequências éticas implicadas nestas novas formas de relação na sociedade. Na condição de formações imaginárias, o pensamento dá lugar aos afetos, e sobre eles não é possível fundar uma ética.

Neste sentido, não ficaria deslocado aproximar o pensamento que Freud desenvolveu em *Inibições, Sintoma e Ansiedade* (1926/1986) a respeito do ganho secundário do sintoma. Neste texto Freud refere os ganhos proporcionados pelo sintoma no sentido de serem adaptativos, consoantes, portanto, às demandas do grupo social. Sintomas que acabariam entrando em harmonia com o ego.

O ego passa agora a comportar-se como se reconhecesse que o sintoma chegara para ficar e que a única coisa a fazer era aceitar a situação de bom grado, e tirar dela o máximo proveito

possível. Ele faz uma adaptação ao sintoma - a essa peça do mundo interno que é estranha a ele - assim como normalmente faz em relação ao mundo externo real. (Freud, 1926/1986, p. 121).

Logo no ano seguinte, em “O futuro de uma ilusão”, coloca a questão em termos do narcisismo do sujeito: “A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito.” (1927/1980, p.24).

Assim chega-se no ponto em que há uma identificação com o sintoma, com o “homem mercadoria”, objeto do capitalismo: subjetividade e sistema econômico completamente entrelaçados, forjando o sujeito que se coisifica, vende, *se vende* e compra tal qual um produto exposto na prateleira. Um objeto a mais no farto mercado das relações e pronto para ser consumido. Sintoma e gozo.

2.6 Contemporâneo

Do moderno ao contemporâneo: Agamben (2009), buscando definir o contemporâneo, encontra em Nietzsche as bases de seu argumento. Diz que ser contemporâneo é viver uma relação com o presente através de uma desconexão e uma dissociação. Isto é, ser contemporâneo é *não* estar completamente alinhado com seu tempo; tomado por ele. É não aderir demasiadamente a seu tempo a ponto de perder a capacidade de apreendê-lo. Trata-se, para o autor, de:

Uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância. Mais precisamente essa é *a relação com o tempo que a este adere através da dissociação e um anacronismo*” (p. 59, grifo do autor).

Neste sentido, defende, a revolução não estaria mais na capacidade de poder mudar o mundo, mas sim em *transformar a relação* que o homem estabelece com o tempo²⁰. Modernidade e pós-modernidade se trataria então, antes de tudo, de formas distintas de pensar a relação do homem com seu tempo.

Não é tarefa fácil construir uma definição de contemporâneo e muito menos saber em que condição o homem se encontra. O termo é habitualmente utilizado para referir aquilo que caracteriza o contexto social *atual* a partir das rápidas e recentes transformações experimentadas nos diversos campos da atividade humana.

Sobre as mudanças, é preciso observar aquilo que diz respeito às identidades (culturais e psicológicas), à sociabilidade (vínculos, relações virtuais, redes) e às articulações entre o local e global. Modificações sem dúvida impulsionadas pelas novas tecnologias e com fortes consequências nos modos de experienciar as temporalidades. Assim, Kehl (2002) diz que “as sociedades modernas têm na liberdade, na autonomia individual e na valorização narcísica do indivíduo seus grandes ideais, pilares de novos modos de alienação, orientados para o gozo e para o consumo” (p. 13).

Avançando um pouco mais na questão do tempo, Charles (2004) analisa as mudanças ocorridas desde o fim da sociedade tradicional até os tempos atuais, escrevendo que “o que mudou principalmente foi o ambiente social e a relação com o presente. A degradação do mundo da tradição é vivida não mais sob o regime da emancipação, e sim sob o da tensão nervosa” (p. 28). Em apenas duas frases o autor foi capaz de sintetizar três momentos distintos: aquele das sociedades tradicionais, o das modernas e a pós-modernidade. Degradação, emancipação e tensão.

²⁰ A questão das possibilidades de relação que o sujeito estabelece com o tempo será retomada no capítulo “4. Experiência e vivência no mundo acelerado”.

Ainda, voltando aos passos propostos por Agamben, pode-se procurar estender o conceito de contemporâneo e compreender que não se trata apenas de uma relação com o tempo cronológico, aquele do relógio ou do calendário, mas com o tempo enquanto categoria filosófica. O *entre* inapreensível: quando se pensa em apreendê-lo, já se tornou passado “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (2009, p. 62).

Em outra passagem, Agamben (2007) remete à figura do deus latino a quem o homem é confiado no momento em que nasce: *Genius* se consolida como uma espécie de destino, de simbólico que transcende a consciência individual.

Mas a parte impessoal e não identificada não é um passado cronológico que uma vez por todas deixamos para trás, e que podemos eventualmente chamar de volta com a memória; ela está presente até agora, em nós e conosco e junto de nós, no bem e no mal, inseparável. (...) Por isso, o aniversário não pode ser a comemoração de um dia passado, mas, como toda verdadeira festa, abolição do tempo, epifania e presença de *Genius*. É essa presença inaproximável que impede que nos fechemos em uma identidade substancial, é *Genius* que rompe com a pretensão do Eu de bastar-se a si mesmo. (2007, p. 16-17).

Desta forma, estar no mundo com uma espécie de olhos de turista, aponta para uma condição nem tão adesiva ao tempo. Mesmo que sem necessariamente se deslocar no plano físico, é possível “habitar” novos mundos nas incontáveis possibilidades inauguradas pela virtualidade. Será que aí se localiza a figura do sujeito contemporâneo? Um habitante do mundo virtual que confere certa materialidade à fantasia? Dá-lhe contornos de realidade?

Aubert (2008) na tentativa de apreensão do sujeito na contemporaneidade, fala de uma polarização pós-moderna. De um lado excesso e de outro vazio:

Neste sentido, o excesso não é sustentado, mas buscado. Ao adotar comportamentos marcados pelo excesso – quer seja pelo excesso de atividade, de consumo ou de gozo – ou se destruindo nas condutas ditas “de risco”, - álcool, toxicomania, esportes radicais – se trata de tornar cada instante tão intenso quanto possível, e assim poder repousar em um dos raros limites que ainda restam, o corpo. (...) Mas o indivíduo “em excesso”, para utilizar os termos de Robert Castel, constitui somente um dos polos do individualismo contemporâneo. Na outra extremidade, “o indivíduo falho” perde sua identidade em termos de falta. (2008, p. 30-31).

Depara-se aqui mais uma vez com a ideia de um sujeito que se organiza não por uma identidade fixa, sustentada ao longo da vida, mas por alguém que se produz entre um “tudo” e um “nada”. Assim como as mercadorias, cujo valor já não se sabe qual é (sabe-se apenas o preço), o sujeito contemporâneo assume condição semelhante: entre os extremos, perde sua própria medida²¹.

É entre o pleno e o vazio que o sujeito contemporâneo pode ser localizado. Um sujeito cuja sustentação parece estar intimamente ligada a suas condições de gozo. Uma estrutura tão delicada que uma mínima fissura tem efeito devastador. Contentamo-nos com a ideia de que a falta de medida, ser *e* não ser, estar *e* não estar, seja física ou virtualmente, caracteriza o que se denomina de sujeito contemporâneo. Um fenômeno que, acredita-se, toma de forma particular aqueles cuja sexuação se deu do lado masculino em virtude de sua relação com o falo.

Trata-se deste “entre” que nos possibilita defini-lo enquanto atual e ao mesmo tempo inapreensível. Insuportavelmente leve. No mundo acelerado, em que tudo passa rapidamente, o que seria passível de manter a capacidade de permanência? O que, senão o próprio sujeito, incompleto e desejante, porém escravizado pelas possibilidades do gozo?

Inversamente, portanto, hoje o que estabelece os contornos do que permanece é a própria fluidez, numa lógica semelhante à cartesiana na medida em que colocava o indivíduo no primeiro plano e fundava a modernidade. Ao submeter todas as ideias ao método da dúvida, apenas o que se sustentava era aquele que duvidava; o ser em sua condição *duvidante*. Porém, se na lógica cartesiana esta delimitação no indivíduo se estabelece pelo *cogito*, hoje é possível pensar que se trata do *sujeito* recebendo seus contornos pelo *gozo*. Gozo, logo sou.

²¹ Esta questão será retomada a propósito do narcisismo.

3. Configurações familiares

Apesar da ideia de família ter mudado significativamente nas últimas décadas, ainda é bastante frequente chegarem queixas aos consultórios de psicanalistas de pessoas que se sentem incapazes de conseguir constituir uma família. Família, da forma como é entendida, está referenciada a um modelo que, fundamentalmente, reúne um casal e filhos em relativa harmonia. Homens ou mulheres, casados ou solteiros, queixam-se das mazelas que passam ao tentar encontrar alguém para compartilhar a vida. Pais reclamam de filhos e estes dos pais. Casais separados culpam-se por não proporcionar um modelo de família que julgam ideal para os filhos. Solteiros querem adotar, constituir família, ainda que sem a formação de um par.

A família nuclear considerada “normal”, patriarcal e monogâmica, que predominou no ocidente nos últimos dois séculos perdeu espaço. As forças coercitivas que eram capazes de fazer com que muitos casamentos ocorressem e não fossem desfeitos, perdeu intensidade.

Apesar das mudanças sociais, a família “ideal” continua a existir enquanto horizonte buscado. Não apenas nas propagandas de televisão, mas no imaginário da sociedade. Kehl (2003) diz que

No ocidente, a família que foi duramente criticada e questionada pelos movimentos de contestação dos anos 1960, em nome das liberdades sexuais, dos direitos dos homossexuais, das reivindicações feministas e dos movimentos de jovens, hoje tem sido revalorizada pelos próprios grupos marginais que a contestavam. Pares homossexuais reivindicam o casamento institucional; solteiros de ambos os sexos lutam pelo direito de adotar crianças e constituir uma família “normal”. A família mudou, mudaram os papéis familiares, mas não foi substituída por outra forma de organização molecular.

Como ocorre com todos os bens sujeitos à escassez, parece que hoje a família nuclear em vias de extinção tem sido mais valorizada e idealizada do que nunca, criando uma dívida permanente e impagável que pesa sobre os membros das famílias que se desviam do antigo modelo. A indústria cultural se alimenta dessas idealizações. A dramaturgia popular, veiculada pelo cinema e pela televisão, apela constantemente para a restauração da família ideal, ao mesmo tempo em que vende sabonetes, marcas de margarina e conjuntos estofados para compor o cenário da perfeita felicidade doméstica. (2003, s/p).

Este parece ser o retrato da atualidade: de um lado um modelo que permanece idealizado, como sendo uma forma idílica de ser feliz e, de outro, uma enorme dificuldade vivenciada no

dia-a-dia em se conseguir criar os meios para que isto ocorra. Encontrar o par perfeito e viver feliz com esta pessoa é ainda um sonho, uma fantasia. No entanto, aceitar as restrições que este sonho impõe, exige abnegação a que poucos estão dispostos. A forma como o homem contemporâneo vê a si mesmo não lhe permite colocar-se em segundo plano, isto é, abrir mão de *sua* felicidade quando esta encontra frustração junto do par escolhido. Inflação do Eu? Assim, está instaurado uma das formas de sofrimento na atualidade.

3.1 *Vínculo e desamparo na atualidade*

Liberdade na vida é ter um amor para se prender.
F. Carpinejar²²

A família nuclear constituiu-se como central na forma de organização social ocidental. Mais que isso, é onde ocorrem os primeiros espaços de subjetivação do sujeito cujas configurações mantêm uma correlação com aquilo que se manifesta como mal-estar na sociedade.

Um clássico do cinema norte-americano da década de 1950, “Rebel without a cause” (lançado no Brasil com o título de Juventude transviada), conta a história do jovem Jim Stark (interpretado pelo ator James Dean²³). Garoto problema, criador de confusão, um dia é preso por embriaguez e desordem. Levado ao distrito policial (que, aliás, mais se parece com uma clínica para tratar problemas familiares), vê Judy (Natalie Wood), uma jovem que está revoltada com o pai que a chamou de vagabunda por haver se maquiado. Após Jim ser libertado, ao tentar se aproximar de Judy, cria um desentendimento com o namorado dela,

²² <http://carpinejar.blogspot.com.br>. Acesso em 04/06/2012.

²³ O ator morreu no mesmo ano, vítima de um acidente de carro. Os outros dois protagonistas do filme, Natalie Wood e Sal Mineo tiveram igualmente mortes precoces e trágicas.

líder de uma gangue da escola. Esta rivalidade terá consequências trágicas, pois, levará à morte tanto o namorado de Judy como o único amigo de Jim, “Platão”.

O cenário que compõe este filme pode ajudar na compreensão do contexto vivenciado no pós-guerra por uma juventude que via os valores e as certezas da geração anterior se desmoronando. Na verdade, os qualificativos “sem causa” ou “transviada”, são expressões que deixam escapar aquilo que pode ser considerado o essencial na questão: o mal-estar vivido por uma juventude impactada com o momento que testemunhava. Antes de tudo, era do espírito de revolta, do choque e da necessidade de reparação de valores que tratava o filme.

Havia sim causa. O personagem Jim luta justamente diante da queda do poder paterno, materializado na frágil figura do pai feminilizado, sujeitado à autoridade da esposa e vestindo avental com babados sobre o terno: um pai castrado; um pai de saias! Jim conclama o pai que não responde. Pede que a polícia o detenha, mas também não tem sucesso. Enfim, pede para ser responsabilizado pelo que considera seu ato que levou o rival à morte. De uma forma geral, o filme mostra figuras de autoridade frágeis e incoerentes: “Pai, diga para ela, quero ouvir você dizer... Pai me defenda”, suplica Jim, recebendo um silêncio como resposta.

No contexto em que a autoridade mostra sua fragilidade, vê-se brotar a imagem do contestador, daquele que não quer se submeter à ruína iminente e se revolta, luta, faz oposição. Sabemos que quando a autoridade falha, o que sobra é o totalitarismo, a igualdade ou a coerção. Por outro lado, sabe-se que foi nesta mesma sociedade que paralelamente desenhou-se a saída pelo “american way of life”: estilo de vida tido como livre, mas consumista e adaptado ao emergente mercado.

Vê-se neste cenário a expressão de uma forma de organização familiar em vias de fracassar e a tentativa, “rebelde”, desastrada, de mantê-la, pedindo que a lei não se afaste de seu lugar. Haveria causa mais nobre para se rebelar?

Lacan (1938/1987), em seu texto dedicado a estudar os complexos familiares, trazendo na época o quinhão estruturalista para a psicanálise, fala do lugar central que a organização familiar ocupa. Observa especialmente a questão do poder e da lei (autoridade e interdição) que se estabelece entre as gerações, constituindo o que nomeia de uma trama psicológica. Neste sentido, na medida em que:

[...] os modos de organização dessa autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos da descendência e do parentesco que a ela estão unidos, as leis da herança e da sucessão que aí se combinam, enfim, suas relações íntimas como as leis do casamento – obscurecem e embaralham as relações psicológicas. (1938/1987, p. 12).

A transformação de valores que incidem sobre a organização familiar acaba por dizer, necessariamente, da forma como se organiza o laço social. Assim, conseqüentemente, quando se refere mudanças nos valores, nos ideais de uma sociedade, está sendo feita menção a modificações no estatuto do Outro social, aquele que nos situa e nos posiciona subjetivamente, conforme visto anteriormente. Deste modo, as modificações nesta instância que é tomada como referência sobre si mesmo, desde onde o sujeito se situa subjetivamente, abrirão a possibilidade de transformações na dinâmica familiar.

Uma observação deve ser feita: conforme visto, o *sujeito* assim como o *social* não constituem polos opostos. O social é o sujeito e vice-versa. Neste sentido, além do que já abordado sobre este tema, pode ser acrescentada a compreensão de Gaulejac (2011):

Assim, a noção de sujeito se inscreve numa dupla determinação social e psíquica. Se o indivíduo é produto de uma história, esta história condensa, por um lado, o conjunto dos fatores históricos que intervêm no processo de socialização e, por outro lado, o conjunto de fatores intrapsíquicos que contribuem para o desenvolvimento da pessoa (2011, p. 995, tradução nossa).

A nova composição familiar, herdeira de um patriarcado decadente, mostrando as novas faces do Outro, promovem transformações nas configurações da subjetividade e, conseqüentemente, nos sujeitos de um novo tempo. Sujeito, família e sociedade são mais do que instâncias que se relacionam: são interdependentes. Então, as transformações que vêm

sendo gestadas na estrutura familiar nos últimos séculos, guardam uma relação íntima com o enfraquecimento do patriarcado.

Zizek (2006) apresenta sua versão para aquilo que considera estar ocorrendo com a família nos dias atuais:

Sinto-me tentado a arriscar a hipótese de que hoje, no capitalismo tardio, o modelo hegemônico já não é a família patriarcal com filhos, mas antes, o casal contratual. O filho já não é um complemento que completa a família transformando-a num todo harmonioso, mas um suplemento perturbador que deve ser posto de lado o mais rapidamente possível. (2006, p. 270)

Quando se diz da existência de novas configurações familiares, referem-se especialmente os casos que vêm se tornando cada vez mais comuns, deixando de constituir propriamente uma exceção no tecido social. Assim, para além dos núcleos familiares classicamente constituídos, isto é, casal heterossexual e filhos, há as famílias monoparentais, mas também aquelas cujo “chefe” ou “cabeça” é a mãe. Não somente: famílias que se estabelecem a partir da formação de casais por homossexuais que passaram, juridicamente, a ter o direito à adoção de filhos e constituir um modelo de família.

É certo também que, embora o ideal de família fosse concebido sob uma determinada formatação, o imponderável da vida sempre tratou imprimir novas necessidades. São recorrentes as histórias fora daquilo que retratava o quadro da família ideal. A questão, no entanto, que faz hoje toda a diferença, é que se tratava de arranjos que costumeiramente eram mascarados, vividos com vergonha e geradores de segredos inconfessáveis. Situações conflituosas, não assumidas justamente por estarem em desconformidade com os valores vigentes.

Para ilustrar este tipo de situação, podemos recorrer a um exemplo da literatura “autoficcional” (segundo classificação formulada pela própria autora). Esta situação, narrada em primeira pessoa, possibilita um mergulho nesta atmosfera dos mistérios familiares jamais ditos:

Minha avó não tinha abandonado só a minha mãe quando era pequeninha. Quase vinte anos depois ela engravidou de um caminhoneiro que mal conhecia e, de novo, quis dar o filho para

alguém criar. Minha mãe não deixou. Ela falou com meu pai e os dois, recém-casados, ainda sem filhos, resolveram adotar meu irmão. Minha mãe só fez uma exigência: que fosse dentro da lei, que ela tivesse a guarda definitiva. E assim foi. Com meses de vida, meu irmão passou a ser primogênito de meus pais. O xodozinho da minha mãe. (Guerreiro, 2012, p. 87).

Interessante observar que o fato da adoção, uma vez revelado, não modificou o estatuto simbólico da relação. Isto pode ser observado na medida em que a irmã, narradora do acontecimento, trata de como o *irmão* chegou à família. No contexto, a “verdade” é revelada pela própria avó/mãe em um jantar, criando uma situação de irrealidade para o adolescente que, até então, nada suspeitava sobre as condições de sua origem. A história tem desdobramentos interessantes, pois vai exigir de cada personagem/sujeito, a construção de saídas para os impasses surgidos.

3.2 *Novas configurações familiares*

Os novos arranjos familiares, isto é, o declínio da família patriarcal, monogâmica, é contemporâneo à emancipação da mulher na sociedade. Assim, sua entrada no mercado de trabalho, a contracepção, os direitos no campo jurídico e político possibilitaram à mulher uma nova condição na sociedade e, conseqüentemente, na família.

Com métodos contraceptivos mais modernos e eficazes, separando sexo de procriação, a virgindade também teve seu valor abalado. Independente, financeira e emocionalmente, a mulher da segunda metade do XX descobre que o casamento pode ser desfeito sem que isto condene sua reputação. Aliás, o ciclo casamento, filho, separação é cada vez mais curto. Ninguém mais quer permanecer em um casamento aborrecido, sem amor, prazer e cumplicidade. O terreno erótico no qual brota o novo casamento está longe de proporcionar a mesma estabilidade dos valores passados. Hoje, escreve Kehl (2003):

A sociedade contemporânea, regida acima de tudo por leis de mercado que disseminam imperativos de bem estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos, só reconhece o amor e a realização sexual como fundamentos legítimos das uniões conjugais. A liberdade de escolha que esta mudança moral proporciona, a possibilidade (real) de se tentar corrigir um sem número de vezes o próprio destino, cobram seu preço em desamparo e mal estar. O desamparo se faz sentir porque a família deixou de ser uma sólida instituição para se transformar num agrupamento circunstancial e precário, regido pela lei menos confiável entre os humanos: a lei dos afetos e dos impulsos sexuais. O mal estar vem da dívida que nos cobramos ao comparar a família que conseguimos improvisar com a família que nos ofereceram nossos pais. (2003, s/p).

A autora ainda enfatiza que, na atualidade, o modelo de família do século XIX só pode ser sustentado devido a grandes renúncias e infelicidade de seus membros.

Portanto, as novas possibilidades de arranjos familiares não devem ser localizadas apenas a partir das modificações ocorridas pelo enfraquecimento do poder patriarcal ou das mudanças no sistema econômico. A emancipação da mulher foi decisiva para o reordenamento do espaço privado da família.

As novas possibilidades oferecidas pela ciência reprodutiva fizeram com que a fecundação deixasse de ser necessariamente produto de um encontro sexual. Além disso, há pelo menos um desdobramento a mais sobre esta questão: fecundações feitas com o auxílio da medicina contam, frequentemente, com o envolvimento de outras instâncias: bancos de esperma, barrigas de aluguel, fertilização *in vitro*, e tantas outras possibilidades que a cada dia são apresentadas. Uma das principais consequências destas novas possibilidades é que, com uma frequência cada vez maior, são encontrados sujeitos que se colocam perguntas sobre a legitimidade do lugar que ocupam. Isto terá importante consequência sobre a demarcação da diferença sexual e geracional no meio social.

Com as novas tecnologias a segurança da filiação não necessariamente se dá mais pela palavra, pelo reconhecimento. Aliás, sequer se sustenta como condição. Ou seja, não é condição que seja sustentada simbolicamente. Os exames de paternidade com os recursos de pesquisa genética hoje funcionam como determinantes da paternidade, pretendendo dissipar, a princípio, todo e qualquer questionamento sobre as origens do sujeito.

Jerusalinsky (2000) nos apresenta um caso clínico que bem mostra este tipo de situação: os pais de um menino próximo de completar quatro anos e que se encontra à beira de uma psicose, procuram o psicanalista. Pelo que descreve, na ocasião da primeira entrevista os pais se olham, trocam algumas frases sobre quem deve começar a falar e concordam que, já que foram até aquele ponto, *precisarão* dizer a verdade. O pai toma a frente e sentencia: “ele não é meu filho”. Ao que a mãe, surpresa com a afirmação escutada, de imediato o interroga: “como não?”. O pai então responde: “bom, acontece que ele é filho de um banco de esperma” (p. 38).

3.3 *Legitimidades*

Vagando à deriva, esvaziados das amarras sustentadas pelo laço simbólico, frequentemente se acaba demandando ao saber jurídico (especificamente aquele concernente à bioética), as balizas que deem segurança para delimitar fronteiras nessa organização social.

A questão certamente não é nova: já no início da década de 60 do século XX, no campo da psicanálise, Françoise Dolto (2007) sistematizava a problemática ligada ao que chamava de “desagregação das estruturas tradicionais”. Nota-se então que há mais de meio século já foi possível a Dolto formular aquilo que se tornou queixa comum na atualidade:

Os pais já não têm prestígio e sua autoridade é sentida como um autoritarismo. Pertencer a uma família já não traz, como antigamente, um sentimento de segurança. Esse fato pareceu-me muitas vezes ligado a uma menor inserção da família num âmbito preexistente. (2007, p. 30).

Com os novos arranjos familiares, o lugar da autoridade exercida pelos pais pode ser mais facilmente ameaçado, na medida em que a legitimidade passa a ser questionada por todos, inclusive por quem deve desempenhar. Assim, tornaram-se corriqueiras as situações em que, por exemplo, o filho de um primeiro casamento da mãe, recusa a autoridade do padrasto: “você não é meu pai para mandar em mim”. Da mesma forma, não é difícil ver gerado um

sentimento de impostura por parte deste pai “posticho”, especialmente se a autorização não vier daquela que outorgaria este lugar: o filho é da mãe. Por sua vez o pai, no sentido biológico, muitas vezes pela falta de convívio cotidiano que eventualmente tenha com o filho, sentir-se-ia fora de condições para exercer a função reguladora. Ao padrasto, então enfraquecido pela falta de legitimidade de seu lugar, não restaria mais do que a fragilidade de uma função de remendo ou figura. Qual o legítimo lugar de cada um? Qual é mesmo o lugar dos próprios filhos diante destes novos e frequentes papéis? Na verdade, o que é ser filho?

Situação que hoje está longe de se constituir como exceção e se apresenta com grande frequência nos consultórios de diversas especialidades.

Enfim, tem-se aí um enredo absolutamente frequente, capaz de ilustrar o quanto podem ser embaraçosas situações deste tipo quando se trata da efetividade no exercício de uma função. Exige, no mínimo, que se esteja à vontade na função ao preço de não ser mais do que uma marionete. O exercício da autoridade exige legitimidade para que não se torne nulo, autoritário ou coercitivo.

Assim, até mesmo independente de se estar no campo das novas configurações subjetivas, dos novos arranjos familiares, educar parece ter se tornado uma tarefa bastante difícil e até mesmo ingrata aos pais que, em última instância, encontram-se mais em posição de ter que conquistar a amizade de seus filhos. Pais por vezes invasores ou esquecendo que precisam demarcar a fundamental distinção entre as gerações.

Em relação às novas configurações familiares há outro ponto que necessita ser observado. Trata-se da adolescência sendo uma espécie de *estilo de vida*. Esta vem se constituindo como ideal da sociedade urbana, tributária de valores que parecem encarnados nestes sujeitos que, sem ter as obrigações e o peso de uma vida “adulta”, uma vida cheia de sacrifícios e concessões, sentem-se aptos a exercer sua autonomia. A este respeito, Kehl (2002) diz que,

[...] as alterações de comportamento que se estabeleceram na Europa e nas Américas depois da primeira “globalização”, possibilitada pela expansão da indústria cultural na década de 1960: queda

de tabus sobre a vida sexual, mudanças na estrutura autoritária das escolas, produção de atitudes em público radicalmente diferentes das que nos haviam sido impostas até então. Uma nova formação social - os “jovens”, categoria produzida pela indústria cultural - criou seu código próprio e o impôs ao resto da sociedade. (2002, p. 19).

A condição de jovem passou a operar como uma espécie de permissão para o livre exercício das mais diversas experiências, sem o peso das obrigações, sem a imposição de restrições morais. Se o jovem perdeu a possibilidade de se rebelar (afinal, o que é transgressão hoje?) ou contestar o sistema (tão própria ao longo de décadas passadas), transformou-se agora na ideia de alguém livre, repleto de sonhos e com a sensação de que todos os caminhos estão em aberto, tudo pode acontecer. Não há o que contestar: ser jovem é antes de tudo ser belo, saudável, sexualmente interessante e poder gozar livremente. A vida adulta implica em concessões, adaptações e restrições. Até mesmo dos sonhos.

Desta forma, pode-se dizer que também os pais acabam sendo tomados pelos ideais que seus filhos encarnam, comprometendo, em muitos casos, a demarcação, o intervalo fundamental entre as gerações. Gostos, moda, interesses são partilhados por todos. Trata-se de adolescentes cujos pais buscam, também, sentirem-se adolescentes, conforme Backes (2011).

Esta horizontalidade nas relações, enfraquecimento da marca que define as gerações, acaba por criar uma espécie de emparelhamento, de igualdade cujas consequências deixam suas marcas. Como dito anteriormente, sem autoridade simbólica, resta o totalitarismo, a igualdade ou a coerção. O preço a ser pago não é outro senão o do enfraquecimento do mundo simbólico. “Eis uma geração que não se assume mais como tal diante dos recém-vindos” (Dufour, 2005, p. 138).

Tradicionalmente a diferença geracional por si mesma seria suficiente para assegurar o lugar da autoridade. No entanto, na medida em que se vive uma relação de espelhamentos, repleta de pequenos outros, acaba-se por borrar, obliterar a demarcação do intervalo entre as gerações. Então, se a autoridade poderia ser legitimada pela diferença geracional, na medida em que há este apagamento, contribui-se com o enfraquecimento do campo simbólico das

futuras gerações. Se não faltar em quantidade, será em qualidade; adultos que possibilitem identificações estruturantes aos jovens.

Em parte, o sofrimento decorrente da busca por modelos familiares que permitam viver em liberdade e realizar a fantasia do encontro, se dá devido à ausência ou omissão daqueles que deveriam ocupar os lugares de pai e mãe, independente da configuração que as famílias tenham assumido. A família só perde seu valor se aquilo que é importante, que é ensinado em seu interior não encontra ressonância no espaço público.

Atrelada à questão da demarcação do espaço das diferentes gerações, temos aquelas trazidas pelas novas possibilidades identitárias. A identidade sociológica estável, bem definida e vivida como segurança daquilo que somos (isto é, com certa permanência), dá lugar às múltiplas possibilidades de ser, mostrando o desconforto que significa o *um* em detrimento do *múltiplo*.

Seguindo ainda uma abordagem sociológica, Hall (2006) estabelece três concepções distintas do que denomina de identidade cultural, vivenciadas em torno da modernidade pelo homem ocidental: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno.

O primeiro seria o sujeito da razão, capaz de manter uma identidade centrada e única ao longo de toda sua existência. O que define como sujeito sociológico seria o fato de reconhecer que seu interior lhe é desconhecido, abrindo a dúvida sobre sua autonomia e autossuficiência. Algo que poderia ser formulado utilizando-se a ideia de Freud ao dizer que o ego não é senhor em sua própria casa. Por fim, o sujeito da pós-modernidade (que Hall não chega a distingui-lo em relação ao que seria o da modernidade tardia, utilizando os termos como sinônimos) é aquele das múltiplas identidades (inclusive contraditórias) que evidenciam um sujeito em que faltaria um “eu” coerente: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (2006, p. 13), afirma Hall, concordando com aquilo que a psicanálise há muito já disse.

A problemática da identidade sexual merece destaque. Neste sentido, Lipovetsky (2005) coloca a questão trazendo para o primeiro plano a construção das identidades de gênero na pós-modernidade:

O masculino e o feminino se confundem, perdem suas características antes bem demarcadas; o homossexualismo, agora de massa, já começa a deixar de ser considerado uma perversão, todas as sexualidades, ou quase todas, são admitidas e formam combinações inéditas; o comportamento dos jovens e dos menos jovens tende a se aproximar, em alguns decênios, estes se reciclaram, com uma velocidade impressionante, ao culto da juventude, à era psi, à educação permissiva, ao divórcio, às atitudes descontraídas, aos seios nus, aos jogos e esportes, à ética hedonista. (2005, p. 86).

Vemos, assim, não somente questões ligadas ao esfumaçamento das identidades de gênero, mas, também, no apagamento do intervalo geracional aquilo que se constituiu como crucial ao sujeito da modernidade: o complexo edípico. Neste caso, não seria possível afirmar que as duas grandes questões que sobre o qual o Édipo é edificado, estariam em crise? Pois, não é exatamente sobre a diferença sexual e a diferença geracional que se organiza a problemática edípica, um dos pilares sobre o qual se construiu o sujeito da modernidade? A necessidade de definição de uma identidade sexual não tem mais os contornos drásticos, trágicos de outros tempos, podendo qualquer caminho se mostrar válido.

Sabemos, como Dufour (2005) coloca, que: “Com efeito, cada um deve ao menos lidar com estes dois fatos de natureza – ter nascido da geração precedente e ter nascido menino ou menina – a fim de encontrar seu lugar na aventura humana e assumir seu destino”. (p. 152). Para a instalação das bordas que marcam estas diferenças, em ambas as situações a função paterna será crucial. No entanto, para que isso ocorra, a figura do Outro precisa estar em condições de operar. Precisa poder exercer sua função simbólica.

3.4 Desamparo, medicalização e ideais

A partir de uma perspectiva psicanalítica, em suas diversas escolas, a falta, carência ou desamparo se constitui como condição da própria subjetivação do sujeito. A ideia mesmo de complexo familiar apresentada por Lacan (1938/1987) o situa a partir do papel organizador que desempenha no desenvolvimento psíquico: “os complexos, no entanto, demonstraram desempenhar um papel de “organizadores” no desenvolvimento psíquico” (p. 22). Lacan neste momento estava introduzindo a questão do complexo do desmame, mostrando-o como algo que interrompe um traço da relação biológica entre mãe e bebê. Ou seja, é do conflito que emerge o sujeito.

Que a falta seja parte da subjetivação do sujeito, estamos plenamente de acordo e sequer nos estenderemos nesse tema. A questão, porém, é que se para a constituição psíquica, isto é, para a subjetivação o desamparo é condição, perguntamos junto com Savietto (2010): “dada a fragilidade da ordem simbólica no contexto cultural e familiar da contemporaneidade, não tenderia o estado de desamparo a se impor de modo exacerbado na vida psíquica?”.

As diversas formas de lidar com aquilo que se coloca como faltante ao sujeito terão consequências distintas. Percebe-se que na contemporaneidade o sofrimento assumiu tons puramente negativos. Na “ética” hedonista, o sofrimento deve ser banido a qualquer custo. Sofrimento, mal-estar, tornaram-se distúrbios que devem ser tratados. São diversos os episódios da experiência humana que foram incorporados no leque das psicopatologias. Um exemplo da psicopatologização está amplamente presente nos manuais de padronização de comportamentos, incorporado e aceito pelo discurso social. Diz respeito à dificuldade de se manter a atenção focada, associado, algumas vezes, a um comportamento considerado hiperativo. São as crianças o principal alvo (mas não somente).

A fim de ajustar comportamentos, o uso de substâncias adaptativas, especialmente as que têm por base o *metilfenidato*, vêm sendo amplamente empregadas. No Brasil, está na fórmula do medicamento comercializado sob o nome de *Ritalina*. Sintetizada na década de 1940 na Suíça, passou a ser utilizada na década seguinte nos Estados Unidos como psicoestimulante leve. No Brasil começou a ser comercializado somente no início da década de 1980.

Pois bem, a *Ritalina* é hoje o psicoestimulante mais utilizado no mundo. Mais que a soma de todas as outras drogas estimulantes. Segundo pode ser observado em relatórios produzidos pela Organização das Nações Unidas sobre produção de psicotrópicos (The International Narcotics Control Board), a produção mundial de sua substância base, o metilfenidato, em 1990 somava 2,8 toneladas. No entanto, no relatório apresentado em 2010²⁴ com os dados relativos ao ano de 2009, a produção mundial da substância já alcançava mais de 43 toneladas. No que diz respeito especificamente ao Brasil, embora tenha havido certa diminuição em sua fabricação²⁵, em apenas quatro anos a importação de metilfenidato foi multiplicada em aproximadamente sete vezes, passando de 133 para 919 kg. Em 2009 foi consumido no país dois milhões de caixas da droga, contra setenta mil no ano 2000. A população brasileira consome menos apenas que a dos Estados Unidos.

Informações mais recentes apontam um aumento de cerca de 50% na venda de medicamentos à base de cloridrato de metilfenidato no Brasil entre 2008 e 2012. Segundo números da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgados no início de 2013, o consumo do medicamento metilfenidato aumentou 75% entre crianças com idade entre seis e dezesseis anos. Os dados foram coletados a partir dos registros do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados da Agência. Em 2009, foram vendidas 156.623.848 mg do medicamento. Já em 2011, o mercado atingiu um montante de 413.383.916 mg do

²⁴ http://www.incb.org/pdf/technical-reports/psychotropics/2010/Psychotropic_Substances_Publication_2010.pdf Acesso em 03/01/2012.

²⁵ Na comparação entre os anos de 2005 e 2009 houve, no Brasil, uma redução na produção de Metilfenidato de 167 para 111 kg.

produto. O boletim aponta ainda que, em 2011, foram comercializadas 1.212.850 caixas de Ritalina nas farmácias do país. Esse número representa uma alta de 28,2 % em relação a 2009²⁶.

O discurso corrente entre aqueles que defendem a utilização desta substância é de que se tornou possível proporcionar às crianças medicadas “níveis de inteligência compatíveis com a idade”, “moral elevado”, “comportamento adequado” e “desempenho escolar positivo”. Além disso, este aumento estrondoso no consumo da droga expressaria apenas a realidade de falta de profissionais capazes de realizar um correto diagnóstico vivido até então.

Assim, a droga passou a ser amplamente utilizada em diversos contextos: para aumentar a capacidade de planejamento e concentração do jovem que tem dificuldade em estudar, proporcionar simulação do efeito da cocaína (quando, por exemplo, misturada com álcool), ou para controlar o comportamento “agitado” da criança. Além disso, usa-se também como inibidor do sono e do apetite.

Não se pensa, por exemplo, que as crianças assistiam até uma década atrás longas horas de televisão e que hoje, desde muito cedo, estejam imersas em computadores e jogos hiperestimulantes. Àqueles que têm acesso, não dispensam os *tablets* como forma de entretenimento das crianças, cujo efeito despreocupante para os pais simula a existência de uma babá. A criança torna-se dócil. Quando chegam à idade escolar espera-se que tenham capacidade de fazer uma coisa de cada vez e não questionem. Ao mesmo tempo em que se quer que as crianças sejam criativas, dinâmicas, elas devem ser obedientes, submissas e não questionadoras.

Nos encontramos entre aqueles que, como Roudinesco (2005), pensam que há a criação de uma situação que visaria o mascaramento sobre os fatores que concorrem para que uma criança se torne “agitada”.

²⁶ <http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/anvisa+portal/anvisa/sala+de+imprensa/menu+-+noticias+anos/2013+noticias/estudo+aponta++tendencia+de+crescimento+no+consumo+de+metilfenidato>

Não apenas as crianças não terão mais o direito amanhã de ser insuportáveis, rebeldes ou contestadoras, como, para aplacar sua insolência em relação a alguns professores – cuja origem, como deveríamos saber apesar de tudo, não está nos neurônios – daqui a pouco se verão obrigadas, como aliás os professores, a preencher um questionário sobre o comportamento mental de seus pais: são alcoólicos, loucos, suicidas ou simplesmente perturbados? Brigam? Tomam psicotrópicos? Há na família ‘antecedentes’, etc.? (p. 88).

Pensa-se, assim, que através da “droga da obediência” tornou-se mais fácil atender às demandas familiares, escolares e sociais, aparentemente inibindo as situações geradoras de conflito ou inadequação.

Temos um claro exemplo de como práticas pertencentes ao campo do cuidado trabalham não apenas modelando comportamentos, mas também respondendo aos ideais de desempenho. Ideal de rendimento que se constitui como marca indelével da sociedade capitalista contemporânea.

Bem, no período posterior a segunda grande guerra, Winnicott, ao se deparar com o enorme contingente de crianças e adolescentes que apresentavam problemas de ajustamento em consequência das perdas sofridas, utilizou o conceito de comportamento antissocial. Enxergava neste tipo de comportamento algo que, embora de forma sintomática, sinalizava uma possibilidade de mudança, um caráter positivo no comportamento dos jovens. Segundo o autor, tratava-se da clara indicação da existência de esperança e possibilidade de transformação. Diz Winnicott (2011) “Toda vez que as condições fornecem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social se transforma numa característica clínica: a criança torna-se difícil*”. (p. 84, grifo do autor).

A criança torna-se difícil, repetimos. Talvez o entendimento hoje do comportamento antissocial não seja tão diferente daquele encontrado por Winnicott. Entretanto, podemos também ainda pensar, por exemplo, nas formas de laço/isolamento alavancadas pelas relações virtuais ou nas relações estabelecidas nas toxicomanias com o objeto droga. Formas de construção de alteridade e de relação com o objeto características de nosso tempo e que, entendemos, mantêm uma proximidade com as novas configurações familiares. Relações que parecem evidenciar tanto a dependência e o desamparo como, de forma simultânea e paradoxal,

uma tentativa de deles escapar.

3.5 Subjetividade na era digital: o fenômeno Otaku

Otaku é uma palavra de difícil tradução. O jornalista Étienne Barral, em seu livro homônimo (na edição brasileira, *Otaku – filhos do virtual*, 2000), expõe esta dificuldade, relatando algumas tentativas não muito bem sucedidas. Segundo sua pesquisa (Barral vive há muitos anos no Japão), o termo *otaku* não é novo na língua japonesa, sendo empregado tradicionalmente no sentido de designar o lugar onde se vive (seu lar) e, por extensão, uma forma de tratamento mais distante, impessoal, de quem não deseja aprofundar uma conversa (algo do tipo “como estão em casa?” ou, como frequentemente usamos no Brasil, “como vai a família?”).

Por outro lado, desde o início da década de 80, dá-se o nome de *otaku* à pessoa que tem certa aversão a aprofundar relações, preferindo permanecer a maior parte do tempo em sua casa (se possível em seu quarto). Uma pessoa vista como alguém que vive imerso em um universo de fantasia, repleto de heróis, *animes*, *mangas*, ou bonecos que cultua. É descrito como uma espécie de fetichista – por vezes tímido – colecionador e, acima de tudo, amante de novas tecnologias.

Embora esta forma de empregar o termo tenha surgido já em 1983 pelo ensaísta Akio Nakamori, disseminou-se por todo o Japão a partir de 1989 em razão de crimes cometidos em série contra meninas e atribuído a um “*otaku*”. O assassino mostrou-se colecionador de *mangás*, obcecado por fotografia e filmes de terror.

Nos últimos anos a utilização do termo se espalhou pelo mundo: uma consulta a *sites* de relacionamentos como *Facebook* ou *Twitter*, por exemplo, mostram uma infinidade de

comunidades e pessoas ligadas ao assunto²⁷. O sentido da expressão, no entanto, sofreu alterações ao se globalizar e passou também a designar todos àqueles que idolatram determinados aspectos da cultura japonesa. Porém, para além dessa espécie de fetichismo pela cultura oriental, é importante observar que em sua concepção original o *otaku* manifesta um mal-estar e uma tendência que extrapola fronteiras territoriais.

Pesquisa realizada pela consultoria Nielsen²⁸ constata que o Brasil é campeão de uso de sítios de relacionamento. Segundo os dados divulgados, 80% dos brasileiros que navegam na internet estão ligados às chamadas "comunidades de membros". Além disso, os usuários de internet brasileiros também são o que passam mais tempo neste tipo de sítio - quase um a cada quatro minutos de navegação. Depois do Brasil, seguem Espanha, Itália e Japão, com 75%, 73% e 70% respectivamente. O relatório da pesquisa diz ainda que as "comunidades de membros" são hoje mais populares do que o correio eletrônico, com 66,8% de alcance global, e figuram no quarto lugar entre os recursos mais utilizados na internet (ferramentas de busca, comunidades de interesse geral e sites de fabricantes de programas).

Dados²⁹ mais recentes mostram que o Brasil atingiu a marca de 76 milhões de usuários do facebook em 2013. No mundo já são mais de 1,2 bilhões de contas no site de relacionamento. A incursão pelo mundo das relações virtuais é um fenômeno que ocorre em escala mundial, mas, como os números mostram, tem uma especial aderência na sociedade brasileira.

A evidência dos dados configura uma grande transformação nas formas de estabelecer e manter relacionamentos, atingindo prioritariamente (mas não exclusivamente) as gerações mais novas. Uma revolução ao mesmo tempo profunda e silenciosa. Hoje, raros são os jovens

²⁷ Apenas uma página do *facebook*, a "Tóquio Otaku Mode", já havia sido "curtida" por mais de 14 milhões de pessoas em janeiro de 2014.

²⁸ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/03/090310_brasilinternetml.shtml, acesso em 20/08/2009. Os números apresentados sofrem pequena alteração em outras pesquisas consultadas.

²⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>. Acessado em 11/01/2014.

que chegam aos consultórios sem trazer alguma questão relativa aos relacionamentos virtuais. É especialmente através das problemáticas mais comuns que envolvem o universo adolescente que podemos testemunhar o poder destas novas formas de relacionamento.

Constituindo então uma subcultura, uma forma de escape que não confronta determinantes sociais e ideológicos, os *otakus* vêm despertando o interesse das instituições frente às quais, aparentemente, se rebelariam. Na verdade, olhando com um pouco mais de atenção, percebemos que não há rebelião nenhuma: são vistos antes de tudo como grandes consumidores, alvo especialmente de empresas da área tecnológica. Assim, eles estão conectados em seus computadores, mas também nos escritórios das grandes corporações, sendo indicadores de comportamentos e tendências de mercado. Ao mesmo tempo em que emergem na condição de fruto de um mal-estar da sociedade em que vivem, estão absolutamente sintonizados com ela, mesmo que se negativando e aparentemente resistindo a entrar na realidade do mundo adulto, produtivo e formal.

Escondendo-se, constitui os traços de uma vida singular, aparentemente transgressora em relação às demandas que lhe são dirigidas, protegido pelo anonimato que é garantido pela circulação no plano *virtual*. Segundo Barral (2000):

O Otaku vive o isolamento de seu quarto, onde graças à televisão, aos vídeos e aos computadores, se dá o direito de viver a transgressão dos tabus quanto ao sexo, à morte, ao sofrimento ou à violência, porém por delegação – ele mesmo nada arrisca... ou não ousa! (p. 27).

O fenômeno Otaku aponta para o surgimento de uma geração que cresceu assimilando as novas mídias e hoje as utiliza como seu habitat. Um mundo fantasioso e rápido, de gratificações imediatas tão descartáveis quanto pode ser qualquer moda. No entanto, um mundo em que apenas *supostamente* a frustração, a privação ou a castração poderia ser experimentada sob medida e contornada com facilidade.

Sabemos que embora estejamos tomando aqui em destaque *um* evento específico da subjetividade contemporânea, conforme estamos trabalhando, é evidente que há mudanças importantes ocorrendo em diversos contextos.

Sem dificuldade é possível estabelecer um grande corolário de novas manifestações da subjetividade e mesmo do sofrimento psíquico nos dias de hoje, como os que dizem respeito às novas configurações do masculino e feminino, dos casamentos e das relações afetivas, à vida profissional, às identidades sexuais, ao lugar das ideologias e às transmissões do saber. Mas também: a banalização da violência e do consumo de drogas lícitas ou ilícitas, que aparentemente tornam qualquer tipo de sofrimento psíquico em “transtorno” passível de ser medicalizado.

Há, pelo menos, uma sensação de que o objeto pode ser encontrado, comprado, consumido, no qual o sofrimento termina sendo visto como algo puramente negativo, esvaziado de qualquer valor ou possibilidade de crescimento. O sofrimento, transformado em transtorno, pode sempre ser evitado. A crescente psicopatologização da vida e a consequente medicalização apontam na direção da saída frequentemente buscada.

4. Experiência e vivência no mundo acelerado

No final do primeiro capítulo deste trabalho foi apresentada a tese do filósofo Agamben de que a revolução seria a capacidade de *transformar a relação* que o homem estabelece com seu tempo. A categoria de tempo utilizada por Agamben (2009), não diz respeito ao tempo cronológico, mas aquela que contrai todos os tempos. Assim, como foi escrito, ser contemporâneo poderia ser definido como aquele que experimenta não as luzes da época, que ofuscam o discernimento e sim as trevas. Neste caso, acreditamos que luzes e trevas podem ser entendidas como uma metáfora da prontidão consciente e de seu “desligamento”, isto é, do devaneio da inconsciência.

A ideia de um tempo mítico tal qual pensado pelos gregos da antiguidade é retomada pelos autores que estão sendo aqui trabalhados e se aproxima da forma como Freud pensou o inconsciente. Em 1915, no artigo intitulado “O inconsciente”, escreveu:

Os processos do sistema *Ics.* são *atemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema *Cs.* (p.128).

Esta ideia de tempo *que não pode ser pensado*, que está fora da consciência, (fora, portanto, do pensamento evolutivo) foi buscada por Walter Benjamin (1933/1994) em sua reflexão sobre o declínio da *experiência* trazido pela modernidade. Embora seu entendimento de inconsciente não seja igual ao de Freud, pois não remete ao recalcado (para Benjamin inconsciente é uma espécie de repouso da consciência), há o interesse em compreender a função da consciência e sua relação com o registro da experiência.

Assim, a partir da leitura da poesia lírica de Baudelaire em *Flores do Mal*, Benjamin (1975/1994) recorreu especialmente à Bergson, Proust e Freud para apresentar suas ideias.

Neste capítulo serão apresentadas as principais ideias de Benjamin sobre os conceitos de *vivência* e *experiência*, com destaque para seu artigo intitulado “Sobre alguns temas em

Baudelaire”, publicado originalmente em 1939. Entende-se que este trabalho permitirá que se possa fazer aqui a passagem fundamental para a compreensão, em termos do pensamento freudiano, daquilo que se constitui como um dos elementos essenciais dessa tese: a compreensão do sujeito contemporâneo, em particular o masculino.

Neste sentido, a segunda parte do capítulo se dedicará a aprofundar um dos elementos presentes no trabalho de Freud “Além do princípio do prazer”, de 1920. Neste livro, fundamental na teoria psicanalítica por apresentar o conceito de pulsão de morte, Freud percorre um caminho em que analisa as experiências traumáticas e a função da consciência. Assim, pretende-se junto com Benjamin articular isto que é apresentado por Freud com a perda da experiência do sujeito na contemporaneidade.

4.1 O homem na multidão

Ser e não-ser; Estar e não-estar. Multiplicidade de identidades, configurações e espaços. Virtuais, reais fantasiados ou meramente imaginados. Informações que chegam de todos os lugares e que ocupam mentes a todo instante. No documentário *Janela da Alma*³⁰ o escritor José Saramago perguntava de que adianta receber tanta informação se não é possível processá-la. Ter quinhentos canais de televisão é o mesmo que assinar quinhentos jornais: estes apenas se empilhariam diante da porta sem que pudessem ser lidos. O (não) registro da experiência na pós-modernidade caminha nesta mesma direção.

Na primeira metade do século XIX, E. A. Poe escrevia *O homem na multidão*. O ano é 1840, a cidade em que a história se passa é Londres, naquele tempo a mais populosa do

³⁰ Documentário, Brasil, 2001. Direção João Jardim e Walter Carvalho.

mundo, já com mais de dois milhões de habitantes. Sua leitura atualmente não deixa de causar espanto. A surpresa vem de se perceber que este *homem* antecipa um conteúdo contemporâneo. É preciso, antes de tudo, se deparar com um trecho para poder entender melhor a questão que já se apresentava na época em que a modernidade ainda dava seus primeiros passos:

Há não muito tempo, ao fim de uma tarde de outono, eu estava sentado ante a grande janela do Café D. em Londres. [...] Sentia um calmo mas inquisitivo interesse por tudo. Com um charuto entre os lábios e um jornal ao colo, divertira-me durante a maior parte da tarde, ora espiando os anúncios, ora observando a promíscua companhia reunida no salão, ora espreitando a rua através das vidraças esfumadas. [...] Naquele momento particular do entardecer, eu nunca me encontrara em situação similar, e, por isso, o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma emoção deliciosamente inédita. Desisti finalmente de prestar atenção ao que se passava dentro do hotel e absorvi-me na contemplação da cena exterior³¹. (s/p).

Esta sensação de estar fora da cena, de colocar-se com certo olhar de turista diante do cotidiano, estrangeiro entre pares, definitivamente não é uma situação que pode ser considerada apenas recente: simultaneamente acompanhado e sozinho. Talvez se possa situá-la dentre os fenômenos que compuseram a modernidade: algo mudou com o rápido crescimento das cidades e a conseqüente falta de conexão entre as pessoas. Isto não deixa de ser um dado bastante relevante, pois dá indícios de aspectos presentes na atualidade e que podem ser considerados, portanto, uma forma de radicalização daquilo que já se apresentava desde o surgimento da modernidade.

Sabe-se que o rápido crescimento das cidades está ligado ao fato de que os novos modelos de produção não mais se satisfaziam em entregar insumos e recolher peças nas casas dos trabalhadores. Foi preciso criar fábricas e suas linhas de produção, em torno das quais a população começou a se reunir, trazendo assim rapidamente um grande contingente de

³¹ Este conto de Poe encontra-se disponível em diversos sítios na internet, além de ter recebido algumas edições em livro. Em 1987 foi publicada uma coletânea (Os melhores contos de Edgar Allan Poe) pela Editora Círculo do Livro, com seleção e tradução de José Paulo Paes. A citação aqui utilizada foi extraída de: www.ufrgs.br/proin/versao_2/textos/homem.rtf. Acesso em 20/11/2013.

peessoas para o meio urbano. As grandes cidades do XIX cresciam em torno dos rios, mas também das linhas de trem, das fábricas e do carvão.

O narrador de *O Homem na multidão* permanece horas descrevendo pessoas que vê passando na rua, “transeuntes em massa”, categorizando-as de modo a compreender seus códigos. Os separava basicamente em duas grandes categorias: “homens de lazer” e “homens de negócios”. No conto, o narrador acaba se deparando com um velho que ainda não havia sido notado, ao que passa a persegui-lo. Embora não seja dito, é possível interpretar que a perseguição que se estende por horas, seja uma busca por si mesmo. Um sujeito que consegue “ler” e interpretar os outros, mas que não consegue categorizar a si próprio.

Este conto é apresentado por Walter Benjamin no artigo *Sobre alguns temas em Baudelaire*, publicado em 1939. Um texto em que o autor procura aprofundar sua investigação sobre o empobrecimento que percebia na narrativa e nas formas de transmissão da experiência. Este tema já havia sido desenvolvido por Benjamin alguns anos antes, no artigo intitulado *Experiência e pobreza*, de 1933. Optou-se por iniciar aqui o percurso de análise sobre os conceitos de experiência (ehrfärung) e vivência (ehrlebniz), de Benjamin, a partir deste segundo texto.

4.2 Excesso e exaustão

Benjamin (1933/1994) começa seu artigo *Experiência e pobreza* contando uma parábola contida em um de seus livros de infância. Trata-se da história de um homem que, em seu leito de morte, diz aos filhos que havia um tesouro enterrado em seus vinhedos. Após sua morte, os filhos cavam e não encontram nada. Apenas no outono, momento em que os vinhedos

produzem mais do que qualquer outro da região é que conseguem entender a experiência que o pai havia lhes transmitido: de que o verdadeiro tesouro encontra-se no ato do trabalho.

Benjamin vai assim preliminarmente procurando demarcar a diferença existente entre o estilo da narrativa e da informação, uma vez que terá uma relação direta sobre o que denomina de *experiência* e de *vivência*. A narrativa, diferentemente da informação, não vem acompanhada de uma explicação. A informação, crescente na época pelos novos meios de comunicação, é tal qual a difundida pela imprensa. Novidade, brevidade, inteligibilidade e, como diz, falta de conexão entre um fato e outro são suas principais características. Pergunta-se o autor: ainda restam histórias que valem a pena serem contadas, pessoas que saibam contar estas histórias, estabelecendo assim laços na cadeia geracional?

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? (1933/1994, p.114).

Palavras duráveis. Costurando ideias, Benjamin chama a atenção mais adiante para um fato que, aparentemente, pode parecer pouco conectado com suas preocupações: o silêncio dos soldados que voltavam do *front* de batalha na Primeira Grande Guerra. Benjamin observa que estes homens, diferentemente de outros soldados que os precederam, não traziam histórias de aventuras sobre os feitos de guerra ou sobre as perdas sofridas; eram “mais pobres em experiências comunicáveis” (1933/1994, p. 115). Em uma das passagens que consideramos mais marcantes de *Experiência e pobreza*, Benjamin escreve que:

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (Ibid).

Uma paisagem em que apenas as nuvens do céu continham referências familiares. Pela primeira vez na história da humanidade travava-se uma guerra pelo ar, em que aviões despejavam bombas matando soldados, população e destruindo cidades. Benjamin identifica

neste fato o papel da técnica sobrepondo-se ao homem, transformando-o. Esta cena do retorno dos soldados da guerra se constitui como uma metáfora da vida na modernidade: a submissão constante aos choques sem que haja uma apropriação da experiência. Os soldados apenas silenciavam diante das cenas que haviam testemunhado.

O aparente paradoxo é que a invasão tecnológica gera, ao mesmo tempo, excesso e vazio. Um excesso de vivências, de percepções e informações, mas produz pouco ou nenhum registro da experiência. Conforme será aprofundado no próximo ponto, a quantidade de estímulos a que se está submetido acaba impedindo que haja apropriação, criando a descartabilidade das vivências.

Ainda no primeiro terço do século XX Benjamin enxergava claramente este empobrecimento nas relações, ao que chamou de “uma nova forma de miséria” (Idem, p. 115). Uma maior aproximação aos objetos e um crescimento do volume de informações, mas uma severa perda da capacidade narrativa. Desse excesso pouca coisa acaba restando. Sobra apenas a fadiga, a sensação de cansaço, já que não se trata de experiências assimiladas e transformadoras. Há uma aceleração; corre-se freneticamente atrás de algo que não se sabe o que é. No entanto, é necessário que se produza a sensação de que se está em movimento.

Pobreza e experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles “devoram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficam saciados e exaustos. (Ibid, p. 118).

Benjamin apresenta uma cena em que conjuga algo que parece bastante presente na atualidade: *saciedade* e *exaustão*. A quantidade de informações, textuais ou visuais, sem conteúdo prolifera às vias do empanturramento, deixando, ao mesmo tempo, uma espécie de vazio. Vazio este que para o autor se constitui como melancolia (distinta da compreensão psicanalítica do termo). Melancolia aqui é um vago desinteresse pela vida, próprio da modernidade. Está-se constantemente com a percepção de prontidão, com a consciência ocupada por todo um fluxo de informações, mas não há propriamente seus registros,

mostrando a falta de relevância para o sujeito. *Muito e nada*, simultaneamente. O que acaba se tornando “essencial”, por assim dizer, não é nem mesmo o que se informa, mas a própria capacidade de se sentir conectado e atualizado, chegando-se às vias do esgotamento.

A exaustão tem seus efeitos. Se por um lado paralisa, por outro põe a fantasia a trabalhar, dando a sensação de que algo está acontecendo: “ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia por falta de forças” (Ibid, p. 118).

Tem-se assim uma espécie de esgotamento, de paralisia gerada pela exaustão. Porém, em seu lugar vem a sensação de movimento pelo que acaba ocorrendo apenas no plano da fantasia. Algumas estruturas clínicas se mostram mais propensas a entrar neste jogo. Kehl (2011) diz que “os obsessivos enganam. São capazes de manter pela vida afora uma frenética atividade: rivalidade, lutas, conquistas, empreendimentos. Mas sua posição é fundamentalmente passiva” (p. 95-96).

A este respeito, Zizek (2010) tem um conceito interessante e que contribui para tornar a questão mais clara: “interpassividade”. Para o autor trata-se do duplo, da outra face que se encontra encoberta por uma onda de interatividade a que todos estão convidados (convocados) a participar. É o que vem acompanhando o potencial democrático dos novos meios que permitem que se saia da posição de contemplação passiva do espetáculo encenado por outros. O ciberespaço de uma maneira geral, mas em especial os jogos virtuais, e mesmo os novos programas de televisão operam baseados na participação do sujeito.

O outro lado dessa interatividade é a interpassividade. A contraparte da interação com o objeto (em vez do acompanhamento passivo do espetáculo) é a situação em que o próprio objeto tira de mim minha passividade, priva-me dela, de tal modo que é o objeto que aprecia o espetáculo em vez de mim, poupando-me da obrigação de me divertir (2010, p. 34).

Entre os exemplos que Zizek apresenta, se encontra a pornografia: os filmes com este tipo de conteúdo, a seu ver, não tem mais a função de excitar aquele que o assiste, bastando

“observar como os outros gozam em meu lugar” (Idem, p. 35). Com a interpassividade tem-se uma falsa sensação de atividade. Para o autor, é uma espécie de ação que ocorre para que as coisas fiquem como estão, para que nada mude verdadeiramente, colaborando profundamente com o sentimento de esvaziamento.

Neste ponto voltamos a Walter Benjamin: o excesso e o vazio. O efeito da técnica sobre o sujeito sem provocar efetivamente o registro de sua experiência. Um acúmulo de informações, uma sensação de que se está fazendo algo, mas no final o vago sentimento de que nada ocorreu.

O autor diz que é especialmente pelo desenvolvimento da técnica, pelo desenvolvimento do capitalismo e pelas novas formas de comunicação (na época era o crescimento da informação difundida pela imprensa) que se constitui também esta inusitada forma de miséria. Ao que surge como novidade, que se mostra como “renovação”, Benjamin chama de uma espécie de revestimento, de galvanização das ideias. Nada de novo a não ser a roupagem com que são apresentadas.

A angustiante riqueza de ideias que se difundiu entre, ou melhor, *sobre* as pessoas, como a renovação da astrologia e da ioga, da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. (1933/1994, p. 115).

Galvanização tem então o sentido de revestimento superficial. Isto é, uma nova gama de ideias que, sem manter o elo com a tradição, perdem completamente sua consistência. Algo que, mais uma vez, embora seja a leitura de Benjamin na década de 1930, surpreende por sua atualidade. Ainda hoje se percebe toda uma apropriação de conceitos pelas diversas áreas, sem a preocupação com sua devida inserção em contextos. Pelo contrário, o que vale é poder aproveitar um conhecimento para poder colocá-lo na lógica capitalista.

Isto permite uma série de estranhezas como, por exemplo, a existência de livros com temas completamente incongruentes, tais como “O monge e o executivo”, assegurando seus imensos sucessos de vendas. O neo ambientalismo liberal ou as preocupações humanistas

demonstradas na publicidade do sistema bancário são outros dentre as centenas de exemplos mostrados diariamente. A lista se torna grande quando há criatividade.

4.3 *Vivência e experiência*

Benjamin viu na obra do poeta Charles Baudelaire sua tentativa de compreender o mundo em que vivia. Embora a poesia lírica³² do autor de *Flores do Mal* tenha encontrado forte resistência desde o lançamento da primeira edição (1857), Baudelaire conseguiu estabelecer uma espécie de cumplicidade com o leitor, tornando o livro um clássico: “Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!”, escreve já no final do primeiro poema. Benjamin, interessado em compreender os recursos narrativos de Baudelaire, em estabelecer uma relação entre sua poesia e a desvalorização da experiência, escreveu o ensaio “Sobre alguns temas de Baudelaire” (1975).

O livro, que contara com leitores mais estranhos, e que, de início havia encontrado bem poucos leitores favoráveis, em alguns decênios tornou-se um clássico; e também uma dos mais reeditados.

Dado que as condições de acolhimento da poesia lírica tornaram-se mais inglórias, é natural supor que só excepcionalmente a poesia lírica mantenha contato com a experiência dos leitores. Isto poderia ser devido ao fato de que tal experiência transformou-se em sua estrutura. (p.35).

Benjamin busca através de seu trabalho ampliar a compreensão da queda da experiência e em especial, do que chama de experiência de choque, que mantém uma proximidade com seu conceito de vivência. Pontua, ainda no início do trabalho, que desde o final do século XIX a filosofia vinha se esforçando para se apropriar da verdadeira experiência em oposição àquela que se manifesta na “vida normatizada das massas civilizadas” e que seria mera vivência.

³² A poesia pode ser dividida em épica (narrativa), dramática (peças em versos em que os personagens falam) e lírica. Nesta há uma exposição dos sentimentos e percepções do poeta.

Para o autor, o declínio da experiência gerou a emergência de um homem fragmentado, perdido na cadeia de transmissão entre as gerações. Com a efemeridade dos fenômenos, o homem acaba não conseguindo fazer com que os estímulos exteriores sejam metabolizados, incorporadas, consistindo então em meras vivências superficiais. Como consequência, há uma diminuição de sua capacidade crítica. Aquilo que era transmitido entre as gerações e que fazia parte de uma *mémoire involontaire* deixa de existir, dando lugar à memória voluntária do sujeito regida por sua consciência. Deste modo uma cultura da vivência vai sobrepondo-se à cultura da experiência. Esta mudança se dá através das estruturas narrativas.

Há uma espécie de concorrência histórica entre as várias formas de comunicação. Na substituição da mais antiga relação pela informação, da informação pela “sensação”, reflete-se a progressiva atrofia da experiência. Todas essas formas se afastam por sua vez da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não visa, como a informação, comunicar o puro em si do acontecimento, mas o faz penetrar na vida do relator, para oferecê-lo aos ouvintes como experiência. Assim aí se imprime o sinal do narrador, como o da mão do oleiro no vaso de argila. (Ibid, p. 37).

Se a experiência é o elo que liga os sujeitos à tradição, a narrativa é o meio pelo qual esta se estabelece. No entanto, por outro lado, a informação, tal qual trabalhada pela imprensa, se propõe a isolar os acontecimentos. Diz Benjamin, que “os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, inteligibilidade e, sobretudo, falta de qualquer conexão entre uma notícia e outra) contribuem para esse resultado tanto a diagramação e a forma linguística. A rígida exclusão da informação do âmbito da experiência depende também do fato de ela não entrar na “tradição””. (Idem).

É neste texto que Benjamin recorre à Freud, especificamente em seu “Além do princípio do prazer”, de 1920. Em uma parte deste trabalho em que estuda os mecanismos presentes na neurose de guerra, Freud investiga a função da consciência como proteção do psiquismo; uma espécie de casca que se formaria diante dos incessantes choques dos estímulos externos. Benjamin se apropria deste recurso para pensar na relação do homem com o tempo a partir dos efeitos da técnica. Isto é, de como o excesso de estímulos mantém a consciência

constantemente ativa, reduzindo em decorrência disso a energia investida nos outros processos psíquicos. Esta discussão será apresentada posteriormente, quando será aprofundada esta articulação entre os pensamentos de Benjamin e Freud.

Por ora destacamos o fato de que as novas tecnologias e o bombardeio de informações à que nossa consciência está exposta, geram uma incapacidade de que os eventos sejam transformados em experiência pelos os sujeitos.

Walter Benjamin procurou estar bem acompanhado. Para construir seu pensamento sobre a experiência, além de colocar Baudelaire como uma espécie de anteparo, como elemento essencial ao seu pensamento, recorreu em seu texto “Sobre alguns temas em Baudelaire” (1975) à Bergson, Proust e Freud. Benjamin enxergou uma proximidade entre os conceitos bergsonianos de “duração” e de “memória pura”, com aquilo que Proust narra como *mémoire involontaire*. Ambos partilham da ideia de que o tempo não pode ser compreendido em sua noção vulgar, cronológica.

Para Bergson “duração” é uma noção que remete ao tempo enquanto *totalidade*, sem possibilidade de divisão. Neste sentido é um tempo impossível de ser calculado e analisado, pois é diferente do tempo linear, que ocorre de maneira consecutiva. Qualitativo, antes de ser quantitativo, o tempo da “duração” é o tempo da experiência, impossível de ser apreendido pela consciência. Já “memória pura”, diz respeito à totalidade das lembranças que também não podem ser acessadas pela consciência. Pertencentes ao inconsciente são “lembranças não lembradas”. Benjamin enxerga aí uma proximidade muito grande com a experiência de Proust que, “foi de fato um poeta que pôs à prova a teoria bergsoniana da experiência” (Ibid, p. 36). Benjamin define assim que a experiência ocorre na *duração*. Desta forma, experiência não é acessível à consciência; pertence ao repertório do sujeito, mas não pode ser por ele evocada. As lembranças que fornecem informações do passado, diz, nada conservam dele.

No entanto, para Benjamin há um problema que precisa ser superado quando diz que: “Segundo Proust, depende do acaso o fato de cada um alcançar uma imagem de si mesmo, tornar-se senhor da própria experiência.” (Ibid, p. 37).

Benjamin não se satisfaz com a ideia de o acaso ser responsável pela possibilidade do sujeito se apropriar de sua experiência. Quer ir “além”. É neste sentido então que recorreu à Freud (1920/2010) justamente em “Além do princípio do prazer”. Benjamin está particularmente interessado em estabelecer uma correlação entre memória (no sentido de memória involuntária) e consciência, sustentando sua incompatibilidade. É isto que possibilitará a clara demarcação entre vivência e experiência. No entanto, como o próprio autor adverte, trata-se de uma tentativa de avaliar a fecundidade desta aproximação, forçando assim sentidos que Freud não empregou.

4.4 Consciência em “Além do princípio do prazer”

Além do princípio do prazer é um ensaio complexo, no qual Freud se esforça para formular metapsicologicamente uma resposta ao pendor do homem para a dor, a repetição e a destruição. O ano é 1920 e pouco tempo havia passado desde o final da Primeira Grande Guerra. Trata-se de uma obra que provocou uma importante mudança no corpo psicanalítico, pois introduziu a dualidade pulsional. Freud relutou em modificar sua teoria da dinâmica pulsional, considerada um ponto delicado a ponto de causar rupturas importantes no meio psicanalítico.

Ao longo do texto Freud busca sustentar na teoria psicanalítica a existência de uma nova pulsão; a pulsão de morte. Para que isso ocorresse, foi preciso percorrer um caminho que

incluía os traumas de guerra, os sonhos repetitivos, a compulsão à repetição e a função da consciência no sistema Cs ³³. Foi então a teorização deste último ponto que interessou particularmente a Benjamin. Por esta razão nos deteremos na parte inicial de “Além do princípio do prazer”, procurando aprofundar aquilo que está desenvolvido em seu item IV.

Freud inicia seu ensaio falando do aparelho psíquico e sua função de evitar o desprazer; o psiquismo é regido pelo princípio do prazer. Prazer e desprazer estão relacionados com quantidades de excitação e a condição em que se encontram: “ligada” e “desligada”. Isto é, excitação que não é ligada psiquicamente não encontra meios para ser escoada, gerando aumento da tensão interna. O mesmo pode ser dito em termos da necessidade de haver uma elaboração psíquica que permita a passagem do processo primário ao secundário.

O pensamento de Freud segue, porém, na direção de reconhecer que diferente do que se pensava, nem sempre é o princípio do prazer que domina os processos psíquicos. Há forças que agem no sentido contrário. A primeira delas é o princípio de realidade que, embora tenha a busca do prazer como meta final, retarda tal obtenção a fim de encontrar o tempo e os meios adequados para tal. A segunda origem do desprazer é interna ao sujeito: são os próprios conflitos psíquicos. Os instintos sexuais na condição de alvo da repressão são igualmente fonte de desprazer.

A partir deste ponto Freud passa a falar das neuroses traumáticas (ou de guerra), cuja causa principal identificada é o fator surpresa. Faz uma distinção entre *medo*, quando se está diante de um objeto ameaçador, *angústia*, que é o estado de preparação para o perigo, e *terror*, que se instala quando não houve preparo e o perigo aproximou-se de surpresa. Assim, Freud consegue concluir que os sonhos repetitivos que ocorrem nas neuroses traumáticas, isto é, do retorno à situação desencadeadora, seria não uma tendência masoquista (o que não contrariaria a teoria dos sonhos como realização do desejo), mas um processo em que se

³³ A sigla Cs , criada por Freud, refere-se ao sistema “Consciência”. Na primeira tópica freudiana, o aparelho psíquico seria composto ainda pelo sistema Ics (inconsciente) e Pcs (pré-consciente).

busca criar a angústia necessária para fixar o trauma. Dito de outra forma, transformar a energia “livre” em energia “ligada”, integrando os elementos que invadiram o psiquismo sem que houvesse a preparação proporcionada pela angústia (sinal de alerta).

No ponto IV Freud começa a desenvolver o tema que mais interessou Benjamin, na medida em que investiga a função da consciência no aparelho psíquico. Inicialmente há a distinção da “consciência” enquanto uma função particular dos processos psíquicos e o “sistema Cs”. Este pode ser pensado metaforicamente como uma espécie de membrana localizada na fronteira entre o exterior e o interior. De tão curtida pelos constantes estímulos a que é submetida, esta membrana transforma-se em uma espécie de casca³⁴ que funciona como acolhimento e proteção do psiquismo, na medida em que recebe estímulos, quer venham de “fora” ou de “dentro”. Há, no entanto, uma diferença importante entre os estímulos internos e externos. Os primeiros são recebidos, mas não podem ser detidos. Sobre eles não há proteção.

Contra o exterior existe uma proteção, as quantidades de excitação que chegam terão um efeito reduzido; em relação ao interior é impossível a proteção, as excitações das camadas mais profundas se propagam de forma direta e não atenuada no sistema, na medida em que determinadas características de seu curso produzem a série de sensações de prazer e desprazer. (1920/2010, p. 191).

Neste ponto Freud fala de uma peculiaridade do sistema Cs em relação aos demais: a falta de marcas duradouras produzidas pelas excitações. Mais que isto, as marcas que são deixadas nos outros sistemas são mais fortes e duradouras na mesma proporção em que a excitação não tenha sido consciente. Quanto menos consciente o evento, mais marcado fica no inconsciente. Então, no sistema Cs não são produzidas mudanças permanentes de seus elementos pelo processo excitatório.

A consciência não é a única peculiaridade que nós conferimos aos processos que têm lugar nesse sistema. Apoiados nas impressões de nossa experiência psicanalítica, supomos que todas ocorrências excitatórias dos outros sistemas deixam neles, como fundamento da memória, traços duradouros, vestígios de lembranças, portanto, que nada têm a ver com o processo de tornar-se consciente. Eles são, com frequência, mais fortes e mais permanentes quando o evento que os deixa nunca atinge a consciência. Mas achamos difícil crer que tais marcas duradouras de excitação

³⁴ Seguindo a metáfora biológica, esta casca se tornaria inorgânica, permitindo que apenas uma parte dos estímulos consiga atingir as camadas subjacentes.

também se produzam no sistema *P-Cs*. Logo elas restringiriam a aptidão do sistema para acolher novas excitações. (Ibid, p. 185).

A questão fundamental é que o sistema *Cs* necessita estar disponível, livre, de prontidão para poder acolher os constantes eventos a que está exposto e assim conseguir ter êxito na proteção dos demais sistemas. Sua principal função é poder aparar os estímulos, organizá-los e promover as suas ligações à rede de representações dos sujeitos, permitindo o escoamento. Por isto a excitação apenas passa; se exaure sem deixar marcas permanentes na consciência. Pode-se, portanto, dizer que há a consciência do evento, mas não a produção de marcas no sistema *Cs*. A tese (assumidamente especulativa) de Freud é de que a origem da consciência deve-se ao fato de que ela “surge no lugar do traço de lembrança” (Ibid, p. 186).

Na sequência do texto, ao fazer uma crítica ao pensamento kantiano de tempo e espaço (por serem submetidas à noção de pensamento, não contemplariam a noção psicanalítica de inconsciente atemporal), Freud retoma a questão do trauma. Trata-se das excitações externas fortes o suficiente para romper a proteção sustentada pela consciência.

A principal consequência é uma perturbação no gerenciamento da energia dos sistemas, exigindo que, para que seja proporcionada a “ligação” do evento perturbador, o Princípio do Prazer seja ao menos parcialmente desativado: “De todos os lados é convocada energia de investimento a fim de criar, em torno do local da irrupção, investimentos de energia correspondentemente elevados.” (Ibid, p. 192). Assim, para ligar psiquicamente a excitação, é preciso uma paralisação ou, ao menos, uma redução de investimento no funcionamento psíquico restante. A energia do sistema deve ser concentrada justamente para poder executar a tarefa de promover a ligação psíquica.

Voltando a questão do trauma, Freud fala de uma “reabilitação da teoria do choque”³⁵. Entretanto, para que o trauma se instale (gerando neurose) é necessário que não tenha havido

³⁵ A referência aqui deve ser à antiga teoria da sedução infantil, abandonada por Freud em 1897, conforme carta nº 69 dirigida à Fliess: “Não acredito mais em minha *neurótica*” (1897/1980, p. 279), escreveu. Freud pensava

preparação do psiquismo através da angústia, o que geraria um deslocamento de investimento para o sistema que recebe o estímulo. Neste caso, a angústia torna-se assim, até certo limite de intensidade, fundamental para proteger o psiquismo do trauma. Isto explica a função cumprida pelos sonhos repetitivos, em que há o retorno à situação vivida: produzir a angústia que não ocorreu no momento do trauma. Neste caso, se constituiria uma exceção para a tese de que o sonho é realização do desejo. Seu objetivo final seria o de criar condições para o ligamento psíquico da experiência ocorresse.

Estas são as principais ideias de Freud trazidas na primeira parte de “Além do princípio do prazer”. É sobre elas que Walter Benjamin se detém no sentido de compreender os efeitos da modernidade sobre os sujeitos e o conseqüente empobrecimento da experiência.

4.5 *Benjamin leitor de “Além”*

*O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo.
S. Freud, A Transitoriedade (1915)*

Em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, Benjamin (1975) inicia sua aproximação com Freud ao lembrar que foi Theodor Reik o psicanalista que desenvolveu uma teoria da memória, utilizando distinção semelhante da que Proust fez entre memória voluntária e involuntária. Reik fez uma separação de modo a definir que, enquanto a memória é conservadora, a lembrança (ligada à consciência) seria destrutiva. Benjamin entende que esta afirmação está sustentada em Freud, quando este diz que, conforme visto, “a consciência surge *no lugar* do traço de lembrança” (1920/2010, p. 186, grifo nosso)³⁶. Há uma situação

nos primórdios da psicanálise que a neurose seria fruto de uma situação de abuso sexual cometido por um adulto contra uma criança.

³⁶ Embora se esteja trabalhando de forma comparativa com duas traduções distintas da obra de Walter Benjamin, uma da editora Brasiliense e outra, mais antiga, da editora Abril Cultural, optou-se por reproduzir as citações

de substituição na medida em que um assume o lugar do outro. Em seguida Benjamin volta a citar Freud, procurando avançar na delimitação da incompatibilidade existente entre consciência e o conceito proustiano, com o qual trabalha, de memória involuntária:

O que distinguiria o sistema *Cs*, portanto, seria a peculiaridade de que nele, diferentemente de todos os demais sistemas psíquicos, o processo de excitação não deixa uma permanente mudança dos elementos, mas como que se exaure no fenômeno do tornar-se consciente. (Ibid).

A tradução que Benjamin faz de Freud para os termos proustianos é de que a memória involuntária é formada apenas por aquilo que não foi vivido de forma consciente; isto é, o que não se configurou como uma *vivência* para o sujeito. Dito de forma positiva, faz parte da memória involuntária experiências registradas sem terem sido conscientes. Sentimentos, impressões, percepções que nunca foram alvo do pensamento consciente. As impressões duradouras marcam outro sistema que não o consciente, ou seja, o inconsciente. Isto ocorre porque o sistema *Cs* tem uma função específica e limitada: servir de proteção contra os estímulos oriundos do meio externo.

Benjamin está interessado na ideia de que o *registro da experiência* ocorre para além (ou aquém) da consciência. Isto é, que a consciência enquanto percepção dos estímulos externos tem, pelo contrário, a função de proteger o aparelho psíquico dos elementos que tentam invadi-lo. Por esta razão Benjamin foi buscar na experiência do trauma, ou do choque, a explicação freudiana de tal incompatibilidade. Para Freud a existência do trauma seria justamente o efeito do evento externo inundando o aparelho psíquico, sem que tivesse havido possibilidade de preparação. Isto é, sem que a angústia ou o medo fossem acionados pela expectativa do perigo.

Por outro lado, Benjamin sustenta que na medida em que a consciência cumpre sua função de aparar o choque externo, haveria conseqüentemente um empobrecimento no registro da experiência por parte do sujeito. Neste ponto a dimensão do tempo faz-se fundamental, na

diretamente da edição das obras freudianas publicada pela Companhia das Letras, com tradução de Paulo César de Souza.

medida em que a consciência tem que estar disponível para acolher novos estímulos. Pode-se pensar, neste ponto, numa mudança da experiência temporal, isto é, numa espécie de aceleração do processo. Os choques acolhidos constantemente pela consciência não pertencem ao registro da experiência: “O fato de o *choc* ser captado e “aparado” assim pela consciência, daria ao acontecimento que o provoca o caráter de “vivência” em sentido estrito”. (Benjamin, 1975, p. 39).

Então, quanto maior o número e a intensidade dos estímulos externos, mais ocupado fica o sistema *Cs*. Isto tem consequências, como será visto a seguir. Antes de finalizar esta parte, vale lembrar o que escreve Benjamin em *O Narrador*, “Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. (1936/1994, p. 205).

4.6 O sujeito contemporâneo

Kehl³⁷ (2009a) dedicou-se a estudar o tema da melancolia, articulando-o ao da experiência em Benjamin. Algumas de suas ideias são importantes para que se possa extrair consequências ainda mais claras sobre esta aproximação que Benjamin fez de Bergson, de Proust e, em especial, de Freud no sentido de compreender o empobrecimento da experiência em sua relação com a aceleração da temporalidade. Na verdade, observamos que a autora apresenta uma leitura original que consegue ir além do que Benjamin propôs.

Partindo da ideia de que “as percepções e os choques acolhidos pela consciência não pertencem ao registro da experiência” (Kehl, 2009a, p. 169), a autora apresenta a seguir um

³⁷ A autora há muitos anos vem trabalhando com as ideias de Walter Benjamin. Pode-se dizer que uma de suas principais preocupações diz respeito justamente à compreensão da desmoralização da experiência na modernidade.

elemento que pode ser considerado chave e que não é encontrado de maneira explícita nos textos de Benjamin: a relação entre a velocidade (traumática) com que os acontecimentos afetam os sujeitos na contemporaneidade e a consequência sobre o empobrecimento da experiência: o trabalho psíquico realizado para aparar os choques a que a vida moderna expõe constantemente os sujeitos levaria a vida psíquica à sua dimensão mais pobre: aquelas desempenhadas pelo sistema *Cs*. “Pobre”, aqui, deve ser entendido como um evento que não é capaz de transformar nem deixar marcas.

Kehl (2009a) observa ainda que Freud promoveu uma grande virada no pensamento ocidental ao retirar da consciência seu papel de prestígio. Neste sentido, embora a função desempenhada pelo sistema consciente seja decisiva no papel de proteção do psiquismo, é ao mesmo tempo bastante pobre ao ser comparado com os demais sistemas: apenas recebe o estímulo externo, registra e reage, sem ter seus elementos modificados pelo evento.

A autora lembra que o repouso do sistema *Cs*, isto é, o “desligamento” da atenção consciente (possível, por exemplo, através da contemplação, do ócio ou da distração) é fundamental para que as memórias, voluntária e involuntária, possam encontrar espaço de coexistência. Como a experiência não tem o poder de autoridade, ela precisa da imaginação para se sustentar, possibilitando a cada um formular sua versão e inserir também sua própria experiência no que será transmitido. No entanto, na relação que o homem moderno mantém com seu tempo, esta possibilidade contemplativa encontra-se achatada ao máximo:

Que dizer do estatuto da experiência em nossa modernidade tardia? Seremos todos “traumatófilos” sem escolha, condenados a reduzir nosso modo de estar no tempo à atividade contínua de aparar o choque dos estímulos cada vez mais velozes, de modo a impedir que desorganizem a vida psíquica? (Kehl, 2009a, p. 170).

A hipótese apresentada permite que possamos colocar a questão de forma bastante clara: a modernidade, através da aceleração e do excesso de estímulos sobrecarrega o sistema *Cs*, de modo a empobrecer as possibilidades de registro da experiência. Assim, a título de exemplo, tal qual “um soldado no *front* que precisa se defender de tiros vindos de todas direções”, a

consciência não consegue entrar no estado de desligamento necessário para que possa haver o trabalho de registro.

O sujeito, a partir da entrada na modernidade (industrialização, economia de mercado, crescimento das cidades, modificação nas experiências temporais) passou a receber um número crescente de estímulos provocando uma grande dificuldade em conseguir criar estes momentos de desligamento. Mesmo em situações consideradas de lazer, está-se constantemente em estado de alerta. É o que pode ser visto, por exemplo, durante uma sessão de cinema ou mesmo na beira do mar: há sempre pessoas que sentem necessidade de ficar verificando o celular, trocando mensagens ou acompanhando as atualizações que seus “amigos” realizam nas redes sociais. Momentos de trabalho e de lazer estão cada vez mais semelhantes, de modo que há sempre a necessidade de se estar em um estado de prontidão.

Chegou-se em um ponto em que fazer “apenas uma coisa de cada vez” tornou-se tarefa rara. É preciso estar falando ao telefone, assistindo um programa de TV, trabalhando no computador e ainda participar de uma conversa na casa. Comparado com uma comunidade em que pouco ou nada de novo acontece, em que é possível passar horas ou dias sem conversar com alguém, em que se pode deitar sem pressa para contemplar nuvens ou estrelas, o sentimento da passagem do tempo nos centros urbanos da sociedade contemporânea é completamente diferente. Assim, tem-se como resultado que, segundo Kehl, “O excesso de estímulos que exigem o trabalho de atenção consciente, seria responsável pela desqualificação da experiência na modernidade”. (Ibid, p. 175).

Para colocar a questão nos termos que Freud (1920/2010) utilizou, poder-se-ia dizer que o evento excitatório não deixa marca duradoura no sistema Cs, pois “todas suas marcas, na qual se apoia a recordação, seriam produzidas nos sistemas adjacentes internos, ao transmitir-se para eles a excitação”. (p. 186).

Neste ponto é preciso chamar a atenção para um pequeno passo, porém bastante importante na medida em que leva as ideias benjaminianas e freudianas a um estágio além. Está ligado àquilo que foi apresentado no primeiro capítulo e que guarda uma grande proximidade com o sentimento de esvaziamento, de falta de sentido vivido na contemporaneidade. Kehl (2009a) formula da seguinte maneira:

Em Freud, a incompatibilidade entre o processo de conscientização e a permanência do traço mnemônico nos leva a pensar que, nas situações de excessiva e contínua estimulação em que o sistema P-Cs é permanentemente solicitado a trabalhar, a temporalidade psíquica é percebida como uma *sucessão de momentos presentes*. (2009a, p.172).

Esta percepção de uma sucessão de momentos presentes, desconectados, que não levam a lugar nenhum, está ligada ao sentimento de vazio bastante presente na atualidade. Vive-se sob o reino da urgência, tão caro à lógica capitalista, mas ao mesmo tempo com a sensação de que nada produziu efetivamente diferença. A lógica da imediatez exige tempos cada vez mais exíguos para responder às demandas, de modo que se perde a noção do que é importante ou não. Assim, pode-se concluir com Aubert (2008) que a violência do tempo deve ser chamada de urgência.

Neste ponto é importante lembrar que no campo das manifestações do sofrimento psíquico da atualidade está em questão aquilo que se chama de patologias narcísicas. Como já foi dito, na sociedade do espetáculo causa sofrimento não conseguir dar provas da capacidade de gozo. Nas palavras de Bezerra Jr. (2002, p. 235), “Na sociedade do espetáculo, o anonimato não tem valor positivo”. [...] “Na cultura das sensações [...], o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental falha”. Neste sentido, o autor faz uma relação com o fato de que na atualidade há uma prevalência de quadros sintomáticos ligados aos fenômenos aditivos (que indicam a incapacidade de restringir ou adiar a obtenção de satisfação), de transtornos vinculados à imagem ou à experiência do corpo e de depressões menores (ausência de desejo, motivação ou empenho). Patologias narcísicas; situações (ou estados) limite.

Benjamin, a propósito de Baudelaire (1994), escreveu que “O herói é o verdadeiro sujeito da modernidade. Isso significa que para viver a modernidade é preciso uma natureza heroica”. (p. 73). Estas palavras foram recolhidas por Ehrenberg (2010) em seu livro “O culto da performance”. Neste texto o autor trata de analisar como a ideia de superação de si mesmo e o medo da exclusão social passaram a ser a mola propulsora do sujeito da modernidade. No entanto, trata-se de um confronto que, por vezes, conduz à “explosão”.

O que Benjamin queria dizer, ou seja, o que o próprio Baudelaire gostaria de dizer? Que o mais modesto operário da fábrica realiza, no dia-a-dia, *a proeza* dos antigos gladiadores, só que sem a mesma glória. O operário da fábrica, assim como o dândi, esse “Hércules sem emprego”, o vagabundo, o desocupado ou o habitante de rua são, para Baudelaire, a expressão da modernidade: todos estão forçados a ter de realizar uma proeza que os fazem grandes e pela qual são os heróis da vida moderna. (Ehrenberg, 2010, p. 12).

Uma vida que precisa ser provada cotidianamente, na medida em o sujeito torna-se figura de começo. Isto é, o que fabrica a si mesmo já que seu valor não lhe foi herdado ou transmitido. Seu valor, como será visto no próximo capítulo, precisa ser sustentado a cada momento, de modo que sucesso e reconhecimento estão sempre flertando com fracasso e esquecimento.

Até este ponto se falou na situação que gera tanto a necessidade de se estar correspondendo com cada vez maior velocidade às urgências quanto no sentimento de vazio, daquilo que não produziu marcas. É preciso concluir então que entre a aceleração, a urgência e o vazio da desistência, encontra-se o sujeito contemporâneo. Podemos dizer que o sujeito contemporâneo é aquele que surge no intervalo entre o excesso (transbordamento) e a ausência (o vazio absoluto).

Para finalizar esta parte será necessário recorrer uma vez mais a uma articulação de Kehl (2009a), no ponto em que integra e responde alguns dos questionamentos que foram produzidos até este momento. Em primeiro lugar a questão do esgotamento do sujeito freudiano, isto é, do sujeito dividido, do inconsciente; em segundo o empobrecimento do registro da experiência em razão da sobrecarga sobre o sistema *Cs* e, em terceiro lugar, do

sentimento de vazio e falta de sentido vivenciado pelo sujeito contemporâneo. Escreve a autora:

Não se trata de sugerir que já não se produza o sujeito do inconsciente, na subjetividade contemporânea; mas que as formas de atividade psíquica intermediárias entre o inconsciente recalçado e o trabalho do sistema percepção-consciência possam ter se empobrecido em função do excesso de demandas que pesam sobre esse último, tornando nossa percepção do tempo vivido tão urgente quanto vazia. (p. 170).

Pelo caminho que está sendo percorrido neste trabalho, o entendimento de que o sujeito da contemporaneidade, o sujeito hipermoderno que torna superlativos os valores modernos, mantém os traços fundamentais daquilo que animou Freud no desenvolvimento da psicanálise. Neste sentido, embora muitas questões relativas à transformação da subjetividade estejam sendo elencadas, em relação ao essencial, isto é, a existência do recalque e a produção do inconsciente freudiano, não há indícios que levem a concluir que estejamos testemunhando seu apagamento.

Neste sentido o pensamento de Walter Benjamin contribuiu de forma decisiva para esta compreensão, permitindo que este trabalho siga, a partir deste momento, mais delimitado dentro do campo psicanalítico. Desta forma, o passo seguinte será o de percorrer os caminhos que permitem aprofundar a compreensão do sujeito contemporâneo, especificamente através dos aspectos ligados às consequências dos contextos sobre a organização narcísica.

5. Narcisismo e sintoma social: sobre a atualidade do conceito freudiano de narcisismo

*Je est un autre*³⁸
Rimbaud

³⁸ Frase foi extraída da carta escrita por Arthur Rimbaud ao seu amigo Paul Demeny, em 15 de maio de 1871.

Ao apresentar este capítulo uma observação preliminar se faz necessária: o termo narcisismo, empregado em diversos contextos e por diversas áreas do conhecimento, não corresponde, *stricto sensu*, ao conceito construído pela psicanálise. Esta observação é fundamental para que não se perceba como correlatos o emprego do termo no sentido adjetivo. É o que ocorre quando, por exemplo, refere-se a existência de uma “sociedade narcisista” querendo expressar a existência de uma sociedade que promove a valorização de aspectos narcísicos dos sujeitos. Neste caso não é propriamente a sociedade que seria narcisista, mas o sistema vigente que imprime sobre os sujeitos uma valorização de tal ordem.

Como este trabalho está fundamentado teoricamente na psicanálise, se buscará manter essa distinção de forma clara. Nos campos da antropologia e da sociologia, em especial, há com alguma frequência o emprego dos termos “cultura” ou “sociedade narcisista”. Não é da mesma forma que a psicanálise deve se colocar, uma vez que esta não constitui uma ferramenta que se propõe a interpretar as sociedades.

Assim, será percorrido um caminho desde o narcisismo em Freud até um delineamento do que se caracteriza como sintoma social em psicanálise, o gozo que nele está implicado e a crise decorrente das modificações na constituição narcísica do sujeito. Ao longo do caminho será preciso retomar aspectos relativos à construção do Eu e do outro, em suas diversas acepções. Inveja, vaidade e ressentimento fazem parte deste caminho.

5.1 *Freud e o narcisismo - antecedentes*

Em psicanálise, o conceito de Eu foi sendo construído ao longo de uma obra, partindo da mera noção de espaço subjetivo até chegar ao lugar de uma das instâncias que compõem o aparelho psíquico (O Eu e o Id, 1923). Nos primeiros escritos de Freud havia uma grande proximidade da consciência com a razão, trabalhando a serviço do princípio de realidade de modo a conter e canalizar a energia livre (conforme pode ser visto em seu *Projeto*, de 1895). Já nesta primeira concepção do aparelho psíquico, conhecida como primeira tópica, Freud apontava para o fato de “uma tendência da vida psíquica a evitar o desprazer” (1895/1980, p. 330). Seria desta forma que se justificaria a necessidade da existência do Eu.

Seguindo o modelo biológico/perceptivo/neuronal que lhe servia de base na época, a origem do Eu poderia ser explicada como uma forma de inibir um processo alucinatório da repetição da experiência de satisfação, trabalhando, assim, a serviço da manutenção da vida. Isto é, ao impedir a alucinação da experiência de satisfação vivida, o Eu evitaria que o sujeito sucumbisse ao deleite fantasioso da experiência de prazer. É observável que neste momento tratava-se, portanto, de um espaço subjetivo ainda isento dos conflitos próprios da sexualidade, reconhecidos posteriormente. Antes da introdução do narcisismo na metapsicologia freudiana, as pulsões eram divididas em sexuais e egóicas. Foi com a introdução do conceito de narcisismo que o próprio Eu, até então “assexuado”, passou a ser reconhecido como também alvo de investimentos e, conseqüentemente, conflitos.

O conceito “narcisismo” não havia sido propriamente formulado na teoria psicanalítica até que Freud, em 1914, publicou o texto “Introdução ao Narcisismo” (1914/2010). Tornou-se necessário contemplar as manifestações psicóticas no campo psicanalítico e, a teoria da libido

desenvolvida até então não permitia essa reflexão. Assim, a definição do narcisismo ampliou a compreensão a psicopatologia, mas também criou impasses na metapsicologia freudiana.

Não se deve deixar de mencionar que a necessidade de conceituar o narcisismo ocorreu no contexto em que era preciso assegurar o caminho próprio que Freud conferia à psicanálise, e isto estava diretamente ligado aos questionamentos sobre a teoria da libido que Jung vinha realizando na época.

Em uma carta deste endereçada à Freud no final de 1909, diz: “Meu desejo de o ter por perto é muito frequente. Há tantas coisas a lhe perguntar! Em momento adequado eu gostaria de lhe extrair, por exemplo, uma definição de libido. Até agora não cheguei a nada que me satisfaça.” (1993, p. 290). Apesar da resposta que Freud lhe endereçou, Jung seguiu afirmando não conseguir compreendê-lo.

O tratamento de Jung com psicóticos o levava a duvidar a forma como Freud havia pensado sua teoria da libido. No seu entender, esta seria apenas uma espécie de variável de uma energia psíquica de espectro geral. Assim, para Freud, o texto sobre o narcisismo não deixa de ter também o caráter de resposta pública à Jung, considerando o desgaste que paulatinamente foi se abatendo sobre a relação de ambos. No próprio ensaio, em mais de um momento Freud menciona Jung: “O que se poderia dizer para corrigir tal equívoco de interpretação já foi dito por Firenczi, numa sólida crítica ao trabalho de Jung” (1914/2010, p. 23).

Na carta que Freud havia lhe escrito em 23 de maio de 1912, já se tornava possível perceber claramente o tom de ruptura que estava prestes a eclodir:

Na questão da libido, finalmente, vejo a que ponto a sua concepção difere da minha. [...] confesso ter uma forte antipatia por sua inovação. Essa antipatia tem dois motivos. Primeiro, o caráter regressivo da inovação. Creio que temos sustentado, até agora, que a ansiedade se origina da proibição do incesto; agora o senhor afirma, pelo contrário, que a proibição do incesto origina-se da ansiedade, o que é muito semelhante ao que foi dito antes da era da psicanálise. (1993, p. 511).

O segundo motivo que Freud em seguida fornece é da semelhança que a hipótese de Jung tem com uma que havia sido apresentada por Adler (já apontado na carta de 19 de dezembro

de 1909). Isto é, de que a libido do incesto é “arranjada”, de modo que o neurótico não teria desejo pela mãe. Este apenas criaria um motivo insuportável, “monstruoso”, para conseguir afugentar-se de seu desejo. *O horror ao incesto seria, neste caso, apenas um mecanismo para frear o desejo, gerando a neurose*. Freud termina esta carta de forma dura, falando de uma total incompreensão por parte de Jung ao que seria sua proposta de inconsciente.

Sobre a posição de Adler, explicitada especialmente no artigo apresentado em 1911 “O protesto masculino como o problema central de neurose”, Freud não havia ficado em dúvida: ela deixava de lado o inconsciente e a sexualidade. Como escreve Gay (1989), no entender de Freud a proposta de Adler apresentava “‘uma psicologia geral’, ao mesmo tempo ‘reacionária e retrógrada’”. (p. 213). Pior, sua compreensão enfraquecia a importância do complexo de Édipo, da sexualidade infantil e da própria etiologia sexual das neuroses, apresentando as formulações freudianas de maneira simplificada e diluída. Freud temia também que esta forma de colocar as questões de modo a oferecer menor resistência pudesse ser mais facilmente popularizada, uma vez que deixava de lado questões consideradas bastante espinhosas na época (Gay, 1989).

A primeira vez que Freud utilizou o termo narcisismo foi em 1910, ao acrescentar uma nota final aos seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado cinco anos antes. Nessa nota, intitulada “Teoria da libido”, Freud se refere à existência de uma libido que não se originaria apenas das partes sexuais, mas de forma generalizada no corpo. Nomeia esta energia inicialmente de “libido do ego”, acrescentando, em seguida, que “também descrevemos a libido do ego como libido narcísica” (1905/1980, p. 224). Esta libido desempenharia a função de reservatório, de onde partiriam e para onde retornariam as catexias de objeto, consistindo na condição de “estado de coisas original” (Ibid). A nota termina com mais uma observação de Freud (esta, por sua vez acrescentada somente em 1920) de que igualar a libido a uma força instintiva psíquica geral, tal qual proposta por Jung, implicaria em

ter que sacrificar o que até então havia sido conquistado. Vê-se a importância dada por Freud sobre esta questão, de modo que não demonstrava estar disposto a nenhum tipo de concessão sobre este ponto.

No mesmo ano de 1910, Freud iria se referir ao narcisismo também no texto *semificcional* sobre Leonardo da Vinci, apresentado (e muito bem recebido) em 1º de dezembro do ano anterior aos membros da Sociedade Psicanalítica de Viena. Apesar de ter utilizado fontes consideradas inconclusivas ou viciadas (Gay, 1989), Freud pode concluir que a mãe de Leonardo, uma vez abandonada, havia colocado o filho no lugar do marido, roubando-lhe assim parte sua masculinidade. Esta situação resultaria em sua identificação com a mãe e sua consequente homossexualidade: Leonardo amaria meninos assim como um dia foi amado por sua mãe. Neste ponto a questão do narcisismo é novamente colocada, entendida desta vez como um retorno ao autoerotismo. O sujeito toma a si próprio como objeto de amor. Assim, em uma determinada modalidade de homossexualidade, o parceiro poderia vir a assumir a posição de uma espécie de duplo de si mesmo, revelando por este motivo seu caráter narcísico. Disse Freud:

Assim torna-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiterações de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal qual sua mãe o amou quando criança. Dizemos que ele encontra seu objeto amoroso pela via do *narcisismo*, pois o mito grego chama de *Narciso* um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformada na bela flor que tem esse nome (1910/2013, p. 167).

No ano seguinte a esta publicação, em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, onde Freud (1911/1980) expõe o caso conhecido como Schreber, a ideia de que narcisismo e autoerotismo seriam equivalentes é definitivamente abandonada, considerando o narcisismo agora como uma das etapas do desenvolvimento da libido. Trata-se então de um estágio localizado entre o autoerotismo e o amor objetal. Uma etapa em que o sujeito após tomar a si próprio como objeto amoroso, passa para a escolha de outra pessoa que

não ele mesmo como objeto. A escolha objetal se daria primeiramente em relação a alguém do mesmo sexo para, no segundo tempo, dirigir-se ao sexo oposto.

Freud entende então esta etapa narcísica como uma fase indispensável no desenvolvimento da libido. No entanto, observa que algumas pessoas ficam demasiadamente ligadas a esta fase, prolongando o tempo de maneira que chama de “inusitada”. Este prolongamento deixaria marcas: acarretaria em que características narcísicas fossem levadas para fases posteriores.

Ainda em um último ensaio antes de escrever *Introdução ao narcisismo*, Freud novamente modificou seu conceito de narcisismo. Em “Totem e tabu” (1912/1980), o narcisismo torna-se uma estrutura permanente, que continua a existir apesar das reestruturações libidinais. Através da unificação das pulsões parciais e autoeróticas, Freud diz que a libido obedece a uma flutuação, de modo que a catexia dos objetos são emanações da libido que permanece no ego, podendo retornar a ele.

5.2 *Narcisismo em Freud – o Eu e o outro*

O ensaio de Freud intitulado “Introdução ao Narcisismo”, de 1914, constitui um passo importante em sua obra na direção da segunda tópica. Trata-se do reconhecimento do Eu como instância psíquica. Nesta nova concepção que começa a ser construída, pensamento e razão ficam cada vez mais deslocados do primeiro plano e o Eu surge atravessado pelo inconsciente e pela sexualidade³⁹.

³⁹ A posterior investida na necessidade de fortalecimento do Eu ganhou muitos adeptos, especialmente na corrente norte-americana. O termo *Ego-psychology* foi apresentado por Heinz Hermann em 1937, na Sociedade Psicanalítica de Viena. Ernst Kris e Rudolph Loewenstein são reconhecidos por suas contribuições nesta área.

Como visto acima, a primeira noção do Eu foi formulada por Freud ainda no “Projeto” (1895) e tratava-se, então, de uma instância que agiria para impedir o processo alucinatório de satisfação a partir do teste de realidade.

Já com uma maior precisão, em 1923, em “O Eu e o Id”, Freud consegue concluir que o Eu se constitui a partir de uma gama de determinações que se sobrepõem, envolvendo instâncias como Id, Super-eu, inconsciente e alteridade. Sobre esta questão, escreve que:

Assim, afirmamos repetidamente que o Eu se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Id; que as primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Eu, confrontando este como Super-eu, enquanto mais tarde o Eu fortalecido pode se comportar de modo mais resistente às influências dessas identificações. (1923/2011, p. 60).

Um Eu que se monta aos pedaços. Por meio das identificações, o objeto que não pôde ser consumido, deixou suas marcas, seus vestígios, pondo em xeque a ideia de um indivíduo, isto é, uma unidade que não se divide. O Id, diante da frustração da tentativa de se apoderar do objeto de satisfação, precisando adiar este encontro, necessita de outra entidade que seja capaz de assumir esta tarefa. É a partir da necessidade de lidar com as perdas sofridas pelo Id que começa a se organizar o Eu. Nas palavras de Moreira (2009), ocorre que “O eu tenta lidar com as perdas insuportáveis para o Id e, nessa tentativa, constrói sua pseudo-identidade com os restos dos outros que atravessaram o campo pulsional do sujeito”. (p. 237).

Pois bem, esta pequena antecipação sobre a constituição do Eu serve para que se possa evidenciar desde logo aquilo que lhe é essencial: seu caráter plural e multifacetado. Neste sentido a fantasia tem um papel fundamental como cimento, como aquilo que permite que seja estabelecida uma liga entre os elementos, construindo assim uma identidade. Portanto, é necessário demarcar que para a psicanálise a ideia de *indivíduo* guarda sempre algo de precário, pois não diz de sua divisão fundante, daquilo que lhe é essencial.

Freud começa “Introdução ao Narcisismo” lembrando que o termo foi introduzido por Näcke ainda no século XIX para descrever uma perversão sexual em que o próprio corpo seria tomado como objeto de satisfação sexual. Depois de reconhecer que inicialmente se pensou

ser uma característica de certos “distúrbios”, como os homossexuais, ou uma etapa do desenvolvimento da libido, Freud observa que um narcisismo “primário e normal” é encontrado em “parafrênicos” cuja megalomania e desinteresse pelo mundo externo (tanto pessoas como coisas) os impediriam acessar o tratamento psicanalítico. As “neuroses narcísicas” (que corresponderiam então às psicoses) seriam exatamente aquelas em que há um impedimento na relação com o outro; a libido se concentraria primordialmente no próprio Eu. Neste ponto Freud precisa que o narcisismo oriundo da retirada dos investimentos libidinais do mundo externo e que retorna ao Eu seria secundário.

Desta forma, as neuroses narcísicas se oporiam às neuroses em que o vínculo de amor permitiria o estabelecimento de revivências para com o analista. Estas recebem o nome de neuroses de transferência.

No entanto, para Freud também na neurose obsessiva e histérica haveria uma retração da libido em relação ao mundo exterior. Porém, diferente do que ocorre na psicose, esta libido não fica concentrada no Eu: seria canalizada principalmente para a fantasia, substituindo os objetos reais por imaginários. Esta seria uma característica importante da neurose no que diz respeito ao investimento libidinal.

Seguindo na construção de sua argumentação, Freud identifica que algo presente nos povos primitivos é igualmente encontrado na vida psíquica das crianças: uma crença na força mágica do pensamento que corresponde à sensação de onipotência. Isto irá sustentar a ideia de que há um investimento primordial de libido no próprio Eu (narcisismo primário), só em um segundo momento deslocado em parte para os objetos externos. Assim, a libido do Eu e a libido de objeto estariam em oposição: o emprego maior de uma empobrece a outra.

Neste momento Freud se depara com a necessidade de diferenciar o autoerotismo do narcisismo primário. A proposta que formula diz respeito à necessidade de instauração do Eu. Para que o Eu possa se formar é preciso que haja investimento libidinal narcísico. Na ausência

desse Eu, é o autoerotismo que está em jogo. A seguir Freud esclarece sua posição sobre a existência de uma energia sexual e outra não sexual utilizando o modelo biológico: trata-se apenas de uma dupla função. Isto é, uma transformação que não joga fora seu embrião.

Sobre ponto pode-se dizer que há uma importante novidade na metapsicologia freudiana apresentada em “Introdução ao Narcisismo”. Trata-se da existência simultânea da libido do Eu e da libido do objeto. O que mantém o sujeito vivo, o que faz com que não se deixe morrer não se deve aos instintos de auto conservação, mas sim pelo fato de que “se ama”.

Seguindo seu habitual estilo retórico, no segundo ponto do trabalho Freud investiga o narcisismo através do que chama de distorções psicopatológicas e exageros. Assim, analisa o que ocorre quando o sujeito é acometido por doenças orgânicas, na hipocondria e na vida amorosa. Casos em que há uma retirada de investimento libidinal dos objetos externos. Assim como a libido pode se fixar no objeto, pode voltar-se para o Eu (ou em algum órgão específico do corpo, como no caso da hipocondria). No entanto, a concentração excessiva de investimento no próprio Eu, a repressão libidinal, pode ser altamente dolorosa e obrigar o sujeito a investimentos externos:

De onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar. (1914/2010, p. 29).

O que ocorre em situações como a descrita é uma ruptura no princípio de constância que rege o funcionamento do aparelho psíquico. Um grande acúmulo de energia libidinal no próprio Eu resultaria em loucura, como no caso da megalomania. Neste sentido, pode-se dizer que o outro, enquanto objeto externo, interfere de forma estruturante no Eu. No paralelo que Freud traça entre a parafrenia e a neurose, a primeira investiria prioritariamente a libido no próprio Eu, acarretando na megalomania. No caso de haver falha neste processo, surgiria a

hipocondria. Já com relação aos casos de neurose, o investimento ocorre principalmente na fantasia, cujo fracasso é responsável pelo surgimento da angústia.

Na parte em que se detém na investigação dos objetos de amor, Freud define duas categorias de pessoas, mas que não se dividem em grupos bem diferenciados. Aquelas que fazem as escolhas de objeto do tipo *narcísico* ou do tipo *de apoio* (também chamada anaclítica). No primeiro caso se amaria aquilo que se é, o que foi, o que gostaria de ser ou ainda parte de si mesmo. No segundo tipo, de apoio, o objeto amado estaria ligado à mulher nutriz ou ao homem protetor.

A primeira, mais característica das mulheres, produz a sensação de autossuficiência, (que seria, segundo explica, compensatória a pouca liberdade encontrada na sociedade). Já a relação do tipo de apoio, mais frequente entre os homens e cuja característica apresenta um empobrecimento libidinal do Eu em favor do objeto, é decorrente de uma superestimação sexual baseada no narcisismo infantil. Seria aquela que se dirige à figura de nutrição e proteção. Segundo Freud, as escolhas do tipo narcísico devem-se ao fato de que,

Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição. A importância desse tipo de mulher para a vida amorosa dos seres humanos é bastante elevada. [...] Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal. (Ibid, p. 34).

Assim, prossegue Freud em um ponto de particular interesse para este trabalho por adiantar algo específico sobre o narcisismo masculino:

À grande atração da mulher narcísica, não falta o reverso, porém; boa parte da insatisfação do homem apaixonado, a dúvida quanto ao amor da mulher, a queixa quanto aos enigmas do seu ser, tem sua raiz nessa incongruência entre os tipos de escolha de objeto. (Ibid, p. 34-35).

O tipo de escolha objetal mais característico nas mulheres, *narcísico*, sugere que seria menos desenvolvido do que o do tipo de *apoio*. Afinal, na sequência da apresentação de suas ideias, Freud fala que a maternidade levaria a mulher ao completo amor objetal, na medida em que investiriam em algo que foi, antes, parte do seu corpo. Outro caminho a ser adotado pela

mulher na direção de encontrar o pleno amor objetal pode ser tomado quando, antes da puberdade, “sentiam-se masculinas” e assim ansiavam por este tipo de ideal. Seria, assim, o prolongamento da natureza masculina que um dia homens e mulheres tiveram. Cabe aqui a crítica necessária ao modelo masculino que Freud novamente toma para pensar o curso normal da vida psíquica.

Concluindo o segundo ponto do artigo, Freud diz que o narcisismo primário que é atribuído às crianças, decorre dos investimentos feitos pelos pais. Estes atribuíam à criança perfeições, ocultando ou esquecendo seus defeitos.

Mas também, se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. (...) *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. (Ibid, p. 36-37).

Freud acaba dizendo, de forma clara, que o amor comovente dos pais por seus filhos não passa do narcisismo desses, renascido, de tal modo que os pais amam não é propriamente a criança, mas suas próprias idealizações. Conclui-se então que o narcisismo primário existente na criança seria uma herança do ideal narcísico presente nos pais. Ainda com relação ao trecho exposto acima, quando Freud fala em conquistas culturais, está se referindo justamente a tudo que precisou ser abandonado ou reprimido em cada sujeito, conforme posteriormente detalhou no trabalho “Mal estar na civilização”, de 1930 (1930/2010).

Na terceira e última parte do ensaio, Freud introduz a questão do Eu Ideal e do Ideal de Eu. Neste ponto torna-se importante observar aquilo que diz respeito ao que diferencia estas duas noções. É exatamente a constituição de um ideal por cada sujeito que permite o estabelecimento de uma forma de avaliação, de *medição* do Eu. O sujeito reconhece ideias que são determinantes para si, submetendo-se a elas. Freud apresenta então aquilo que é o embrião do que futuramente iria chamar de Super-Eu, cujo nome neste momento é “autorrespeito do Eu”. O ideal criado pelo Eu tem como condição justamente a repressão. Os ideais são, por assim dizer, herdeiros do Super-Eu:

Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma do ideal do Eu. *O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.* (Ibid, p. 40, grifo nosso).

Então, a partir de um narcisismo em que o sujeito está preso como seu próprio ideal, é possível um movimento de exteriorização a fim de eleger objetos idealizados a serem buscados. Se as exigências externas foram solapando a ideia de que o Eu está na posição de ideal, os ideais valorizados pela sociedade a que o sujeito se dedica trarão novas possibilidades de realização de si. Um Eu que busca sua realização no campo social (diferentemente do que ocorre com o ressentido, como será visto adiante).

A instância moral que foi então internalizada pelo sujeito através da crítica dos pais e educadores e das normas da sociedade é situada por Freud na base do delírio de que o sujeito está sendo constantemente observado, vigiado. Algo bastante corriqueiro e que faz parte tanto da vida normal, como, em especial, na constituição dos sistemas especulativos do conhecimento e na paranoia.

Finalmente, Freud fala do amor próprio. Sentir-se amado representa o objetivo e a satisfação na escolha de objeto do tipo narcísica. Por outro lado, não conseguir amar implica em perder, em parte, o amor próprio.

A percepção da impotência, da própria incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio. Aí devemos encontrar, na minha avaliação, uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência. Mas a fonte principal desse sentimento é o empobrecimento do Eu por tendências sexuais não mais sujeitas a controle. (Ibid, p. 46).

Aqui é preciso um esforço maior para compreender Freud, na medida em que, seguindo a lógica, não amar corresponderia a não investir no objeto externo e, conseqüentemente, aumentar as reservas de libido no Eu. No entanto, Freud explica que neste caso se trataria de uma repressão da libido. Assim, o investimento amoroso seria sentido como uma grave diminuição do Eu. Valorizar o Eu novamente implica em retirar libido anteriormente investida

nos objetos. Este retorno da libido de modo a recompor os investimentos no Eu corresponde ao narcisismo secundário.

Então, o desenvolvimento do Eu implica em afastamento do narcisismo primário e o consequente esforço para reconquistá-lo. Isto ocorreria através do cumprimento dos ideais do Eu e da satisfação ligada aos objetos que foram investidos. O Eu ideal seria substituído pelo Ideal de Eu, produzido a partir de uma espécie de sublimação. Assim, restou algo no sujeito de narcisismo infantil, acrescido da satisfação pelo cumprimento de ideais e da libido investida nos objetos. Pode-se entender que o estabelecimento dos ideais dificulta a satisfação nos objetos, uma vez que parte dessa satisfação seria intolerada.

A questão que está em jogo diz respeito então às apostas que o sujeito faz, seja nos objetos, seja nos ideais. Enamorar-se implica em “transbordar” a libido do Eu para o objeto, elevando o objeto sexual a ideal sexual. A busca é pelo cumprimento do amor infantil, seja de apoio ou narcísico. Freud afirma que o ideal sexual pode, de alguma forma, funcionar como auxiliar do ideal do Eu: “Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para satisfação substitutiva.” (Ibid, p. 49). Assim, o objeto é amado justamente por encarnar aquilo que falta ao Eu.

Pode-se então concluir que se o aparelho psíquico tem como principal função viabilizar a descarga das tensões, seu aumento constitui um problema. No sentido de resolver tal situação, o investimento em objetos reais contribui como uma forma de escoamento da libido. Como a neurose se caracteriza principalmente pelo investimento em objetos irrealis (fantasia), uma parte desse investimento libidinal feita em um objeto real, o Eu no caso, seria satisfatória. Ainda que as escolhas sejam objetais, precisam manter alguma forma de relacionamento com o Eu, de tal forma que, finalmente, os objetos reais estariam mais relacionados à realidade narcísica do que à realidade externa.

5.3 *Faraway, so close: faces narcísicas*

Inês, Estelle e Garcin estão trancados em uma sala, condenados a viver juntos para sempre. *Sempre*, neste caso, não é no sentido figurado, trata-se mesmo da eternidade. Para os três não haverá mais noites, sono e nem mesmo a mera possibilidade de um mísero piscar de olhos. A sala em que estão confinados, sequer tem janela. Estão no inferno: entregues à presença ininterrupta, ostensiva do outro. Desta forma, diferente do que se crê, no inferno o que atormenta não são os fogos, o calor, o cheiro do enxofre, as estacas ou eventualmente o encontro com a figura aterradora do demônio. O tormento vem daquilo que está em excesso, do que se impõe demasiadamente presente. O que está permanentemente ali e não permite seu apagamento, seu esquecimento ou, nem mesmo, seu distanciamento. Jean-Paul Sartre (1977), em sua peça *Huis Clos*, de 1944 (traduzida para o português com o título “Entre quatro paredes”), conclui desta forma que o *inferno é os outros*.

Logo nas primeiras linhas da peça, o personagem Garcin, ao conhecer a sala onde passará a eternidade, constata que além da falta de janelas, não há nem mesmo um espelho. Situação que causa estranheza: o espelho remete, desde a Idade Média quando ainda era um objeto para muito poucos, à vaidade e, conseqüentemente, à própria figura do demônio. Proibido nas igrejas, recomendado que não fosse utilizado nem mesmo nas casas, o espelho desde suas origens esteve ligado a um dos sete pecados considerados capitais⁴⁰. O pecado da vaidade (ou soberba) faz o homem enxergar e deslumbrar-se consigo mesmo. Achando-se importante, autossuficiente, perde a humildade necessária para poder glorificar a figura do criador. Tal

⁴⁰ Lembrando que os pecados considerados capitais são, para a Igreja, aqueles que dão origem a outros de menor importância. Isto é, a pecados considerados perdoáveis.

como Narciso, o homem sucumbe ao esplendor do si mesmo, à imagem perfeita de um eu elevado à categoria de ideal.

Narcisismo e vaidade, no entanto, não devem ser confundidas. O primeiro pode estar na base do segundo, mas diz da libido investida no próprio eu. Por excelência, não deveria assumir o tom pejorativo que às vezes lhe é empregado, pois é essencial para preservação da vida. No entanto, o amor de si não é suficiente. Freud escreveu em “Introdução ao narcisismo” que “aquilo que possui o mérito que falta ao Eu pra torná-lo ideal é amado” (1914/2010, p. 49).

Já vaidade, *vanitas* no latim, remete ao vazio, isto é, à tentativa de mostrar, de se fazer admirado por aquilo que não tem, criando um jogo de engano. Remete a uma sensação de que se está blefando, de que se aparenta mais do que se é, bastante comum nas neuroses e em especial na histeria. Segundo Ehrenberg (2010), no início do século XIX os escritos médicos condenavam aqueles que queriam se distanciar muito de sua posição de origem. Era considerado prudente naquela época não se deixar tomar pela vaidade.

A vaidade se vê denunciada pela vergonha, momento em que o rosto enrubesce, as mãos suam e o sujeito sente-se descoberto. Algo como uma insuportabilidade instantânea de si mesmo. É possível pensar em uma relação em que quanto maior a vaidade, maior o medo de passar vergonha. A possibilidade de quebra no orgulho que tem de si, na imagem de um eu ideal, traz consigo a vergonha.

Associado à vaidade ainda está outro pecado também considerado capital: a inveja. *Invidere*, no latim é não ver. Diferente da cobiça, que é querer ter o que o outro possui, a inveja para São Tomás de Aquino é uma tristeza pela felicidade alheia. É uma dor sentida pelo desfrute que o outro tem, misturando assim elementos da cobiça com a agressividade, com a destruição do outro. Diante da frustração de não ter o que o outro tem, produz-se a agressividade que só denuncia o fracasso daquele que a sente.

Em termos estritamente psicanalíticos, a inveja pode ser pensada como um dano imaginário causado por uma falta real. Imaginário aqui, no sentido de correspondência entre pênis e falo. Do lado do menino (que levaria à neurose obsessiva), há a crença de que sua submissão ao Super-eu o pouparia da perda. Para a menina (o que a conduziria à histeria), a inveja a faria a buscar os equivalentes do falo, quer através do amor, quer através da procriação (Freud, 1933/2010).

Assim, falar em vaidade, vergonha e inveja nos dias atuais remete imediatamente a ideia daquilo que de mais importante ocorre na sociedade de espetáculo. Consequentemente, naquilo que povoa as redes sociais virtuais. Há uma quantidade incalculável de energia psíquica empregada no uso destas ferramentas, vivendo momentos alternados entre mostrar, ser visto, invejar e se fazer invejado. Os números de pessoas ligadas às redes e o tempo dispensado na atividade (conforme apontado anteriormente) evidencia isto. Jogo de olhares e espelhos em que as principais atividades oscilam entre uma espécie de voyeurismo e de exibicionismo. Frases inteligentes, citações e imagens; aliás, muitas imagens belas de momentos felizes em situações e lugares desejados. Fazer-se alguém interessante ao preço da inveja alheia? Ou seria a própria inveja a nota de reconhecimento?

Na sociedade do espetáculo, em que a qualidade da visibilidade torna-se mais que uma necessidade, isto é, um imperativo a ser cumprido ou uma obrigação, paga-se o preço do aprisionamento, conforme apresentado na peça sartriana.

5.4 *Pequenos e grandes Outros*

Embora Sartre não tenha dito expressamente, forçando um pouco a compreensão, o inferno que descreve pode ser entendido simplesmente como a presença absoluta e mesmo ostensiva da figura do outro. Uma alteridade que poderia tanto enaltecer e glorificar, mas também contestar, invadir, contradizer e, por isto, ser capaz de frustrar, privar ou castrar.

Neste sentido, é preciso lembrar aqui a distinção proposta por Lacan em seu Seminário IV, *A relação de objeto* (1956-1957), quando diz que a castração é a perda simbólica do objeto imaginário; a frustração é a perda imaginária de um objeto real e a privação é a falta real de um objeto simbólico. Tomando o exemplo do ressentido, o sujeito que experimentou uma determinada condição simbólica (fálica), acreditou ter tal atributo que depois foi perdido. Neste caso, o que ocorre é uma experiência de privação, conforme Kehl (2011).

Mas a proximidade, a existência (ou a insistência) do outro poderia ter um papel aterrador. A atribuição de *valor* dado ao sujeito pode ser fruto da comparação entre semelhantes ou enquanto intensidade diante da perspectiva de um ideal. Imaginário ou simbólico. Isto é, diante um pequeno ou grande Outro.

Beleza, inteligência, riqueza ou bondade podem ser qualificadas através do comparativo. Neste sentido, é preciso colocar-se diante da alteridade para poder estabelecer a medida de cada sujeito, seja na perspectiva de uma valorização ou mesmo da desqualificação, afinal, o narcisismo também se mostra nesta outra face. Por esta razão o sistema narcisista exige além do sujeito, dois que possam ser comparados. Elementos, aliás, essenciais também para a trama

do ciúme naquilo que comporta o desejo de exclusividade narcísico. O valor de cada um se estabelece, comparativamente, através daquilo que falta no outro⁴¹.

Encontramos novamente o sujeito então *entre*. Isto é, entre o deleite do mesmo, do enxergar e se deslumbrar consigo mesmo e a tortura do estrangeiro, do outro. Neste caso é importante lembrar que na “matemática psicanalítica”, *dois* sempre tendem à junção, ao fazer *um*. É necessário que sempre haja a figura do terceiro para quebrar o aprisionamento especular e permitir que o sujeito aconteça.

É necessário, porém, observar que para além de seu caráter imaginário que remete ao comparativo, invasivo ou restritivo, há possibilidades distintas de alteridade. No primeiro capítulo desta tese falava-se do Outro no sentido estabelecido por Lacan. Neste caso específico, antes de tudo, ao Outro é devido o reconhecimento e a própria possibilidade de estruturação do sujeito. Aquele Outro primordial que tudo sabe do sujeito e, apesar de não existir como figura concreta (apenas encarnada, talvez, na mãe da primeira infância), é a quem o sujeito se endereça subjetivamente, procurando responder ao que supõe ser sua demanda. A este respeito, Zizek (2010) delimita a questão do Outro de forma que contribui na sua compreensão:

O espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual posso me medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado ou reificado como um agente único: o “Deus” que vela por mim do além, e sobre todos os indivíduos reais, ou a Causa que me envolve (Liberdade, Comunismo, Nação) e pela qual estou pronto a dar minha vida. Enquanto falo, nunca sou meramente um “pequeno outro” (indivíduo) interagindo com outros “pequenos outros”: o grande outro deve sempre estar lá. (p. 17).

Zizek fala de um lugar de referência ocupado pelo Outro, no qual é possível o sujeito se medir. Neste sentido o autor está se referindo a outra forma de “medição” que não é aquela, fruto de uma comparação entre iguais, própria da relação imaginária com os pequenos outros. Enquanto campo simbólico, o Outro baliza o sujeito como o lugar absoluto, ideal. Um terceiro

⁴¹ Interessante observar sobre este tema o que diversas pesquisas apontam: hipoteticamente prefere-se ganhar menos, desde que isto represente uma distinção maior. Por exemplo, a maioria das pessoas prefere ganhar 100 enquanto os outros ganham 70, do que todos ganharem igualmente 110.

que está sempre presente. No entanto, ao mesmo tempo em que ocupa esta posição de referência para o sujeito, é construído e sustentado por sua própria atividade. *É e não é o* sujeito:

Apesar de todo seu poder fundador, o grande Outro é frágil, insubstancial, propriamente virtual, no sentido de que seu status é o de um pressuposto subjetivo. Ele só existe na medida em que os sujeitos *agem como se ele existisse*. Seu status é semelhante ao de uma causa ideológica como Comunismo ou Nação: ele é a substância dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda a sua existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado, algo pelo qual esses indivíduos estão prontos a dar suas vidas; no entanto, a única coisa que realmente existe são esses indivíduos e suas atividades, de modo que essa substância é real apenas na medida em que indivíduos acreditam nela e agem de acordo com isso. (Idem, p. 18, grifo do autor).

Bastante clara a forma como o autor apresenta seu pensamento. Diz que *só existe* na medida em que as pessoas *agem como se existisse*. Trata-se então de um pressuposto lógico situado na origem de uma cadeia simbólica, funcionando como objeto distinto.

Pode-se pensar o Outro também como aquele que funciona como uma espécie de curador, aquele que cuida e, ao cuidar, transmite um texto que deve ser decifrado. Um texto que o sujeito procura cumprir ou se opor, mas que de toda forma o compõe. Um texto que é tomado como referência. Sua qualidade, a forma como cada um irá estabelecer suas fronteiras entre o dentro e o fora, fornecem os elementos para que seja pensado que a alteridade radical é íntima ao processo de constituição do Eu. Mais que isto, é sua própria condição. Não é possível que um Eu se estruture sem que haja o Outro que lhe demande. Como será visto logo abaixo, a fantasia de que o Outro seja o mesmo para uma coletividade é o que está na base do laço social. Esta seria sua disposição estrutural, “a-histórica”, independente daquilo que se constitui como ideais ou manifestações subjetivas de uma determinada época. Como se sabe, os sujeitos estruturados de forma neurótica constroem um saber que permite partilhar da ilusão de que todos estão sob o domínio de um mesmo Outro, perfeito e absoluto. Outro a quem se possa alienar.

Seguindo o pensamento lacaniano, estão apresentadas duas formas de pensar a alteridade. Uma escrita com maiúscula, encerra o lugar radical, estruturante descrito acima. Outra, escrita em minúscula, corresponde ao semelhante, tomado tanto como objeto de gozo como de frustração. Pode-se pensar inclusive que, justamente por ser impossível atender àquilo que dele se espera, este pequeno outro está invariavelmente fadado à posição de, cedo ou tarde, confrontar o sujeito com sua incompletude.

Essa dissimetria, a qualidade “infernai” do outro, trata de algo que se apresenta de forma bastante corriqueira. Algo que chega com grande frequência na clínica psicanalítica através das queixas, por exemplo, sobre o pai, a mãe, o companheiro ou a companheira, e que parece constituir um inferno particular para muitos. Quanto mais próximo, íntimo, quanto mais comparável, mais perturbador.

Enquanto projetados no plano ideal, pouco ou nada incomoda o homem mais rico ou influente do continente, a mulher ícone de beleza ou o atleta que se destaca no cenário nacional. A dor decorre do comparativo que se estabelece na proximidade, com o cunhado que troca de carro, a vizinha que fez a viagem dos sonhos ou que instalou uma piscina maior ou ainda a irmã que passa no vestibular concorrido. O outro, neste sentido, é aquele que colocaria na escala de valor, o sujeito diante de sua própria insuficiência. Uma limitação que interroga o sujeito na medida em que o faz se perguntar sobre as reais condições do seu eu. O que está em jogo no desejo narcisista, como escreve Bleichmar (1987) é que:

Em última instância, tudo pode servir para satisfazer o desejo narcisista, cuja essência é sentir-se único, diferente, superior a todos os demais, recebendo um olhar que assim o ateste. A moral, a inteligência, a estética, a sensualidade são capazes de serem metabolizados dentro do sistema narcisista, com o objetivo de afirmar a sublime diferença em relação àqueles que não possuíssem essas qualidades. (1987, p. 15).

Por esta razão pode-se pensar que a forma como se está procurando colocar a questão do narcisismo na contemporaneidade situa-se para além do mero jogo especular, possível através do espelho. A função da alteridade é primordial, pois é aí que se baliza o valor de si mesmo. Para além do deslumbramento com a própria imagem, o narciso moderno necessita saber que

está sendo olhado. Um olho no lago, outro na assistência! Seu verdadeiro espelho é o olhar que lhe é dirigido. É nesta posição que reconhece sua imagem.

Então, para além da constituição e sustentação de seu Eu, como bem definiu Lacan⁴² (1954-55/1987) em seu Seminário II, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, o sujeito encontra através do olhar do outro sua própria medida. No entanto, uma medida sempre precária, sustentada por um imaginário e capaz de frustrar ou ser desmentida. Como Bleichmar coloca (1987), o olhar do outro possui um caráter múltiplo, transmitindo valorações em diversas escalas. Enfim, ao ver-se sendo olhado, coloca-se uma erotização em jogo.

Assim, o inferno sartriano poderia dizer respeito àquele que em muitos momentos não cumpre tão bem o papel que, imaginariamente, lhe havia sido reservado. Isto é, o de apenas corresponder ou ser uma espécie de prolongamento ou complemento do próprio sujeito: “telefonei porque queria ouvir de você que eu estava certo”. Caso o outro não corresponda, acaba tornando-se exatamente aquele que evidencia o desamparo e a incompletude. Por esta razão, não raramente torna-se objeto de ódio. O objeto amoroso idealizado, libidinalmente investido, suscita: “quando estou longe, penso tantas coisas boas a nosso respeito... tantas coisas que poderíamos fazer juntos no momento em que você chegasse!”. No entanto, a fantasia não consegue durar além da primeira resposta, atraso ou olhar “mal colocado”. Quando o outro se impõe em sua diferença, em sua estranheza, na dissonância em relação ao que foi fantasiado (prolongamento ou encaixe perfeito), o mundo ideal se desfaz mostrando, por vezes, um enorme poder destruidor. O Outro, entendido em seu sentido mais radical, é aquele que demanda e reconhece. O outro, como estranho, é capaz de desestabilizar o Eu; como semelhante, é o que permite a sensação de completude. Identidade e alteridade em questão.

⁴² Neste seminário, realizado nos anos 1954/1955, Lacan dedica boa parte ao registro Imaginário. O eu desdobra-se em uma entidade imaginária, no qual o sujeito se reconhece (moi) e simbólica, que diz respeito ao sujeito do inconsciente (je).

A pergunta então recai sobre o estabelecimento dos limites do Eu. É preciso partir do pressuposto de que não há uma correspondência direta, uma completa adesão ou recobrimento do Eu no corpo que habita. O Eu corporal insuficiente muitas vezes para conter um inchaço, um sentimento de grandiosidade que busca se expandir, transbordar e invadir espaços. Ou também, por outro lado, que se torna mínimo, se retrai, recusando expor-se e participar do espaço coletivo de trocas.

5.5 *Castração imaginária e o ressentimento*

O ressentimento não é um conceito psicanalítico e pouco conhecimento foi produzido diretamente sobre o assunto. O próprio Freud aborda a questão apenas tangencialmente em “Introdução ao Narcisismo” (1914) e “Luto e Melancolia” (1917). No entanto, exatamente por articular algo de importante sobre as formas de relação do sujeito contemporâneo, naquilo que diz da posição que cada um ocupa diante de sua falta, torna-se necessário reservar um espaço para seu aprofundamento. Assim como a vaidade e a inveja, o ressentimento precisa ser pensado naquilo de narcísico que comporta. Sabe-se que é através da escuta na clínica psicanalítica que se faz notar o quanto é atual e oportuno entender mais sobre isto que se constitui em uma solução de compromisso⁴³. Uma referência importante sobre este assunto é o livro “Ressentimento”, de Kehl (2011)⁴⁴.

⁴³ Kehl (2011) fala em solução de compromisso entre o narcisismo e o Outro, o que aponta, necessariamente, na direção do gozo (pela repetição e pela insistência da queixa).

⁴⁴ Jordão (2002) propôs o conceito de *narcisismo defensivo* para referir-se a uma forma de organização psíquica em que o sujeito procura confirmar a própria onipotência. O tema lhe parece tão relevante que, a seu ver, o propósito de uma análise seria exatamente o de poder permitir ao sujeito retirar esta posição defensiva do lugar de determinante da subjetividade. Segundo o autor, esta forma narcísica se instala de modo a regular toda e qualquer possibilidade subjetiva do sujeito.

Antes de se prosseguir, no entanto, é necessário ter um entendimento mais claro sobre o que está em questão no ressentimento. Afinal, não está se falando de uma estrutura psíquica e nem mesmo de um sintoma. Neste sentido, a definição que Kehl (2011) propõe de ressentimento é:

Uma constelação afetiva que serve aos conflitos característicos do homem contemporâneo, entre as exigências e as configurações imaginárias próprias do individualismo, e os mecanismos de defesa do *eu* a serviço do narcisismo. A lógica do ressentimento privilegia o *indivíduo* em detrimento do sujeito, e contribui para sustentar nele uma integridade narcísica que independe do sucesso de seus empreendimentos. (2011, p. 13, grifos da autora).

A autora formula então no conceito de ressentimento uma conjugação entre as configurações do individualismo na contemporaneidade e a ideia de um narcisismo defensivo, operado pelos mecanismos de defesa do eu. A partir desse ponto de articulação, decorrem possibilidades de conclusões importantes, conforme será apresentado no final desta parte.

A sustentação da manutenção desta posição subjetiva não constitui tarefa fácil. A fim de proteger seu narcisismo, sujeitos se colocarão no lugar de alguém que sofreu uma espécie de dolo. Neste sentido poder-se-ia compreender o ressentido como aquele que assumiu uma das formas de proteção de uma posição particular do Eu, mantendo-se como ideal.

Na impossibilidade de esquecer ou superar, o ressentido não assume a posição ativa de responder à ofensa que se viu alvo. Sua agressividade se volta contra o próprio Eu que agora passa às ruminatórias. “É um vingativo que não se reconhece como tal” (Ibid, p. 16). As demandas de amor e reconhecimento que são dirigidas ao Outro o colocam não como faltante, mas como alguém que sofreu um dolo, que foi prejudicado. Enfim, que perdeu algo que já lhe havia sido conferido.

Um Eu ressentido por achar-se lesado. Kehl (2011) diz que “ao medir a distância ente sua insuficiência e a perfeição sonhada pelos pais, o ressentido não pensaria: ‘eu me enganei’, e sim: ‘fui enganado’” (p. 65). Como ninguém está a sua altura, recusa-se a participar do jogo social, promovendo um fechamento sobre si. Espera que algum dia seu “verdadeiro valor” seja reconhecido, já que a culpa que advém da fantasia de castração é projetada no outro.

Colocando a questão em termos freudianos (conforme apresentado na “Introdução ao Narcisismo”), pode-se dizer que lhe escapa o conhecimento da medida de distância entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu. Isto é, entre a posição encontrada no narcisismo primário (perfeição, mas que necessita de reconhecimento do Outro) e aquela que faz com que o sujeito trabalhe na direção de busca do ideal; aquilo que o sujeito faz de si mesmo.

Ao mesmo tempo em que se sente lesado, o ressentido não chega a dar as provas necessárias de que foi injustiçado. Reserva-se o direito de reivindicar sem ter que provar nada, sem ter que lutar. Seu apego é ao passado ideal perdido.

A reivindicação do ressentido é de que reconheçam que ele vale por si, pelo que ele “é”, sem que este valor precise se realizar no mundo, no espaço público do trabalho, no vínculo com os outros. Dessa forma ele evita pôr à prova o alto conceito que procura manter a seu respeito, assim como os altos ideais aos quais pretende corresponder – ideais cuja “pureza” é diretamente proporcional ao sigilo com que o ressentido os preserva para uso próprio, na fantasia. (Idem, p. 56).

Conforme exposto, o ressentido seria então aquele para quem não seria necessário dar provas de sua capacidade. Aliás, pelo contrário: *ter* que dar provas seria, neste caso, uma forma de sujeição e de demonstração de fraqueza, uma fragilidade que não diz respeito à injustiça que sente. Do alto de sua soberba, o ressentido não precisa provar nada a ninguém. É isto que lhe é essencial.

No ambiente de trabalho é aquele sujeito que espera um dia ser descoberto pelo chefe, chamado e promovido para só então revelar seu verdadeiro potencial. Na verdade, sempre soube que teria a solução para todos os problemas; como não perceberam antes? Nos relacionamentos amorosos, o par sonhado deverá se dar conta do quanto esta pessoa é especial, propondo-lhe finalmente uma aproximação. Na política... Enfim, está sempre na posição passiva de espera pelo reconhecimento que, por vezes, se mostra distante.

Mas que perda é essa que reclama o ressentido? A perda que reclama é um valor que teria sido antecipado pelo Outro. Acreditou e aceitou a posição fálica. Neste caso então, sua espera

seria sempre uma tentativa de ter seu valor restituído, anulando o efeito da perda. O Outro deveria, finalmente, perceber o erro que cometeu.

Quanto às manifestações clínicas do ressentimento, vê-se que podem se configurar de formas variadas. Embora por vezes se assemelhe ao que se encontra na melancolia, os abalos narcísicos em suas sutilezas e idiossincrasias têm muitas faces. Bleichmar (1987) fala, por exemplo, do cultivo do ressentimento como uma forma de defesa da ansiedade narcísica. Seria uma espécie de desnarcisação que ocorre como forma de proteção do Eu. O autor fornece diversos exemplos, dentre os quais o da impotência sexual masculina, a ejaculação precoce e até mesmo a retração social:

Mas a desnarcisação, pela ansiedade que o exercício de uma função desperta, não é privativa da sexualidade. Encontramos, da mesma forma, inibições no estudo, no trabalho, nas atividades físicas, nas relações sociais. [...] Em algumas circunstâncias, a ansiedade narcísica alcança funções complexas como a própria atividade de pensar, criando-se estados mentais que se caracterizam pela obnubilação, a desconexão de estímulos externos, o flutuar em cima das circunstâncias. (pp. 95-96).

A questão sempre redundaria na proteção do eu contra a possibilidade de feridas narcísicas. O Eu, como objeto de investimento libidinal, protege-se de forma a impedir a quebra da imagem idealizada de si. Neste sentido, aquilo que vulgarmente é conhecido como “timidez”, estaria associada a esta preservação. O tímido fica ruborizado quando se sente em evidência. Seu afastamento implica em que não coloque em xeque seu próprio conceito.

Esta posição neurótica de impotência do ressentido é, mais do que preservada, cultivada. É a condição de ser o falo imaginário que quer sustentar, ao preço da perda de sua condição desejante. Exatamente o que está em jogo na castração imaginária, aquela do primeiro tempo do Complexo de Édipo. Sustentar a posição imaginária do falo, nesta situação seria poder responder perfeitamente à castração materna. É isto que, fundamentalmente, está em jogo no ressentimento. A passividade, a recusa em participar do empreendimento fálico é a suposição de que os pais imaginários serão capazes de lhe restituir tal condição. O que escapa ao

ressentido não difere daquilo que é a condição de neurótico: o acesso à castração simbólica. A falta lhe permitiria assumir sua condição desejante.

Mas, dentre o que foi apresentado até este momento sobre o ressentimento, pelas consequências que podem ser extraídas, uma questão merece ser especialmente destacada: aquilo que é próprio da constituição subjetiva primordial do sujeito e que, a duras penas, é minimizado ou abandonado no curso dos processos psíquicos posteriores, encontra na ideologia que valoriza o individualismo (economia de mercado, hedonismo, etc.) uma fonte de sustentação. A onipotência própria das crianças e que retorna ainda mais tarde na adolescência, se vê refletida nos ideais de uma sociedade que valoriza o individualismo.

Para Kehl (2011), o ressentimento está se tornando um tema de crescente interesse justamente por ter relação com conflitos presentes na sociedade contemporânea. Vivendo em um sistema que estimula que haja uma luta por espaços de reconhecimento, inevitavelmente alguns precisarão estar na faixa de exclusão, sem que se sintam verdadeiramente responsáveis por sua condição. Na condição de injustiçado, o ressentido encontraria sempre razões para convocar a simpatia dos outros, uma vez que perdeu sua posição por alguma artimanha do sistema.

O ressentido relança, à sua maneira, a pergunta sobre o valor de cada um e sua articulação com aquilo que faz sintoma na sociedade.

5.6 *Gozo e sintoma social*

Retomar a noção de Eu ganha aqui especial importância na medida em que se encontra articulada com o conceito freudiano de narcisismo. Conceito, então, que embora esteja em

voga no momento, utilizado frequentemente para traduzir a exacerbação do caráter marcadamente individualista presente na sociedade moderna, tem suas particularidades. Colocando a questão de forma precisa, Kehl (2002) diz que “Ora, as sociedades modernas têm na liberdade, na autonomia individual e na *valorização narcísica do indivíduo* seus grandes ideais, pilares de novos modos de alienação, orientados para o gozo e para o consumo” (2002, p. 13, grifo nosso). A partir da observação da autora fica claro que há uma distância importante entre se falar em uma cultura que promove uma *valorização narcísica do indivíduo* e, por outro lado um entendimento da *cultura narcisista*. Esta última tende a assumir o sentido de um qualitativo que extrapola o campo da psicanálise.

Esta questão, no entanto, não constitui consenso na própria psicanálise. Birman (2005), por exemplo, emprega a expressão “Cultura do narcisismo”: “O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma”. (p. 25).

Lasch (1983), que se tornou referência na cultura do narcisismo, debate a questão da transposição de um conceito clínico para a análise social, na qual se filia. Esta sua preocupação contribui para que se possa deixar de forma clara o fato de que, embora o termo “narcisismo” seja igualmente empregado por diversas áreas, nesta tese está sendo pensado dentro do aparelho conceitual psicanalítico. Esta transposição que muitas vezes acaba sendo feita, gera imprecisão sobre a qual é desejável escapar. Diz o autor que

A recusa dos críticos recentes do narcisismo a discutir a etiologia do narcisismo ou a dar muita atenção ao crescente volume de escritos clínicos sobre o assunto provavelmente representa uma deliberada decisão, que tem origem no receio de que a ênfase sobre os aspectos clínicos da síndrome narcisista prejudique a utilidade do conceito para a análise social. (p. 57).

As palavras de Lasch podem contribuir, assim, para que se possa delimitar o campo de trabalho. Nesta tese, embora se recorra a análises feitas nos campos sociológicos, filosóficos e antropológicos, o fundamento estabelecido é psicanalítico.

Na forma como a compreensão do sintoma se apresenta nesta pesquisa, não se trata de diagnosticar uma psicopatologia que ocorre no social. De “ler” suas manifestações na procura de estabelecer sentidos: as religiões, os movimentos sociais ou as guerras, por exemplo. Sintoma, em Freud, é decorrente da formação de compromisso em que há uma substituição do desejo inconsciente recalçado. Seria possível fazer esta transposição e perguntar o que está recalçado no laço social? A construção de respostas para esta questão é tarefa árdua.

Como visto, mais do que falar sobre a valorização narcísica, tornou-se voz corrente qualificar de narcisista ou narcísica a própria sociedade contemporânea, formulando desta forma uma espécie de diagnóstico do social que não pode ser confundido com uma perspectiva psicanalítica da questão. Nas diversas áreas do conhecimento que se ocupam em compreender os movimentos subjetivos das sociedades, as manifestações modernas do individualismo são frequentemente entendidas como um desdobramento social do funcionamento psíquico que prioriza o Eu e caminha no sentido de obliterar as figuras de alteridade. Uma marca que traduz valores e ideais traçados de *autonomia e liberdade*, tão caros ao capitalismo e à economia de mercado.

No entanto, cabe assinalar novamente que esta autonomia e liberdade do qual se fala não pode ser pensada fora do campo da alteridade. Antes de ser um deslumbramento do si mesmo, tal qual remete a imagem de Narciso debruçado sobre sua imagem, está em jogo a necessidade de mostrar para o outro que se tem valor. No entanto, ao mesmo tempo a mensagem deve ser capaz de dizer que este valor não depende do outro, que se prescinde de sua aprovação ou ajuda; que de alguma forma se é superior. A inflação que acomete o Eu só se faz sentir a partir de uma comparação que se estabelece com o semelhante. Somente nestes termos o narcisismo contemporâneo pode ser pensado no laço social.

Neste caso, aparentemente se estaria falando de uma sociedade que adocece, antes de tudo, em decorrência do alto valor que cada um dá a si mesmo, isto é, do grande investimento de

libido em seu próprio eu em detrimento dos objetos externos; de seu narcisismo. Um narcisismo exacerbado pelos valores sociais, mas que traduz a forma dos sujeitos sofrerem. Desta maneira, faz sentido lembrar mais uma vez a importância que as patologias narcísicas adquiriram em nosso tempo. Melancolia, toxicomania, transtornos alimentares, de ansiedade e psicossomáticos têm sido relatados com crescente frequência.

Além disso, pode ser visto também o efeito das novas tecnologias que possibilitam o estabelecimento de relações virtuais em detrimento da proximidade real (e, quem sabe, contrariedade). Há uma maior facilidade em se estabelecer redes de relacionamento por meio digital, incluindo ou excluindo “amigos” sem maiores embaraços. É possível conhecer alguém e, no caso de se tornar cansativo ou surgir algo mais interessante, basta um toque no computador para “desconectá-la”. O mesmo é válido no sentido contrário: se está sujeito às mesmas regras. Não é preciso maior compromisso. Como escreve Azambuja (2012): “O individualismo tem sido associado ao ‘encapsulamento’ do homem contemporâneo em um tempo e espaço virtual, generalizando-se a ideia de um novo homem que prefere se comunicar com o restante de seus pares sobretudo por meios eletrônicos (celulares, *e-mails*, redes sociais)”. (p. 74). Será que é disto que trata quando se refere o sintoma social? As manifestações do sofrimento psíquico proeminentes em uma dada época, articuladas com os ideais eleitos? Novamente vê-se que o tema não é simples e gera controvérsias.

Entende-se que não se trata de tomar a sociedade atual como analisante e aplicar, de forma selvagem, os conceitos psicanalíticos que foram concebidos a partir da clínica e dentro de um propósito metapsicológico. Mas em que medida pode-se falar em sintoma social?

Na leitura que Askofaré (1997) faz de Lacan, não haveria oposição entre sintoma “social” e sintoma “particular”, assim como “individual” não se opõe a “coletivo”. No entanto, haveria uma discussão se aquilo que se chama de sintoma social seria uma questão *estrutural* ou

contingente. Se pensado enquanto estrutural, diria respeito à impossibilidade da relação sexual e à divisão dos gozos.

É difícil precisar o que seria o sintoma social. Lacan em alguns momentos de sua obra faz menção a Marx como sendo seu inventor, mas nem mesmo seus comentadores propõem um entendimento convergente de seu pensamento. Em uma passagem de “Do sujeito enfim em questão” (1966/1998), Lacan diz que; “É difícil não ver introduzida, desde antes da psicanálise, uma dimensão que poderíamos dizer do sintoma, que se articula por representar o retorno da verdade como tal na falha de um saber” (p. 234). Daí é possível deduzir que o saber é aquilo que obtura a falta e que o sintoma surge em seu lugar.

Alain Vanier (2002) lembra que o conceito de sintoma passou por diversas transformações na história da psicanálise. Em Freud foi produto de uma sedução sexual, efeito do autoerotismo, até chegar ao complexo de Édipo. Neste sentido teria a função de expressão do recalçado. Mais tarde, ainda com Freud, evolui para a ideia de defesa contra a angústia de castração. Na compreensão de Vanier, o sintoma assumiria assim um valor estrutural, utilizado por Lacan para marcar a divisão entre o sujeito e o eu. A partir da década de 1950, Lacan passa a entender sintoma como essencialmente simbólico. Sendo uma estrutura significante, se apresenta como metáfora. Portanto, o sintoma não diz respeito ao signo, indício que remeteria a uma causa, como para a psiquiatria ou psicologia. Não condição de significante, só faz sentido na relação com outro significante. É a própria verdade.

Ao identificar a passagem de Lacan pela leitura da dialética do senhor e do escravo e por Marx, Vanier (2002) propõe que:

para Lacan, diferentemente de Marx, estamos em uma sociedade de escravos, todos do mesmo lado da máquina da produção capitalista. Todos renunciamos ao gozo, condição da entrada no laço social; mas somos todos apanhados na promessa, reafirmada com insistência, de uma possibilidade de recuperação desse gozo perdido oferecida pelo consumo que será democraticamente repartido entre todos. (p. 208).

A leitura lacaniana de Marx permitiu entender o fetiche do objeto e sua relação com o resto, o objeto *a*, causa de desejo. A mais-valia é a parte do valor da produção que não retorna

mais para o trabalhador. É um tempo irrecuperável. Os objetos oferecidos para o consumo são apenas imitações que logo mostram sua incapacidade de cumprir aquilo que prometiam: um gozo que não serve para nada. Assim, Vanier conclui que se para Freud, o gozo do neurótico (sintoma), torna o sujeito a-social, em Lacan, é o sintoma que se torna ao mesmo tempo condição do social e o modo particular de inscrição do sujeito no discurso, ou seja, no laço social.

Tem-se aí a ideia que, se por um lado o sintoma faz laço, por outro não remete à historicidade e contingência. Pode-se concluir que na forma como Lacan trabalha a questão, se trata de um efeito de estrutura mesmo.

Neste estudo, no sentido de haver coerência com o método que está sendo empregado na construção da argumentação, sintoma social é pensado em sua dimensão histórica e contextual. Deste modo, entende-se que determinadas sociedades produzem formas particulares de sofrimento e gozo, articuladas com o discurso dominante. Lacan identificou a existência de quatro discursos (o discurso do mestre, do universitário, da histérica e do analista, conforme o seminário XVII, “O avesso da psicanálise”), criando assim uma categorização que permite analisar a posição subjetiva do sujeito diante das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Segundo Betts (2004), a noção de discurso em psicanálise,

“é uma forma de estruturação da linguagem que organiza a comunicação (todo discurso dirige-se a um outro), especificando as relações do sujeito com os significantes, com seu desejar, com seu fantasma e com o objeto causa de desejo, determinando o sujeito e as suas formas de gozo, ao mesmo tempo que regula as formas do vínculo social”. (p. 68).

Como visto na introdução deste trabalho, o sujeito e sociedade constituem elementos indissociáveis na medida em que o laço social se estabelece em torno de um Outro supostamente comum. Outro que o sujeito sustenta apesar de não existir. Os elementos históricos e sociais são agenciados em particular pelo desejo de cada sujeito.

Considerando então que o laço social se estabelece a partir da alienação ao Outro, que na neurose partilha-se a ilusão de que seja comum a todos os sujeitos, o discurso vigente no contexto atual da modernidade impõe o gozo ditado pelo discurso capitalista (organizado a partir do discurso do mestre). As manifestações dos sofrimentos contemporâneos são entendidas aqui, portanto, como formas de gozo. Conforme coloca Marcio Peter Leite,

A cultura de hoje é uma cultura claramente capitalista e ela exige que o sujeito se submeta ao imperativo do consumo. A globalização do consumo impôs a produção em massa de objetos que são formas de gozo. Daí que se pode inferir que tanto a toxicomania, quanto a anorexia, a bulimia, a adição ao computador, enfim, todas estas formas seriam expressões atuais do mal-estar na cultura. Desde este ponto de vista, somos todos consumidores e também somos todos objetos de consumo. (Leite, [2001]).

O discurso capitalista, que sugere a necessidade de uma expansão do Eu, constrói imaginariamente uma espécie de separação do mundo entre *wINNERS e losers*. Assim, os exemplos são abundantes da ideologia que tomou conta de cada canto, de cada instituição, de cada segmento social. O discurso que incentiva a busca de uma aproximação com os vencedores, penetrou em todos os espaços, até mesmo nos menos prováveis: em igrejas pentecostais fala-se em “teologia da prosperidade”, nas periferias o “funk ostentação” ganhou a preferência dos jovens. Isto para não se falar no óbvio: nas empresas não há outra ordem do que a “sinergia” que deve ser empregada na busca frequentemente insana das metas corporativas. Todos os espaços estão constantemente bombardeados com mensagens que colocam a pergunta (do) capital: de que lado você está? Como você se faz reconhecer neste meio?

Os recentes fenômenos populares, chamados “rolezinhos”, chamam a atenção para o movimento de reação daqueles que se sentem apartados dos centros de consumo. Mais que isso: desperta a sociedade para enxergar um perturbador regime de apartheid existente e constantemente negado. Um regime de exclusão fácil de ser percebido no estrangeiro, mas poucas vezes reconhecidas no próprio meio em que se vive. Assim, enquanto se desvia o olhar para outras catástrofes como a dos judeus sob o domínio nazista ou dos sul-africanos

segregados, convive-se com situações análogas na porta de casa. Fatos que não encontram a força para serem contados, permanecendo invisíveis à história. Vivências sem valor de experiência, para retomar os termos de Benjamin.

O discurso capitalista assumiu o lugar de grande mestre na sociedade contemporânea. Enquanto elevado à condição de ideal, serve de elemento balizador das subjetividades, evidenciando a dialética que se estabelece entre sujeito e cultura. É, pois, o discurso capitalista que formula o saber que submete todos a uma lógica colocada no lugar de verdade. Um discurso cuja demanda principal é a produção e o consumo de objetos, operacionalizado pelo mercado. Objetos cujo consumo corresponde ao gozo. É assim que a sociedade atual dita a forma de gozar: consuma, consuma, consuma, são as mensagens que este discurso repete incessantemente. O gozo ocupando o lugar de ideal. É o que preenche lá onde o objeto falta. Quando o objeto falta, causa o desejo. Quando se faz presente, é o gozo que está em cena.

A retomada dos caminhos percorridos pelo pensamento de Freud na construção do conceito de narcisismo, articulando-o com as manifestações subjetivas próprias da contemporaneidade, constitui-se uma necessidade. Neste sentido, concorda-se uma vez mais com o que escreve Kehl (2009a), no momento em que diz que é somente escutando um a um aquilo que os pacientes trazem aos consultórios, que se pode perceber o que eles têm a ensinar sobre as formas contemporâneas do mal-estar.

6. Crise narcísica; crise?

Tenho um filho de 12 anos.

E já sofro se chego atrasado para buscá-lo na escola.

E já sofro se esqueço de cobrar o tema.

E já sofro se não participo de sua tarde. E já sofro se o vejo andando com calça rasgada. E já sofro se ele cai de cama com febre, e sofro até levá-lo logo ao médico. E já sofro se brigo com sua mãe. E já sofro se ele tem dificuldades de fazer amigos. E já sofro se ele está irritado. E já sofro se não me responde o que aconteceu. E já sofro se faço uma promessa e demoro a cumpri-la. E já sofro se ele começa a falar baixinho. E já sofro antevendo que sofre discriminação e fica sozinho no recreio. E já sofro quando ele dorme um dia longe. E já sofro quando ele não larga o computador. E já sofro quando ele demora a regressar das festas. E já sofro quando ele não me telefona. E já sofro quando seu celular está sem bateria (como o adolescente esquece de carregá-lo!). Eu já sofro pelas pequenas omissões, imagine com as grandes. O que diferencia o pai de um genitor é a atenção. Pai é excesso de atenção. Atenção é responsabilidade. Amar com a realidade, mas também nunca deixar de antecipar o amor pela imaginação⁴⁵.

⁴⁵ “Pai não tem hora, não tem lugar, não tem fim”. Publicado por Fabrício Carpinejar no site *Facebook* em 27 de abril de 2014: <https://www.facebook.com/carpinejar?fref=ts>

O título deste capítulo poderia levar a pensar, equivocadamente, que o narcisismo estaria vivendo uma crise na atualidade. Na verdade, esclarecendo os termos desde logo, a hipótese aqui apresentada é de que se trata do sujeito em transformação devido às implicações na constituição narcísica existentes na atualidade. Relativo, portanto, aos investimentos narcísicos.

Neste sentido, o esforço aqui empregado é justamente de poder aproximar as questões presentes no discurso social dominante, à constituição do sujeito. Dito de outra forma trata-se das incidências da ordem social na constituição dos sujeitos. As implicações das modificações ocorridas na subjetividade contemporânea sobre os sujeitos naquilo que é primordial na sua constituição: seu Eu.

Desta forma, as questões que foram apresentadas no Capítulo III desta tese ganham agora novo sentido na medida em que o empobrecimento da experiência, segundo Benjamin, pode ser inserido no campo psicanalítico. Trata-se, então, do sentimento de vazio, da dúvida sobre o próprio valor ou do “desvalidamento”, da depressão tênue e generalizada que remete à angústia. “Sintomas” que recebem novos diagnósticos pelos manuais de psicopatologia, mas que deixam escapar aquilo que lhes é essencial: a dimensão subjetiva do sofrimento.

Neste percurso, primeiramente são retomadas as ideias de Freud sobre a neurose narcísica, passando, após, à exposição de pensamentos contemporâneos sobre o tema. Na terceira parte deste capítulo, especialmente através do estudo intitulado “Contrato narcisista e clínica do Vazio” do psicanalista Mario Rossi Monti (2008), será possível então dar um passo decisivo de aproximar as questões de ordem social com a constituição dos sujeitos sob o ponto de vista do narcisismo. Finalmente, na quarta e última parte deste capítulo serão debatidos questionamentos sobre a técnica psicanalítica diante das novas problemáticas colocadas.

6.1 *Neurose narcísica*

Como visto a partir do ensaio sobre o narcisismo escrito por Freud (1914/2010), aquilo que ele caracterizou como neurose narcísica estaria situado em um campo intermediário, mais próximo das psicoses do que propriamente das neuroses de transferência, uma vez que a natureza dos conflitos é distinta. Especificamente no caso da neurose de transferência, o conflito seria decorrente do jogo de forças estabelecido entre as pulsões e as obrigações impostas pela sociedade. Neste tipo de conflito o sujeito é capaz de manter investimentos de parte de sua libido nos objetos externos. Por outro lado, na leitura proposta por Freud em relação à psicose, retirada do meio externo, a libido estaria concentrada principalmente no próprio Eu, dificultando ou até mesmo impedindo o emprego do método psicanalítico com este tipo de paciente. Sobre este assunto, em “O Inconsciente”, de 1915, Freud escreveu que:

No caso da esquizofrenia, por outro lado, fomos levados à suposição de que, após o processo de repressão, a libido que foi retirada não procura um novo objeto e refugia-se no ego; isto é, que aqui as catexias objetais são abandonadas, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo de ausência de objeto. A incapacidade de transferência desses pacientes (até onde o processo patológico se estende), sua conseqüente inacessibilidade aos esforços terapêuticos, seu repúdio característico ao mundo externo, o surgimento de sinais de uma hipercatexia do seu próprio ego, o resultado final de completa apatia - todas essas características clínicas parecem concordar plenamente com a suposição de que suas catexias objetais foram abandonadas. (1915/1980, p. 224-225).

Na psicose o conflito que ocorre é resultante da existência de interesses divergentes entre o Eu e o meio externo. Desta forma, a produção do delírio seria uma forma de encobrir, remendar a fissura que se estabelece entre estas duas instâncias. Nesta tentativa de solução do conflito, o Eu busca criar um novo mundo, tanto exterior quanto interior.

No caso das neuroses narcísicas, diferentemente das psicoses e das demais neuroses decorrentes do conflito entre o Id e o Eu (representante das exigências da civilização), o que estaria em jogo seria a existência de um conflito entre o Eu e o Ideal, isto é, o Super-eu. Ainda

no caso da neurose de transferência o Eu coloca-se a serviço do Super-eu e da realidade, agindo como elemento repressor das reivindicações instintuais do Id. Procurando sintetizar esta questão, no ensaio *Neurose e Psicose*, de 1924, Freud escreve que “A neurose de transferência corresponde ao conflito entre Eu e Id, a neurose narcísica ao conflito entre Eu e Super-eu, a psicose àquele entre Eu e mundo exterior”. (1924/2011, p. 181).

Desta forma, para Freud o que pode ser entendido como uma espécie de paradigma da neurose narcísica constitui-se justamente como a melancolia, na medida em que é ali que a autocensura, que o Super-Eu se manifesta de forma mais tenaz. Ainda no mesmo ensaio diz que:

Podemos, no entanto, postular provisoriamente que tem de haver afecções baseadas num conflito entre Eu e Super-eu. A análise nos dá direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reivindicaríamos para esses distúrbios o nome de “psiconeuroses narcísicas”. E não destoaria de nossas impressões que encontremos motivos para separar estados como a melancolia das outras psicoses. (Ibid).

Se se retoma aqui rapidamente a questão central presente na melancolia, vê-se que diferentemente do luto considerado normal, na melancolia a libido que se tornou livre pela perda do objeto não encontrou novo objeto, não foi realocada: seu destino foi a retirada para o Eu. Desta forma, ainda segundo Freud, haveria também a permanência de uma ambivalência em relação ao objeto. Uma ambivalência que tem duas origens possíveis: pode ser constitucional do Eu em relação aos objetos ou surgir em decorrência das constantes ameaças de sua perda. Em 1917, escreveu Freud em “Luto e melancolia”:

Portanto, na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque. Não podemos situar essas lutas em outro sistema que não o *Ics*, a região dos traços mnemônicos das coisas (em oposição ao investimento de palavras). (1917/2010, p. 191).

Especificamente sobre este ponto cabe uma observação que se fará importante na sequência deste trabalho: uma forma de ambivalência ao objeto de investimento também estará especialmente presente na situação edípica do menino na defesa da posição masculina

em relação ao pai. O objeto, apesar de rival, mantém-se ao mesmo tempo na posição de identificação. Diferentemente do percurso enfrentado na construção da feminilidade (em que há a identificação com traços da mãe e do pai - retorno ao complexo de masculinidade), na construção da posição masculina é preciso que haja o abandono da mãe como objeto guardando restos da rivalidade que foi mantida com o pai.

Assim, como escreve Freud (1925/2011), é preciso destacar que a posição do menino, ao final do Complexo de Édipo, não deixa de ser ao mesmo tempo uma posição narcísica e melancólica: abre mão da disputa pelo objeto para preservar algo em seu Eu. Neste caso em particular o que está em questão é o falo. Faz-se então necessário uma parcela de resignação para que se viabilize uma nova busca objetual. No ensaio “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/2011), Freud destaca esse caráter narcísico da escolha feita pelo menino:

No caso normal – melhor dizendo: ideal – não subsiste mais um complexo de Édipo no inconsciente, o Super-eu é seu herdeiro. Como o pênis – segundo Ferenczi – deve seu investimento narcísico excepcionalmente elevado à sua importância para a propagação da espécie, a catástrofe do complexo de Édipo – o abandono do incesto, a instauração de consciência e moralidade – pode ser vista como um triunfo da geração sobre o indivíduo. (1925/2011, p. 297).

Então, diferentemente de um narcisismo despudorado, assumido, exibido, o que frequentemente se vê na construção da masculinidade é o horror à castração. Um narcisismo envergonhado pode-se dizer. É na esperança de poder preservar algo de essencial que o menino é levado a se afastar do objeto de desejo. Sua expectativa, assim, é de que se fizer tudo certo, se obedecer aos limites impostos pelo pai, será finalmente reconhecido e poupado do grande golpe. Guardiã correto, submetendo-se metodicamente ao cumprimento das normas, o menino alimenta a expectativa de finalmente ser poupado da castração. É particularmente neste ponto que masculinidade e neurose obsessiva acabam se entrelaçando.

No entanto, é preciso lembrar que a construção da masculinidade não corresponde propriamente a uma neurose, embora possa originá-la. Não é possível também fazer

estabelecer uma correspondência direta com as neuroses narcísicas, embora pela posição que o sujeito ocupa, acabe carregando traços de uma escolha deste tipo. Compreende-se que as neuroses narcísicas situam-se em um terreno que pode ser considerado limítrofe entre o campo da neurose e a da psicose.

A questão então que precisa ser mais bem compreendida diz respeito às relações existentes entre a saída narcísica do complexo de Édipo e as neuroses narcísicas. Porque se estaria vivendo um incremento das patologias narcísicas? É possível afirmar que estariam ocorrendo modificações importantes neste tipo de investimento libidinal na atualidade?

Além desta questão - que se coloca como fundamental neste estudo - é conhecido o fato de que nos casos de neuroses narcísicas se trata de uma patologia que apresenta significativas dificuldades ao analista justamente por impor restrições no campo da transferência. Assim, este tema é objeto de uma atenção especial, desenvolvida especificamente no quarto subitem deste capítulo.

6.2 *As psicopatologias narcísicas na atualidade*

Seguindo no caminho de investigação sobre o narcisismo, influenciado por diferentes escolas psicanalíticas desde a década de setenta do século passado, André Green (1988) passou a investigar de maneira aprofundada a questão dos estados fronteiriços (*borderlines*) e suas consequências na clínica psicanalítica contemporânea. Interessava-lhe - acompanhando os passos dados inicialmente e principalmente por Winnicott e Bion - melhor compreender as estruturas psíquicas consideradas não neuróticas. A pergunta sobre quais são as fronteiras do sujeito possibilitou avanços importantes no campo teórico psicanalítico e fundamenta autores

(Figueiredo 2010, 2009, 2008, 2004; Costa, 2012; Birman 2005, entre muitos outros) que se colocaram a problematizar sobre as recentes modificações na subjetividade e suas consequências na clínica psicanalítica. Pergunta Green (1988):

Quais são minhas fronteiras? O invólucro epidérmico ou continente vem imediatamente à mente. Porém, por mais definido e importante que me possa parecer, meu continente epidérmico é descontínuo. O tecido de carne é interrompido por outros tecidos, ou apresenta orifícios, que atuam como porta de entrada. Podemos chama-los de alfândegas ou inspetores: olhos ouvidos, nariz, boca, ânus, uretra, vagina. Boca, ânus, órgãos sexuais – as chamadas zonas erógenas – são importantes porque funcionam de duas maneiras: dentro e fora. Assim, dois problemas se apresentam. O primeiro é a natureza ou estrutura da fronteira; o segundo é a circulação dentro e fora de suas entradas. Porém, quais são as fronteiras ou limites da minha psique? (p. 69).

O autor foi desenhando assim a ideia da existência de um limite móvel em cada sujeito. Algo que define sendo mais com a imagem de uma espécie de ampla planície do que propriamente como um “posto de fronteira”, isto é, uma linha divisória claramente demarcada. Esta questão coloca em evidência o que se constitui como moldura, como aquilo que dá limite e suporte à constituição do Eu. Portanto, o espaço de investimento libidinal narcísico.

A propósito da teoria sobre o trabalho do negativo, criada por Green, Zimmerman (2004) fala dos “buracos negros” na constelação psicológica que começaram a chamar a atenção da psicanálise nos últimos tempos, constituindo o que se chamou de “Clínica do Vazio”. O autor faz relação com outro conceito greeniano: o complexo da mãe morta. Situações em que haveria a falta de investimento libidinal materno no bebê, gerando um vazio através da introjeção da figura de uma mãe sem vitalidade. Segundo o autor, os efeitos somente serão produzidos posteriormente, quando o sujeito sentir-se incapaz de atender aos Ideais do Eu: “O *sentimento de vazio* e algum grau depressivo são as consequências habituais disto que o sujeito sente como tendo sido um fracasso pessoal” (2004, p. 290, grifo do autor).

Neste caso, as defesas que são erguidas para sustentar o Eu do sujeito (carente e desprotegido), segundo o autor, costumam incluir somatizações e transtornos do narcisismo, congelando afetos ou exercendo controle sobre si e os demais de modo prepotente e arrogante.

Para não perder a condição imaginária de se manter imperador (continuação do estado primitivo de “sua majestade, o bebê!”), o paciente portador de vazios que são bem dissimulados, que tenha apelado para o recurso de defesas perversas e onipotentes, necessita diferenciar-se dos outros para não cair na vala comum da igualdade, assim correndo o risco de ficar perdido em um anonimato ou em um nivelamento de mediocridade, segundo sua crença narcisista. (Ibid, p. 292).

Não é por outra razão que, associada à problemática do narcisismo e das fronteiras do espaço psíquico, surge a questão do sentimento de vergonha. O medo (ou pavor) de ser exposto ao outro ou ser completamente ignorado. Ao mesmo tempo em que se deseja ser objeto de investimento libidinal e obter reconhecimento, há o temor de não conseguir corresponder às expectativas que lhe são lançadas, de não estar à altura do que se espera. Neste sentido, Costa (2012), esclarece que:

Na montagem fantasmática da vergonha, estariam implícitos a depressão e o narcisismo. Na ideia de depressão, o tópico sublinhado é a ausência de culpa. Explicitando, a depressão da vergonha não é correlata à culpa por um dano real ou imaginário causado ao outro e sim ao sentimento de insuficiência diante do desejo atribuído ao outro. O sujeito não se sente à altura do que o outro pretensamente espera dele e, por isso, se apropria de marcas pessoais como motivo e justificação da insuficiência. (p. 10).

Surge no cenário novamente a questão da dificuldade em estabelecer parâmetros ou falta de medida do sujeito. Por um lado, a sustentação do ser (de modo absolutamente consoante com a sociedade do espetáculo) passa pelo fato de que para ter consistência, para sentir-se *alguém* é preciso encontrar meios de visibilidade social. Por outro, de modo oposto à exposição, surge o sentimento de insuficiência e incapacidade de dar conta daquilo que se apresenta como demanda do Outro; corresponder a um ideal. O tudo, o nada e o *entre*.

Está, assim, em evidência o fato de que os contornos psíquicos do sujeito apontam para direção do limite corporal, isto é, aquilo que é mostrável, que se dá a ver. O corpo físico, material, a imagem corporal, está constantemente em análise a fim de ser avaliada se está em adequação e se corresponde aos padrões exigidos.

Sabe-se que o que remete ao sentimento de *vazio* é muitas vezes reconhecido através do discurso científico como *depressão*. Depressão que assumiu características de epidemia na

sociedade atual. Nas palavras de Melman (2003): “O problema da depressão hoje tampouco é um problema individual, mas social, isto é, justamente o fato de que para nós o valor, inclusive do indivíduo, é primeiramente mercantil” (p. 99).

Neste sentido, chega-se a um ponto crucial que possa constituir uma conexão entre o que foi exposto sobre as características da subjetividade na contemporaneidade e os aspectos narcísicos da constituição dos sujeitos. Dito de outra forma, sobre as incidências do social na estruturação psíquica dos sujeitos.

Diante desta fenda, diante da necessidade de uma melhor articulação entre o social e as questões intrapsíquicas do sujeito, se faz necessário produzir novas perspectivas. Neste sentido, torna-se importante recorrer ao pensamento de Monti (2008), especialmente através da concepção que apresenta de síndromes psicossociais, para que se possa ter uma melhor compreensão do que está em jogo nesta questão.

6.3 “Depressão” e narcisismo na atualidade

Mario Monti (2008), em seu artigo intitulado “Contrato narcisista e clínica do vazio”, contribui de forma decisiva no entendimento das consequências da pós-modernidade na subjetivação dos sujeitos. Inicia sua argumentação com o seguinte pressuposto: o de que as sociedades ocidentais deixaram de ser tributárias da culpa e do conflito. Em seu lugar surgiram, a seu ver, o empreendimento e a iniciativa. Desta forma, houve uma modificação também nas formas da angústia, uma vez que deixa de ser gerada pelo sentimento de culpa. É, sobretudo, pelo sentimento de vazio e inadequação, pelo baixo desempenho vergonhoso, que

o sujeito sofre na atualidade. Resgatando o pensamento de Pierre Fédida⁴⁶, Monti enxerga na incidência endêmica da depressão uma contrapartida da valorização extrema do desempenho e da capacidade de cumprir os próprios ideais.

No entanto, para além de uma compreensão da sociedade com características marcadamente narcisistas (e que a todos envolve), Monti (2008) se propõe a analisar um ponto crucial: retoma o conceito de Aulagnier sobre o contrato narcisístico que é estabelecido entre as gerações. Isto é, trata-se da missão a que todo pequeno ser recebe assim que nasce, possibilitando a continuidade, a ligação entre as gerações. Ou, dito ainda de outro modo, as expectativas conscientes e inconscientes transmitidas das gerações anteriores e que irão incidir sobre a nova vida.

Cada recém-chegado encontra, desta forma, seu lugar no social na medida em que é narcisicamente investido. O reconhecimento acontece na medida em que o novo sujeito representa o sentido de continuidade. De forma precisa, Monti (2008) escreve que:

O contrato narcisista, portanto, desempenha uma função tripla: assegura uma origem; mantém a continuidade entre as gerações e garante o desenvolvimento de um sentido de continuidade; garante ao recém-nascido, e ao futuro adulto, o direito de ocupar um lugar. Um direito que se fundamenta não apenas no veredicto dos pais, mas também no reconhecimento sobre que grupo, em seu conjunto, é assegurado ao recém-nascido enquanto filho daquele casal. (2008, p. 241).

Retomando em seguida o texto freudiano de 1914 sobre o narcisismo, Monti (2008) extrai quatro consequências importantes para a construção de seu próprio argumento, como será visto a seguir: os pais revivem seus próprios narcisismos infantis, abandonados pelas limitações da vida; os pais reivindicam para o filho os prazeres que foram obrigados a abandonar, criando uma espécie de moratória; as leis são revogadas de modo que se instala a condição de *sua majestade, o bebê*; os pais agora procuram segurança na criança, uma vez que seus próprios limites os assombram (a passagem do tempo, em especial).

⁴⁶ Lembramos que Fédida considerava a depressão como um elemento essencial para a constituição do próprio aparelho psíquico. Neste sentido: “Esta não é uma estrutura psíquica porque é o estado próprio à estruturação do aparelho psíquico, permitindo dizer que não há estado humano a-depressivo; que a depressão, por ser constitutiva do psiquismo e porque este peculiar aparelho prossegue, continuamente, se constituindo, caracteriza o humano”. (1999, p. 15).

É, então, procurando investigar aquilo que pode estar atualmente se organizando de maneira distinta neste contrato narcísico inconsciente que vincula as gerações, que Monti segue construindo seu pensamento. Uma discussão que tem um interesse particular para este trabalho, uma vez que traz para o plano intrapsíquico um tema que, como visto, vem sendo amplamente debatido pelas áreas do conhecimento voltadas para a compreensão do social.

Como bem observa Monti (2008), o próprio Freud (no ensaio que escreveu sobre o narcisismo, de 1914) já fazia a observação sobre o cenário cruel existente na época e sobre o qual os filhos deveriam ser poupados, instalando a condição de *majestade*: guerra, doença, morte, renúncia do prazer e restrições à própria vontade. As crianças deveriam ser poupadas destas dificuldades. Neste sentido, a título de exemplo do quanto houve de mudanças no contexto mundial, o autor observa que em seu país, a Itália, no início do século XX a cada mil nascimentos, a taxa de mortalidade infantil chegava a 168 crianças. No momento em que escreve seu ensaio, o autor observa que o número caiu para 4,3. Neste sentido,

Dizer que atualmente a vida das crianças melhorou é dizer uma coisa óbvia. Igualmente óbvio é afirmar que se desenvolveu uma verdadeira cultura da infância: uma cultura dos cuidados infantis, da relação mãe-bebê e pais e filhos. Essa nova cultura se expressa em verdadeiros ritos sociais, como o preparo ritualizado do espaço que o recém-nascido ocupará: o espaço físico, como o seu quatinho pronto para recebê-lo, mas também o espaço mental dos pais, predispostos ao evento graças à freqüentação de cursos específicos para prepará-los a assumir a função de genitor. Mas essa cultura da infância, na maioria das sociedades avançadas, resvala cada vez em direção a um verdadeiro culto da infância, marcado por uma extraordinária valorização da vida infantil. Poderíamos nos perguntar, retomando os termos da reflexão freudiana: será que a criança se tornou realmente “sua majestade, a criança”? (Idem, p. 243 – 244).

É claro que a respeito deste pensamento é preciso fazer uma ressalva sobre os contextos que estão sendo analisados⁴⁷. Há ainda inúmeras realidades sociais em que a aspereza da vida perpetua-se. Condições sub-humanas que remontam a de séculos atrás, coexistindo com os mais altos níveis de riqueza e tecnologia a serviço do homem. No entanto, é preciso dizer,

⁴⁷ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, IBGE, em 2011 a taxa de mortalidade de crianças com até um ano de idade era de 16,11 para cada mil nascimentos. Embora o Brasil apresente números ainda muito aquém daquele encontrado nos países considerados desenvolvidos, estes dados representam um avanço de mais de 76% se comparado com os pesquisados em 1980. Situações simples de serem identificadas, como, por exemplo, o esgotamento sanitário, são decisivas no o aumento da mortalidade.

diante dos dados observados em níveis universais é inegável o crescente aumento na expectativa e na qualidade da vida humana.

A questão então que é levantada pelo autor diz respeito ao fato de que o “trono” outrora imaginado pela criança, ocupado por “Sua Majestade, o bebê”, se tornou na atualidade um trono real. Tão real que antes de ser uma representação de poder, acaba por tornar-se uma verdadeira armadilha: aquilo que ocorre quando se fica aprisionado a este lugar. A imagem apresentada ilustra bem a situação: “Não fará com que ele esqueça que, embora sentado no trono mais prestigioso do mundo – como dizia Montaigne – está, ainda assim, sentado apenas sobre a própria bunda?” (Ibid, p. 246).

Um “ser tudo” que se aproxima de forma angustiante e profundamente perigosa do “ser nada”, na medida em que lhe faltaria consistência simbólica para tal! Uma falta de medida de valor e mesmo inversão da cadeia geracional. O reconhecimento vem como uma espécie de cheque assinado antes de ser preenchido. “Você é valorizado pelo que pode vir a ser; por tudo o que representa de futuro, de possibilidades”. É nesta medida que um desejo desta ordem pode tornar-se uma armadilha, pois coloca ao sujeito uma antecipação diante do qual não precisa lutar para se fazer reconhecer. A questão é que isto só serve para si mesmo e alguns poucos mais que enxergam toda a promessa ainda não realizada.

No caso, colocando em termos freudianos, estamos nos referindo claramente àquilo que foi visto no texto sobre o narcisismo. Neste sentido, visando retomar para poder compreender melhor o que está em jogo quando há a referência às figuras de futuro e ao Eu Ideal, recorremos a Lazzarini (2006), quando a autora escreve que:

O eu ideal é alicerçado na fantasia de onipotência, na ilusão e na persistência da fusão com a mãe. O indivíduo tem seu mundo agigantado tendendo a busca do máximo em si mesmo, na busca de ideais muitas vezes difíceis de serem alcançados. (...) O eu ideal corresponde ao primeiro momento do Édipo, em que, recém-advindo à posição de sujeito, a criança (não mais *infans*, porque já discursiva) empenha-se em ser aceita incondicionalmente, rebelando-se contra normas e limites. O ideal de eu corresponde ao momento final do Édipo, quando a dimensão do futuro se sobrepõe à do presente, quando criança se identifica com o lugar que supõe aceitação das normas e limites impostos a seu *narcisismo primário*. (2006, p. 89).

Trata-se então do Eu Ideal sustentando o sujeito na posição de objeto absoluto, isto é, de objeto fálico. Como lembra a autora, a consequência mais drástica da manutenção desta posição fálica, caso viesse a acontecer, colocaria ao sujeito a necessidade da produção de uma psicose: “Considerado como uma das etapas do desenvolvimento o Eu ideal pode ser visto como estruturante, mas sua permanência ou persistência no psiquismo faz com que se torne responsável por transtornos narcisistas de toda ordem” (Ibid).

Conforme desenvolvido por Freud, o trabalho psíquico deve ocorrer no sentido de buscar a construção de um Ideal do Eu, em que o Eu não seria mais considerado como o próprio ideal do sujeito. O Ideal do Eu representa um modelo a ser atingido pelo Eu adulto, vigiado pelo Super-eu que é, então, capaz de *medir* o eu real e o comparar com o Ideal do Eu.

Em situação em que se produziu o abalo narcísico de modo a produzir a queda do lugar fálico (que colocou o sujeito na posição de construir um narcisismo secundário), as consequências são de menor gravidade. Dentre os efeitos que podem ser decorrentes desta situação encontra-se algo bastante próximo do sentimento melancólico generalizado e inespecífico, presente na sociedade atual e sobre o qual escreve Kehl (2009a), conforme visto anteriormente. Um sentimento que se convencionou chamar de depressão, apesar das crescentes dificuldades em se realizar o diagnóstico, exigindo frequentes alargamentos e modificações de critérios. Algo que pode ser escutado na experiência clínica, como certa vez foi relatado por uma analisante: “eu sei que o que sinto não é depressão, mas sim uma mistura de tristeza com desencanto”.

Voltando ao artigo em questão, na sequência Monti (2008) fala das síndromes que são consideradas psicossociais e cuja principal característica seria uma espécie de diluição do sofrimento de cada sujeito em seu funcionamento social. Neste caso se trataria então tanto de comportamentos coletivos geradores de mal-estar nos sujeitos como de sofrimentos destes ocultados pelo modo de funcionamento social.

Pensando desta forma, diz o autor, o narcisismo não deixa de se constituir como defesa do grupo social no sentido de melhor atender às demandas sociais. No entanto, este equilíbrio presente no funcionamento social pode ser rompido, caracterizando quadros que se situariam próximo à depressão.

Em suma, na nosografia contemporânea teve lugar (e, portanto, também na percepção do clínico que adotar acriticamente essa abordagem) um verdadeiro processo de homogeneização da depressão. A vasta gama de modos diferentes de viver a própria depressão deu lugar para uma espécie de “geléia” depressiva indiferenciada que pode ser espalhada nos suportes mais diferentes. Assim uma única e monumental entidade clínica se parece cada vez mais a uma galáxia que compreende todas as formas de sofrimento patológico, mas que inclui ainda muitas formas de normal infelicidade. Uma normal infelicidade que se origina pelo registro da diferença existente entre como somos e como gostaríamos de ser. (Ibid, p. 248).

O que se chama de depressão, assim, estaria mais ligada à falta de fundamentação na experiência, no vazio, do que resultado de um conflito que coloca a culpa em primeiro plano. É esta a queixa vaga, esta sensação de falta de sentido que Monti aponta em seu artigo como algo próprio da atualidade, cada vez mais frequente nos consultórios. Insuficiência, desilusão, vergonha.

Entende-se que esta situação encontra ressonâncias em diversos aspectos da sociedade atual, especialmente naquilo que concerne à mercantilização da vida pelo sistema capitalista. No mundo, mas em particular no Brasil, associa-se a isto também o fato da crescente descrença na política ou nos ideais que até pouco tempo atrás eram defendidos. Não há hoje bandeira digna o suficiente para ser levantada. Ninguém coloca a mão no fogo por ninguém! Os interesses particulares encontram-se acima de qualquer utopia coletiva que possa ser almejada. Crise política, mas, acima desta, crise ética e de valores. A falta de critério de valor, para além dos próprios sujeitos, se estende para o campo social.

Retomando então o texto de Monti, verifica-se que o autor agrega dois conjuntos que se organizam em torno da falta de experiência: um que caracterizaria mais a experiência borderline (disforia, raiva, solidão), e outro que se inscreve na personalidade narcisista (insuficiência, desilusão, vergonha). A “epidemia depressiva” estaria assim ligada a estas duas

áreas, mantendo estreita ligação com o aprisionamento citado anteriormente, a saber, aquele da condição de majestade.

No que tange à particularidade narcísica desta verdadeira escalada depressiva, Monti diz que:

No âmbito da psicopatologia narcísica de personalidade, a depressão se caracteriza, ao contrário, por um doloroso senso de inconsistência, irrealidade e vazio. Em lugar da plenitude de um sentimento depressivo centrado na culpa, abre-se um precipício. Na personalidade narcísica, a depressão é sempre latente: toda organização narcísica da personalidade vive constantemente sob a ameaça da queda. A ponto de tornar necessário um trabalho ininterrupto de hipercompensação por meio dos mecanismos de auto-regulação e manutenção da auto-estima que sustentam o delicado equilíbrio do paciente narcísica. (Ibid, p. 250).

O sujeito encontra-se constantemente sob ameaça de queda, gerando uma vaga sensação de inconsistência e vazio, escreve o autor. O que resulta, com grande frequência, nos questionamentos colocados sobre o próprio valor. Questões que, como será visto no sexto capítulo desta tese, podem ser verificadas na prática clínica. O trono que se tornou uma armadilha restritiva à exposição aos riscos da vida.

Monti (2008) finaliza seu artigo escrevendo uma frase que transmite com exatidão aquilo que encontramos na clínica psicanalítica realizada com sujeitos cujas questões narcísicas apresentam-se em primeiro plano: “Decepção, vergonha, humilhação, inferioridade, desgosto, desespero pelo tempo perdido: queda da máscara do narcisismo, a pessoa sente-se desnuda, exposta à própria impotência, fragilidade e dependência” (Idem, p. 251).

6.4 O dispositivo psicanalítico e as psicopatologias narcísicas

Nos últimos anos o debate acerca da técnica psicanalítica tem sido, por vezes, estabelecido sob novas bases, pensado especialmente quanto ao que diz respeito aos casos considerados difíceis. A partir especialmente da leitura das obras de Winnicott e de Bion (especificamente no que concerne a sua proposta de setting modificado para o trabalho com pacientes psicóticos ou borderlines), foi possível a alguns teóricos chegar ao questionamento sobre a adequação do dispositivo psicanalítico clássico (ou padrão) para o tratamento das demandas contemporâneas, notadamente os distúrbios de natureza narcísica.

Freud, ao longo de sua obra, criou além de uma técnica de trabalho (a associação livre), uma metodologia baseada na interpretação. É inegável que a interpretação continua ocupando um papel principal no trabalho do psicanalista. Entretanto, a técnica e os dispositivos que caracterizam o enquadre analítico têm sido amplamente debatidos nos últimos anos, notadamente por autores como Green (2008, 2006, 2003, 2001), Donnet (2001, 2006), Roussillon (2005a, 2005b, 2006) e Ogden (1998, 2005), para citar apenas alguns dentre os principais. Um debate que carrega em si muito mais do que meramente questões ligadas ao manejo clínico: traz também concepções do que seja propriamente o campo psicanalítico.

O que afinal caracteriza uma psicanálise? O que torna uma prática terapêutica psicanalítica? A distinção entre o *intrapsíquico* e sua ligação com os aspectos pulsionais, e o *intersubjetivo*, centrado nos aspectos relacionais, objetais, surgem então como uma nova forma de colocar o problema.

Sabe-se que ao se criar ferramentas particulares (procedimentos, métodos), é possível, ao menos em parte, também definir aquilo que pode ser encontrado. Esta é uma importante questão sobre a técnica psicanalítica, pois ela possui uma relação muito estreita com a concepção teórica que a sustenta: permite uma aproximação de determinados aspectos, tidos

como relevantes e, ao mesmo tempo, mostra-se impermeável para compreender certas nuances, uma vez que não pode ser adequada a toda e qualquer tarefa.

Uma ilustração talvez explique melhor a ideia: pode-se trabalhar em um terreno com uma pequena colher ou um pincel. Pode-se, também, utilizar uma escavadeira ou ainda uma pá. Cada ferramenta permitirá certos achados que podem levar a conclusões completamente diferentes, porém corretas e adequadas ao trabalho que foi realizado. Assim, uma pequena colher poderá permitir a visão das diferentes matizes dos grãos de terra que compõem um terreno ou muito útil para lidar com achados arqueológicos, mas será incapaz de levar às camadas mais profundas do solo. Poderá mostrar uma gama de pequenos insetos que circulam entre estes grãos, mas não será própria para retirar grandes volumes de terra. Assim, não é difícil perceber que os achados e conclusões estão sempre intimamente atrelados aos meios que são utilizados, sem, no entanto, deixarem de estar corretos. Então, embora distintos, não necessariamente constituem resultados excludentes.

Freud, ao construir o modelo baseado na interpretação dos sonhos, criava ao mesmo tempo uma possibilidade de abordagem da neurose, no qual a associação livre constituía-se em um importante meio de investigação dos processos inconscientes. Ao convidar com um “diga o que lhe vem à cabeça”, o analista aposta na possibilidade do paciente aceitar uma viagem. Entretanto, será que todos os que procuram uma análise estão nesta mesma condição?

Pode-se entender que a variação nas psicopatologias vem exercendo ao longo de décadas alguma certa dose de pressão sobre os limites do enquadre analítico, gerando principalmente duas tendências (Green, 2008): uma mais preocupada em manter *o corpus* da psicanálise, situará as novas práticas fora do campo analítico. É o que acontece, por exemplo, com a psicossomática na medida em que passa a constituir um novo campo, ainda que sem abandonar suas bases psicanalíticas. Outra vertente procurará situar as “novas” patologias no

interior da experiência analítica, trabalhando no sentido da rediscussão do enquadre e do alargamento de seus limites.

É possível ainda estender essa discussão ao fato que às próprias condições de trabalho analítico: frequentemente ameaçadas, não apenas pelas possíveis novas configurações intrapsíquicas dos analisantes, mas também pelas possibilidades de atuação. Assim, têm-se atendimentos efetuados através de convênios de saúde, dificuldades relativas à frequência das sessões, exigências impostas por instituições (especialmente sobre a duração da sessão), etc. Diversas são as interferências *do mercado* sobre o trabalho do analista promovendo, em muitos casos, um desinvestimento, uma desistência do trabalho propriamente analítico.

Se há de um lado questões impostas pelos estados-limite e especialmente pelas patologias narcísicas na contemporaneidade, têm-se ao mesmo tempo, as limitações surgidas em decorrência das leis de mercado e do avanço da psicanálise sobre terrenos que até então lhe eram inacessíveis e que extrapolam a autonomia do analista sobre o *setting*. Hugo Mayer (2004) expõe de maneira bastante clara aquilo que se está procurando apresentar:

Os frequentes pedidos de mudança de horários, as repetidas ausências e interrupções com as mais variadas justificativas, os atrasos ou a falta de pagamento, e as urgências cotidianas que deslocam a associação livre para o último plano, foram se tornando o habitual, de modo que aquilo que era o constante da situação analítica transformou-se no variável; o enquadramento insistentemente violado parece então funcionar como um espelho partido, no qual não se podem apreciar nitidamente os personagens que a transferência anima e no qual se tornam imprecisas as fronteiras entre fantasia e realidade, entre interno e externo. (p. 82).

Neste sentido, a mera imposição de regras a quem não se encontra em condições de “compreendê-las”, leva frequentemente na direção de esgotamento do trabalho. Seria preciso lidar com questões que parecem estar para além da transferência e que dizem respeito aos manejos e às novas possibilidades do enquadre analítico, forçando a construção de novas ferramentas que possam ir além destas concepções que dão evidentes sinais de desgaste.

A questão do esgotamento encontra ressonância em outros estudos: Green (2006) observa a existência de um relatório publicado em 1999, contendo o resultado de uma pesquisa realizada pela IPA (International Psychoanalytical Association) com boa parte das sociedades da América do Norte⁴⁸, e quase todas da América do Sul e Europa. Este relatório conclui que além das análises consideradas clássicas, todos os analistas fazem psicoterapias individuais e face a face. Estas psicoterapias são definidas como psicanalíticas e constitui o essencial de suas práticas. Além disso, as terapias de casal e grupo estariam em importante progressão, justificadas pela escassez de casos de análise.

Constata-se então que é cada vez maior o número de situações em que, seja por se estar diante de estruturas que não podem ser consideradas propriamente neuróticas (especialmente de fragilidade do envelope narcísico), seja pelas condições em que o analista exerce seu trabalho, a instauração da situação de análise encontra-se ameaçada.

Em função destas questões há ajustes em relação ao dispositivo analítico sendo pensados na atualidade. Roussillon (2006) introduz o tema fazendo a retomada de uma questão básica, mas que, no entanto, é de grande importância: se colocarmos uma criança em um divã e pedir-lhe que associe livremente, esta dificilmente terá a capacidade de corresponder ao método. Portanto o dispositivo (clássico) também não se apresenta adequado a ela. O autor compreende através da teoria da análise de crianças (Klein, Anna Freud e outros pioneiros), que este trabalho só foi possível porque se levou em conta as “condições concretas da simbolização”, já que estas não podem ainda se servir plenamente do aparelho da linguagem.

Assim, foi preciso aceitar e utilizar os modos de comunicação e simbolização disponíveis na vida psíquica das crianças. Ou seja, os modos de simbolização que se apoiam sobre a percepção e a motricidade. Nesta mesma direção, Zygouris (2011) pergunta: “[...] são

⁴⁸ Participaram da pesquisa dezenove dos vinte e nove institutos ligados à APA (Associação Psicanalítica Americana), além de quatro sociedades independentes.

fronteiras entre terapias próprias às diferentes disciplinas ou são novas práticas que vêm responder aos sintomas criados pela atual sociedade e que necessitam de um lugar para serem pensadas e ditas?” (p. 6).

Smadja (2005) propõe que diante uma situação de crise (como as que são suscitadas pelo trabalho com os chamados pacientes difíceis, onde se inclui as neuroses narcísicas), há três possibilidades de se pensar o método psicanalítico: a) delimitar estes pacientes como inacessíveis à psicanálise; b) criar-se um novo aporte teórico e metodológico ou c) ainda transformar o método e enquadre psicanalítico.

Freud assume a primeira posição: não se pretende curar com o estudo psicanalítico os problemas relacionados às neuroses atuais. O segundo é o caso, por exemplo, da psicossomática: uma disciplina autônoma, servindo-se da psicanálise, mas não se identificando completamente com ela. Constrói-se uma nova técnica no qual o terapeuta ocupa uma função materna, criando uma espécie de analogia entre a atitude psíquica do terapeuta e aquela da mãe com seu bebê: “o psicanalista escolhe intervir de maneira global diante seu paciente operatório, associando suas intervenções às palavras, representações, afetos e até mesmo mímicas” (Smadja, 2005, p. 73, tradução nossa).

O terceiro caminho possível apontado é o da transformação do método e do enquadre. Um método permanece sendo psicanalítico se consegue produzir materiais inconscientes acessíveis a uma análise do funcionamento mental o paciente. E mais, diz o autor: é preciso revisar a noção de inconsciente e colocá-la numa perspectiva ao mesmo tempo freudiana e contemporânea. Ou seja, segundo Smadja (2005) é preciso levar em conta duas características fundamentais: a teoria das pulsões (decisiva para pensar o funcionamento mental dos pacientes somáticos) e a polaridade intrapsíquico – intersubjetivo (o par analítico formalizado por André Green). Levando-se em conta estas novas bases, pode-se pensar na abertura da psicanálise.

Uma possibilidade apresentada é o estabelecimento do tratamento face a face, ainda que se correndo o risco de ter a situação propriamente analítica ameaçada. Desta forma, a utilização das psicoterapias que se aproximam do referencial psicanalítico constituiria uma possibilidade viável. O face a face certamente possibilita ao sujeito uma sustentação narcísica que pode ser fundamental para que o processo de análise consiga ser instalado posteriormente.

Por outro lado, no campo mais específico da psicanálise lacaniana percebe-se que a questão também vem sendo trabalhada, mas em termos distintos. No entanto, há igualmente a preocupação em se enfrentar a discussão acerca da efetividade das intervenções. Neste sentido, é interessante a observação que a psicanalista argentina Alba Flesler (2012) constrói sobre esta questão:

Se o psicanalista atende uma criança, um adolescente ou um adulto, mas aponta para o sujeito; se, por sua vez, considera, ao ouvi-lo, que o sujeito, mais do que a idade, tem tempo, encontrará a especificidade do ato analítico, sem necessidade de recorrer a recursos técnicos padronizados (2012, p. 70).

Este posicionamento é bastante importante, pois ajuda a destacar que é sempre do sujeito que se trata, e não de suas configurações psicopatológicas. Assim, o caminho é inevitavelmente da clínica para a teoria, e nunca no sentido contrário.

Outro ponto que se deve enfatizar é o da importância da reflexão acerca do dispositivo clínico constituído na situação analisante (Roussillon), observando a maneira contundente com que tanto os aspectos de ordem interna, de construção subjetiva dos pacientes, quanto às condições do trabalho analítico na contemporaneidade, estão sofrendo relevantes modificações. Neste sentido, o debate sobre este tema é fundamental para que a psicanálise não pereça naquilo que lhe é essencial: sua função interpretante.

Certo manejo estandardizado da transferência anima uma teoria quando colocada na “prática” clínica, mas esvazia as possibilidades de implicação do analista e do uso de sua criatividade na condução de um caso. O que acaba tornando a análise um código a que se deve responder. Nestes casos, uma relação de poder coercitivo entra em jogo.

7. Masculinidade e narcisismo

*Un homme épouvantable entre et se regarde dans la glace.
"- Pourquoi vous regardez-vous au miroir, puisque vous ne pouvez vous y voir qu'avec déplaisir?" L'homme épouvantable me répond: "- Monsieur, d'après les immortels principes de 89, tous les hommes sont égaux en droits; donc je possède le droit de me mirer; avec plaisir ou déplaisir, cela ne regarde que ma conscience."
Au nom du bon sens, j'avais sans doute raison; mais, au point de vue de la loi, il n'avait pas tort.*⁴⁹

Ch. Baudelaire, "Le Miroir", 1864.

⁴⁹ Um homem pavoroso entra e mira-se no espelho: "- Por que você se olha no espelho já que não se pode ver senão com desprazer?" O homem pavoroso respondeu: "- Meu senhor, segundo os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais em seus direitos; portanto possuo o direito de me contemplar, com prazer ou desgosto, isso não diz respeito senão à minha consciência." Em nome do bom senso, eu tinha, sem dúvida, razão; mas do ponto de vista da lei, ele não estava errado. (tradução nossa).

No capítulo anterior desta tese se procurou delimitar aquilo que, primeiramente poderia ser considerado como uma crise, mas que, conforme visto, aponta na direção de uma possível transformação na constituição dos sujeitos, forçada por novos parâmetros de investimento narcísico. O declínio do registro da experiência e a conseqüente aposta em um Eu Ideal, no porvir, teriam como conseqüência uma forma de aprisionamento em uma condição idealizada que não suporta a prova de realidade e a contrariedade. As formas de sofrimento psíquico que se apresentam no contemporâneo, cada vez mais frequentemente ligadas aos transtornos narcísicos, testemunham isto.

As incidências então do empobrecimento da experiência associado ao investimento nas figuras idealizadas de futuro, assim como no declínio das identidades e dos valores fixos, estáveis, são diversas. No entanto, no ponto em que nos encontramos, há uma preocupação especial em investigar os efeitos que recaem sobre o lugar do masculino no tecido social, em especial no que tange as formas de sustentação da masculinidade por parte dos homens⁵⁰.

Conforme já visto, as identidades outrora claramente definidas e duradouras deram lugar na pós-modernidade a condições mutáveis, *líquidas* para usar o conceito de Bauman (2001), que não suportam mais definir os sujeitos ao longo de toda uma vida. Assim, a qualidade de ser *homem* perdeu suas referências herdadas do patriarcado e passou a constituir um enigma frequentemente difícil de ser respondido e angustiante. O lugar outrora passivo, dependente ou submisso ocupado pela condição feminina na sociedade, foi sendo transformado de modo a interrogar o próprio homem sobre seus atributos, sua consistência para além do exercício de dominação.

⁵⁰ Como se trata de uma posição subjetiva, a questão extrapola o gênero.

Os relatos decorrentes da clínica psicanalítica a esse respeito descrevem as situações que se tornaram cada vez mais comuns nas análises realizadas com homens, mas não apenas. Ramalho (2005) escreve que entre suas pacientes, se tornou lugar comum a queixa de não existirem homens disponíveis ou que, aqueles que “estão no mercado” são gays ou não querem assumir compromisso mais sério. Por outro lado, afirma que: “Quando os homens falam de si (no meu consultório, ao menos), o que aparece não é o “não querer compromisso”, mas o sentir-se inseguro frente ao que as mulheres hoje – tão completas que parecem se bastar – manifestam querer deles” (p. 24).

Talvez faça pouco sentido a criação de uma dicotomia, de modo a falar na existência de um *discurso* dos homens e outro das mulheres. São falas que demonstram as formas de subjetivação, mas que dizem de um mal-estar que se manifesta e que não pode ser classificado por gênero, lembrando o caráter social do discurso e do sintoma. Se há um desencontro evidente entre as falas, surge em destaque a queixa que se produz no lado masculino, no que concerne à impotência em atender às exigências da mulher atual. “Elas parecem perfeitas, completas. São eficientes em tudo”, queixava-se um analisante numa clara exibição do sentimento de impotência desencadeado.

Bem, se o encontro entre os sexos contém certa expectativa fantasiosa de complementariedade, de encontro com a metade que falta, o destino é inevitavelmente seu fracasso: não há complementariedade possível e o sexo, assim como o amor, constituem-se em uma miragem, mas que nunca responde àquilo que é buscado. Deste modo, o outro, o objeto do encontro amoroso ou sexual, não deixa de ser o elemento portador da frustração ao melhor estilo daquilo que está presente no mecanismo da identificação projetiva. O outro se torna castrador na medida em que traz à tona a inexorável impossibilidade da “relação sexual”. A cada encontro é isto que está em jogo e é reatualizado, uma vez que o parceiro não tem como responder à demanda que lhe é dirigida. É algo da ordem do impossível. Neste

sentido, masculino e feminino não são capazes de se complementar: pelo contrário, entre eles se estabelece a falta. Como disse Lacan, (1992) “Amar é dar o que não se tem a quem não o quer” (p. 41).

Outra questão importante, também relativa a este ponto é lembrada por Betts (2005), quando escreve que:

Submeter o outro à própria vontade, seja homem, seja mulher, sempre foi e sempre será o impulso intrínseco do ser humano. Dadas as condições, sem a perspectiva da proibição e da punição, a exigência pulsional é de submeter ou destruir a tudo e a qualquer um que se oponha à sua satisfação. (2005, p. 77).

Quer dizer, as forças pulsionais estão sempre trabalhando no sentido de obter satisfação, de modo que colocar o outro a serviço da descarga pulsional é algo intrínseco ao sujeito. A aproximação é então fruto de um duplo engano, na medida em que põe em cena uma promessa impossível de encontro com o falo.

Sabe-se que quando há a exibição de um narcisismo contundente, viril, valente, esbanjador de potência, está lançada a pergunta sobre a própria capacidade do homem: aquele “macho” que precisa fazer de seu personagem um elogio, que não deixa de evidenciar seu caráter reativo. O sujeito faz de si a manifestação daquilo que seria a presença do falo.

Há vinte anos, em artigo escrito para o jornal *The Independent*, o jornalista e escritor britânico Mark Simpson utilizava pela primeira vez o termo *metrossexual*. Dez anos mais tarde, em entrevista concedida à revista *Veja*⁵¹, do Brasil, o autor declarou que “a metrossexualidade desfez-se de todos os códigos oficiais de masculinidade inculcados nos últimos 100 anos”. As diferenças, as identidades sexuais se esfumaçaram: para ele, ao universo metrossexual pouco importa a orientação sexual da pessoa (homo, hetero ou bissexual), uma vez que seu principal investimento de amor não se dirige ao outro, mas a si mesmo. Simpson enxerga, desta forma, claramente uma associação entre a metrossexualidade

⁵¹ A entrevista concedida à edição especial “Homem”, da revista *Veja*, encontra-se disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais/homem_2004/p_022.html. Acessada em 07/03/2014.

e as características existentes em sociedades hiperconsumistas, especialmente visível nos grandes centros urbanos. Conclui a entrevista dizendo acreditar na relação existente entre a crescente autossuficiência e independização da mulher e a saída metrossexual.

Pensamento interessante, embora à primeira vista possa soar especulativo. Aliás, neste terreno de discussão em que estão envolvidos poder e gênero é fácil se deixar cair em armadilhas, tomando-se este ou aquele posicionamento a partir dos próprios fantasmas. No entanto, Goldenberg (2005), a partir de suas referências provenientes da clínica psicanalítica, não deixa de chegar a conclusões que apontam para a mesma direção daquelas encontradas por Simpson. Falando a respeito dos movimentos feministas que eclodiram na década de 1960, diz que “acho mesmo que elas não sabiam o que estavam pedindo na década de sessenta, e que foram atendidas. Hoje não sabem o que fazer com isto”. (p. 108). A consequência mais evidente desta situação se mostra no crescente isolamento das pessoas.

Prossegue Goldenberg:

Para proteger os direitos individuais, chegamos a uma situação de isolamento total. Tanto nos “respeitamos” que ninguém suporta o contato ou a proximidade do outro. [...] Agora não existem mais turmas, eu sou uma ilha separada por uma barreira invisível de todos os outros. (Ibid, p. 109).

Em seguida, relata uma experiência pessoal:

Uma vez, no frio glacial de Washington DC, esperei, segurando uma porta aberta para que entrasse uma mulher que vinha um pouco atrás de mim. Bem, ela ficou ofendida. Aparentemente, com este gesto, eu a estaria tratando como se ela não fosse capaz de abrir a porta sozinha. Ela me encarou, ainda estando ambos do lado de fora, para me dizer isto. (Idem).

A questão principal talvez seja o fato de que não deveria estar em jogo, ao se discutir as questões de poder, a soberania de um gênero sobre o outro. Este foi o equívoco (talvez impossível de ser evitado) que tantas vezes se caiu e que resultou nas novas formas de desencontro. É possível que o feminismo, ao usar as mesmas armas do machismo, tenha travado uma luta que não levou a lugar algum, no sentido que colocou a questão apenas em termos invertidos.

Uma década antes, em 1995, Goldenberg havia publicado um texto intitulado “O Ameaçado”. Nele o autor já expunha ideias semelhantes às apresentadas acima, mas que também são importantes de serem retomadas por seu caráter esclarecedor. São construções teóricas que poderão contribuir para a compreensão das vinhetas clínicas que serão apresentadas a seguir. Escreveu Goldenberg (1995): “Os homens parecem preferir, com efeito, os constrangimentos devidos a um Super-eu, a se ver às voltas com uma mulher de carne e osso. Sobretudo quando existe o risco de que venha a ser aquela de que fala Baudelaire” (p. 16). No caso, Goldenberg está se referindo ao poema “O desejo de pintar”, em que o poeta francês fala sobre uma mulher que, diferente das outras que despertam um ímpeto de vencê-las e desfrutá-las, despertaria uma “vontade de morrer lentamente sob seu olhar”⁵².

Bem, considerando as ideias que foram apresentadas, é então sobre a sustentação narcísica do homem deste terceiro milênio, para aquilo que está muito além da equação pênis-falo, que este capítulo está dedicado. Procurando então deixar as coisas mais claras desde já, feminino e masculino são entendidos como as duas vertentes possíveis de inscrição do sujeito em relação ao falo. Portanto, o homem e a construção da masculinidade diante de um ideal incerto, mas que busca ser cumprido.

7.1 Masculinidade e virilidade

Embora masculinidade e virilidade muitas vezes figurem como sinônimos quando se trata de definir o que é ser homem, é possível pensar que o *masculino* diga respeito à qualidade deste, evidenciada por uma série de papéis e funções sociais, dentre as quais se destaca aquela

⁵² Este poema encontra-se disponível em: <http://baudelaire.litteratura.com/?rub=oeuvre&srub=pop&id=174>
Acessado em 03/04/2104.

que mais claramente marcou seu lugar na história: a demonstração da *virilidade*. Homem, masculino e viril acabou formando uma associação difícil de ser rompida, mas que, certamente, não tem nada de *natural*. Ao longo da história da humanidade, a ideia de potência, de coragem, de energia física e/ou moral, acabou se aproximando com a da fisiologia da atividade sexual. O pênis, ereto, confundiu-se com uma forma de poder.

No entanto, esta representação encontra-se em suspeição. A sustentação de poder pela associação entre o órgão sexual masculino e o falo dá sinais de enfraquecimento. Neste sentido, Courtine (2013), esclarece e denuncia algo referente a este declínio:

[...] a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: “masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. Também no século XIX e no início do XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viris”, homens, se dizia, “verdadeiros”... Que o “masculino” tenha vindo a suplantiar o “viril” é bem sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. (2013, p. 9).

Esse “algo que mudou”, no sentido que é dado pelo autor - uma preocupação com a masculinidade - mostra o declínio da virilidade de modo que a masculinidade nunca antes precisou estar em discussão. É a partir de uma espécie de descolamento de sentido que amalgamava órgão sexual com as representações de força, retidão e coragem (entre outras) que se coloca em questão não apenas sobre a masculinidade, mas sobre o “valor do pênis no século XXI” (Betts, 2005). Dito ainda de outra forma e situando dentro da teoria psicanalítica, a pergunta pode ser posta de modo a interrogar sobre o que é que, hoje, assume a posição de ter valor fálico.

Sabe-se que basta conhecer um pouco da psicologia masculina para perceber o quanto há de inconsistência na ideia do homem seguro de si, corajoso, que sabe qual caminho seguir. Dividido, assombrado pela dúvida, pelo Super-eu rigoroso, pelo fantasma da incapacidade e da impotência, o homem - que no campo da neurose costuma desenvolver a do tipo obsessivo -, sempre contou com certa complacência da mulher que, por sua vez, ofereceu-se como semblante de dominada. Pois, enquanto o lugar social masculino esteve bem demarcado

através do exercício do poder pela força ou pela autoridade, sustentar tal posição não exigia o trabalho dos dias atuais. Todo o aparato social já funcionava de acordo com os papéis que cabiam a cada um, sendo ao homem assegurado *naturalmente* um poder transmitido pela tradição. Pai, patrão, padre ou professor, o lugar destinado ao homem lhe conferia autoridade e distinção.

Inquietamo-nos com o enfraquecimento da autoridade paterna, tememos os efeitos de uma “sociedade sem pais”, entregue à onipotência de mães dominadoras. Cada vez mais se estende o domínio da impotência sexual, que, desde o início do século, com a invenção da psicanálise, e depois, mais tarde, com o surgimento da sexologia, deixou de ser assimilável a uma simples falha mecânica para implicar um fracasso psicológico, onde toda a história do sujeito se encontra doravante implicada. (Cortine, 2013, p. 9).

Que a psicanálise tenha a ver com este enfraquecimento, não há dúvida, na medida em que ela própria pode ser entendida como sintoma da queda do patriarcado. Cortine (2013) prossegue então com seu enquadre da situação atual, de uma forma que, a nosso ver, é esclarecedora:

A emancipação das mulheres e a liberação dos costumes trouxeram, a esse respeito, efeitos paradoxais: a concorrência masculina aumentou com o desejo de satisfazer parceiras que têm o direito, como todos, ao orgasmo; a difusão maciça da pornografia reforçou a obsessão erétil, ao mesmo tempo em que a excessiva medicalização das falhas contribuiu para difundir, com o mercado de próteses mecânicas e químicos, uma cultura da impotência (Ibid).

Aí, então, encontram-se rascunhadas as questões que concernem às inquietações deste homem do século XXI. O medo de não corresponder à imagem ideal que lhe foi projetada. A cultura da impotência coloca todos diante da possibilidade de fracasso. Fracasso de não corresponder à imagem ideal, exigindo constante e extenuante aprimoramento de si. Implantes de cabelo, carros mais vistosos e potentes, sapatos com solas que disfarçadamente elevam a estatura. Também etiquetas que saíram do interior das roupas para serem expostas, esporte compulsivo e tudo mais que puder representar alguma forma de distinção. É aquilo que apontávamos anteriormente, no primeiro capítulo desta tese, sobre a conjuntura da sociedade

contemporânea, a serviço da ostentação fálica. A representação do pênis ereto pulverizou-se e foi multiplicada, dando lugar a uma busca pelas mais diversas formas de exibição de poder. Particularmente as mulheres mostraram aos homens que o falo pode ser exibido, ostentado, sem haver a necessidade de um pênis.

As figuras (fálicas) de autoridade entraram em crise e passaram a ser alvo de frequentes questionamentos. A horizontalidade das relações quebrou com lugares de poder inquestionáveis, trazendo incertezas de todos os lados. Desta forma, é correto dizer que a masculinidade hoje se encontraria ameaçada? A virilidade continua sendo uma qualidade essencial e estritamente masculina? Como se fazer reconhecer enquanto homem, em contextos em que a potência viril deixa de ser um atributo estritamente masculino, ou pouco valor lhe é reservado? Em suma, por onde hoje passa o reconhecimento fálico para além do gênero?

Olhando de forma oblíqua, tangente mesmo, não é difícil perceber que a carga da demonstração de potência, o peso do excesso de rigor moral e vigor, só podem estar a serviço da ocultação da vulnerabilidade que esconde: a iminência da decrepitude e da impotência e da falência moral a que todos se encontram assombrados. Aliás, neste sentido, é interessante pensar também a existência de uma virilidade que é mentalmente sustentada. Como observa Haroche (2013),

De maneira que a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina. Alguns homens - em nome de uma virilidade explícita ou implícita - são levados, ou seja, procuram continuamente colocar o outro numa posição de fraqueza, física ou mental, quer se trate da violência - mais psíquica -, da dominação insidiosa, ou da violência física e psíquica das "personalidades autoritárias". (2013, p. 29).

Não se pretende esgotar um tema bastante amplo nesta parte da pesquisa, se não, em primeiro lugar, introduzir a questão da virilidade como algo cultural, destacável e não natural da masculinidade e, em segundo, propor a ideia de que esta pode se dar de forma defensiva

naquilo que busca encobrir. O viril denuncia a existência do fraco, da fragilidade que pretenderia encobrir.

Neste ponto então cabe perguntar que risco é esse que assombra o universo masculino e contra o qual se despende tanta energia para poder se defender? O que torna a masculinidade algo em risco e que precisa ser duramente combatido? A resposta a esta questão, sem dúvida, passa pela ameaça da feminilização que acossa o homem, isto é, da posição passiva que assombra os homens e contra o qual é preciso dar provas constantes de que não estão sendo “coitados”, no duplo sentido que a palavra possui. Assim, a expressão da virilidade não pode ser entendida aqui sem levar em conta esta sua face defensiva. A virilidade se apresentaria então como uma tentativa de criar uma prova “real”, material daquilo que imaginariamente se acredita possuir. A masculinidade não é propriamente um atributo do macho, é uma expressão. Quanto mais interroga, produz questão para o sujeito, mais é preciso dar provas concretas daquilo que lhe salvaria da feminilização.

Esta possibilidade de ser tomado como objeto passivo foi pensada por Freud. A partir do entendimento estabelecido sobre os processos inerentes ao Complexo de Édipo, especialmente no menino – mas não somente – será possível avançarmos significativamente na compreensão do narcisismo masculino.

7.2 Freud e a sexuação

Anatomia é destino, podemos dizer, parodiando uma frase de Napoleão.
S. Freud, “A Dissolução do Complexo de Édipo”, 1924.

Sabe-se desde Freud que a sexuação humana não se resume aos determinantes biológicos, uma vez que os processos de subjetivação necessitam do suporte simbólico da cultura. Tornar-se homem ou mulher, ao mesmo tempo em que implica em uma tomada de posição

em relação ao desejo, o falo e a Lei, significa que se está sujeito aos efeitos das contingências presentes em cada situação. Por esta razão, por envolver elementos inconscientes e contextuais, não se pode dizer que haja propriamente uma *opção sexual*; não se trata de uma deliberação consciente, tal qual seria esperado em uma tomada de decisão.

Assim, falo, desejo e Lei são elementos colocados em cena a partir da triangulação estabelecida pelo Complexo de Édipo e o confronto do sujeito com o complexo de castração. Neste sentido estão sempre presentes aspectos não somente simbólicos, mas também reais e imaginários.

Como está sendo visto, a identidade criada entre o sujeito e seu sexo é algo que constantemente é colocado à prova, sendo o sofrimento neurótico aquilo que melhor testemunha o percurso de dificuldades encontrado. Uma questão, portanto, que concerne a todos, quer o sujeito se situe no lado masculino ou no feminino. Desta forma, “sexuar” não deixa de ser se submeter o fato de que, em qualquer lado que o sujeito se encontre, algo estará irremediavelmente perdido, não havendo mais a possibilidade de que seja recomposto um encontro perfeito, isto é, de que o “todo” possa ser finalmente recuperado.

É notório o fato de que em sua teorização Freud sempre encontrou mais dificuldades em compreender o que se passa do lado feminino do que do masculino. Ele mesmo, em diversos momentos, como em “A organização genital infantil – um acréscimo à teoria da sexualidade” (1923/2011) assume expressamente esta limitação ao dizer que encontra menores dificuldades na compreensão dos processos que ocorrem com o menino, “faltando ainda conhecimento” para compreender o que se passa no lado da menina.

No entanto, apesar das justas críticas que foram e são lançadas a respeito do olhar de Freud sobre a questão da mulher, algo de importante precisa ser reconhecido. Isto é, apesar dos esforços e das dificuldades em compreender tanto o masculino quanto o feminino, ele advertiu o leitor sobre o fato de que é impossível que seja encontrada uma destas duas

posições subjetivas de maneira pura, a não ser meramente na condição de uma abstração teórica. Deixou isto claro em seu texto intitulado “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica, de 1925: “[...] todos os indivíduos, graças à disposição bissexual e à herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto”. (1925/2011, p. 298). Freud encontrou assim uma forma de dizer que se trata de um processo sempre inacabado.

Quanto ao universo masculino, segundo Freud, embora o menino perceba a diferença existente entre homens e mulheres, inicialmente não se coloca propriamente a questão sobre a presença ou não de um pênis. “Essa parte do corpo que se excita facilmente, que se modifica e é tão rica em sensações, ocupa em alto grau o interesse do menino, e continuamente apresenta novas tarefas ao seu impulso investigador” (1923/2011, p. 172-173). É, então, sobre uma parte “destacável” do próprio corpo, do órgão excitável que se dá inicialmente o interesse.

É apenas em um segundo momento que surge para o menino a questão da comparação:

Ele gostaria de ver também o das outras pessoas, a fim de compará-lo ao seu, ele age como se suspeitasse que esse membro poderia e deveria ser maior; a força impulsora que esse *membro viril* desenvolverá depois da puberdade se manifesta, neste período da vida, essencialmente como esforço de investigação, como curiosidade sexual (Idem, p. 172, grifo nosso).

Assim, acompanhando o pensamento desenvolvido por Freud, a questão da virilidade parece estar desde os primórdios associada à masculinidade, de modo que o interesse em demonstrar potência vem antes mesmo da construção de uma masculinidade. Aquilo que para o menino diferencia homens de mulheres é, desde sempre, investido de um alto valor narcísico. Freud conclui então este ensaio da seguinte forma:

No estágio da organização pré-genital sadicoanal não se pode ainda falar de masculino e feminino, prevalece a oposição de *ativo* e *passivo*. No estágio da organização genital infantil que então se segue há *masculino*, mas não feminino; a oposição é *genital masculino* ou *castrado*. Apenas ao se completar o desenvolvimento na época da puberdade, a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade. A vagina é então estimada como abrigo do pênis, torna-se herdeira do ventre materno. (Idem, p. 175, grifos do autor).

Ativo/passivo, masculino/castrado, masculino/feminino: estes são os três tempos da sexuação que Freud formula neste texto. No entanto, é importante destacar que, apesar do masculino servir de referência ao sexuado, Freud fala na função de abrigo que a vagina assume perante o pênis. Talvez neste ponto seja pertinente a pergunta sobre que atributo masculino, viril, é este que encontra seu abrigo no interior da vagina da mulher? Que fantasia é esta que sustentou um imaginário ao longo de séculos e que talvez não tenha feito mais do que mascarar a impossibilidade de sustentação fálica, tanto para homens quanto para mulheres? Neste ponto fica evidente que a potência fálica encontra-se para muito além do órgão sexual masculino (ou feminino), embora tenha havido um longo acordo tácito sobre este ponto. Um ponto que nunca esteve verdadeiramente em discussão até o declínio do patriarcado e que mostra o quanto o falo encontra-se em outro lugar do que propriamente no órgão sexual.

No caso específico da mulher, a formulação freudiana é conhecida e, como dito, alvo de muitas críticas: simplificadamente falando, a menina descobre o pênis no sexo oposto e passa a invejá-lo ao mesmo tempo em que culpa a mãe por não tê-la dotado de tal órgão. “Com a menina é diferente. Num instante ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter”. (1925/2011, p. 291). O retrato de uma obstinação, no olhar freudiano.

À menina, na esperança de ainda ter um pênis, poderia permanecer no que Freud chama de complexo de “masculinidade” (vivido com grandes dificuldades). Ou, a partir da recusa em admitir a castração, agir como se fosse um homem. A ferida narcísica daí advinda geraria o sentimento de inferioridade, próprio entre as mulheres. Outra consequência da inveja do pênis, diz Freud, seria o “afrouxamento da relação terna com a mãe”. Porém, a consequência que destaca como sendo a mais importante é a recusa feminina à masturbação, uma vez que esta atividade reacenderia a humilhação narcísica sofrida pela falta do pênis.

Finalmente, o caminho visto então por Freud para que a menina possa ascender à feminilidade seria a substituição do desejo de ter um pênis pela equação que o equivale a uma criança: “Ela abandona o desejo de possuir um pênis, para substituí-lo pelo desejo de ter uma criança e *com esta intenção* toma o pai por objeto amoroso. A mãe se torna objeto de ciúme; a menina se tornou uma pequena mulher” (1925/2011, p. 295). O complexo de Édipo da menina, nunca é completamente abandonado uma vez que lhe falta motivo para tal: diferentemente do menino que o abandona por medo, a castração foi o motivo de entrada da menina no complexo. Esta é a explicação encontrada para o fato de que o Super-eu da mulher não ser tão “inexorável”, de modo a ter menor senso de justiça e “menor inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida” (1925/2011, p. 298). O horror experienciado pelo menino não se repete na menina.

As críticas ao pensamento freudiano sobre a sexuação da mulher vêm de diversas frentes.

A este respeito, Kehl (2008) escreveu que:

Seria esperar demais, escreveu Freud, que a mulher num final de análise abrisse mão de todas suas pretensões fálicas em troca de um lugar no desejo do pai ou de seu substituto. Seria esperar muito pouco, digo eu, pensar que a função paterna, no caso da mulher, só encontre consistência imaginária ou na fantasia de sedução – que separa a menina de sua mãe mas a mantém incestuosamente fixada ao pai – ou de uma privação, que inscreve a menina do lado das mulheres, mas não aponta nenhuma solução para a inveja a não ser a longa espera pelo prêmio-de-consolação na figura de um filho (pai). (p. 262).

A saída proposta pela autora, e que não passa pelo caminho da histeria (colocar-se na dependência do desejo dos homens), implica na construção de uma narrativa que visa à responsabilização da mulher por seu desejo a partir da relação com a falta. O que faz da menina uma mulher implica em poder “reconhecer seu sexo igual ao da mãe sem se confundir com ela e sem ter que necessariamente abandonar as identificações constituídas quando ela ainda era um ‘homenzinho’ – é bem isto o que faz dela, fundamentalmente, uma mulher” (Kehl, 2008, 264).

Na avaliação que a autora faz, a dificuldade que a teoria psicanalítica encontra sobre a questão da feminilidade se constitui mais como um sintoma (da própria psicanálise) do que verdadeiramente fruto de um impasse teórico.

Se a teoria psicanalítica frequentemente produz um esquecimento a respeito de quem é a mulher e volta a insistir sobre os mistérios, sobre o indizível da feminilidade etc., vejo isto mais como um sintoma de algo que se recalca do que de um impasse teórico. O mistério da mulher, em Freud, não reside em sua alteridade absoluta e sim na sua extrema proximidade com o homem. É porque uma mulher é para um homem o seu semelhante, seu igual, seu irmão, que se constitui, em nome do “narcisismo das pequenas diferenças”, em uma espécie de cegueira a seu respeito. A única diferença entre um homem e uma mulher é que esta *também* é mulher. (Idem, p. 264).

Talvez o que se encontre em Freud seja a perspectiva de olhar que tende a enxergar no órgão sexual masculino mais do que um significante fálico, mas o próprio falo. Um aprisionamento na anatomia (tal qual indicado na epígrafe desta seção), mas que, entendemos, pode e deve ser questionado. No sentido de melhor compreender a relação que se estabelece entre o falo e o pênis, pode-se precisar que, diferentemente do que acontece com o homem, na mulher o falo estaria difuso, oculto, presente apenas na modalidade de promessa. É neste sentido então que estaria muito mais protegido da ameaça da castração que tanto ameaça no lado masculino da sexuação.

7.3 *Freud, a posição masculina e a masculinidade*

É longo o caminho a ser percorrido pelo menino entre a posição masculina e a masculinidade. Segundo Freud (1925/2011), a diferença sexual só passa a fazer verdadeiramente questão para o menino quando uma ameaça de castração exerceu sobre ele certa influência. A partir daí é que a visão do órgão feminino, ou melhor, a visão da falta de

órgão (a presença da ausência) na mulher passa a fazer sentido e ter consequências consideráveis em sua vida psíquica:

Somente depois, quando uma ameaça de castração teve influência sobre ele, tal observação lhe será significativa; sua recordação ou renovação suscita nele uma terrível tempestade de afetos e o força a crer na realidade da ameaça até então desdenhada. Essa conjunção leva a duas reações, que podem se tornar fixas e então, separadamente ou juntas, ou em conjunção com outros fatores, determinarão permanentemente sua relação com as mulheres: aversão à criatura mutilada ou triunfante menosprezo dela. (p. 290 – 291).

Freud observou então que se produz no menino um sentimento de “aversão ou triunfante menosprezo” para com o sexo oposto a partir da percepção da falta do órgão genital. Diferentemente do que acontece com a menina, é a partir da percepção da castração que o menino entra propriamente no Complexo de Édipo. No entanto, no mesmo texto Freud lembra que o menino tem em um determinado momento, a partir da disposição bissexual de todos os seres humanos, também o desejo de assumir o lugar da mãe diante do pai. Assim, o Édipo assume o duplo sentido de colocá-lo tanto na posição ativa, como também na passiva. Essa postura assumida pelo menino é chamada de feminina por Freud e foi trabalhada mais tarde, no ensaio intitulado “Dostoiévski e o parricídio”, de 1928.

Retornando então ao texto de 1925, o desfecho do complexo edípico para o menino não acontece simplesmente mediante repressão: Freud acreditava que o Édipo seria completamente despedaçado diante do choque provocado pelo horror da castração. Por esta razão seu Super-eu (herdeiro do Complexo de Édipo a partir da internalização da Lei) se formaria de modo a lhe fornecer parâmetros mais justos do que aqueles encontrados na mulher:

Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados, e parcialmente sublimados, seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Super-eu e emprestam a essa nova formação traços característicos. No caso normal – melhor dizendo: ideal – não subsiste mais um complexo de Édipo no inconsciente, o Super-eu é o seu herdeiro. (1925/2011, p. 297).

Assim, na perspectiva freudiana, o abandono do incesto, a consciência e a moralidade deve-se ao alto investimento narcísico do menino em seu órgão sexual. O medo de perdê-lo

provoca a internalização da Lei e é o motivo que Freud determina para que a terceira instância do aparelho psíquico, o Super-eu, a consciência moral seja criada. O menino renuncia o desejo pelas figuras parentais devido ao amor que investe em seu órgão fálico. O risco de perdê-lo justifica sua atitude de dessexualização e entrada no período de latência.

O texto é concluído então com a observação de que as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos somente poderá ser mantida se forem confirmadas e mostrarem-se típicas.

A relação ambígua do menino para com o pai manifesta afeto positivo ao mesmo tempo em que hostilidade, conforme será visto abaixo a propósito da análise da biografia de Dostoievski. Espera-se que no final do Édipo, estas tendências tenham sido recalçadas e que haja um processo de identificação: aspirar ser como o pai, deixando de temê-lo. É preciso frisar, porém, que esta relação ambígua estabelecida com o pai faz com que o complexo de castração sempre funcione como um fator inibidor da masculinidade promovendo, por outra parte, a feminilização do sujeito. O fantasma da feminilização, de se tornar passivo diante do pai, ronda o menino de modo que se o recalçamento falhar surge consequências psíquicas importantes no campo das psicopatologias. Os casos Hans, Schreber, Homem dos Lobos e dos Ratos, apresentados por Freud, não deixam de ser exemplos do quanto a feminilização pode ser perturbadora ao Eu do sujeito, lançando-o à posição castrada.

Entretanto, é na análise que faz da biografia de Dostoievski, em seu texto de 1928, que Freud melhor articula as ideias a propósito da perturbação causada pelo assombro da figura paterna sobre o menino. Uma forte predisposição bissexual se torna uma precondição ou reforço da neurose. Escreve Freud:

O relacionamento de um menino com o pai é, como dizemos, 'ambivalente'. Além do ódio que procura livrar-se do pai como rival, uma certa medida de ternura por ele também está habitualmente presente. As duas atitudes mentais se combinam para produzir a identificação com o pai; o menino deseja estar no lugar do pai porque o admira e quer ser como ele, e também por desejar colocá-lo fora do caminho. (1928/1980, p. 212).

A questão, porém, é que tanto ao tomar o pai como rival e querer afastá-lo (aniquilá-lo), quanto tê-lo como objeto de amor, coloca o menino igualmente diante do horror da castração. Ou seja, quer pelo medo de perder seu órgão devido à rivalidade, quer pela feminilização diante do pai, sua masculinidade se encontraria ameaçada: “Assim, pelo temor à castração - isto é, no interesse de preservar sua masculinidade - abandona seu desejo de possuir a mãe e livrar-se do pai” (Ibid). O desejo, ainda que inconsciente, perdura e alimenta o sentimento de culpa.

Será que se trata de preservar sua masculinidade ou de poder construí-la? É possível que sejam situações distintas, uma vez que uma identidade masculina está, ainda neste momento, em processo de formação; não está dada *a priori*. Talvez seja correto dizer que o menino quer perdurar na ilusão de não ser castrado, embora o falo que está em questão seja puramente imaginário (seu órgão sexual). Aqui a distância entre posição masculina e masculinidade fica mais evidente.

Freud conclui seu ensaio compreendendo Dostoievski como uma “uma pessoa com uma disposição bissexual inata especialmente intensa, que pode defender-se com intensidade especial contra a dependência de um pai especialmente severo”. (Idem, p. 212) Isto para explicar porque o autor russo, com todas as condições de ser reconhecido como o autor do “maior romance jamais escrito”, equiparado a Shakespeare, assumiu posições tão equivocadas em sua vida que comprometeram seu lugar na história: “Dostoievski jogou fora a oportunidade de se tornar mestre e libertador da humanidade e se uniu a seus carcereiros” (Idem), conclui Freud.

Uma última observação sobre este ponto: diante da masculinidade ameaçada por um amor castrador e feminilizante, é preciso lançar-se mão de mecanismos projetivos que possam lidar com as diferentes exigências em questão. Inúmeros são os exemplos deste que pode ser considerado um dos meios inconscientes mais comumente empregados na manutenção do

equilíbrio psíquico, cuja natureza se constitui em lançar para fora do sujeito aspectos tidos como intoleráveis para seu Eu.

Especificamente em relação à sexualidade, se pode lembrar os diversos casos de violência contra homossexuais, cujas justificativas desafiam os limites da razão. É o caso, por exemplo, de garotos de programa que, embora mantenham regulares relações sexuais com outros homens, desenvolvem verdadeira ojeriza por estes, justificando frequentemente sua atividade como uma mera necessidade financeira. Para compreender melhor o que se passa, trata-se de precisar sentir a ameaça como vindo *de fora* do sujeito. O que se torna objeto de ódio é o outro e não mais um sentimento que não consegue ser integrado pelo Eu (desejo homossexual feminilizante). Isto é, aquilo que precisa ser odiado encontra-se no outro. Lidar com a ameaça, com o risco da feminilização vivenciada na relação com o pai pode exigir do sujeito a produção de uma saída imaginada como extremamente virilizada, quando não violenta e criminosa.

7.4 Ao pai

*É comum a gente sonhar, eu sei, quando vem o entardecer
 Pois eu também dei de sonhar um sonho lindo de morrer
 Vejo um berço e nele eu me debruçar com o pranto a me correr
 E assim chorando acalantar o filho que eu quero ter
 Dorme, meu pequeninho, dorme que a noite já vem
 Teu pai está muito sozinho de tanto amor que ele tem.
 Toquinho, “O filho que quero ter” (trecho)*

O embaraço afetivo vivido pelo menino para com a figura paterna acaba sendo uma das principais fontes de neurose, quando não de situações mais graves. Não deve ser por outra razão que a figura do “Deus Pai”, protetor e exigente, figura com tanta força nas religiões, deslocando assim o amor ao pai para um campo assexuado.

Bem, inicialmente é preciso entender que a forma como o pai⁵³ vivenciou o seu próprio Complexo de Édipo, assim como o desejo do pai pelo filho, certamente são elementos fundamentais para que este possa atravessar essa verdadeira tormenta edípica de forma menos vulnerável. O pai transmite a proteção e também o limite. Como diz Ceccarelli (1998), a partir da angústia que em algumas pessoas reflete desamparo estrutural, isto é, o medo de tudo, “encontra-se uma imagem de pai que nunca foi percebida como sendo, por um lado, o pai que proíbe - sabe-se de onde o perigo vem - e, por outro lado, o pai que protege: nestes sujeitos, a ‘nostalgia do pai’ não se constituiu.” (p 53). O medo de tudo certamente inclui o medo do próprio desejo, podemos complementar.

É preciso então que o pai assuma para o filho a sua posição de elo na cadeia geracional. Quando isto ocorre, quando o pai paulatinamente se permite abrir espaço, deixa de ser o centro de sua própria vida para dar lugar à próxima geração. Dito de outra forma, é preciso que o pai reviva sua própria experiência de castração, pois, ao sair de cena, está se deparando com a finitude. O pai que rivaliza com o filho, que não lhe permite um lugar, reluta em aceitar a morte que é anunciada com a chegada da próxima geração. A este propósito, Wainsztein (1995) escreve que “Um pai que não oferece como linhagem sua própria castração, transmite a seu filho que ele, sim, tem todas as mulheres e, em decorrência, o filho não pode constituir no corpo de uma mulher um objeto causa de seu desejo.” (p. 58). Ao pai cabe transmitir a interdição, incluindo a sua própria.

Além disso, não se pode perder de vista que as condições da paternidade também estão encadeadas na relação pai-filho anteriormente estabelecidas, e assim sucessivamente. Aliás, é importante dizer, decorre desta experiência não apenas a própria relação pai-filho, mas também as que serão estabelecidas futuramente com outros homens.

⁵³ Aqui não se está trabalhando com as categorias lacanianas de Real, Simbólico e Imaginário. Em todo caso, para que fique mais claro, neste momento se está próximo daquilo que pode ser chamado de *pai simbólico*: função paterna presente na segunda etapa do Édipo, em que há a queda da posição fálica. Momento em que ocorre a identificação que tem como consequência o Super-eu. Introduce a dimensão da falta estruturante e passagem do narcisismo primário para o secundário.

Ainda sobre a relação estabelecida entre o menino e aquele que desempenha a função paterna, Ceccarelli (1998) destaca sua importância na compreensão da construção da masculinidade.

É no encontro com o pai, seja qual for o registro em que este se encontre - através dos avatares dos processos identificatórios do filho, dos investimentos do pai em relação ao filho, das particularidades do sistema social no qual o sujeito se encontra inserido - que se deve procurar compreender a aquisição da masculinidade bem como suas diferenças "qualitativas" (p. 56).

Acreditamos que deva ser considerado de forma especial o que o autor escreve quando se refere às diferenças qualitativas existentes na masculinidade. Para além de processos identificatórios, para além dos códigos sociais e também para além da posição do sujeito perante o falo e a castração, entendemos que a complexidade da construção da masculinidade se dá na medida em que envolve rigorosamente *todos* estes elementos. Ou seja, elementos intra e interp-síquicos⁵⁴. Procurar a chave do masculino em apenas um destes aspectos negligencia a complexidade da construção que está em jogo. Aliás, uma masculinidade que nunca se encontra acabada e que coloca o sujeito a trabalhar.

7.5 Onde o masculino se encontra/esconde

Um homem não se pergunta sobre seu desejo. Aliás, ninguém o faz: todos parecem saber a resposta. É aquele que simplesmente detém alguma arte em saber fazer; detém um *savoir faire*, para tornar a coisa mais elegante. Consegue “fazer que a mulher responda ao seu desejo. Fazer com que ela lhe minta bem. Fazer que ela acredite que ele, ao nada perguntar, sabe perfeitamente o que ela quer”. Este é o “melhor” homem, para si, escreve Kehl (1995, p. 108).

⁵⁴ Por isso se justifica o caminho que foi tomado até aqui no sentido da contextualização social além do aprofundamento nos processos psíquicos.

Então, como o homem não tem dúvidas, também sobre ele não paira nenhum mistério. É transparente, prático, tudo diz e sabe. Seu órgão, exposto, não deixa dúvida de que tem o falo. Conseqüentemente, tudo é sabido sobre ele. As dúvidas pairam, como se sabe, sobre o mistério das mulheres; aquelas que sem ter, são. O não sabido, o escondido, enfim, a pergunta sobre o desejo.

O lugar do homem - construiu-se - é o lugar das respostas, certezas. De tantas certezas que apresenta, se acredita também que tudo se saiba sobre ele. Não cabe a pergunta sobre quem realmente é: basta acreditar em sua força; exibindo-a, saberá de quem se trata. Simples assim. É assim que foi; é assim que a masculinidade foi pensada e sustentada. E assim se construíram uma série de mitos e meias verdades sobre o que seria o homem.

Algo que durou até bem pouco tempo. Acredita-se que ainda existam alguns exemplares desta espécie soltos pelo mundo. No entanto, estão francamente em extinção. Tornam-se raros a cada dia. Em seus lugares, brotam seres frágeis, que choram, preocupam-se com as crianças e com aquilo que satisfaz suas parceiras. Dividem as tarefas domésticas (quando não as assumem sozinhos) e se questionam sobre quem são. Tornam-se, assim, misteriosos. Quem são estes novos seres?

Elas, por outro lado, cansaram-se de passar roupa e trocar fraldas ou serem auxiliares. Querem o protagonismo, ver a luz do dia, ter assuntos importantes para resolver; ter o almoço interrompido para solucionar algum problema crucial cuja solução depende exclusivamente dela. Então, o que se tornou realmente importante? Qual a ordem de precedência? Por onde anda o desejo?

7.6 *Vinhetas clínicas*

Os casos aqui relatados baseiam-se em atendimentos realizados, entrevistas ou pacientes que entraram em análise ao longo de mais de vinte anos de prática clínica. A forma como foram organizados os relatos teve inspiração no livro “Filhinhos de mamãe – destinos da sexualidade masculina”, de Estacolchic e Rodriguez (2011). Isto é, uma breve notícia sobre situações clínicas, sem, no entanto, a realização um maior aprofundamento, tal qual ocorreria em um estudo de caso. Informações foram mudadas ou suprimidas de forma a preservar suas identidades.

O que se pretende com estas vinhetas clínicas é apresentar algumas das principais questões que vêm sendo trazidas particularmente por homens que procuraram por uma análise, servindo de suporte ao material teórico discutido.

7.6.1 **Será que sou tudo o que pensei?**

Contextualização do caso: Recebo a ligação de uma mulher pedindo um horário para o marido. Situação comum; às mulheres parece muitas vezes naturalizada a função de perceber as necessidades emocionais e buscar ajuda para seus companheiros. No mesmo dia, mais tarde, chega uma mensagem no telefone perguntando o valor da consulta. Recém-chegado na cidade devido a uma transferência profissional, **Daniel** diz que não está bem. Sofreu um abalo em sua autoimagem devastador. Trabalhando em uma empresa multinacional, após muitos anos ocupando sempre cargos de chefia, pela primeira vez não conseguiu atingir as metas que lhe haviam sido definidas. Não se pode dizer que foi rebaixado de cargo, mas uma transferência de local de trabalho assumiu contornos dramáticos. Entende que seu novo posto

de trabalho, por ter menor potencial, quebra com a curva ascendente que teve ao longo de toda carreira. Além disso, sente-se constantemente observado por seus pares, como se todos estivessem espreitando cada passo que dá na espera de seu próximo escorregão.

Embora diga às vezes que se sente alvo de seus superiores, lhe angustia a comparação com os colegas que estão na mesma posição que ele. Vergonha, sentimento de fracasso, e o medo de perder algo – ainda indefinido em um primeiro momento – o atormentam.

Em sua trajetória, sempre esteve do “outro lado”; isto é, na turma dos vencedores. Parece que não percebia que, para manter a gangorra funcionando, a cada vez que progredia, era preciso que alguém caísse. Desta vez foi o contrário: teve que abandonar seu lugar para que um novo “protegido do chefe” viesse a ocupá-lo.

A vida na empresa praticamente ocupa o lugar da família. Quando me liga, costuma dizer seu nome emendando o nome da empresa: “aqui é o Daniel da...”. No entanto, logo percebe, esta é uma família que só lhe reconhece se apresentar o desempenho esperado. Uma família bastante exigente.

Desde a adolescência pobre em uma pequena cidade do interior, sua vida foi absorvida pelo espaço profissional. Ingressou ainda adolescente e viu, ao longo de quase 30 anos, sua condição social e econômica se transformar profundamente. A empresa representou a possibilidade de romper com um passado de tristes recordações. Quando começou a crescer e saiu da cidade natal, aos olhos de “todos”, já podia ser considerado um vencedor. Diversas transferências de cidade ocorreram, mas sempre constituindo um crescimento profissional. Exibe a marca do carro de luxo no chaveiro que deixa sobre a mesa, assim como as grifes das roupas que utiliza.

Tem esposa, mas diz que “não é casado”. Eles não têm filhos, pois, afinal, sua vida é pautada pela rotina do trabalho. Inicialmente diz que filhos poderiam atrapalhar no momento, já que a companheira, embora esteja se preparando há anos para concursos, ainda não

conseguiu uma colocação. Há algum tempo moram em cidades distintas justificando razões profissionais para tal condição: “ela está se preparando”, “ela não gostava de lá”, etc. A paternidade é então um terreno nebuloso cujas justificativas para que não aconteça não lhe satisfazer completamente.

No desenrolar das sessões começou a trazer situações marcantes de sua vida. A mais importante diz respeito ao pai, alcoolista, com pouquíssimo estudo e *condição profissional precária*: em uma crise deste, Daniel ainda adolescente pede que vá embora de casa. “Você quer que eu vá embora?”, pergunta o pai. Em seguida busca uma arma, dirige-se até o quintal e disfire um tiro contra a própria cabeça. De modo surpreendente a trajetória da bala não o mata e nem mesmo deixa sequelas. Em sua cidade natal, além da violência física, viveu diversos momentos de humilhação e vergonha devido especialmente ao alcoolismo do pai. Este muitas vezes foi motivo de graça entre seus colegas de escola. Apesar disso, sente que saiu de lá como alguém que reverteu as condições que a vida lhe ofereceu.

A angústia que ora lhe aterroriza devido à “transferência/rebaixamento” está ligada à fantasia de voltar à terra natal, à casa dos pais sem nada, desvalido, derrotado e humilhado; como quem volta ao sentimento infantil de desamparo, colado a essa imagem fracassada do pai.

Com a situação deflagrada, não conseguia mais avaliar sua competência e conseqüentemente quem é: “Será que sou realmente tudo o que pensei?” Teria havido alguma forma de injustiça ou seria mesmo sua incompetência; pergunta-se algumas vezes. O mesmo fantasma que o fez ter que tornar-se alguém para mostrar ao pai, volta a assombrá-lo. Mais do que mostrar seu valor, trata-se de construir uma espécie de proteção que se materializa na sua condição financeira e nos bens de prestígio que conquistou. A ameaça que sente de que, a qualquer momento, pode ser tragado por um passado assustador, denuncia a fragilidade

daquilo que construiu em torno de si. A dúvida sobre quem é, no sentido do valor que tem, retorna com uma enorme força diante da ameaça profissional.

Foi em um momento preciso, a partir de uma conversa que teve com um ex-colega (demitido da empresa em que trabalha) e que hoje vive dificuldades financeiras, que deflagraram os sentimentos de angústia. Neste sentido, imaginar a cena de retorno à cidade natal na condição de fracassado, é o que mais o assusta.

7.6.2 Perdeu algo, não se conforma com esta perda e espera passivamente a restituição.

Contextualização do caso: Sua mãe fez o primeiro contato. Na época **Fabrício** estava perto de completar trinta anos. Preocupada com o filho que parecia sem rumo na vida, logo se revelou a existência de uma relação crônica com o álcool, iniciada ainda nos primeiros anos da adolescência. O uso de outras drogas também faz parte de seu percurso, embora de forma ocasional e um pouco mais discreta.

São muitas as questões trazidas nos anos que trabalhamos. No entanto, sua completa incapacidade de se relacionar com mulheres sempre foi sua principal queixa. Oscilava entre coloca-las em um pedestal inalcançável, para depois rebaixá-las de forma claramente protetiva. Morando sozinho, empregado do serviço público e estudando, Fabrício consegue manter-se precariamente inserido e equilibrado no meio social. Porém, sua vida não sai do lugar. Encontra-se estacionada de modo que não consegue concluir sua formação superior que se arrasta por anos, assim como estabelecer qualquer tipo de relacionamento afetivo que não seja com os companheiros de noitada. O fato de ter um emprego público permite que falte e se atrase com enorme frequência sem que haja maiores consequências (além dos consideráveis descontos em seu salário). Fabrício está sempre *no limite*.

A vergonha, a “ressaca moral” a sensação de fracasso, a raiva e a pena que sente de si são, sem dúvida, os sentimentos mais frequentes. Acredita ter dificuldade em se relacionar porque as mulheres estão interessadas apenas em homens que classifica como sendo do tipo “macho alfa”, dominadores, potentes e conquistadores. Um papel que lhe é impossível. Sente-se fazendo tudo de forma correta e sendo até “bonzinho” e “afável” demais. Porém, como costuma dizer, “esquenta a marmitta para outro comer”. O circuito envolve elevar a mulher a uma posição inalcançável para depois, no segundo momento, sentir-se rejeitado e então começar a lhes desferir acusações. Vez ou outra culpa sua mãe por não tê-lo criado de modo a ter se tornado mais agressivo.

Acaba então, invariavelmente, estabelecendo uma relação de desconfiança com o sexo oposto, esperando o momento em que novamente se sentirá usado ou enganado. Isto lhe coloca em posição bastante defensiva nas raras situações em que consegue algum contato mais próximo. Está sempre aguardando o momento em que será feito de bobo, confirmando suas expectativas e teorias sobre o universo feminino.

Cada experiência vivida desse tipo o atormenta por longos períodos. Mantém vivo os sentimentos de desprezo sofridos, muitas vezes, ao longo de anos. Torna-se ruminante. Assim, apenas no plano da fantasia vivencia situações excitantes, mas que não encontram qualquer possibilidade de efetivação no plano real. Sua vida acaba sendo de uma pobreza de experiências, pois redundando sempre em frustrações que se repetem infindavelmente. Se há algo que conquista com relativa facilidade é a sensação de ter fracassado. Revive a cena em que se sente abandonado e preterido. Teve apenas uma namorada na vida.

Neste sentido, fantasiosas também são suas versões sobre sua família. Viveu junto com a mãe na casa de uma família que os acolheu, proporcionando uma situação bastante confortável e muito além da condição financeiras que tinham. Fabrício sentia-se rico na infância, usufruindo dos benefícios da alta classe média e de ter à disposição os recursos de

uma grande capital. Sabendo apenas o nome, mas sem conhecer seu pai, dividiu o quarto com a mãe até próximo dos oito anos de idade. Foi nesta época que as coisas começaram a mudar: ao mesmo tempo em que a mãe passou a se desgastar com a família adotiva, um namoro que viria a se tornar um casamento havia iniciado. As coisas para Fabrício não seriam mais as mesmas.

Não encontrou seu lugar no novo casal que se formou. Irmãos nasceram, mudaram-se de estado de modo que acabou se distanciando da mãe. A relação passou a ser de conflito, gerando cenas de violência envolvendo o padrasto. Entende, hoje, que seu comportamento destrutivo falava em seu lugar. Aquilo que não conseguiu pôr em palavras, mostrava de maneira violenta contra os outros e contra si mesmo. Sentiu-se arrancado de seu lugar e permaneceu a espera que lhe restituam. Perdeu algo, não se conformou com esta perda e espera passivamente a restituição. É um ressentido. Assim, repete essa experiência com todas as mulheres: acreditou que tinha um lugar especial, mas sentiu-se traído, enganado.

Fabrício espera que seu *verdadeiro valor* seja reconhecido, ou melhor, devolvido. Perdeu uma condição que acreditava ter e, desde esse ponto, aguarda passivamente que algo aconteça; que as “energias cósmicas” lhe tirem desta condição. Econômico do ponto de vista dos sentimentos, não arrisca quase nada. Acredita que um dia será finalmente enxergado.

Há uma importante ação de recalque presente na vida de Fabrício de modo que custou a reconhecer como violência as situações a que foi exposto. Foi preciso alguns anos de trabalho para que as emoções pudessem começar a surgir sem que representassem uma ameaça de despersonalização. Conseguiu iniciar uma aproximação com o pai biológico, que nem mesmo sabia de sua existência.

7.6.3 No dia seguinte sinto que dou um beijo de espinhos.

Contextualização do caso: Também neste caso, o primeiro contato telefônico foi estabelecido pela ex-esposa, cuja separação havia ocorrido meses antes. Mais um dia de extremo mal-estar pelo uso “pesado” de drogas, havia feito com que **Felipe** pedisse sua ajuda. Ela, como mais tarde se revelaria ser de costume, mostrou disponibilidade. Ele comparece sozinho.

Felipe, do meio artístico, próximo de completar quarenta anos, inicia a primeira sessão dizendo que irá direto ao assunto: “sou viciado em cocaína”, sentencia. Segue contando sobre o término de seu casamento após uma relação de mais de vinte anos e de como se cercou de preparativos para a tomada da decisão.

No entanto, nem tudo havia saído como planejado. Refere a si mesmo como uma espécie de duplo: sente-se transformado em um monstro pela droga. Um duplo e conseqüentemente uma vida dupla: fala das baixezas que já foi capaz de fazer para conseguir a droga ou quando se encontra sob o efeito da mesma. Porém, em sua “outra vida”, a que considera normal, o sentimento é de ser o oposto: um pai exemplar, praticante de esportes e profundamente envolvido em seu trabalho. “Aquilo me transforma num monstro”; “no dia seguinte sinto que dou um beijo de espinhos no meu filho”; “me sinto num mundo artificial, vivendo coisas que não são reais”; “o cara é um monstro”, são algumas das frases que pronuncia neste primeiro encontro. Diz estar decidido a parar de usar drogas.

O abandono não durou muito: já na sessão seguinte a recaída entra em cena e será uma constante ao longo do nosso trabalho. A imagem que lhe ocorre para apresentar a situação em que se encontra é bastante marcante: “a droga é como um parque de diversões, mas que hoje está fechado, cheio de brinquedos velhos e estragados”. Aliás, o dia seguinte ao uso da droga

é sempre de prostração, incapacidade de cumprir compromissos e, em especial, de sentimento de falta em relação ao filho, criança que considera com uma sensibilidade aguçada.

Quando refere algo de seu pai, há uma sucessão de falas que apresentam uma figura violenta, incoerente, quando não se coloca de forma absolutamente fria e ausente. “Querendo o carinho do pai eu acabava transferindo para a mãe”, diz. Lembra que quando contava com quinze anos, seu irmão, alguns anos mais velho, morre. Em meio às falas, lhe ocorre uma lembrança em especial: o pai, ao ver suas notas no boletim da escola, dá-lhe uma pancada tão forte na cabeça que esta bate contra uma vidraça, causando-lhe cortes. Lembrança que se repetirá outras vezes na análise.

Os relatos sobre seu relacionamento (interrompido, ao menos formalmente), falavam de uma história que vinha desde a adolescência, marcado por uma espécie de forte dependência afetiva que, mesmo após os oito meses de término do casamento, não se desfaziam. Isto surgiu como questão em diversos momentos: “Não consigo me separar dela. Vejo pessoas que se separam e vão cada um para um lado; não olham para trás. Eu não consigo. Nos vemos praticamente todos os dias. E eu sinto que não deixo ela viver a vida dela”. Ou ainda, “Sem querer, quando vemos, eu ou ela estamos nos chamando de *amor*”. Justifica esta conduta dizendo que o relacionamento teve início quando ambos ainda eram adolescentes.

A situação não é muito diferente de quando se refere a sua mãe. “Sempre estou lá. Vou lá praticamente todos os dias. Almoço sempre e, às vezes, se estou muito cansado, durmo por lá”. É uma fala, entre tantas outras, que remete ao lugar central que a figura materna é colocada. Na infância, via-se como o filho preferido da mãe. “Talvez, por eu ser o filho mais novo, ela me protegia”.

Pela forma como vou percebendo se organizar sua fantasmática, não há traços de um ressentimento ou depressão, que seria decorrente de um retirar-se da disputa fálica com o pai, entregando-se como figura frágil para ficar sob os cuidados da mãe. Isto é, embora aponte

uma relação “umbilical” (expressão sua) com as figuras maternas, não é na condição de sujeito enfraquecido, aquele que evita o enfrentamento da rivalidade fálica que se organiza psiquicamente. Constrói outra saída que lhe coloca no caminho de poder manter uma relação bastante especial com o objeto, fundindo-se por vezes a ele.

Ao *aspirar*, abre-se a possibilidade de *respirar* e assim escapar do engolfamento e da indistinção a que se encontra submetido, permitindo a manutenção de bordas psíquicas. Isto é, a “operação droga” se completaria justamente pela *descontinuidade* que promove, pela falta que introduz, e não propriamente como elemento de ligação ou objeto de satisfação.

Dentre suas falas, destaco ainda uma para concluir. Diz em relação ao filho: “nunca pensei que fosse me apaixonar tanto por um homem”.

7.6.4 Dar provas ao pai na mesma medida em que necessita destitui-lo.

Contextualização do caso: Ricardo, apesar de jovem, considera-se um profissional muito bem sucedido. Lembra e valoriza seus méritos com frequência. Procurou-me por estar vivendo uma situação de triangulação amorosa, excitante, mas que ao mesmo tempo o deixava angustiado. Um namoro que se arrastava há alguns anos, entrecortado por um relacionamento paralelo. Ainda, em meio a isto, vez ou outra ocorriam reencontros com uma antiga namorada. Trazia dúvidas de como agir, de qual decisão tomar, com quem deveria ficar. Além de não saber o que seria certo para sua vida, pensava em como a namorada suportaria viver sem ele. A dúvida e a angústia, no entanto, não o impediam de obter certa satisfação pelo jogo estabelecido. Cumplicidades e traições o fazem viver situações inusitadas. Parecia me procurar para poder contar suas peripécias.

Apesar desta situação que foi inicialmente apresentada, existe algo de fundamental e que se fez presente em boa parte das situações que relatou: a preocupação com a imagem que

transmite às pessoas. De certa forma, pode-se dizer que Ricardo nunca está sozinho. Com ele há sempre a presença de um outro que vigia seus passos de modo que é comandado por esta necessidade de aprovação. Ou melhor, não apenas a aprovação está em jogo. É preciso também se destacar, obter visibilidade. Não é um olhar reprovador, de censura, gerador de culpa. Trata-se mais de uma servidão, de uma dedicação a corresponder ao que supostamente lhe é demandado. Há uma grande necessidade em se fazer visto e ser aprovado.

Assim, o que os outros vão pensar a seu respeito comanda cada gesto nos diversos âmbitos de sua vida. É como se seu Eu constituísse apenas uma fina camada de proteção, de modo que fosse bastante permeável ao que vem de fora. Neste sentido, construiu uma imagem de si e a cultivou em seus detalhes. Mantém um grande grupo de amigos, alimentado principalmente pelas frequentes comparações que estabelecem. A própria situação de triangulações amorosas em que se coloca acaba sendo um valor a ser exibido aos amigos mais próximos.

Os romances paralelos ao seu namoro, além do valor de exibição, cumprem a função de não permitir que se envolva demais em um relacionamento. Seu mundo precisa sempre estar sob controle, de modo que o afeto é algo perturbador.

Ricardo mantém uma relação com seu pai repleta de sentimentos contraditórios. Dependência *versus* autonomia é a questão central. Um pai que acaba sendo, afinal, parâmetro que usa para se medir, seja em relação ao sucesso profissional, pessoal, financeiro ou moral. O que surge de paradoxal é que parece precisar dar provas ao pai na mesma medida em que necessita destituí-lo. Mais que isto, em diversas ocasiões utiliza os mesmos recursos que condena no pai. Especialmente na relação de apego ao dinheiro, acaba agindo de forma semelhante.

Assim, se configura uma situação que conjuga cumplicidade, identificação ao mesmo tempo em que põe em cena competição e destituição. A figura paterna é alvo de identificação e de destruição. Simultaneamente protege e se sobrepõe, criando uma sombra que promove

seu apagamento. Ao se aproximar demais, Ricardo se perde; se confunde com o pai. No entanto, ao tentar se afastar, é tomado por medo inexplicável e que começou ainda na infância, após a separação dos pais.

Em determinados momentos, apesar de todo aparato que Ricardo construiu para ter segurança de seu lugar, algo que beira por vezes a arrogância, fala do sentimento de baixa autoestima, reforçando a ideia de permeabilidade do Eu. Ao mesmo tempo em que se mostra fortalecido pelo aparato que criou especialmente no âmbito profissional, este excesso surge como algo defensivo, protetivo.

Na análise busca encontrar a resposta sobre, afinal, quem é.

7.6.5 Com o tempo aprendeu a criar truques para minimizar ou disfarçar seus efeitos.

Contextualização do caso: “Nunca mais vou jogar jogos que não tem fim”, diz **Vinícius** em nosso primeiro encontro. Com seus pouco mais de vinte anos, permanece longas horas prostrado em frente ao computador, de modo que sente a vida passando rapidamente enquanto fica capturado no universo fantasioso de templários e conspirações medievais. Neste sentido, relata, sente-se “ficando para trás”.

Apesar da absorção pelo universo virtual, emprega recorrentemente o termo “habilidades sociais” para definir a maior qualidade que vê em si mesmo. Quando não está estático na frente do computador, tem facilidade em conversar, seduzir e convencer pessoas. Sente necessidade de ser o centro das atenções, diz.

No entanto, é a sensação de passividade diante da vida a queixa que se delineia nos primeiros encontros. Uma queixa que não parece partir de si, embora a aceite. Morando com os pais e um irmão mais novo, Vinícius reconhece que não corresponde àquilo que seriam

suas obrigações: notas não tão boas, roupa suja jogada no banheiro, louça na pia da cozinha. Sente que é o filho que precisa dar certo ao mesmo tempo em que não demonstra angústia pela situação. Há um distanciamento afetivo sobre o que relata.

Da mesma forma, está sempre atrasado em relação ao que se espera dele, tanto no que diz respeito às tarefas quanto nos compromissos. A sensação de movimento experimentada no ambiente virtual se choca com uma declarada apatia diante da realidade, embora isto não pareça lhe causar problema.

Vinícius se considera alguém especial, mesmo que a queixa sobre sua inoperância assim como algumas falhas de desempenho parecem, por vezes, contradizer a ideia de que ocuparia um lugar diferenciado. Vê-se futuramente bem empregado, ocupando cargos importantes, mas tem dificuldade em ser aprovado em alguma disciplina da faculdade ou nas seleções de estágio a que se submete. Diante disso, se cobra por não ter se dedicado minimamente, pois acredita que bastaria um pequeno esforço para poder ser bem sucedido. Embora se ache em condições de poder realizar, não se sente exatamente culpado diante da baixa dedicação. É um sentimento difícil de apreender, pois aparece de forma bastante intelectualizada, bem diferente da culpa neurótica. Não chega a ser uma aceitação, mas também não é gerador de angústia. Fala como se as faltas que cometesse fossem mais uma preocupação dos pais, a quem deve atender, do que propriamente uma cobrança interna. Há algo de infantil nesta situação.

O pai é uma “torre”, alto, largo, voltado exclusivamente para o trabalho e para a família: “alguém que eu nunca chegarei a ser”, diz. Porém trata-se de uma pessoa isolada: a competência que lhe falta é exatamente aquela que Vinícius melhor desenvolveu - as relações sociais. Ou, nas palavras utilizadas por Vinícius, lhe faltam habilidades sociais. Neste terreno o filho se sente em melhores condições do que “a torre”.

Já nos encontrávamos há quase dois anos quando, um dia, sem nenhuma *razão* que consiga detectar, lhe pergunto o que jamais falaria a alguém: para minha surpresa, Vinícius passa a

falar sobre sua ejaculação precoce. Até aquele momento nunca havia tocado no assunto, de modo que a pergunta que fiz parecia soar como um convite, uma autorização que estava sendo esperada.

Sobre a ejaculação precoce diz que está presente em sua vida desde suas primeiras relações sexuais. Com o tempo aprendeu a criar truques para minimizar ou disfarçar seus efeitos. O mesmo que faz na vida quando um abalo narcísico ameaça. Fala dos constrangimentos que passa por tal situação e da sensação, novamente, de estar “fora do tempo”. Nunca está no momento em que se espera, seja por estar atrasado ou por ter chegado rápido demais, como na situação sexual.

“Jogos *sem fim*”, “atrasos”, “ejaculação *precoce*”. A questão do tempo, antecipado ou atrasado, está presente de maneira bastante significativa nas interrogações trazidas por Vinícius. Aliás, o mesmo ocorre em suas vindas às sessões de análise: raras foram as vezes em que conseguiu chegar no horário. Quando se atrasa, falta, perde prazos ou ejacula cedo demais, frustra uma expectativa que havia se criado. É o outro que deve ficar querendo, nunca Vinícius.

7.6.6 O que é que você acha de mim?

Contextualização do caso: Milton chega ao nosso primeiro encontro preocupado em poder entender uma questão bastante específica que envolve o relacionamento de seu filho com a mãe. O casal está separa há alguns anos e o menino mora atualmente com ele. Quando fala a seu próprio respeito, diz que se considera como um *paimão*.

Logo neste primeiro encontro surge algo a ser observado, justamente por ser pouco comum entre neuróticos obsessivos: antes do final da sessão, diz ser brocha, impotente e sofredor de ejaculação precoce. Fala de forma natural, mas, ao mesmo tempo, distanciada. Esta maneira

rápida, distante e direta de abordar o problema, incomum pode-se dizer, não deixa de surpreender. Ao final desta primeira entrevista, já no momento da despedida, pergunta “O que é que você acha de mim?”.

A separação ocorrida anos atrás foi, segundo conta, bastante traumática. Apesar de dizer que estava sendo traído e o fato já ter chegado ao conhecimento de pessoas próximas, o caráter traumático não se deu propriamente por este motivo. Foi o desmantelamento da família que lhe derrubou, lançando-o em uma depressão que o fez ficar trancado no quarto por dias. Situação, aliás, que já havia ocorrido vez ou outra em crises de menor intensidade. Diz que, mesmo na condição de traído, se humilhou de todas as formas na tentativa de manter o casamento. A mulher se manteve irredutível, apesar de todos os apelos e sofrimentos que demonstrou.

No campo profissional Milton se considera muito bem sucedido. Seguindo os passos dos pais, construiu uma carreira sólida, apesar dos anos iniciais, em que se revoltou contra o mesmo. Neste período fez uso contínuo de maconha e álcool, retardando a conclusão de sua formação acadêmica. Na verdade, em relação ao pai guarda uma mágoa em especial: a morte da mãe quando ele tinha apenas sete anos. Não que considere ter havido alguma participação do pai no falecimento precoce da mãe, mas o fato de não tê-lo evitado deixou marcas profundas, conclui. Associa a crise que teve no momento da separação com a morte da mãe.

Fala da ex-esposa como sendo uma pessoa que tem uma personalidade *masculina*. Perguntado, explica que isto quer dizer alguém que é bastante competitivo e que gosta de aparentar, o que não é o seu caso. Em outros momentos a conotação para o caráter masculino dela se traduz em uma pessoa objetiva, decidida, fria, que não buscava seduzir ou cuidá-lo. “Ela é muito pouco maternal”, diz. Encontrou uma situação diferente com uma nova esposa e que relata com frequência. Neste ponto também chama a atenção as descrições que faz da intimidade do casal, especialmente no que diz respeito ao enaltecimento detalhado das

qualidades dela. Para Milton, o mundo feminino inclui que a mulher seja carinhosa, cuidadosa, disponível, trate de sua roupa, se preocupe se o marido passa calor, etc. Mas também deve ser cheirosa, de pele macia, sensual e ativa na busca da atividade sexual. Espera da mulher uma atitude que define como sendo *semi-servil*.

No entanto, ao longo de sua análise o sentimento em relação à esposa se transforma rapidamente. Sua dependência e ciúmes passam a causar incomodo, de modo que a separação do casal torna-se iminente.

Certa vez Milton relatou uma situação que chamou de “troca-troca”: no período de entrada na adolescência, havia a manutenção de relações sexuais entre um grupo de amigos. Eram todos do sexo masculino. Nestas relações cada um poderia ocupar tanto a posição ativa quanto passiva. Explica que não gostava de ser passivo *especialmente pela dor que sentia*. Nesta época lembra que não tinha problemas com a impotência. Esta começou a ocorrer alguns anos mais tarde, quando teve sua primeira namorada. Aliás, este seu primeiro namoro terminou, também, em decorrência de uma traição a que foi submetido. Atividade e passividade em questão. Merece ser observado que o incomodo relatado nas relações homossexuais era de ordem física; dor.

Há, nas situações vivenciadas em análise, algo que aponta para a direção de uma histeria masculina.

7.6.7 Tu és meu braço direito!

Contextualização do caso: Pedro passou há pouco dos trinta anos. De modo geral, sente-se à deriva na vida devido à impossibilidade de conseguir realizar projetos. Ao mesmo tempo em que quer sentir-se útil, permanece estático diante do tempo que não para. Por passar momentos de incerteza ainda na adolescência, custou a conseguir escolher e concluir sua

formação superior apesar das condições da família. Quando conseguiu, não soube torná-la uma profissão, de modo que não consegue trabalhar. Devaneios são constantes, mas suas realizações sempre dependem de fatores que julga lhe escaparem. “Estou esperando um retorno” ou “tive um ideia e estou conversando com um amigo” é o terreno onde costuma pisar. A pergunta como que frequentemente se depara, “em que tu trabalhas?”, lhe causa grande dor e constrangimento, de modo que foge das situações em que pode vir a ter que falar de si.

Sustenta-se a partir de uma herança deixada pelo pai. Algo que lhe dá segurança e um padrão de vida que atende suas necessidades. A morte do pai é um tema bastante recorrente em sua fala. Ocorreu quando Pedro recém havia deixado a casa da família para concluir seus estudos em outra cidade. Conta que com apenas poucos dias de mudança, foi chamado na sala de aula e recebeu a notícia sobre a morte do pai por telefone. Naquele momento sua vida *parou*, diz.

Embora relate que demorou a compreender o efeito que este fato teria sobre si, identifica uma mudança importante em seu comportamento a partir daí. O mais sensível e imediato foi a queda de rendimento escolar.

Pedro faz uso de uma medicação indicada para tratar sintomas ligados à depressão leve, em especial, as crises de ansiedade. Aliás, os chamados *inibidores selectivos da recaptção da serotonina* são bastante empregados para atender a queixas de tipos variados: pânico, distúrbio bipolar, ansiedade e depressão. Sintomas que boa parte da população sente e que encontra, nos consultórios psiquiátricos, um alívio e uma resposta. Pedro tem expectativa de que a medicação o ajude a manter a concentração, de modo que consiga ter persistência para prosseguir na mesma direção por mais tempo. Assim, através da persistência, pensa poder mudar a situação de estagnação a que se sente preso.

Se no campo do desenvolvimento profissional há muitas incertezas e insegurança, a situação se estende para outras áreas da vida. Pedro diz que desde a infância tem de morrer. Lembra que dizia que nunca queria morrer e que rezava pedindo isto. Frequentemente identifica algum sinal de doença, reconhecendo que muitas vezes é facilmente sugestionável. Consulta especialidades médicas com regularidade, embora diga ter a “síndrome do avental branco”. O “cheiro de hospital” assim como o do látex das luvas cirúrgicas lhe causa enjoo. Não por acaso trata-se de um odor familiar na sua história.

Pedro enaltece sua mãe em diversos aspectos. Soube criar os filhos de modo que sempre recebe elogios e, ainda, foi boa administradora dos bens da família, garantindo a situação confortável que todos vivem na atualidade. Entretanto, é a figura do pai que o emociona e a quem se refere com bastante ternura. Um bonachão, diz. Querido por toda comunidade, reunia a família em torno de si. Pedro, o filho mais novo, franzino, sentia-se protegido pelo pai: “tu és meu braço direito”, escutava.

Dentre os seis irmãos, é o único que ainda não casou nem tem atividade profissional. Sua noiva parece viver situação semelhante no que diz respeito ao trabalho. É insegura e não acredita em si, diz Pedro sobre ela. Assim, Pedro não encontrou no relacionamento a “mãe” que poderia lhe ajudar, determinando o que deve ser feito. Ambos se encontram em situações semelhantes quanto ao efeito produzido.

Certa vez o pai lhe contou um fato ocorrido com um cliente. Havia uma situação que fazia pesar uma desconfiança sobre a competência do pai de Pedro. Após buscar outras opiniões, o cliente voltou e aceitou aquilo que lhe havia sido dito. Diz então que o pai, contando o ocorrido em casa, lhe falou que não se achava melhor nem pior que outros, mas que sabia seu valor.

Pedro não sabe seu valor. Permaneceu tetanizado desde a morte do pai, incapaz de construir ideais e se lançar a buscá-los correndo os riscos inerentes. Culpa-se por isso.

7.6.8 Só conseguia dormir no colo do pai.

Contextualização do caso: “Eu não vou tirar do meu filho para dar para eles”. Esta frase, dita por **Matias** em nosso primeiro encontro, sintetiza em grande parte o sentimento em relação ao pai. Um homem que, apesar do “coração muito bom”, teria feito diversos negócios equivocados, muitas vezes escondido do resto da família ao longo de toda vida, diz. Um pai humilhado e envergonhado.

O fato de o filho mencionado na frase sequer existir, não impede que se sinta tendo que tirar de algo de seu futuro, estando na obrigação de, com isto, corrigir os erros do pai. Na verdade, ao nomear um filho hipotético, coloca-se na posição de pai e retira algo, não de um futuro incerto, mas desta suposta condição. O pai assim estaria lhe roubando *seu lugar de pai*: “ele faz escondido de mim”, diz. Uma problemática que se desdobra de diversas formas na vida de Matias e que coloca em evidência os investimentos narcísicos.

Por outro lado, sobre o avô materno, morto há mais de uma década, diz não deixar de pensar nele um único dia. Este lhe ajudava emocional e financeiramente. Um amor incondicional, verdadeiro, diz. Mesmo morto, ainda ocupa uma posição importante na família como patriarca. Sua herança/potência ainda sustenta, indiretamente, pai e mãe de Matias. Sente que a responsabilidade de chefiar a família passou do avô para ele; cuidar dos negócios da família tornou-se uma obrigação.

Uma de suas principais queixas diz justamente da falta de impulso financeiro para que pudesse iniciar sua própria vida. Acredita que se o pai não tivesse errado tanto, teria lhe dado condições de “largar muito mais na frente”, como ocorreu com “absolutamente todos” seus amigos. Mesmo assim, sem receber de quem deveria, diz sentir-se na vida como um doador, preocupado constantemente em ajudar os outros sem esperar nada em troca.

Esta situação, no entanto, é geradora de conflito. Cobra-se por ser “tão certinho” e acaba sentindo-se como alguém que agride a si mesmo. Esta é, ao menos, a explicação que encontrou para seus adoecimentos, cujas possibilidades psicossomáticas não são desprezíveis. Ansiedade, tentativa de manter o controle das situações, ter garantias, evitar se arriscar, competitividade: há uma série de sentimentos contrastantes e que não são assumidos. A ideia de alguém que faz tudo da forma mais correta possível e espera o reconhecimento do outro se sobrepõe na maioria das vezes à rivalidade, à competitividade que custa a reconhecer. A procura por desafios, neste sentido, refletem a busca de medida de seu lugar. Destituir o lugar daquele com quem compete é uma constante e, por vezes, se impõe na própria relação transferencial.

Seja então no campo afetivo ou profissional, tem dificuldade em saber qual sua medida. Acredita ter potencial para oferecer muito. No entanto, lhe falta confiança, acreditar em si mesmo, diz. Assim, fica preso a um impasse. Inibe suas possibilidades, uma vez que isso implicaria na destruição daquele que, ao mesmo tempo, ocupa o lugar de identificação e rivalidade. O cálculo que precisa ser feito é sempre penoso, pois se, por um lado, “precisa” ficar se diminuindo, fazendo-se caber em algo que considera apertado, por outro ogeriza aqueles que tentam aparentar aquilo que não são. Soberba, orgulho, arrogância são razão de grande aversão. Diz que poderia mais, um carro melhor, uma roupa mais cara, etc., mas escolhe aquilo que lhe aparenta ser mais discreto. Encolhe-se, diz.

Um conflito que só aponta na direção daquilo que implica o desejo e a impossibilidade de assumi-lo. O corpo acaba, de uma maneira muito particular, sendo o suporte onde as energias são descarregadas. Desde a infância há uma sucessão de eventos que colocam seu corpo no centro de sua conflitiva. Diz que quando era bebê e passava por experiências dolorosas em decorrência de procedimentos médicos, só conseguia dormir no colo do pai.

7.7 *Narcisismo e masculinidade*

Mulheres costumam ser mais preocupadas com o espelho. Dificilmente conseguem passar diante de um sem que, ao menos com o canto do olho, verifiquem se sua imagem corresponde ao que gostariam de ver. Vaidade? Insegurança? Sabe-se que ao menos na histeria a condição feminina é assegurada através do amor e do desejo que se é capaz de provocar. No entanto, contraditoriamente, é corrente se escutar que uma mulher se arruma para as outras, nunca para os homens. O que isto quer dizer? No mínimo que se produz uma triangulação no circuito do desejo. Neste sentido, o que é buscado seriam os signos fálicos para serem exibidos a outras mulheres. Dentre os signos disponíveis, encontram-se homens.

Em seu ensaio escrito em 1914 sobre o narcisismo, Freud diz que a necessidade da mulher não se encontra em amar, mas fundamentalmente em sentir-se amada. A mulher precisa ser amada ou não "ser". No mesmo texto, ao fazer referência à diferença das escolhas objetais existentes entre homens e mulheres, diz que da parte delas, há normalmente uma escolha do tipo narcisista. Especialmente as que são belas, amariam somente a si na tentativa de compensar as restrições que lhes foram impostas pela sociedade. Restringem-se a um autocontentamento que, em sua completude, acaba mesmo por seduzir: o narcísico atrai àqueles que renunciaram ao seu próprio narcisismo quando se entregaram na busca do amor objetal.

E o homem, o que precisa para ser? Isto, realmente, parece ser uma questão fora de qualquer propósito. O homem é! Se precisasse de algo, já não o seria. Lacan, em seu seminário de 1962-63, a propósito do desejo masculino, fala da relação com a castração: “porque aquilo que, para o homem, para o desejo masculino, é o objeto da busca, só diz

respeito, se posso me expressar dessa maneira, a ele. [...] O que ele procura é o (-φ), aquilo que falta a ela – mas isso é coisa de macho”. (1962-63/2005, p. 219).

Freud escreveu que o amor objetal que o homem desenvolve é do tipo de apoio ou anaclítico. Isto é, quando os objetos das pulsões do Eu se tornam objetos da libido, havendo então uma transferência do narcisismo para o objeto sexual. É herdeiro de um narcisismo infantil, em que teria havido uma supervalorização sexual.

Podemos, no entanto, fazer um questionamento ao texto freudiano e pensar que a coisa toda não possa ser mensurada; ao menos não nestes termos. Isto é, que o narcisismo feminino não se daria propriamente a reconhecer pelo fato da mulher ter maior cuidado ao se arrumar, usar adereços ou ter senso estético bem mais apurado. Ou pelo excesso de sapatos que eventualmente tenha, assim como pelos cremes ou blusas compradas. Também não poderia ser medido pelo tempo e dinheiro gasto nos cuidados relativos ao próprio corpo. Isto denota um cuidado consigo que poderia apontar, entre outras possibilidades, uma necessidade de complementação. Neste sentido só evidenciaria a falta existente.

Em se tratando de narcisismo, entre homens e mulheres as coisas pendem ora para um lado, ora para outro. Assim, uma mulher, precisando sentir-se aceita, estaria sempre se efeitando, na busca de aprovação. A mulher se pergunta: “será que gostam de mim?”, ao passo que o homem não pergunta nada, dá provas, exhibe sua autoafirmação. Diferentemente da mulher, o homem está frequentemente ocupado em dar mostras de sua potência. Neste sentido, por uma insegurança intrínseca, a mulher está constantemente se perguntando se está recebendo o amor suficiente. Se está podendo ser o suficiente. Neste sentido torna-se difícil saber para que lado a balança pesa. Homens e mulheres padecem de narcisismos diferentes, mas igualmente importantes na sustentação do Eu.

A questão, porém que vem aparecendo ao longo deste trabalho diz respeito a uma tendência: no que concerne ao narcisismo, parece estar havendo uma progressiva

feminilização do homem. O enfraquecimento de seu valor fálico (o que pode ser visto como algo positivo), o faz caminhar na direção de apostar no amor, na aprovação, na aceitação, na competência sexual para satisfazer a mulher que, parece, precisa hoje menos do homem para saber de si mesma.

O encontro, se houver, se dará sobre novas bases. A busca no amor era importante enquanto faltava outra forma de sustentação fálica, como aquela, igualmente imaginária, proporcionada pela liberdade, pelo acúmulo de bens e consumo, pela energia física e pela estética que desafia o deus crônos. No entanto, para além destas realizações do Eu, a mulher também acessou os meios de valorização e reconhecimento social, garantindo assim novas formas de realização do Ideal de Eu. Mulheres no comando de importantes nações ou ocupando os cargos mais elevados na esfera pública como na privada atestam isto.

Para os homens, assim como para as mulheres, se coloca a questão sobre o valor de si. *Ser homem* já não é o suficiente. Ameaçados, inseguros quanto a sua estatura, ao que realmente valem, os homens parecem buscar um pouco mais através do amor, do outro, saber quem são. O valor que têm, como costumava ser visto nos quadros de histeria. Estariam então os homens se tornando histéricos? Freud quando voltou de Paris após seu curso com Charcot e falou de histeria masculina em Viena foi ridicularizado. A palavra histeria vem de útero, como se sabe; como poderia acometer homens? A resposta não nos é difícil de formular, conforme visto através dos processos de sexuação.

As mulheres hoje parecem apostar menos no amor, que poucas garantias oferece. Dependem menos do outro sexo para saberem quem são. Os homens que historicamente buscavam afirmar-se através dos atributos fálicos, hoje vivem uma espécie de mudança no sentido de que se tornaram mais dependentes da aprovação da mulher, mais preocupados com seu desempenho sexual, com os eventuais “orgasmos” que seriam capazes de provocar. Neste

sentido, usando os qualitativos que tem à disposição, encontra-se feminilizado. Carentes, pedem o reconhecimento de sua parceira.

Kehl (2004) é muito esclarecedora ao colocar a questão em termos de uma impostura do macho. Não se trata, diz a autora, de que o macho seja o agente de uma impostura, mas que seja seu efeito. Isto porque é a neurose que quer fazer acreditar que haja uma complementariedade entre homens e mulheres e que, desta forma, se possa escapar da castração. As teorias sexuais infantis criam o imaginário que a diferença foi estabelecida pela presença do pênis, elevado à categoria de falo:

Até hoje patinamos ao definir a diferença sexual como a que se dá entre um que possui o falo e uma que não possui, que também traduzimos como diferença entre mais e menos, a castração e a falicidade, a falta e a presença, etc. Todas elas tentam fazer com que homem e mulher formem um, numa lógica que é própria das fantasias infantis: os homens são portadores de um órgão que existe e as mulheres, portadoras de um ... buraco, um nada. (2004, p. 91).

Uma lógica que pressupõe que haja um encaixe que possa finalmente preencher a falta de cada um. Assim, a diferença sexual assumiu uma valoração que separa os que têm daqueles (ou melhor, daquelas) que não têm. Dito ainda de outra forma, uma diferença simbólica (sem valor) em uma diferença imaginariamente valorativa.

A propósito ainda da diferença, mas especificamente no que diz respeito ao narcisismo de homens e de mulheres, o psicanalista Contardo Calligaris escreveu em sua coluna no jornal Folha de São Paulo⁵⁵ que o homem vive uma espécie de narcisismo valentão, blindado por uma segurança eficiente, enquanto a mulher é assombrada pela dúvida radical referente ao amor que recebe. Para Calligaris a rejeição é um preço alto demais para ser pago por uma mulher, uma vez que incide justamente sobre a pergunta que lhe seria capital: “será que gostam de mim?”.

⁵⁵ “Narcisismo de homens e de mulheres”. Disponível no sítio <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0105200821.htm>. Acessado em 01/05/2008.

Vê-se, então, no horizonte estas duas retas, aparentemente paralelas, se encontrando. Possivelmente isto irá ocorrer antes do infinito, já que, a medida que aproximamos nossa lupa, podemos detectar a existência de um pequeno ângulo de inclinação: homens e mulheres partilhando dos mesmos impasses.

Com relação aos casais, aquilo que motiva as desavenças costuma se estabelecer em torno de um ponto comum: a falta. A persistente falta que insiste em protagonizar não apenas momentos tristes ou felizes, mas até mesmo aqueles cotidianos, que fazem pouco sentido. Um responsabilizando o outro por algo que faltou, por um gesto que não veio ou um copo sujo que sobrou. Falta e excesso são a mesma coisa. “Onde você deixou?; Por que não me disse antes?; Quanto você gastou?; Onde você estava?; Por que se atrasou?”. Falta, presença, ausência, esquecimento, muito, muito pouco, cedo, tarde, calor, frio, cansado, animado, falta ou sobra. Estalcochic e Rodríguez (2011) escreveram que: “de uma maneira ou de outra, o que falta (às vezes com a forma significativa do que sobra, por exemplo, quilos) funciona como causa de desencontros e encontrões na economia libidinal do casal” (p. 214).

Supõe-se que o parceiro tenha algo a ver com isso que falta. Que ele ou ela deva ser responsabilizado, indenizado, culpado, restituído. “Enganou-me ao me fazer supor que resolveria meu problema mais essencial, minha falta”. Isto aconteceu no tempo da ilusão da paixão: supor que o outro tenha aquilo que lhe falta. Do desencanto pode nascer o adeus ou o amor.

Na verdade, castrada mesmo é a língua, condenada a ser sempre insuficiente para dizer daquilo que sofremos. Homens e mulheres, embora através de certas montagens possam imaginariamente sentir-se fálicos, como seres sexuados, de linguagem que são, estão impossibilitados da completude. Atribuir ao outro, quer sua falicidade, quer sua castração, não deixa de ser um grande engano.

8. Conclusão

Ao iniciarmos esta pesquisa, nos colocamos diante de questões que vinham sendo pensadas já há alguns anos, mas que não encontravam propriamente parâmetros para uma formatação. Foi preciso iniciar diferentes percursos, recuar, excluir e incluir diversos autores e conceitos para finalmente achar aquilo que se ofereceu como norte de investigação e que expressa inquietações sobre a condição do sujeito e a masculinidade no contexto atual. Esta direção foi sintetizada através do problema de pesquisa que exigiu, inicialmente, o reconhecimento de uma *crise narcísica do sujeito contemporâneo*, no qual o *homem e as manifestações da masculinidade* foram tomados como objeto privilegiado de estudo. A partir da definição da temática foi possível então a construção de um problema de pesquisa, estruturado nos seguintes termos: “considerando a existência de uma crise narcísica provocada pelas transformações subjetivas decorrentes da pós-modernidade, quais suas possíveis implicações na sustentação da masculinidade?”.

Uma vez que o problema foi definido, nosso objetivo maior ao longo do trabalho consistiu em construir recursos para investigar a existência de impasses na sustentação da masculinidade diante das questões produzidas pelas novas formas de subjetivação na contemporaneidade.

Reconhecemos que muito daquilo que foi apresentado ao longo do texto permanece na condição de estudo, uma vez que qualquer conclusão poderia estar ainda fora do seu tempo. Especialmente no terreno em que apresentamos e discutimos as mudanças percebidas nas últimas décadas na subjetividade ocidental, certo distanciamento será o melhor guia para evitar conclusões precipitadas. Neste sentido estamos nos referindo diretamente ao que, agora, consideramos como especulações e que dizem respeito às possibilidades de esgotamento do sujeito cindido, freudiano; o sujeito descoberto pela psicanálise através da noção de

inconsciente. Não encontramos ao longo do estudo nenhum elemento que possa sustentar a tese de que a sociedade ocidental contemporânea esteja caminhando na direção do esgotamento do sujeito do inconsciente, aquele produzido pela ação do recalque. Pelo contrário, apesar das diversas e importantes modificações identificadas, entendemos que os sintomas neuróticos só tendem a ser fomentados diante das possibilidades insustentáveis que estão se apresentando. Para isto, é preciso entender melhor o que está em jogo.

É certo que a ideologia capitalista cria simulacros que permitem, imaginariamente, ter-se e sensação de encontrar o objeto da falta. A era pós-industrial construiu processos, industriais e subjetivos, que se encontram fortemente acelerados, atingindo um ritmo frenético de produção de demandas e respostas. Eventos cada vez mais acelerados e empobrecimento do registro da experiência caracterizam este tempo vivido.

No entanto, é claro que aqui o sentido corre ao contrário: na lógica capitalista parte-se de uma “resposta” para então produzir-se a demanda necessária. Produz-se ilusoriamente aquilo que responderia ao que se pensa ser desejo. No entanto o aquecimento deste circuito não faz mais do que alimentar a lógica neurótica de impotência do sujeito e o fracasso da promessa de contornar a castração, uma vez que, como sabemos, o desejo não tem objeto. A aceleração dos processos atinge níveis vertiginosos, levando ao que foi antecipado por Benjamin ainda no início do século passado. Difícil torna-se poder apropriar-se da experiência.

Com a consciência completamente tomada por estímulos, as possibilidades de apropriação do material vivido entram em um estado de empobrecimento (quando não geradoras de colapso), cuja consequência mais importante tem relação com a generalizada sensação de um vazio que chega a assumir inclusive tons depressivos. O circuito “percebe, registra, apaga” repetido de forma acelerada indefinidamente, mesmo nas horas de lazer (como poder separar

hoje o tempo de lazer e de trabalho?), precisa acompanhar a exorbitante velocidade⁵⁶ de estímulos gerados. O preço pago por aqueles que não conseguem ou mesmo que se negam a entrar neste fluxo é sentirem-se excluídos ou rapidamente obsoletos no que diz respeito ao gozo socialmente compartilhado. *O sujeito torna-se obsoleto*. A relação do homem com o tempo se polariza de tal forma que é possível, como visto, situar o sujeito contemporâneo no espaço que se cria *entre* o tudo e o nada.

Consumir, de produtos a informações (especialmente através de sua forma mais simplificada e de rápida absorção, ou seja, as imagens), dá o sentido, o suporte imaginário necessário apenas a uma existência empobrecida. Dentre as diversas formas de sustentação subjetiva encontradas ao longo da história da humanidade, aquela que mais se aproxima da resposta buscada pela neurose, isto é, o objeto que preencha a falta, soube ser capturada pela lógica capitalista. Importante observar que não há inocência neste caso de modo que, ao se falar que o capitalismo captura o que seria da ordem do desejo, é preciso entender que há um sujeito à procura desta alienação; paga o preço pela aposta que faz. Neurose e capitalismo andam de mãos dadas. Ao menos por enquanto.

Porém, o paradoxo que perturba é justamente que, para a indústria de produtos poder funcionar, outra, muito mais silenciosa e eficaz, precisa operar pelos caminhos subterrâneos: a da descartabilidade. O vazio precisa ser garantido para que não haja um esgotamento das vias de produção. Então o paradoxo que anunciamos se estabelece porque, na verdade, estão todos a serviço da produção da falta. Assume-se cada situação sabendo que há uma data de validade já determinada. O que conta, portanto, não é propriamente o objeto, mas a condição da possibilidade de constante atualização. O surfista, podemos imaginar aqui a título de ilustração, não está preocupado com a onda em si, mas com a possibilidade de manter-se em

⁵⁶ No “longínquo” ano de 2012 o site de relacionamento Facebook divulgou que diariamente eram realizados em média 2,7 bilhões de “curtidas” por seus usuários. Fonte: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/08/facebook-divulga-numeros-diarios-da-rede-social.html>

pé sobre a prancha. O que está em jogo neste caso é a sustentação do sujeito. No caso, a capacidade de gozo, para usar o termo correto. O sujeito se suporta neuroticamente por sua capacidade de gozo. Vive-se entre o excesso, o empanturramento e o vazio completo.

A partir então das manifestações subjetivas encontradas na sociedade contemporânea através dos diversos matizes que ao longo deste trabalho foram investigados, pudemos constatar que o imperativo de gozo exige além do estado de atenção, também uma prontidão para atender aquilo que se apresenta em constante e permanente urgência (a violência do tempo). O mínimo descuido coloca o sujeito “fora do jogo”, pois há a sensação de que se poderia mais, de que não se está aproveitando o suficiente ou de que alguém pode vir a tomar seu lugar. Através do semblante de felicidade e completude disseminado não somente, mas especialmente através das redes sociais, o sujeito está constantemente confrontado ou acossado pelo sentimento de impotência. “Supere-se!”, “consiga mais”, “vá mais longe”, “seja mais feliz” é o mantra do discurso social dominante. Ao sujeito cabe a ilusão de que há toda a liberdade para encontrar os meios para atingir o sucesso (o que afinal pode ser considerado sucesso?). Não atingi-lo é, mais do que responsabilidade do sujeito, gerador de insuficiência e culpa. É possível, afinal, viver sob o *imperativo da liberdade*? Trata-se de duas palavras difíceis de serem conjugadas.

Em relação ao acesso ao gozo, a esperança de que uma “justiça” seja feita, de que haja um reconhecimento (nem que ocorra em outra vida como sustentado por séculos pela religião), tem muito pouco valor nos dias atuais. Esperar é a palavra de ordem dos “fracassados”; dos acomodados que não vão atrás dos sonhos, dirão. Então, até mesmo o discurso dito religioso passou a se aproximar e incorporar a lógica corporativa, propondo saídas para que se desfrute, se não de forma imediata, ao menos em um curto prazo e ainda na “vida terrena”.

Então, se o sujeito não conseguiu atingir “as metas”, é o próprio responsável pelo fracasso. Neste sentido, o culto à liberdade e à autonomia talvez sejam as marcas mais tenazes dentre os valores sociais vigentes.

Aparentemente⁵⁷ deixou de haver o jogo coercitivo que impõe padrões de comportamento e ajustamento, cabendo a cada um encontrar os meios que melhor convém. Na autonomia e na liberdade surgiram as condições ideais para que o Eu seja elevado para a primeira posição; colocado agora em lugar de notoriedade sem a necessidade de desfaçatez. Viver tornou-se tal qual participar de uma espécie de grande dança das cadeiras em que, para continuar no jogo é preciso ser rápido e não ter pudor em empurrar o parceiro para poder conquistar o espaço. “Eu” em primeiro lugar. Entretanto, observamos, sem dispensar completamente o outro para que o jogo possa acontecer. Como visto na vinheta do caso “Daniel”, é preciso sempre que alguém caia para dar lugar ao que está subindo.

Apesar do franco enfraquecimento dos projetos coletivos, seria certamente demasiado afirmar que a figura de alteridade tenha sido assim reduzida a uma função meramente instrumental. O individualismo sim passou a constituir uma forma não apenas socialmente aceita como valorizada, mas a construção, o reconhecimento e a sustentação do Eu atravessada pelas figuras de alteridade continua sendo indispensável. O outro enquanto semelhante, é objeto de comparação e inveja. No entanto, se “o inferno é os outros”, o paraíso não tem nenhum sentido sem o Outro que lhe dê testemunho. As duas acepções são igualmente necessárias.

Identificamos neste ponto uma conjunção de fatores que aproximam o imperativo de gozo, as saídas individualizantes e a urgência do tempo. Fatores que surgem como decisivos para que haja uma recomposição de força no campo dos investimentos libidinais narcísicos. Esta recomposição pode ser colocada em termos freudianos de Eu Ideal e Ideal de Eu: o sujeito

⁵⁷ Dizemos aparentemente porque, sabe-se, apenas mudou sua face.

elevado e mantido à posição idealizada ou, a partir da introjeção do Super-eu parental e da construção dos ideais, pondo-se a trabalhar na busca de atingi-los. Duas instâncias ligadas às formas de narcisismo primário e secundário, em que a inclusão da figura do outro é determinante.

Da mesma forma então que detectamos os valores sociais que dão sustentação e reconhecimento ao individualismo, vemos, conseqüentemente, o sujeito procurando construir seu próprio caminho. A questão é que a qualidade da instauração da alteridade, do semelhante, tem incidência direta sobre a organização narcísica. A passagem do narcisismo primário ao secundário não ocorre de forma direta, clara, como o pensamento racional costuma conceber a passagem de um ambiente a outro. Restos permanecem, recuos ocorrem, fragilidades se mostram em determinados momentos. É certo que o narcisismo secundário exige que haja a circulação da libido, a função da alteridade, mas disto pouco se avança em relação à qualidade como se estabelece.

A fragilidade da figura de alteridade tende a manter próximo o sujeito à forma primária de narcisismo. Suas realizações assim tenderiam a ocorrer em parte no plano imaginário de um Eu, elevado à categoria de ideal. Conforme bem observado por Monti (2008), o trono em que a criança foi colocada acaba tornando-se uma armadilha ao impedir que o sujeito se arrisque na vida. Algo que se vê frequentemente endossado atualmente pela postura dos pais diante dos filhos, conforme tratado quando da inversão de direitos e deveres existente entre ambos. Freud indicou que o narcisismo dos pais, diante das frustrações que o mundo real impõe, acaba sendo transferido para seus filhos. Isto é, uma forma defensiva que busca manter o Eu ideal, sustentada pelo imaginário de que haveria na vida uma nova chance; uma segunda chance fantasiosa para ser ou realizar a imagem intacta de si mesmo.

A questão também pode ser colocada em outros termos: o amor (eventualmente em excesso) que é depositado pelos pais coloca estes no dever de proporcionar tudo, desde tempo

e atenção a bens e oportunidades aos filhos. Porém, se isto incorre em extremo sacrifício para suprir todas as necessidades, de um lado, de outro, a criança é colocada na condição de ter que aceitar, ou melhor, de ter que corresponder às expectativas e ao sacrifício que está sendo empregado. Situação que não raramente gera rupturas, pois a criança não está (nem deve estar) em situação de cumprir a todos os ideais que são sobre ela despejados, ao preço de não conseguir se tornar nada além da sombra do desejo dos pais.

Importante neste momento destacar que aquele que opera a função paterna tem a transmitir a um filho, na construção da masculinidade, é a sua própria castração, livrando-o assim do trono imaginário que ocupa Sua majestade o bebê. O enfraquecimento da função paterna decorre do espelhamento narcísico. Isto implica em não assumir o filho como um puro resgate do próprio narcisismo perdido, conforme vem sido percebido.

A partir deste ponto, vemos já no contorno destas ideias algo que vai se aproximando das particularidades do universo masculino. Trata-se de pensar nas situações em que o sujeito encontra-se despreparado para as adversidades que colocam seu Eu em questão, exigindo trabalho no sentido de evitar a todo custo ter sua autoimagem abalada. Esta tentativa de preservação tem, certamente, inúmeras consequências importantes. Uma delas diz respeito ao fato de que o homem irá procurar proteger-se dos relacionamentos, especialmente aqueles em que poderia haver um maior grau de intimidade⁵⁸. Uma superficialidade protetiva, uma dificuldade em aprofundar sentimentos se instala de modo que, segundo especialmente as mulheres relatam, é uma característica tipicamente masculina⁵⁹.

Outra consequência não menos importante é a constante dúvida que o homem acaba tendo sobre sua própria medida. O sujeito encontra dificuldade em obter referenciais que lhe digam

⁵⁸ Talvez, justamente aqueles que poderiam ter um melhor prognóstico.

⁵⁹ Há outra hipótese importante sobre a dificuldade ou resistência dos homens entregarem-se aos relacionamentos afetivos: seria fruto da experiência edípica. O menino teve seu fluxo amoroso interrompido de forma drástica quando se lançou de cabeça em sua paixão. Reviver a angústia de castração seria, assim, uma constante ameaça a assombrar os relacionamentos futuros.

seu valor, pois evitou a todo custo (ou, pelo contrário, buscou incessantemente) colocar-se em situações em que é avaliado, posto à prova. Lembrando mais uma vez as palavras de Monti (2008), vergonha, inferioridade, fragilidade e impotência são sentimentos comuns nestes casos. Em momentos de fracasso o sujeito corre o risco de ver seu frágil andaime desmoronar, sentindo-se um blefe e despossuído de qualidades. Então, ocorreria nesta situação uma passagem da condição de onipotência narcísica à fragilidade angustiante. Talvez se encontre aí, na tentativa de encontrar “sua medida”, a razão para obsessão que muitos têm em relação à capacidade física ou ao tamanho do próprio pênis.

Observa-se com relativa frequência situações como essas sendo diagnosticadas como transtornos psíquicos do tipo bipolar. Fenomenologicamente podem ser confundidas por apresentar sintomas em que o tudo ou o nada se mostra através de alterações de humor. Entretanto, como podemos constatar, são transtornos narcísicos cuja incidência tem relação direta com o objeto de estudo desta tese.

Estamos nos referindo, portanto, a questões referentes ao narcisismo, mas que são bastante distintas daquelas que se apresentam na aparência de um homem autossuficiente, levemente arrogante que transborda segurança, mas que ainda assim costuma ser capaz de seduzir a todos pelas qualidades que, de tanto acreditar, convence aos outros. Livros, revistas dirigidas ao público feminino e sites especializados estão repletos de informações sobre como se deve lidar, ou melhor, evitar homens considerados narcisistas. A lista de “qualidades” destes é extensa, passando, dentre outros, por exibicionismo, mania de grandeza, inveja e autoconvencimento. Invariavelmente o que se vê são descrições de pessoas cujo amor, a preocupação com a estética e os interesses não conseguem ir muito além do próprio espelho. Portanto, pouco ou nada se importam com os sentimentos alheios. Falam apenas de si, daquilo que possuem e do que conquistam. Aliás, a conquista é encarada como um esporte, cuja finalidade é testar o próprio poder. São, portanto, pessoas que devem ser evitadas a todo

custo, uma vez que são geradoras de sofrimento àqueles que por elas se enamoram, aconselham os especialistas em relacionamentos amorosos. “Perversos narcísicos” que utilizam com principal meio de defesa a passagem ao ato, segundo Bouchoux (2009).

No entanto, como visto, trata-se de perceber aqui um narcisismo que não tem apenas a face da segurança defensiva, prepotente, manipuladora e valente, no estilo dos tiranos ou heróis de filme norte-americano. Apreendemos especialmente o seu lado inverso, pouco conhecido, silencioso e insidioso, pois se mostra mascarado pela timidez e fragilidade.

Assim, a crise narcísica do homem contemporâneo gera uma enorme dificuldade em permitir ao sujeito poder apresentar ao mundo suas qualidades, uma vez que este acredita ter um valor secreto, mas que espera ser descoberto. No entanto, ruboriza facilmente quando se torna o centro da atenção. Sente-se ligeiramente superior aos demais e o afastamento ou a timidez disfarçam este sentimento de superioridade que têm. Por certo, tem muitos temores: toma cuidado obsessivo para não se colocar em situação de risco. A rejeição lhe é insuportável e vivida como que completamente destruidora. Por isto foge de qualquer ocasião em que isto possa acontecer: tem dificuldade nos relacionamentos afetivos, pois teme a ameaça de não ser aceito. Por outro lado, assume a posição de não precisar de ninguém; um sujeito que se basta. É, portanto, tímido também no jogo da sedução. Igualmente apresenta dificuldades no campo profissional, pois está sempre à espera que alguém veja quem “realmente” é e reconheça seu valor. Vangloriar-se ou ter que se “vender” não faz parte de sua natureza, pois isto implicaria em ter que entrar no jogo das “pessoas comuns”, que precisam usar artifícios para chamar a atenção. Usá-los seria assumir uma situação de igualdade com os demais.

Esta face narcisista, tal qual estamos descrevendo, aposta profundamente na existência de um valor intrínseco e espera que alguém consiga enxergá-lo sem que precise “sujar-se”, isto é, sem que tenha que arregaçar as mangas e ir à luta.

Eventualmente precisa mudar de lugar. Quando não é reconhecido, quando as coisas não estão acontecendo como espera, quando o meio não corresponde à imagem que imaginariamente sustenta de si, entende que tem algo errado com o lugar em que vive. Pode assumir um tom queixoso ou nômade, na expectativa de encontrar aquele que seria o seu verdadeiro lugar. Assim, é bastante possível que necessite inserir-se em novos espaços na procura de pessoas que consigam enxergá-lo.

Não acreditamos ter meios (nem se configura o propósito desta tese) estabelecer relações diretas de causa e consequência entre a face do narcisismo masculino que sintetizamos nestas linhas, com as recentes modificações que estão ocorrendo na subjetividade contemporânea ocidental. Entretanto, acreditamos que os elementos identificados contribuem para que haja o estabelecimento deste retraimento narcísico masculino, uma vez que colocam em questão os atributos fálicos que permaneceram por longa data sendo identificados como estritamente masculinos. Esta premissa construída e sustentada ao longo de séculos vive seu ocaso e uma das saídas possíveis diante do questionamento sobre o próprio valor é o fechamento do envelope narcísico.

A partir especialmente da clínica psicanalítica podemos identificar que tanto homens quanto mulheres têm trazido de forma recorrente questões que dizem respeito às dificuldades de aproximação quando se trata de relacionamentos íntimos. Como visto, de um lado mulheres queixando-se principalmente da falta de homens interessados em manter algum tipo de relacionamento mais duradouro e profundo e, de outro, homens dizendo sentirem-se “desnecessários” às mulheres vistas muitas vezes como figuras poderosas (fálicas) e autossuficientes. Produz-se assim certo enclausuramento justificado por um medo impreciso de exposição e/ou julgamento. É identificada também a possibilidade de saídas homossexuais como alternativa face ao desencontro, considerando ainda a menor pressão social existente sobre a fixidez da identidade de gênero.

Ao focar especialmente as questões trazidas pelo universo masculino, percebe-se com alguma nitidez que as queixas atualmente relatadas aproximam-se bastante daquelas reconhecidas como sendo própria das neuroses histéricas, no sentido de buscar encontrar no parceiro a resposta sobre si mesmo. “Diga que sou importante para você” é o que consta nas entrelinhas de quem vê, no sexo oposto, um poder fálico e produz uma queixa relativa à autossuficiência do outro. Dito ainda de outra forma, é constituída uma demanda dirigida à mulher, de que esta, afinal, produza um Homem. “Diga-me quem sou”; “Mostre-se “mulher” e diga-me assim o que é ser homem”, tal qual a mensagem invertida que retorna do Outro e posiciona subjetivamente o sujeito. A partir da enunciação “você é minha mulher” é possível ao sujeito colocar-se na posição masculina. Nota-se ainda que a percepção do outro como sendo alguém autossuficiente remete ao desvalidamento daquele que assim vê.

Por fim, resta dizer que se a linha imaginária que dividia homens e mulheres perdeu seu caráter rígido, fixo, uma vez que o falo deixou de ser identificado como sendo um atributo colado ao órgão sexual masculino, é preciso que se reinventem as formas de sustentação subjetiva. O desejo é produzido pela falta que é instituída e esta, por sua vez, pela diferença entre os sexos. Isto não equivale a dizer que deva haver qualquer espécie de valoração e distinção neste sentido, mas que homens e mulheres são diferentes, quer na anatomia, quer nas formas de subjetivação.

Como foi dito no início desta tese, toda cultura pode ser entendida como um efeito particular do recalque.

9. Referências bibliográficas

Agamben, G. (2007). *Profanações*. São Paulo: Boitempo.

Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.

Askofaré, S. (1997). O sintoma social. Em, Goldenberg, R. (Org.) *Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise*. (pp.164-189) Salvador: Ágalma.

Aubert, N. (2008). Violence du temps et pathologies hypermodernes. *Cliniques méditerranéennes*. Paris: Érès, 2008/2 - n° 78, p. 23 a 38.

Azambuja, D. C. de (2012). Solidão e pós-modernidade. *Ide – revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*. Nº 35, julho de 2012. P. 73 – 79.

Backes, C. (2008). A clínica da “nova” histeria. Em, Backes, C. (org.). *A clínica psicanalítica na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Backes, C. (2011). *O que consome o adolescente?* 145 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS: Porto Alegre.

Barral, E. (2000). *Otaku – os filhos do virtual*. São Paulo: Ed. SENAC.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar.

BBC. *Brasil é campeão de uso de sites de relacionamento, diz pesquisa*. Recuperado em 16/04/2009 de: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/03/090310_brasilinternetm

l.shtml.

Benjamin, W. (1975). Sobre alguns temas em Baudelaire. Em, *Coleção Os pensadores*. Vol. XLVIII. São Paulo: Victor Civita Editor.

Benjamin, W. (1994). Experiência e pobreza. Em, *Walter Benjamin – obras escolhidas*. Vol. I. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1933).

Benjamin, W. (1994). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Em, *Walter Benjamin – obras escolhidas*. Vol. I. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1935).

Benjamin, W. (1994). O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em, *Walter Benjamin – obras escolhidas*. Vol. I. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1936).

Benjamin, W. (1994). Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Em, *Walter Benjamin – obras escolhidas*. Vol. III. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Betts, J. (2005). Entre mito e complexo: o que vale o pênis no século XXI? *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 28, p 71-85.

Betts, J. (2004). Sociedade de consumo e toxicomania – consumir ou não ser. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 26, p 65-81.

Berlink, M. T; Fédida, P. (1999). A clínica da depressão: questões atuais. *Rev. Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v III, n 2, p 9-25. Jun..

Bezerra Jr., B. (2002). O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. Em, Plastino, C. A. (org.). *Transgressões*. (pp. 229 – 239). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Birman, J. (2005). *Mal – estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Bleichmar, H. (1987). *O Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bouchoux, J.-C. (2009). *Les pervers narcissiques*. Paris: Eyrolles.
- Brasil (2012). *Expectativa de vida do brasileiro aumenta para 74 anos*. Recuperado em 01/02/2014 de: <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/11/expectativa-de-vida-do-brasileiro-aumenta-para-74-anos>.
- Calligaris, C. (2008). Narcisismo de homens e de mulheres. *Folha de São Paulo, Ilustrada (01 de mai)*. Recuperado em 01/05/2008 de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0105200821.htm>
- Candi, T. (2010). *O duplo limite: o aparelho psíquico em André Green*. São Paulo: Escuta.
- Ceccarelli, P. R. (1998). A construção da masculinidade. *Rev. Percurso*, São Paulo, Vol. 19, p. 49-56.
- Charles, S. (2004). O individualismo paradoxal – introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. Em, Lipovetsky, G. & Charles, S. *Os tempos hipermodernos*. (pp. 13 – 48). São Paulo: Barcarolla.
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, J. F. (2012). Os sobrenomes da vergonha: melancolia e narcisismo. Em, Verztman, J. et al. *Sofrimentos Narcísicos*. (pp. 9 – 16). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Coutrine, J.-J. (2013). Impossível Virilidade. In: Corbin, A.; Courtine, J.-J.; Vigarello, G. *História da Virilidade. Vol. 3 A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. (pp. 7 – 12). Petrópolis: Editora Vozes.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto.

- Dolto, F. (2007). *As etapas decisivas da infância*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Donnet, J.-L. (2001). A regra fundamental e a situação de análise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 35 (21) 227-242.
- Donnet, J.-L. (2006). Situation de la psychanalyse, situation analytique. Em, Green, A. (2006). *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique – le dedans et le dehors*. (pp. 777 – 792). Paris: PUF.
- Dufour, D-R. (2005). *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Estalcochic, R. & Rodríguez, S. (2011). *Filhinhos da mamãe – destinos da sexualidade masculina*. Salvador: Ágalma.
- Ehrenber, A. (2010). *O culto da performance – da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.
- Figueiredo, L. C. M. (2010). Novas vias para a psicanálise. As trans-posições de André Green (prefácio). In: CANDI, Talya. *O duplo limite: o aparelho psíquico em André Green*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). *Elementos para uma clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2004). Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. Em, Cardoso, Marta Rezende. (org.) *Limites*. São Paulo: Escuta.
- Flesler, A. (2012). *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1980a) Carta nº 69. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas*

- Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. I, pp. 279 – 281). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1980b). Esboço de Psicanálise. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XXXIII, pp. 165 – 238). Imago: Rio de Janeiro. (Obra original publicada em 1938).
- Freud, S. (1980c). Inibições, sintomas e ansiedade. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XX, pp. 95 - 201). Imago: Rio de Janeiro. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (1980d). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XII, pp. 15 – 118). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (1980e). O Futuro de uma ilusão. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XXI, pp. 13 – 71). Imago: Rio de Janeiro. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (1980f). O Inconsciente. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XIV, pp. 185 - 245). Imago: Rio de Janeiro. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1980g) Sobre a transitoriedade. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XIV, pp. 344 – 348). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1980h). Totem e Tabu. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. XIII, pp. 13 – 194). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1980i). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme

Salomão) (Vol. VII, pp. 123 – 252). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (1980j) Projeto para uma psicologia científica. Em, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Direção de Tradução: Jayme Salomão) (Vol. I, pp. 303 – 409). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).

Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 14, pp. 161 – 239). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).

Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 12, pp. 13 – 50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (2010c). Luto e melancolia. Em *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 12, pp. 170 – 194). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).

Freud, S. (2010d). Novas conferências introdutórias à psicanálise – A feminilidade. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 18, pp. 263 – 293). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).

Freud, S. (2010e). O Inconsciente. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 12, pp. 99 – 150). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (2010f). O Mal-estar na civilização. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 18, pp. 13 – 122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (2011a). A dissolução do Complexo de Édipo. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 16, pp. 203 – 213). São Paulo:

Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924).

Freud, S. (2011b). A organização genital infantil. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 16, pp. 168 – 175). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2011c). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 16, pp. 283 – 299). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925).

Freud, S. (2011d). Neurose e Psicose Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 16, pp. 176 – 183). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924).

Freud, S. (2011e). O Eu e o Id. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 16 pp. 13 – 64). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2013). Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci. Em, *Sigmund Freud - Obras Completas*. (Tradução de Paulo César de Souza) (Vol. 9, pp. 113 – 219). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910).

Gaulejac, V de. (2011). L'injonction d'être sujet dans la société hypermoderne: la psychanalyse et l'idéologie de la réalisation de soi-même - P.U.F. | *Revue française de psychanalyse* 2011/4 - Vol. 75,995 – 1006.

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: companhia das Letras.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.

Goldenberg, R. (1995). O ameaçado. Em, Teixeira, Angela B. do R.(org.) *Sobre o desejo masculino*. (pp. 15 – 24). Salvador: Ágalma.

Goldenberg, R. (2005). A fantástica igualdade dos sexos – entrevista. *Revista da Associação*

Psicanalítica de Porto Alegre, nº 28, 107 – 112.

Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP.

Green, A. (2006). *Psychanalyse et/ou psychothérapie. Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique* Em, Green, A. (org.) *Le voies nouvelles de la thérapie psychanalytique*. Paris: PUF.

Green, A. (2003). A crise do entendimento psicanalítico. Em, Green, A. (org.). *Psicanálise contemporânea: Revista francesa de psicanálise: número especial, 2001*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP.

Green, A. (2001). Mythes et réalités sur le processus psychanalytique (II). De l’Abrégé de psychanalyse à la clinique contemporaine, *Revue française de psychosomatique* 2001/2, N° 20, 75-96.

Guerreiro, M. F. (2012). *A filha da minha mãe e eu*. Ribeirão Preto/SP: Novo Conceito Editora.

Haroche, C (2013). Antropologia da virilidade: o medo da impotência. Em, Corbin, A.; Courtine, J.-J.; Vigarello, G. *História da Virilidade. Vol. 3 A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. (pp. 15 – 34). Petrópolis: Editora Vozes.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Jerusalinsky, A. (2000). O desejo paterno. *Rev. Correio da APPOA. Freud e o homem Moisés*, 79, 2000, 31-39.

Jordão. A. (2002). *Narcisismo: do ressentimento a certeza de si*. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, RJ.

Kehl, M. R. (1995). O que um homem quer saber? Em, Teixeira, Angela B. do R.(org.) *Sobre o desejo masculino*. (pp. 106 – 110). Salvador: Ágalma.

- Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kehl, M. R. (2003). *Em defesa da família tentacular*. Acessado em 17/10/2012 de:
<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>
- Kehl, M. R. (2004). A impostura do macho. *Revista da APPOA - A diferença sexual*, nº 27, set. 90 – 102.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2009a). *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2009b). *Freud e os mistérios da masculinidade*. Recuperado em 01/03/2013 de:
<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=257>
- Kehl, M. R. (2011). *Ressentimento*. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (1971). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. Em, *Écrits II*, collection Points. Paris, Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (1974). *La Troisième*. Recuperado em 12/12/2013 de: http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-La-Troisieme,011#outil_sommaire_2
- Lacan, J. (1982). *O Seminário, Livro XX. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário realizado nos anos 1972-73).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário realizado nos anos 1964-65).
- Lacan, J. (1987a). *O Seminário, Livro II. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário realizado nos anos 1954-55).

- Lacan, J. (1987b). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1987c). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1938).
- Lacan, J. (1992) *O Seminário – livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário realizado nos anos 1960-61).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário realizado nos anos 1956-57).
- Lacan, J. (1998). Do sujeito enfim em questão. Em, *Escritos*. (p. 229 – 237). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1966).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lazzarini, E. R. (2006). *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea: novos rumos, reiteradas questões*. Tese de doutorado. UNB. Brasília DF.
- Leite, M. P. de S. (s/d). *Toxicomanias e pós-modernidade: um sintoma social?* Acessado em 14/10/2013 de: <http://www.marciopeter.com.br/links2/artigos/txtCongrsssos/toxicomanias.html>
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri/SP: Manole.
- Mayer, H.(2004). A técnica ante os desafios clínicos da atualidade. Em, Cardoso, M. R. (org.). *Limites*. (pp. 80 – 88). São Paulo: Escuta.
- Melman, C. (2008). *O Homem sem gravidade: gozar a qualquer preço; entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Melman, C. (2009). *La nouvelle économie psychique – la façon de penser et de jouir aujourd’hui*. Paris: Érès.
- McGuire, W. (org). (1993). *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Monti, M. R. (2008). Contrato narcisista e clínica do vazio. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 11, n. 2, junho, 239-253.
- Moreira, J. De O. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Rev. Estudos e pesquisas em psicologia – UERJ, RJ*. Ano 9, nº 1, 233-247.
- Ogden, T. (1998). Reconsiderando tres aspectos de la técnica psicoanalítica. *Revista Psicoanálisis da A. P. de B. A.* - Vol. XX - Nº 1 – 1998, 75 – 104.
- Ogden, T. (2005). Le tiers analytique: les implications pour la théorie et la technique psychanalytique. Em, *Revue française de psychanalyse*. 2005/3 - Volume 69, 751 - 774.
- Poe, E. A. *O Homem na multidão*. Acessado em 20/11/2013 de: www.ufrgs.br/proin/versao_2/textos/homem.rtf.
- Ramalho, R. (2005). O que elas falam deles. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 28, p 23 – 30.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2005). *O paciente, o terapeuta e o estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Roussillon, R. (2005a). Aménagements de cadre analytique. Em, Richard, F. e Urribarri, F. *Autor de l’oeuvre d’ André Green*. Paris: PUF.

- Roussillon R. (2005b). La “conversation” psychanalytique: un divan en latence, *Revue française de psychanalyse* (2005/2), 692, 365-381.
- Roussillon R. (2006). Psychanalyse et psychothérapie : débats et enjeux (n°5). *Carnet/Psy* n° 109, 43-45
- Sartre, J-P. (1977). *Entre quatre paredes*. São Paulo: Abril Cultural.
- Savietto, B. B. (2010). *Drogadicção na juventude contemporânea: a “intoxicação” pelo outro*. 173 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. UFRJ: Rio de Janeiro.
- Simpson, M. (2004). Eu me amo, eu me amo... *Veja – edição especial “Homem” (agosto)*. Recuperado em 07/03/2014 de: http://veja.abril.com.br/especiais/homem_2004/p_022.html.
- Smadja, C. (2005). Transformations contemporaines de la méthode et du cadre analytiques. Em: Richard, F. e Urribarri, F. *Autour de l’oeuvre d’ André Green*. Paris: PUF.
- Santi, P.L.R. (2003). *A crítica ao eu na Modernidade. Em Montaigne e Freud*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vanier, A. (2002). O Sintoma social. *Rev. Ágora* v. V n. 2 jul/dez 2002, 205-217.
- Wainsztein. S. (1995). O gozo masculino. Em, Teixeira, Angela B. do R.(org.) *Sobre o desejo masculino*. (pp. 53 – 65). Salvador: Ágalma.
- Weber, M. (2004) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Winnicott, D. W. (2011). *Tudo começa em casa*. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Zaretsky, E. (2006). *Segredos da alma – uma história sociocultural da psicanálise*. São Paulo: Cultrix.

Zimerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica – uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.

Zygouris, R. (2011). *Psicanálise e psicoterapia*. São Paulo: Via Lettera.

Zizek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Zizek, S. (2006). *As metástases do gozo – Seis ensaios sobre a mulher e a causalidade*. Lisboa, Relógio d'água.